

DANIELA DONATO

**O CONTO - RECONTO NAS EMEIS DE MATÃO-SP:
A CONSTITUIÇÃO DO GOSTO PELA
LEITURA E PELA ESCRITA**

DANIELA DONATO

**O CONTO - RECONTO NAS EMEIS DE MATÃO-SP:
A CONSTITUIÇÃO DO GOSTO PELA
LEITURA E PELA ESCRITA**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar da Faculdade de Ciências e Letras – UNESP/Araraquara como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutora em Educação Escolar.

Linha de Pesquisa: Formação de Professores, Trabalho Docente e Práticas Pedagógicas

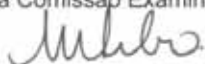
Orientadora: Prof.^a Dr.^a Marilda da Silva

Araraquara – SP

2011

ATA DA DEFESA PÚBLICA DA TESE DE DOUTORADO DE DANIELA DONATO, DISCENTE DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO ESCOLAR, DO(A) FACULDADE DE CIÊNCIAS E LETRAS DE ARARAQUARA.

Aos 21 dias do mês de março do ano de 2011, às 09:00 horas, no(a) ANFITEATRO C, reuniu-se a Comissão Examinadora da Defesa Pública, composta pelos seguintes membros: Profa. Dra. MARILDA DA SILVA do(a) Departamento de Didática / Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, Profa. Dra. ALDA JUNQUEIRA MARIN do(a) Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC/SP, Profa. Dra. CLÁUDIA RAIMUNDO REYES do(a) Departamento de Metodologia Ensino / Universidade Federal de São Carlos, Profa. Dra. EDVANDA BONAVINA DA ROSA do(a) Departamento de Linguística / Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, Profa. Dra. VERA TERESA VALDEMARIN do(a) Departamento de Ciências Da Educação / Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, sob a presidência do primeiro, a fim de proceder a arguição pública da TESE DE DOUTORADO de DANIELA DONATO, intitulada "O Conto-Reconto nas EMEIs de Matão-SP: a constituição do gosto pela leitura e pela escrita.". Após a exposição, a discente foi argüida oralmente pelos membros da Comissão Examinadora, tendo recebido o conceito final: aprovado. Nada mais havendo, foi lavrada a presente ata, que, após lida e aprovada, foi assinada pelos membros da Comissão Examinadora.



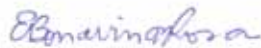
Profa. Dra. MARILDA DA SILVA



Profa. Dra. ALDA JUNQUEIRA MARIN



Profa. Dra. CLÁUDIA RAIMUNDO REYES



Profa. Dra. EDVANDA BONAVINA DA ROSA



Profa. Dra. VERA TERESA VALDEMARIN

AGRADECIMENTOS

Reconheço e agradeço a paciência, a generosidade e os esforços de minha orientadora Prof^a Dr^a Marilda da Silva, exercidos sempre no sentido de aparar as arestas do objeto de estudo e em dirimir alguns de meus ímpetos nada científicos, recolocando-me nos trilhos da pesquisa em educação escolar.

Meu agradecimento a todos os professores que por minha vida passaram, contribuindo para a construção de minha história de escolarização.

A todos os participantes desse estudo – professoras, alunos e mães – os quais acreditaram nesse trabalho de pesquisa e, sobretudo, na importância das histórias infantis.

A todos os pais e mães que, num gesto inefável de amor, contrariando os padrões desse mundo moderno, dão vida e voz aos personagens das histórias infantis a cada noite, embalando o sono de seus filhos com a riqueza dessas histórias.

Aos meus pais, Antonio e Neusa, os dois melhores livros que eu já li em minha vida.

A Deus, que conhece o meu coração e sem o qual nada disso seria possível.

*“Ando devagar porque já tive pressa
Levo esse sorriso
Porque já chorei demais...
Hoje me sinto mais forte
Mais feliz quem sabe
Só levo a certeza
de que muito pouco eu sei
Eu nada sei...”*

*Conhecer as manhas e as manhãs
O sabor das massas e das maçãs
É preciso amor pra poder pulsar
É preciso paz pra poder sorrir
É preciso a chuva para florir*

[...]

*Todo mundo ama um dia
Todo mundo chora, um dia a gente chega
E no outro vai embora...
Cada um de nós compõe a sua história
Cada ser em si carrega o dom de ser capaz
De ser feliz...”*

*Tocando em Frente
Almir Sater e Renato Teixeira*

DONATO, DANIELA. **O Conto-Reconto nas EMEIs de Matão-SP**: a constituição do gosto pela leitura e pela escrita. 2011. 241 f. Tese. (Doutorado em Educação Escolar) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2011.

RESUMO

Este trabalho consiste em um estudo que busca aprofundar a contribuição que a atividade de contar e recontar histórias na pré-escola pode propiciar para a aquisição do Capital Cultural dos alunos. A pergunta nuclear desta pesquisa é a seguinte: seria o Conto-Reconto um procedimento didático que favorece a aquisição do capital cultural, sobretudo pelas classes populares? Entre meus objetivos procurei verificar as contribuições de caráter cultural que a atividade Conto-Reconto de histórias trouxe aos envolvidos (professoras, alunos e mães). Neste contexto, os estudos de Pierre Bourdieu constituíram o eixo norteador de minha investigação, sobretudo os conceitos de *habitus* e capital cultural, os quais forneceram os subsídios necessários para a análise dos dados. Com a finalidade de abarcar os objetivos propostos optei pela abordagem qualitativa, com ênfase no estudo de caso. Assim, a coleta dos dados ocorreu por meio de entrevistas semi-estruturadas. Os sujeitos deste estudo são sete professoras de EMEIs (Escola Municipal de Educação Infantil) da cidade de Matão-SP, que estão trabalhando com a atividade Conto-Reconto nos últimos dez anos; além de dez alunos que participaram desses recontos, bem como as mães desses alunos. Entendo que essa investigação poderá possibilitar uma fértil reflexão acerca dos procedimentos escolares, no que diz respeito à aquisição e/ou ampliação do capital cultural e suas implicações para as relações da escola com a família e a comunidade, uma vez que poderemos observar quais as reais contribuições que tal atividade tem trazido no que se refere à reestruturação do *habitus*, à formação de leitores e escritores, ao estreitamento da relação pais-filhos-escola e, principalmente, à aquisição do capital cultural.

Palavras-chave: Conto-reconto de histórias, capital cultural, reestruturação do *habitus*, formação de leitores e escritores, relação escola-família-comunidade.

DONATO, DANIELA. **The telling-retelling on Matão-SP EMEIs**: the taste for reading and writing formation. 2011. 241 f . Thesis. (Doctorate in Scholar Education) – Science and Letters College, University Estadual Paulista, Araraquara, 2011.

ABSTRACT

This work is a study that intends to develop the contribution that the activity of telling and retelling stories in preschool can give for the acquisition of Students Cultural Capital. The main question of this research is: Would the Telling-Retelling a didactic procedure that sustains the cultural capital acquisition, especially by the popular classes? Among our purposes, we search to verify the cultural character contribution that the telling-retelling activity brought to those involved (teachers, students and mothers). In this context, Pierre Bourdieu's studies built the guiding line of our research, particularly the habitus and cultural capital concepts, which provided us the necessary assistance for data analysis. To the purpose of comprehend the proposed objectives, we chose the qualitative approach, with emphasis on the case study. So, the data were collected through semi-structures interviews. Our study subjects are seven EMEIs teachers (municipal school of childhood education) from the city of Matão – SP, which are working with the activity Telling-Retelling in the last ten years; besides ten students who participated in these retellings, as well as their mothers. We understand that our research will enable a rich reflexion about school procedures, regarding cultural capital acquisition and/or expansion and its implications for the relationship between school, family and community, so we can look at the real contributions that such activity has brought regarding the habitus restructuring, writers and readers formation, the narrowing of the parent-child relationship at, especially the cultural capital acquisition.

Key-words: Telling-retelling stories, cultural capital, habitus restructuring, writers and readers formation, relationship school-family-community.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Foto turma da Primeira Eucaristia – tempos iniciais.....	56
Figura 2 - Foto do antigo “Grupo Escolar” de Matão.....	56
Figura 3 - Foto do 4º Ano feminino de 1929.....	57
Figura 4 - Foto da primeira turma de Jardim da Infância de Matão.....	58
Figura 5 - Foto da professora Catharina Toledo Gerdis e sua turma de alunos em 1947.....	59
Figura 6 - Foto de uma sala de aula de EMEI atual – vazia.....	60
Figura 7 - Foto de uma sala de aula de EMEI atual – com professora e alunos.....	60
Figura 8 - Foto de um Cantinho da Leitura.....	60
Figura 9 - Foto de um Cantinho da música e matemática.....	61
Figura 10 - Foto de um Cantinho do brinquedo.....	61
Figura 11 - Foto de uma sala ambiente de Ciências, História e Geografia.....	62
Figura 12 - Foto de uma sala ambiente de Português e Matemática.....	62
Figura 13 - Foto de uma sala de faz-de-conta e jogos.....	63
Figura 14 - Foto de uma atividade sobre o corpo humano.....	71
Figura 15 - Foto de uma atividade com argila.....	73
Figura 16 - Foto de uma apresentação de teatro.....	73
Figura 17 - Foto de uma apresentação de sarau.....	74
Figura 18 – Foto dos alunos de uma EMEI realizando uma pesquisa na Internet.....	75
Figura 19 - Foto dos alunos de uma EMEI aprendendo a fazer uma receita de bolo.....	76
Figura 20 - Foto de cartaz sobre a Amazônia confeccionado pelos alunos de uma EMEI.....	76
Figura 21 – Foto de uma pesquisa de campo sobre os seringais.....	77
Figura 22 - Foto de uma professora contando histórias (A).....	78
Figura 23 - Foto de uma professora contando histórias (B).....	78
Figura 24 - Foto de uma aluna realizando o reconto.....	84
Figura 25 – Foto de um aluno realizando o reconto.....	85

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Teses e dissertações produzidas a partir da teoria bourdieusiana, no período 1999 – 2008.....	p. 45
Quadro 2 – Teses e dissertações produzidas a partir da teoria bourdieusiana, em diferentes universidades do Brasil no ano de 2009.....	p. 46
Quadro 3 – Periódicos nacionais com trabalhos produzidos a partir da teoria bourdieusiana, em diferentes áreas do conhecimento, no período 1999 - 2009.....	p. 51
Quadro 4 – Periódicos nacionais da área educacional, com trabalhos produzidos a partir da teoria bourdieusiana, no período 1999 - 2009.....	p. 52
Quadro 5 – Roteiro de Atividades semanais para a turma da pré-escola.....	p. 68
Quadro 6 – Diferentes Modalidades Organizativas.....	p. 69
Quadro 7 – Sugestões de compositores, escritores e poetas para as turmas de pré-escola, jardim II e jardim I, no ano letivo de 2009.....	p. 75
Quadro 8 – Datas da Mostra Pedagógica da Educação Infantil da cidade de Matão-SP de 2005-2009.....	p. 79
Quadro 9 – Metas Pedagógicas na Área de Língua Portuguesa.....	p. 79
Quadro 10 – Metas Pedagógicas na Área de Matemática.....	p. 79
Quadro 11 – Formações em serviço, palestras e oficinas oferecidas aos professores das EMEIs da cidade de Matão-SP nos anos de 2005 a 2009.....	p. 80
Quadro 12 – Proposta de trabalho com a Linguagem Oral e Escrita nas EMEIs de Matão-SP.....	p. 83
Quadro 13 - Roteiro com as perguntas para entrevista com as professoras das EMEIs.....	p. 93
Quadro 14 - Roteiro com as perguntas para entrevista com os ex-alunos das EMEIs.....	p. 95
Quadro 15 – Roteiro com as perguntas para entrevista com as mães dos ex-alunos das EMEIs.....	p. 97
Quadro 16 – Nomes fictícios das professoras entrevistadas.....	p. 98
Quadro 17 – Nomes fictícios dos ex-alunos das EMEIs e de suas respectivas mães.....	p. 98
Quadro 18 – Respostas das professoras sobre sua relação com as histórias infantis e a leitura...p.	100
Quadro 19 – Respostas dos ex-alunos das EMEIs referentes ao Conto-Reconto e às histórias.....p.	108
Quadro 20 – Respostas dos ex-alunos das EMEIs referentes às matérias preferidas.....p.	110
Quadro 21 – Respostas dos ex-alunos das EMEIs referentes ao gosto pela leitura e escrita, bem como à importância atribuída à leitura.....p.	112
Quadro 22 – Respostas das mães dos ex-alunos das EMEIs.....p.	117
Quadro 23 – Representação das mães dos ex-alunos das EMEIs a respeito da responsabilidade em contar histórias às crianças.....p.	124

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

APM – Associação de Pais e Mestres

BAMP – Biblioteca Ana Maria Poppovic

CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.

CEC – Centro de Educação Complementar

CEDAC – Centro de Educação e Documentação para Ação Comunitária

CEE – Conselho Estadual de Educação

ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente

EMEI – Escola Municipal de Educação Infantil

HTP – Horário de Trabalho Pedagógico

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IPRS – Índice Paulista de Responsabilidade Social

LDB – Lei de Diretrizes e Bases

MEC - Ministério da Educação e Cultura

ONG – Organização Não Governamental

SCIELO - Scientific Eletronic Library Online

SEADE – Sistema Estadual de Análise de Dados

UFSCAR – Universidade Federal de São Carlos

UNESP – Universidade Estadual Paulista

USP – Universidade de São Paulo

PUC – Pontifícia Universidade Católica

LISTA DE ANEXOS

ANEXO A – Requerimento da Câmara Municipal de Matão-SP para concessão do título de Honra ao Mérito ao professor Azor Silveira Leite.

ANEXO B – Planilha dos recursos gastos com a Educação da cidade de Matão-SP no período 2005-2008.

ANEXO C – Gráfico de colunas referente aos gastos com a Educação da cidade de Matão-SP no período 2005-2008.

ANEXO D – Quadro indicativo das faixas etárias das crianças atendidas nas EMEIs de Matão-SP

ANEXO E – Folder ilustrativo dos “cantinhos diversificados” encontrados nas salas de aula das EMEIs

ANEXO F – Ficha de matrícula das EMEIs de Matão-SP

ANEXO G – Documento referente aos Objetivos na Educação Infantil e Organização do Tempo Didático na Pré-Escola

ANEXO H – Modelo do Projeto “Aniversário de Matão”

ANEXO I – Autorização dos pais para exibição das fotos das crianças.

ANEXO J – Proposta da Assessoria Pedagógica da Secretaria de Educação de Matão-SP para a realização dos projetos a serem desenvolvidos nas EMEIs no ano de 2009

ANEXO K – Termo de Consentimento e Autorização para entrevista

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	13
------------------------	-----------

PRIMEIRA PARTE

1- O INÍCIO DESTE MÉTODO.....	14
1.1- Histórias ouvidas e histórias vividas: a nascente deste objeto.....	14
1.2- Espreitando o objeto, pela primeira vez.....	26
1.3- Ideias de Pierre Bourdieu: a inspiração da construção das perguntas e inspiração analítica da investigação.....	29
1.3.1- A constituição do gosto: aprofundando a fundamentação do objeto.....	38
1.4- Apropriações de fenômenos produzidos em meio escolar mediados pelas ideias de Pierre Bourdieu (1999-2009): buscando parcerias analíticas.....	43

SEGUNDA PARTE

2- CONCLUINDO O MÉTODO.....	55
2.1- Uma descrição das EMEIs de Matão-SP: contextualizando o objeto.....	55
2.1.1- O recorte de um dia na EMEL.....	
2.2- O trabalho de campo: as informações dos dados.....	89
2.2.1- O depoimento das professoras que atuaram no Conto-Reconto no período 1999-2009.....	99
2.2.2- A voz dos alunos.....	107
2.2.3- A voz das mães.....	116

3- CONSIDERAÇÕES.....	128
------------------------------	------------

REFERÊNCIAS.....	133
-------------------------	------------

ANEXOS.....	139
--------------------	------------

APÊNDICE A – Entrevistas com as professoras.....	166
---	------------

APÊNDICE B – Entrevistas com os alunos e suas mães.....	187
--	------------

INTRODUÇÃO

A pergunta que norteou este estudo foi a seguinte: a atividade Conto-Reconto de histórias tem capacidade de desenvolver o gosto pela leitura e pela escrita? O campo de pesquisa foram as EMEIs da cidade de Matão-SP que desde 1999 desenvolvem essa atividade didática em suas unidades escolares. A fundamentação que orientou esta investigação são as ideias de Pierre Bourdieu, sobretudo as noções de *habitus* e capital cultural.

Este trabalho está dividido em duas partes. Na *Primeira Parte*, que também é o início do método desenvolvido, está composta pelos seguintes títulos: Histórias ouvidas e histórias vividas: a nascente deste objeto; Espreitando o objeto pela primeira vez; Ideias de Pierre Bourdieu: a inspiração da construção das perguntas e a inspiração analítica da investigação; A constituição do gosto: aprofundando a fundamentação do objeto; Apropriações de fenômenos produzidos em meio escolar mediados pelas ideias de Pierre Bourdieu (1999-2009): buscando parcerias analíticas. O leitor perceberá que nessa primeira parte está o anúncio das estruturas básicas do objeto que receberão na segunda parte tratamento empírico e analítico.

Assim na *Segunda Parte*, que também se denomina *Concluindo o método*, encontram-se os elementos empíricos e a relação da teoria com os mesmos. Os itens dessa parte são: Uma descrição das EMEIs de Matão-SP: contextualizando o objeto; O recorte de um dia na EMEI; O trabalho de campo: as informações dos dados; O depoimento das professoras que atuaram no Conto-Reconto no período 1999-2009; A voz dos alunos; A voz das mães. Desse modo, a parte dois conduz o leitor a pensar a questão aqui explicada.

Os resultados apontam para o seguinte: conforme os depoimentos dos sujeitos deste estudo, a atividade Conto-Reconto, dada sua forma, possibilita aos alunos das EMEIs de Matão uma reestruturação de seu *habitus* e acesso ao capital cultural. Levando em conta que a família participa dessa atividade, ao contar histórias em casa, além de estreitar o vínculo entre mãe e filho, possivelmente a família também está sendo beneficiada, do ponto de vista da aquisição do capital cultural oferecido pela escola. Além disso, tanto para os alunos quanto para suas mães, a escola ainda é o meio para a conversão de classe. Portanto, os dados nos indicam que a atividade Conto-Reconto constituiu-se num fenômeno que trouxe benefícios para a formação de leitores e escritores, uma vez que a contação de histórias influenciou o gosto dos alunos, não apenas para a leitura, mas também para a escrita.

PRIMEIRA PARTE

O INÍCIO DESTE MÉTODO

Era uma vez um famoso físico chamado Albert Einstein, que um dia encontrou uma senhora extremamente desejosa de ver o seu filho triunfar numa carreira científica. A senhora pediu ao sábio que lhe desse conselhos sobre a educação de seu filho, em particular sobre o tipo de livros que deveria ler.

– “Contos de fadas”, respondeu Einstein sem hesitar.

– “Está bem, mas o que deverei ler-lhe em seguida?” – perguntou a ansiosa mãe.

– “Mais contos de fadas”, replicou o grande cientista acenando com o seu cachimbo como um feiticeiro que prenuncia um final feliz para uma longa aventura.

(Maria Emília Traça)

1.1- Histórias ouvidas e histórias vividas: a nascente deste objeto

“Era uma vez uma menininha muito bonita, de cabelos e olhos castanhos, pele clara, com algumas pintinhas no nariz, que se chamava Verinha.

Num belo dia, a Verinha saiu para passear em uma floresta e começou a admirar as flores, os passarinhos e as borboletas. As cores daquelas borboletas eram tão lindas, que a menina nem percebeu que estava entrando cada vez mais no meio da floresta e enquanto se distraía com os bichinhos, mais ela caminhava para aquela floresta...

De repente, começou a escurecer. Foi aí que a Verinha percebeu que estava perdida e que as nuvens do céu, que antes era azulzinho, estavam ficando cada vez mais ‘carregadas’, formando uma cor cinza escuro, que dava medo só de olhar.

Então uma ventania começou a levantar as folhas das árvores que tinham caído no chão, relâmpagos e raios começavam a descer do céu e, nesse mesmo instante, uma forte chuva inundava toda aquela floresta.

A menina corria procurando algum lugar para se proteger daquele temporal, mas parecia que quanto mais ela corria, mais a chuva aumentava e mais ela se perdia no meio da floresta que tinha se tornado assustadora. Até as borboletas e os passarinhos haviam desaparecido.

Toda molhada de chuva, Verinha escorregou na lama e caiu com o bumbum no chão. Não sabendo mais o que fazer, a menina chorou muito sentida!

E foi exatamente nesse instante que uma mão se estendeu para levantar a menina e uma voz muito conhecida perguntava: – Você está bem minha filha? Foi quando Verinha levantou a cabeça e viu um guarda chuvas enorme. Era seu pai, que estava a bastante tempo procurando por ela no meio da mata e tinha chegado naquele momento para salvá-la. Verinha sentiu um alívio muito grande!

Então, o pai levou sua menininha para casa, onde sua mãe e seus dois irmãos estavam esperando para tomarem juntos um leitinho bem quente. A menina prometeu não sair mais de casa sem avisar e prestar mais atenção por onde anda.

Assim, Verinha e sua família viveram felizes para sempre!”

(Antonio Campos Donato)

Era assim que eu¹, uma menina como todas as outras, que morava com seu pai, sua mãe e seus dois irmãos mais velhos, numa casa grande, sem luxo, mas muito confortável, na cidade de Matão-SP, passava boa parte das noites ouvindo, antes de dormir, as histórias que, carinhosamente, contava meu pai.

Os nomes das personagens, que permanecem latentes em minhas lembranças², variavam entre Verinha, Luizinha, Pedrinha e o enredo das histórias era sempre emocionante. Porém, independente do que acontecesse no decorrer das histórias, criativamente inventadas a cada noite, era sempre o pai-herói quem salvava a menininha que vivia metendo-se em encrencas.

Tudo naquelas histórias era tão real! Eu podia sentir o cheiro das flores, a água fria da chuva me molhando e uma infinidade de sentimentos tomava conta de mim. Era um misto de alegria, susto, medo e alívio. Lembro-me que em vários momentos chorei junto com as personagens!

Isso fazia com que meu pai levasse grandes broncas de minha mãe. Consigo até me recordar de algumas de suas enérgicas frases: ‘_Toninho, por que você está contando histórias tristes pra menina? Você está fazendo ela chorar e desse jeito não vai conseguir dormir!’

Percebo que o choro não significava nada comparado à satisfação que aqueles momentos me traziam. Mas não era só isso... Meu irmão do meio, bastante enciumado por ter ‘perdido seu trono’ para mim, adorava colocar o disco com a história da Chapeuzinho Vermelho só para me ver chorando quando o lobo mau engolia a vovozinha. Era dito e feito!

¹ De acordo com o sociólogo Franco Ferrarotti, o método biográfico deve ser visto como uma alternativa aos estudos que buscam articular história individual e história social, visto que o indivíduo apropria-se das estruturas sociais “interiorizando-as e voltando a traduzi-las em estruturas psicológicas, por meio da sua atividade desestruturante-reestruturante.” (FERRAROTTI, 1988, p. 26). Para o referido autor, o recurso ou método biográfico constitui-se como uma alternativa à crise dos instrumentos exageradamente técnicos fundados na objetividade da sociologia positivista:

[...] A sociologia clássica é impotente para compreender e satisfazer esta necessidade de uma hermenêutica social do campo psicológico individual. [...] Ora, a biografia que se torna instrumento sociológico parece poder vir a assegurar esta mediação do acto à estrutura, de uma história individual à história social. A biografia parece implicar a construção de relações e a possibilidade de uma teoria não formal, histórica e concreta de acção social. (FERRAROTTI, 1988, p. 20-21).

Longe de alcançar a totalidade de uma biografia, esclareço que nesse estudo conto com um aporte teórico em torno do método autobiográfico e, assim, optei por trabalhar com minha própria fatia de vida. Para tanto, esse relato de minha vida será feito na primeira pessoa do singular, bem como todo o trabalho. Além disso, de modo a manter um enredo sem desvios na sequência temporal e memorialística em minha história, optei por realizar todos os comentários e observações em notas de rodapé.

² No que diz respeito à memória, Le Goff (1994) afirma que ela, em si, não é a história, mas um de seus objetos e, assim, um dos níveis de elaboração histórica. Portanto, a memória individual se constroi por meio da socialização sendo marcada pela memória coletiva.

Ele divertia-se bastante vendo a irmã caçula aos prantos por causa de uma história que vinha do toca-discos.

Depois vieram os livros, de diversos formatos e tamanhos que, com o tempo, foram saindo das mãos de meu pai e ganhavam vida, embalados pela minha voz infantil. Todos em minha casa, pai, mãe, irmãos, inclusive as bonecas, ouviam as histórias que eu ‘lia’ repetidas vezes, incansavelmente!

Preciso esclarecer que não fiz a pré-escola e não foi por falta de insistência da parte de meus pais. As EMEIs, no início da década de 1980, já atendiam as crianças em idade pré-escolar – conforme explicitarei mais adiante – além disso, uma dessas escolinhas, como nós as chamávamos naquela época, era perto de minha casa. Porém, eu não queria saber de escola! Por dois anos consecutivos meus pais me matricularam na única escola particular³ que havia na cidade, mas eu não passava de quinze dias naquele lugar que, para mim, era estranho e não oferecia atrativo algum. Lembro-me do cheiro daquele lugar!

Curiosamente, vinte anos depois, voltei àquela mesma escola particular, mas agora como professora, inexperiente, cheia de ideias inovadoras, que mudariam a educação do país! Aquela que antes seria a minha professora, tornara-se hierarquicamente minha superiora, a quem eu devia explicações de todos os meus atos e movimentos. Engraçado que o cheiro daquele lugar continuava o mesmo!

Voltando ao ano de 1984, quando completei sete anos de idade, entrei na primeira série em uma escola estadual do bairro, a qual existe até hoje, mas muito diferente daquela escola de minhas lembranças. Ali fui alfabetizada por meio da conhecida cartilha “Caminho Suave” e aprendi sistematicamente a fazer contas, no entanto, muito mais importante do que isso, conheci crianças que hoje são amigos eternos, fiz ‘arte’, fui para a diretoria, cantei, dancei, dramatizei, me diverti, ri e chorei. Hoje, cheia de grades e muros altos, quase não reconheço a escola onde permaneci por oito inesquecíveis anos do Ensino Fundamental.

No entanto, o fato que ainda hoje me incomoda é não lembrar de minhas professoras das séries iniciais me contando histórias. Justo eu, que sempre gostei de ouvir e contar histórias, as quais sempre foram presentes em minha casa, não consigo me recordar desse momento acontecendo na escola. Penso que, se realmente me contaram histórias na escola,

³ Cabe explicitar que a fração de classe social à qual minha família pertencia, à época, apresentava um hibridismo, visto que possuía capital econômico e cultural, embora o capital cultural fosse menos acentuado. No entanto, a partir das leituras de Bourdieu, uma coisa me parece certa: foi esse elemento do capital cultural – contação de histórias – bem como o acesso aos livros e músicas com histórias infantis, que me permitiram constituir o meu gosto pelas histórias e pela leitura.

durante o período de minha alfabetização, estas não foram tão marcantes para mim, caso contrário, provavelmente eu as recordaria.

Lembro-me que a partir da quinta série, a professora de Língua Portuguesa nos mandava quinzenalmente à biblioteca, que ficava ‘entalada’ num lugar meio escuro do prédio, para retirarmos algum livro que, porventura, tivéssemos interesse em ler. A professora que cuidava da biblioteca era temida por todos os alunos, sua aparência magra, sisuda, com grandes óculos e sempre vestida com um ‘guarda pó’ – sua marca registrada – espantava, daquele lugar cheio de livros, crianças e jovens alunos.⁴ Além disso, aquele que pegasse nas mãos algum livro que ela considerava muito simples para a idade levava uma estridente bronca na frente de quem ali estivesse.

Dessa maneira, os anos foram passando e meu interesse pelos livros adormecendo... A televisão tornava-se então minha grande companheira em vários momentos do dia, além de ser amiga de minhas amigas. Desenhos animados, programas de entretenimento, novelas, especialmente filmes, assistíamos tudo e quanto mais rápida a informação transmitida, melhor!⁵

No início da adolescência, com perceptivas mudanças corporais e muitos sonhos efervescendo dentro de mim, fui fazer o Ensino Médio – na época, década de 1990, denominado Colegial – em uma escola municipal da cidade de Matão-SP. Por ser muito

⁴ Devido à fração de classe à qual minha família pertencia – classe média / alta – tendíamos a ter um estilo de vida voltado à aquisição de capital cultural. Foi justamente o que se deu. A contação de histórias se constituiu em meu *habitus* primário e consequentemente o meu gosto por essas histórias apresentava-se como um elemento do *habitus*, no entanto, o que me preocupa é pensar que esse *habitus*, por não ser estático, poderia ser reestruturado de forma contrária ao que foi realizado no âmbito familiar, ou seja, o fato de minhas professoras não me contarem histórias nas séries iniciais e de não haver incentivo para a leitura nas séries seguintes, talvez meu *habitus* poderia se modificar no sentido de deixar de me interessar pelas histórias e pela leitura.

⁵ A respeito do poder que a televisão exerce sobre a vida das pessoas e, diretamente, sobre as crianças, é possível contar com as contribuições do professor Ezequiel Theodoro da Silva quando salienta que no lar da maioria das crianças brasileiras, a televisão reina absoluta, muitas vezes dificultando possíveis aproximações com os livros. Confinadas em suas casas, à luz da insegurança das ruas e praças públicas, as crianças se vêem como presas fáceis das atrações televisivas e não dedicam tempo algum para o diálogo com os livros, o que poderia aguçar-lhes o imaginário e colocar suas fantasias em funcionamento. Assim, “além de babá, o tubo de televisão se transforma no quase exclusivo fator de brincadeira e lazer infantil, muitas vezes massificando suas experiências de recepção de informações e bloqueando as possibilidades de diálogo e interação com outras crianças” (SILVA, 1991, p.66).

Há que se refletir que a cada manhã recebemos notícias de todo o mundo, seja por meio do rádio, da TV, dos jornais ou da Internet. No entanto, somos pobres em histórias surpreendentes, uma vez que os fatos já nos chegam acompanhados de explicações e, neste mundo globalizado, Benjamin (1986) nos alerta que quase nada está a serviço da narrativa e quase tudo está a serviço da informação. Em outras palavras, narrar significa por a reflexão em funcionamento e, se esta arte milenar é hoje rara, a difusão da informação é decisivamente responsável por esse declínio. Conforme o autor: “o extraordinário e o miraculoso são narrados com a maior exatidão, mas o contexto psicológico da ação não é imposto ao leitor. Ele é livre para interpretar a história como quiser, e com isso o episódio narrado atinge uma amplitude que não existe na informação” (BENJAMIN, 1986, p.203).

requisitada pelos jovens, tive que passar pelo primeiro de muitos testes que viriam pela frente, o temido vestibulinho.

A prova do vestibulinho era composta por dez questões de cada disciplina: Língua Portuguesa, Matemática, História, Geografia, Ciências e Inglês e me recordo que respondi tranquilamente às dez questões de Língua Portuguesa, História e Geografia, tanto que ficou marcada em minha memória a frase com gostinho de vitória que eu disse aos meus pais quando vi o resultado daquele teste: ‘ _ Nessas três matérias eu gabaritei!’ Ou seja, eu havia acertado as dez questões de cada uma daquelas três disciplinas.

Até que essa experiência não foi tão ruim quanto eu imaginava. Passei sem maiores dificuldades, o que não aconteceu com boa parte de meus antigos amigos. Mas, por que disciplinas concentradas na área denominada de “Humanas” eram tão familiares para mim? Por que nunca encontrei dificuldades em ler os textos das provas ou em escrever redações? Em consonância com Silva (2004) chego à conclusão de que minha família soube estruturar em mim a importância da escola, mais ainda, o prazer e as riquezas culturais que a leitura pode me trazer e isso parece ser decisivo para uma pessoa no que diz respeito à sua relação com o conhecimento.

Muito bem! Escola nova, professores novos, curso apostilado e uma lista de livros para ler porque a professora de Português daria prova de livro todo bimestre, além de alguns trabalhos e assim, enquanto vários colegas liam os resumos dos livros – o que era tentador, confesso – eu pacientemente ‘devorava’ Vidas Secas, Dom Casmurro, O Cortiço, Primo Basílio, entre outros. Sentia que aquele gosto pela leitura, que adormecera por um tempo dentro de mim, estava sendo despertado. Será que meu habitus primário – no que diz respeito ao gosto pela leitura – havia sido preservado, apesar da escola? Ou novamente esse habitus estava sendo reestruturado? Seja como for, as histórias voltaram a fazer parte de minha vida e, reitera-se, a racionalidade dos estudos de Bourdieu tem sido fundamentais para entender o que tais histórias fizeram por mim!

No ano de 1994, as escolas particulares chegavam a Matão numa disputa acirrada pelos alunos. Este seria para mim o terceiro ano do então denominado Colegial – hoje, Ensino Médio – e eu estava a um passo de conseguir o que sempre almejei: estudar em uma universidade! No início queria ser psicóloga – e acredito que, em vários momentos de minha vida, sou mesmo – mas mudei de ideia, decidi ser professora para abrir minha própria escola e, para isso, tentaria o vestibular em Pedagogia.

Conversei com meu antigo herói que, com o passar dos tempos, tornara-se cada vez mais humano, porém ainda era meu pai, que por vezes me salvou de problemas reais, figura

muito marcante em todas as minhas decisões e, com aquela confiança de adolescente de dezessete anos, prometi a ele que, caso pagasse para que eu fizesse o último ano do Colegial em uma escola particular, eu passaria na faculdade sem precisar de cursinho. Não em qualquer faculdade, teria que ser uma instituição pública, pois as condições financeiras de minha família já não eram as mesmas e para mim era uma questão de honra!

Acordo feito. Pela primeira vez em minha vida fui estudar em uma escola particular.⁶ Deixei para trás todos os amigos, mas levava comigo muitos sonhos. A classe era mista, com alunos do Colegial e do cursinho juntos. Os professores eram ótimos. O material super apostilado, com livros extras de exercícios de todas as matérias, apelidados por todos os alunos de ‘intocáveis’, percebi logo o motivo! Além desse material, recebemos uma extensa lista dos livros que ‘cairiam’ no vestibular, juntamente com alguns exemplares dos livros elencados e os resumos dos demais.

Nos resumos eu mal tocava, pois o que me interessava mesmo eram os livros. Passei horas lendo Nelson Rodrigues, Carlos Drummond, Fernando Pessoa, Camões, Shakespeare... Eu viajava literalmente ou literariamente!

Será que eu gostava de ler esses livros na íntegra porque eu ouvi histórias? Será que as histórias contadas em minha infância contribuíram para que eu me tornasse uma verdadeira leitora, daquele tipo que não se contenta enquanto não lê a última frase do livro? Ainda hoje, até que eu não tenha uma melhor explicação, penso que foram as histórias que me influenciaram.

Lembro-me que um de meus colegas de classe, que estava fazendo cursinho para o vestibular de medicina, me propôs uma irrecusável barganha: eu explicaria as histórias dos livros e, em troca, ele me ajudaria com os exercícios de química e física que, para mim, eram um verdadeiro fardo. Negócio fechado e muito bem lucrativo. Eu passei no vestibular para o curso de Pedagogia nas duas universidades em que me inscrevi, UFSCar e UNESP Araraquara, e ele, hoje, é o doutor Paulo, cardiologista.

⁶ O *habitus* dos alunos da escola particular, bem como seu estilo de vida poderiam me causar um certo estranhamento já que eu vinha da escola pública, no entanto, isto não aconteceu e me adaptei facilmente à escola e aos novos amigos, porém, há que se considerar que, no convívio com aquelas pessoas da escola nova, o meu *habitus* poderia ter se reestruturado mais uma vez, isto porque, na infância, eu pertencia à uma fração de classe mais favorecida, por isso, aquele estilo de vida dos alunos da escola particular não era tão diferente para mim. Cabe destacar o excerto de Bourdieu (2004, p. 205), “do mesmo modo que a religião nas sociedades primitivas, a cultura escolar propicia aos indivíduos um corpo comum de categorias de pensamento que tornam possível a comunicação”. Nessa perspectiva, indivíduos submetidos a determinados tipos de escolas, em uma mesma época, partilham gostos, modelos, imagens, regras, linguagens e questões, frutos da interiorização dos esquemas de pensamento a que foram submetidos no processo de escolarização.

Optei pelo curso noturno da UNESP, pois a faculdade fica apenas a trinta quilômetros de minha cidade e, como eu já trabalhava na loja de móveis da família, seria mais fácil viajar todos os dias.

No dia da matrícula, cheguei à universidade com meu pai, é claro, mas logo fomos separados pelos alunos veteranos que estavam recepcionando os calouros com um trote bem colorido: eu tinha tinta até nas dobras da orelha!⁷ Dessa vez, meu herói não pôde fazer nada para me salvar. Bem vinda à idade adulta!

Tudo era novo em minha vida. Os amigos, os professores, as disciplinas, os livros. Ah, quantos livros! E, apesar das novidades, eu me sentia muito bem, parecia que aquele era o meu lugar ou, pelo menos, o lugar onde eu queria estar naquele momento.

No decorrer dos quatro anos do curso de Pedagogia, muitas coisas marcantes aconteceram, além de situações inusitadas. Logo no primeiro ano, após as primeiras provas, uma das professoras disse enfaticamente para toda a minha turma, em alto e bom som, que nós não sabíamos escrever, que o curso de Pedagogia deveria ser revisto, de modo que a disciplina de Língua Portuguesa passasse a integrar a grade curricular do curso. Admito que aquilo foi um balde de água fria em todos, ou em mim, pelo menos, e não era a mesma água que eu sentia me molhando nas histórias de meu pai.

Mas eu não encontrava dificuldades em escrever e, até então, não achava que escrevia tão mal assim! Será que aquela bronca dizia respeito à classe como um todo ou a professora generalizou em sua afirmação? Confesso que aquela fala me deixou muito, muito incomodada! No entanto, o ocorrido fez com que eu me empenhasse em ler mais, pois uma coisa não saía de minha cabeça: quem lê bastante escreve melhor. Acho que alguma professora deve ter me dito isto, porque não sei se, naquele momento, eu possuía maturidade e entendimento suficientes para explicar meu raciocínio no que diz respeito à relação entre a leitura e a escrita.

Então, procurei deixar a TV desligada por mais tempo – o que foi difícil para mim, confesso – e, além dos textos e livros do curso de Pedagogia, passei a ter como companhia livros que eu escolhia para ler sem nenhum compromisso, obrigatoriedade, sem provas e sem prazos; ler pelo simples prazer que aquilo me proporcionava, hábito prazeroso que, por um bom tempo, eu tinha me esquecido de praticar.

Me recordo que entre os livros que escolhi busquei as versões dos contos de fadas mais próximas dos originais e admito que fiquei assustada com a crueldade que algumas

⁷

Para maiores informações a respeito do trote universitário, ver Zuin (2002).

daquelas histórias continham, pois, para mim, elas sempre foram contadas em versões tão doces! Porém, há que se admitir que o enredo e o desfecho das versões originais dos contos de fadas infelizmente aproximam-se cada vez mais da realidade do século em que vivemos, em que crianças convivem com lobos maus dentro de suas próprias casas, mães comportam-se como madrastas e príncipes encantados tornam-se ogros, a ponto de serem necessárias leis para protegerem as esposas de seus próprios maridos.

Olhando para esse resgate que fiz dos contos de fadas em minha fase adulta, reitero que talvez as histórias que me foram contadas na infância tenham influência em relação à minha busca pelos livros, em especial pelos contos de fadas e mais, o exercício de ouvir e contar histórias que realizei quando criança possivelmente me libertou da frente da TV e me fez ir em busca dos livros e do prazer que a leitura sempre me trouxe. Hoje, percebo que esse gosto pela leitura ficara em mim preservado!

Outra passagem que vale ser lembrada foi a de um seminário de História da Educação, em que, ao argumentar a respeito da Reforma Luterana, numa empolgação presente em minha fala, acabei chamando Martinho Lutero de esperto. A classe caiu na risada em uníssono, mas a professora, contendo perceptivelmente seu riso, chamou minha atenção e explicou que meu raciocínio até então estava correto, porém aquele linguajar... Gostei tanto daquele merecido ‘pito’ que, no segundo ano do curso, ao encontrar a mesma professora, eu disse a ela, sem nenhuma modéstia, que um dia seria sua colega de universidade. Penso que a maturidade nos faz calar coisas que a juventude não deixa passar em hipótese alguma!

Com o passar do tempo meus interesses profissionais foram se modificando, comecei a dar aulas na Educação Infantil de uma escola particular de Matão quando estava no terceiro ano da faculdade. Entretanto, encontrei várias dificuldades, não havia feito o curso de Magistério, achava que esse fator estava me prejudicando e não conseguia ‘me sentir’ professora. No final do ano, depois de seis meses de trabalho, fui dispensada. Percebi que precisava estudar mais, fazer estágios, conhecer outras salas de aula.⁸

⁸ É preciso dizer que o trabalho docente é uma prática social complexa e, ao mesmo tempo, não está circunscrita à concretização de receitas ou de modelos prontos, mas é dirigida pelo *habitus* do professor, o qual é adquirido, elaborado e reelaborado ao longo de sua trajetória pessoal e profissional. Assim, mudanças mais profundas de ordem prática impulsionam mudanças na estrutura do *habitus* professoral (SILVA, 2003, 2005) e, portanto, os efeitos dessas transformações podem ter vários desdobramentos e encaminhamentos no que se refere à prática pedagógica para que esta seja bem-sucedida. Realmente, na época em que iniciei minha carreira de professora, com todos os tropeços e tombos que levei na e da profissão, eu não tinha o entendimento sobre o *habitus*, tampouco o *habitus* professoral, no entanto, procurei estudar mais e melhorar minha prática, pois algo me dizia que era isso que não estava bem!

Procurei me dedicar ainda mais ao curso de Pedagogia, lia todos os textos e livros que as professoras indicavam, participava ativamente dos seminários, com uma linguagem um pouco mais lapidada e passava um bom tempo bisbilhotando as prateleiras da biblioteca. Então, no último ano da graduação, decidi que faria o mestrado e o doutorado, de modo a seguir a carreira acadêmica. Hoje percebo que, decidir, foi o mais fácil de um longo processo que viria pela frente.

Logo que terminei a graduação, passei no concurso para professora das quatro séries iniciais do Ensino Fundamental da cidade de Matão. Fui chamada, inicialmente, em caráter temporário e, no ano seguinte, fui efetivada. Nesse tempo de espera, passei no concurso para professora da Educação Infantil na cidade de Dobrada, separada por apenas dez quilômetros de Matão e iniciei minhas atividades com uma classe de pré-escola.

Contava histórias para meus alunos quase todos os dias e, quanto mais eu observava seus ouvidos e olhinhos atentos ao livro e às minhas palavras e gestos, maior era a certeza de que eu havia encontrado o caminho e que as histórias presentes em minha vida foram frutificando em meu fazer profissional, ou seja, em meu habitus professoral.

O mestrado ainda fazia parte de meus planos, mas apesar de passar nas provas, não era aprovada nas entrevistas. Então continuei dando aulas, em séries e cidades diferentes. Em Matão fiquei com uma classe livre de quarta série de uma escola situada em um bairro rural da cidade. Já em Dobrada, trabalhava com crianças entre quatro, cinco e seis anos, dependendo da ‘série’ em que eu atuava a cada ano letivo.⁹

Após três anos trabalhando como professora, me sentia mais confiante e voltei a estudar. Fiz uma especialização em psicopedagogia para tentar entender melhor alguns problemas de aprendizagem das crianças. Porém, o mestrado não saía de minha cabeça.

Com um projeto voltado para a questão da contação de histórias na escola – por razões óbvias, penso que dificilmente o tema desse projeto seria diferente do escolhido – elaborado sob os cuidados de uma ex-professora da graduação em Pedagogia – a qual eu sempre admirei pela competência e credibilidade de seu trabalho, e que, desde o início, acreditou em meu potencial, me incentivando a estudar e escrever cada vez mais – iniciei o mestrado na Universidade Federal de São Carlos no ano de 2003.

⁹ Cabe esclarecer que a atividade Conto-Reconto de histórias, como explicitarei detalhadamente mais adiante, apresenta-se como uma atividade permanente da Educação Infantil de Matão-SP e, mesmo atuando nesse município como professora das séries iniciais do Ensino Fundamental, foi na referida época que tive os primeiros contatos com o Conto-Reconto, dada a relação de amizade que tinha com várias professoras da Educação Infantil do município e pelo meu interesse nas histórias infantis. Penso que é preciso levar em conta o desenvolvimento de meu gosto pela leitura e por essas histórias, lembrando que o gosto, seja qual for, está relacionado a um certo tipo de *habitus*.

Acredito que esse momento de minha vida constituiu-se como um divisor de águas. Deixei as duas escolas em que eu lecionava e fui morar na cidade de São Carlos-SP para poder me dedicar ao curso de mestrado. Nesse mesmo período fui aprovada no concurso público para professores das quatro séries do Ensino Fundamental da cidade de Araraquara. Se alguém ainda não acredita na palavra providência, eis um exemplo de seu significado!

O curso de mestrado foi importantíssimo para minha formação enquanto pesquisadora que começava a engatinhar. Os professores foram excelentes e as pessoas que passaram pela minha vida nessa época também. Fui a congressos importantes, apresentei trabalhos, aprendi muitas coisas, com gente que vinha de todas as partes do país para realizar seus estudos naquela universidade. E, como não poderia ser diferente, as histórias de vida de cada um me fascinavam, porque agora eu ouvia histórias reais, que nem sempre tinham um final tão feliz quanto aquelas que me foram narradas na infância. Assim, tanto quanto nas histórias fictícias, essas histórias reais muitas vezes me levaram às lágrimas!

Não posso deixar de mencionar que meu orientador foi muito mais paciente do que exigente comigo, pois eu achava que, com meu trabalho de pesquisa, ‘descobriria a roda’, pois temos que admitir, eu estava no mestrado! Por isso meu professor teve um trabalho ainda maior para me fazer entender que minha pesquisa era, sem dúvida, muito relevante, mas que, em apenas dois anos de mestrado, teríamos que lapidar as ideias e por em foco apenas uma questão que nortearia toda a pesquisa.

Após várias conversas, orientações, pequenas discussões por divergência nas opiniões, trabalhei a partir da seguinte questão de pesquisa: quais as pistas da visão de mundo que o pré-escolar apresenta por meio da leitura mediada pela oralidade? Assim, o objetivo principal de meus estudos concentrou-se em observar e analisar essas pistas fornecidas pela criança ao se apropriar das histórias ouvidas.¹⁰

Preciso ressaltar o prazer que esse estudo realizado no mestrado me proporcionou, uma vez que eu viajava a cada história que me era contada por aquelas crianças. Nesse período, um filme de minha vida passava por minha cabeça, recortado de lembranças de uma infância muito feliz e de inúmeras sensações que as histórias me traziam.¹¹

¹⁰ Em linhas gerais, a atividade Conto-Reconto de histórias acontece nas EMEIs de Matão-SP da seguinte maneira: uma vez por semana, um aluno escolhe um livro de sua preferência, então o leva para casa a fim de ser lido por um de seus familiares; no dia seguinte, geralmente sentados em círculo no chão, o aluno reconta em sala de aula, para a professora e os demais colegas, a história lida para ele em casa, usando, ou não, o livro como suporte.

¹¹ Olhando para meu mestrado, pensando na visão de mundo das crianças – que foi meu objeto de investigação naquele momento – certamente os estudos de Bourdieu me ofereceriam as ferramentas necessárias para entender que essa visão de mundo está relacionada com um *habitus* de classe, bem como o gosto pela leitura, o qual poderia se constituir, ou não, a partir desse *habitus* de classe. Enfim, hoje uma coisa me parece

A defesa do mestrado, realizada no mês de fevereiro de 2005, foi muito marcante para mim, pois o que era para ser um momento de tensão, tornou-se imensamente agradável a cada palavra de incentivo que eu, atentamente, ouvia de meu orientador e das professoras que compunham a banca examinadora. Preciso registrar aqui o carinho com que fizeram a leitura de meu trabalho, além das contribuições fundamentais que me foram oferecidas. Lembro-me das seguintes palavras: ‘... muito bem Daniela, agora só falta colocar a cereja em cima do bolo!’

A expressão de orgulho e contentamento estampada no rosto de meus pais que estavam sentados em minha frente é inesquecível! Naquele momento, tanto eu quanto eles sabiam que aquelas histórias, que me foram contadas na infância com tanto carinho, as quais inúmeras vezes me levaram ao choro – e meu pai às broncas de mamãe – de alguma maneira haviam contribuído para que eu chegasse até ali. Ou melhor, penso com Bourdieu que as histórias trouxeram consequências ao meu destino!

Cabe refletir: se eu, em minha história de vida, orientada por Pierre Bourdieu, acredito que as histórias que meu pai contava são responsáveis pelo meu gosto pela leitura e pela escrita, então será que a atividade do Conto-Reconto alcança o mesmo efeito, na vida dos alunos, que a contação de histórias alcançou em minha vida, tendo em vista as classes e o habitus de classe? Afinal, o que o Conto-Reconto provocou nessas crianças, levando em conta que o domínio adequado da leitura e da escrita constitui-se numa alavanca social e essas crianças fazem parte das classes populares?

No mesmo ano em que terminei o mestrado fui convidada pelo secretário de educação da cidade de Matão-SP para assumir a direção de uma das EMEIs, a qual localiza-se em um bairro afastado da cidade, possui um alunado pertencente à camada rural do município e atende concomitantemente com a modalidade de creche e com as quatro séries iniciais do Ensino Fundamental e que, por ironia do destino, era a escola em que eu lecionava.

Observar a realidade e a dinâmica de uma escola pelo lado de fora da sala de aula, principalmente o desenvolvimento das práticas pedagógicas, entre elas, a atividade do Conto-Reconto, agora com uma lente mais refinada, fez com que eu me deparasse com vários questionamentos, em especial aqueles referentes à atividade de contação de histórias na escola. Levando em conta que a atividade do Conto-Reconto é uma atividade permanente, semanal e obrigatória, que eu deveria coordenar para que ela ocorresse, uma das perguntas

certa: a visão de mundo de uma pessoa não pode ser pensada sem considerarmos que essa pessoa pertence a uma determinada classe social e que seu *habitus* e os gostos que compõem esse *habitus* estão relacionados ao estilo de vida da fração de classe a que tal pessoa pertence.

que quero responder é se essa contação de histórias, no âmbito escolarizado, oferece as mesmas contribuições que oferece no âmbito familiar. Então, o que facilitou? O que desenvolveu? Que tipo de gosto se constituiu? Ou não constituiu?

Assim, fui em busca da cereja do bolo... Era preciso aprofundar a contribuição da atividade do Conto-Reconto para e na educação escolarizada, desenvolvida no âmbito de um projeto específico promovido nas escolas de educação infantil da cidade de Matão. Então, após um ano da conclusão do mestrado, elaborei um projeto para apresentar na seleção do doutorado da UNESP Araraquara, onde iniciei meus estudos de graduação. No entanto, percebi que ficar um ano sem escrever havia me deixado enferrujada. Mas, as ideias e indagações efervesciam em meus pensamentos...

Por que na escola as professoras não me contavam histórias como meu pai o fazia em casa, antes de dormir? Como seria minha formação de leitora se meu pai não tivesse narrado histórias para mim? Em que medida esse fato influenciou meu interesse pela literatura?

Hoje uma coisa me parece certa: o meu prazer pela leitura, apesar da escola, sempre subsistiu, caso contrário, eu não teria lido os livros inteiros no antigo Colegial, já que meus colegas que não gostavam de ler, liam apenas os resumos ou alguns capítulos.

A partir dessas questões fui delimitando o foco de meus interesses e, pensando no procedimento didático Conto-Reconto, encontrei um eixo norteador para meus estudos, o qual se traduz nos seguintes questionamentos: Quais as chances que as famílias têm de se imiscuírem com o conhecimento que a escola oferece a seus filhos? Ou melhor, um procedimento didático aplicado para a aprendizagem da criança pode favorecer a aquisição de conhecimento, em sentido amplo, por parte da família, quando esse procedimento extrapola a sala de aula e atinge o cotidiano dessas famílias?

Com a racionalidade do conceito de habitus, do qual constituiu-se um tipo de gosto, relacionado a elementos que compõem o capital cultural, perguntamos: como a constituição do gosto pelas histórias acontece num processo coletivo? Ou seja, pensando que o habitus se dá no coletivo, isto é, em cada fração de classe, que interferências pode ter sofrido o habitus e, conseqüentemente, o gosto dessas crianças que participam e/ou participaram dos recontos nas EMEIs? Não nos interessa, nesse momento, saber a estética do habitus, mas nos interessa saber se, naquele habitus, o gosto pelas histórias e pela leitura foi constituído a partir da contribuição do Conto-Reconto.

E foi com essas ideias que fui aprovada no curso de doutorado da UNESP de Araraquara-SP, o qual teve seu início em março de 2007.

Hoje vivo rodeada de crianças e livros. Atuo como coordenadora pedagógica em uma escola com setecentos alunos, porém, em minha essência, sou professora e sempre serei, além disso, penso que continuo sendo aluna, pois a cada dia aprendo mais com cada uma daquelas crianças e jovens com os quais convivo diariamente.

Na escola em que trabalho atualmente, histórias são contadas todos os dias, para todas as séries e idades, desde os pequeninos de seis anos do primeiro ano do Ensino Fundamental até os adolescentes de quinze a dezessete anos que estão no Ensino Médio.

Existe um ditado da sabedoria popular que afirma que ‘o óbvio tem que ser dito’¹² neste sentido, reitero a importância que atribuo à contação de histórias em casa, bem como na escola e, desse modo, em meu exercício profissional, fico feliz cada vez que passo por uma sala de aula e ouço a voz de um professor contando histórias para seus alunos. Sem dúvida nenhuma, isso é música para meus ouvidos!

Ah, é preciso dizer que, em minha família, passados trinta anos, vejo a história se repetir a cada noite, quando a Verinha ganha vida novamente nas palavras de meu pai que, carinhosa e pacientemente, narra aquelas mesmas histórias, agora para minha sobrinha de seis anos. Como sei que isso é importante? Basta observar um par de olhinhos cor de jabuticaba cheios de água quando a menina se perde na floresta!

1.2- Espreitando o objeto, pela primeira vez

O primeiro estudo que concretizei em busca da fertilidade da atividade Conto-Reconto realizada nas EMEIs de Matão-SP aconteceu a partir de minha dissertação de mestrado intitulada: Recontando Histórias: a leitura e a visão de mundo do pré-escolar, defendida em fevereiro de 2005, no Programa de Pós-Graduação em Educação, área de Metodologia de Ensino, da Universidade Federal de São Carlos-SP. O referido trabalho foi fundamentado pela seguinte questão de pesquisa: quais as pistas da visão de mundo que o pré-escolar apresenta por meio da leitura mediada pela oralidade? Assim, seu objetivo principal concentrou-se em observar e analisar essas pistas fornecidas pela criança ao se apropriar das histórias ouvidas.

A partir dos subsídios fornecidos pela teoria histórico-cultural, representada por Vigotski (1984, 1987, 1995 e 2001ab) e seus colaboradores, fundamentei as reflexões iniciais, principalmente as que diziam respeito ao desenvolvimento e à aprendizagem, e à relação do

¹²

Sobre a questão do óbvio, ver Ribeiro (1986).

pensamento e da linguagem. Além disso, por meio dos trabalhos de Koch (1998), Koch e Travaglia (1997), Lemos (1982) e Orlandi (1984), pude definir a noção de texto com a qual estava operando, bem como demonstrar a relação entre a produção do texto oral (reconto) e a construção de sentidos.

Os estudos de Benjamin (1986), Bettelheim (1980), Abramovich (1991), Cagliari (2002), Amarilha (1997), Lajolo (2000), Silva (1991), Traça (1992), Cunha (1997), Freire (1987 e 1994), Perroni (1992) entre outros, foram de fundamental importância para o embasamento teórico desse trabalho de Mestrado, de modo a encontrar algumas possíveis respostas aos meus questionamentos referentes ao mérito das atividades de contação de histórias para a criança pré-escolar, ao desenvolvimento do imaginário infantil, à leitura do mundo e da palavra, ao papel do professor como mediador da relação criança-livro, ao despertar do gosto pela leitura, à formação de leitores e, conseqüentemente, à produção de sentidos por parte das crianças.

No percurso realizado com os recontos deparei-me, Donato (2005), a todo momento com a apropriação das histórias pelas crianças, sua releitura e produção de sentidos e, nesse reescrever oral das histórias ouvidas, vemos que as crianças ultrapassam o texto escrito, interpretando-o à sua maneira, de acordo com os referenciais e idealizações de mundo que possui. Desse modo, pôde-se constatar que a visão de mundo está presente em todo o processo de contação de histórias, principalmente quando a criança insere elementos de seu cotidiano na história narrada, cujo objetivo é sempre a produção de efeito de sentido.

Em princípio, o recontar histórias parece ser uma atividade simples. Contudo, verifiquei que é uma tarefa que envolve habilidades complexas, de caráter cognitivo, linguístico e social, isto é, requer capital cultural. A criança ao produzir uma história precisa ter conhecimento sobre eventos, ter memória de episódios vividos, conhecimento sobre pessoas, interações sociais e o mundo, além de conhecimentos sobre características linguísticas e estruturais dos diferentes gêneros narrativos, entre outras coisas.

Pode-se dizer, então, que o reconto de uma história por uma criança provoca um diálogo dela consigo mesma, uma vez que leva a criança a novas elaborações de pensamento e a outros sentidos, portanto, a outros textos e a outras histórias que refletem a sua realidade concreta, a sua experiência de vida e os dos conhecimentos que já tem construídos, enfim, a sua visão de mundo.

Além disso, em meu estudo pude perceber que o recontar histórias com utilização do livro em mãos permitiu às crianças avaliadas um direcionamento no esquema de história,

tanto na orientação causal quanto temporal, facilitando seu desempenho na tarefa. Já o recontar sem o apoio do livro mostrou-se bastante fértil na busca das pistas da visão de mundo das crianças, uma vez que, após terem ouvido várias vezes e se apropriarem das histórias, as crianças mostravam-se bastante seguras e livres para recontarem do seu jeito, adaptavam as histórias de acordo com seus referenciais, acrescentavam personagens e/ou mudavam o roteiro original.

Para tanto, chamo de aproximações com o texto as relações que os alunos tentam estabelecer entre o que ouviram do texto e as suas vivências pessoais ou entre o que identificam no texto e os seus conhecimentos linguísticos, isto é, as articulações feitas tanto em termos de uma relação com as suas experiências, quanto a partir do destaque de palavras isoladas e desconhecidas que são contextualizadas com vistas à significação.

Assim, cheguei à conclusão de que o movimento vai sempre em direção da produção de sentidos. Durante a realização da atividade do reconto observei que as crianças não só buscam a apreensão do texto como um todo, mas também fazem outras leituras. Nesse contexto, apreender a atividade de recontar como uma atividade enunciativa possibilitou tomá-la também como registro da leitura do aluno e, em consequência, como atividade interpretativa, como produtora de sentidos por excelência.

Se aceitarmos a compreensão da leitura como um processo que ultrapassa o limite do texto escrito ou do contexto linguístico e avança para a vida, ou seja, para outros contextos que estão relacionados com as vivências sociais de cada criança, então o texto escrito, quando lido pelas crianças, possibilita uma multiplicidade de sentidos, só captada porque estão interagindo entre si e em torno do mundo da leitura, consequentemente, recuperando histórias e acontecimentos da própria vida.

Desse modo, entendo que, do ponto de vista do trabalho com a leitura na escola, numa proposta em que se possibilite uma discussão coletiva, os momentos de apropriação das histórias são inevitáveis. De um lado, é o caminho percorrido pelo aluno para a construção de sentidos, de outro, pode e deve ser incorporada pelo ensino, tornando-se o ponto de partida da ação e da intervenção pedagógica.

Essas conclusões demonstram que a atividade de contar e recontar histórias para crianças na sala de aula é uma atividade que contribui para que a criança estimule/opere suas habilidades cognitivas, representacionais e outras diretamente relacionadas às atividades escolares como a leitura e a escrita.

Portanto, até o momento é possível afirmar que proporcionar oportunidades de ter experiências com livros e histórias infantis, não só no contexto escolar, mas também familiar,

pode ser uma estratégia instrucional capaz de possibilitar que a criança desenvolva sua imaginação, incentivando e melhorando a elaboração de histórias originais; trabalhe a complexidade da linguagem oral, evoluindo em seu processo de alfabetização; produza sentidos a partir de sua visão de mundo e alimente seu gosto pela leitura.

Contudo, após finalizar meus estudos no curso de mestrado, alguns questionamentos ainda me inquietam no que diz respeito a esse procedimento didático, então, como se pode perceber, trata-se de aprofundar a contribuição da atividade Conto-Reconto para e na educação escolarizada desenvolvida no âmbito de um projeto específico promovido nas escolas de educação infantil no município de Matão-SP.

Diante disso, reitero que nesta pesquisa, inferimos que o trabalho com as histórias infantis talvez se constitua, também, em uma estratégia capaz de estreitar o vínculo familiar e de fornecer elementos que enriqueçam o capital cultural, independente de ser a criança pertencente a uma classe social favorecida ou não. Levando em conta que a família participa da atividade Conto-Reconto, será que ela também não está sendo beneficiada, do ponto de vista da aquisição do capital cultural oferecido pela escola?

O que um procedimento didático como a atividade Conto-Reconto propicia às crianças? Tendo em vista que nesta investigação trata-se de alunos que pertencem às frações de classes sociais desfavorecidas, será que o Conto-Reconto constitui um gosto que dá uma certa distinção, levando em conta o capital cultural e a apropriação da leitura e da escrita como alavanca social? Em que o Conto-Reconto contribuiu para a constituição do gosto para a leitura e para a escrita nesse grupo de crianças? Essas perguntas que constituem as estruturas estáveis do objeto que venho construindo foram inspiradas pelas ideias de Pierre Bourdieu.

1.3- Ideias de Pierre Bourdieu: a inspiração da construção das perguntas e inspiração analítica da investigação

A discussão sociológica de Bourdieu (1958, 1972, 1983ab, 1992, 1996, 1998, 2003, 2004, 2007) centralizou-se, ao longo de sua obra, na tarefa de desvendar os mecanismos de reprodução social que legitimam as diversas formas de dominação. Para empreender tal tarefa, o autor desenvolve conceitos específicos, retirando os fatores econômicos do epicentro das análises da sociedade, em que advoga acerca da não arbitrariedade da produção simbólica na vida social, advertindo para seu caráter efetivamente legitimador das forças dominantes,

que expressam por meio delas seus gostos de classe e estilos de vida, gerando o que o autor entende por distinção social.

Tendo abordado um número significativo de objetos empíricos, a obra de Bourdieu está ordenada em torno de alguns conceitos diretivos. São eles: *habitus* como o princípio da ação dos agentes sociais dentro de um **espaço social**, o qual se apresenta dividido em **campos**, que constituem os lugares de competição estruturados em torno de situações específicas; **capital**, o qual se apresenta sob diferentes formas, as quais permitem estruturar o espaço social, em que a **violência simbólica**, ou melhor, a capacidade de perpetuar os produtos de dominação que os fazem ignorar como tais para aqueles que a suportam, tem um papel central.

A obra de Pierre Bourdieu nos reporta, enfim, a uma teoria da sociedade e dos grupos sociais que a compõem. Dessa maneira, tal teoria compreende: como se constituem as hierarquias entre os grupos sociais; como as práticas culturais legitimadas socialmente ocupam um lugar importante na luta entre esses grupos; como o sistema escolar tem um papel decisivo para reproduzir e legitimar essas hierarquias sociais.

De acordo com a teoria bourdieusiana, os campos sociais são universos relativamente autônomos que se constroem no âmbito da ação prática, de grandezas específicas. Essas grandezas são constituídas por diferentes tipos de capitais. A propósito esses tipos são os seguintes: no campo econômico diz respeito à propriedade privada dos meios de produção, bens financeiros e patrimônio; o campo das relações sociais refere-se ao conjunto de recursos atuais ou potenciais que estão ligados à posse de uma rede durável de relações mais ou menos institucionalizadas de interconhecimento e inter-reconhecimento; no campo cultural, os títulos escolares, conhecimentos, códigos culturais, características linguísticas, bons modos, as práticas, bens e propriedades culturais – livros, obras de arte, esculturas, partituras, dentre outros; e no campo político, votos, cargos, poder de nomeação.

Esses capitais são apropriados de forma diferenciada no espaço e tem pesos distintos entre si, isto é, alguns são mais valorizados do que outros, consistindo fatores de distinção e, por conseguinte, definindo o princípio sob o qual se assenta a hierarquia do espaço social. Assim, aqueles que possuem maior volume do capital definidor da hierarquia do campo ocupam posições dominantes, enquanto aqueles que possuem menor volume ocupam posições dominadas, a cada posição corresponde também um *habitus*. Em cada campo, os capitais específicos são recursos tão úteis quanto o capital econômico na determinação e na reprodução das posições sociais, por isso Bourdieu retirou o capital econômico do epicentro de suas análises.

Conforme os estudos de Bourdieu (1998) no contexto francês, a noção de capital cultural, noção que considero imprescindível para esclarecer diferentes fenômenos educacionais, apresentou-se inicialmente como uma potente explicação a respeito da desigualdade de desempenho escolar de crianças provenientes de diferentes classes sociais, relacionando o sucesso escolar à distribuição do capital cultural entre essas classes sociais. No entanto, conforme o autor, esse primeiro uso da noção de capital cultural deixava de colocar as estratégias de investimento escolar das respectivas classes sociais no conjunto das estratégias educativas e no sistema de estratégias de reprodução, deixando escapar o mais oculto e determinante dos investimentos educativos: a transmissão doméstica do capital cultural.

O capital cultural é definido pelo autor sob três estados: capital cultural incorporado, capital cultural objetivado e capital cultural institucionalizado. O primeiro estado, o *capital cultural incorporado*, caracteriza-se por pressupor um trabalho de assimilação, inculcação e um investimento pessoal feito pelo agente social para que ocorra a incorporação de um conjunto de saberes que transmitido, quer seja pela família, quer seja pela escola, torna-se sua propriedade individual, está ligado ao corpo e por isso pressupõe sua incorporação. Para Bourdieu (1998, p. 74-75) “[...] o trabalho de aquisição é um trabalho do ‘sujeito’ sobre si mesmo (fala-se em ‘cultivar-se’). [...] Aquele que o possui ‘pagou com sua própria pessoa’ e com aquilo que tem de mais pessoal, seu tempo.”

Quanto ao *capital cultural no estado objetivado*, o mesmo está relacionado com os bens materiais como livros, estatuetas, pinturas, obras de arte, etc., e é transmitido em sua materialidade. Assim, conforme Bourdieu (1998, p. 77), “os bens culturais podem ser objeto de uma apropriação material, que pressupõe o capital econômico, e de uma apropriação simbólica, que pressupõe o capital cultural.” Pode-se dizer então que, para possuir obras de arte, por exemplo, basta ter capital econômico, porém, para entender adequadamente o valor simbólico agregado nesses objetos é preciso ter capital cultural incorporado.

No que diz respeito ao *capital cultural institucionalizado*, o mesmo refere-se, especificamente, ao reconhecimento institucional de certas competências culturais conferidas ao seu portador. Esse tipo de capital constitui-se no “[...] diploma, essa certidão de competência cultural confere ao seu portador um valor convencional, constante e juridicamente garantido no que diz respeito à cultura”. (BOURDIEU, 1998, p. 78). Nesse sentido, pode-se dizer que o investimento escolar realizado pelo agente social apresenta uma taxa de convertibilidade do capital econômico em capital cultural.

De acordo com a teoria apresentada, por ser um agente social, o homem se utiliza de múltiplas estratégias¹³ de modo a conservar ou se apropriar do capital cultural e, dentre elas, encontram-se as estratégias educativas que visam produzir agentes sociais dignos, mediante uma sociedade de classes, capazes de receber a herança do grupo, isto é, de transmiti-la, por sua vez, ao grupo. Assim, as estratégias escolares das famílias ou dos filhos escolarizados são uma de suas formas.

Conforme Bourdieu (1998, p. 74), “[...] o capital cultural é um ter que se tornou ser”, integrou-se à pessoa, ou seja, foi incorporado pelo agente social. Ademais, quando a ação do agente social resultar em capital cultural no estado materializado aquele que detém capital econômico tem, seguramente, mais acesso a esse tipo de capital dada relação de dependência estabelecida entre ambos na sociedade capitalista. Esse tipo de investimento (angariação de capital cultural) feito pelo agente é aceito e valorizado socialmente, pois, é preciso delegar parte de seu tempo e parte dos recursos econômicos obtidos à sua posse uma vez que a transmissão/difusão da cultura humana transcende o âmbito da organização escolar.

Assim, valorizar ou não a cultura, possuir ou não cultura, para Bourdieu (1987; 1998), extrapola as explicações que se apresentam de forma natural, individualizada e exclusivamente dependente do agente social para a tomada de decisão. Essa é uma decisão social em que os agentes sociais e as frações de classe, diante de suas condições reais de existência, realizam determinadas escolhas dentre o seu universo de possibilidades, de preferências e de prioridades. Tais escolhas são apreendidas/interiorizadas já no processo de socialização primária porque se relacionam, diretamente, com o campo social de pertencimento de sua fração de classe.

Ao definir o sujeito como um agente social, mais do que um simples ator social, a teoria de Bourdieu enfatiza que o agente social procura sempre manter ou aumentar o volume do seu capital e, logo, manter ou melhorar sua posição social. Neste sentido, entre as

¹³ Em *Coisas Ditas* (1990), Bourdieu afirma que a noção de estratégia visa apreender as práticas inconscientes (no sentido de naturais e evidentes) como produtos dos *habitus* ajustados a uma determinada demanda social. Isto não quer dizer que sejam totalmente inconscientes e, portanto, sem reflexão. São práticas caracterizadas como inconscientes, uma vez que são vistas como evidentes e naturais pelos indivíduos. Para Bourdieu, a maior parte das ações dos agentes sociais é produto de um encontro entre um *habitus* e um campo. Portanto, as estratégias surgem como ações práticas inspiradas pelos estímulos de uma determinada situação histórica. São inconscientes, pois tendem a se ajustar como um sentido prático às necessidades impostas por uma configuração social específica.

diferentes formas de capital, o capital econômico e o capital cultural fornecem os critérios de diferenciação mais pertinentes para construir o espaço social das sociedades desenvolvidas.

Cabe dizer que uma das teses centrais da Sociologia da Educação de Bourdieu é a de que os alunos não são agentes abstratos que competem em condições relativamente igualitárias na escola, mas agentes socialmente constituídos que trazem, em larga medida incorporada, uma bagagem social e cultural diferenciada e mais ou menos rentável no mercado escolar, logo, de acordo com sua origem de classe. O grau variado de sucesso alcançado pelos alunos ao longo de seus percursos escolares não poderia ser explicado por seus dons pessoais – relacionados à sua constituição biológica ou psicológica particular – mas por sua origem social, que os colocaria em condições mais, ou menos, favoráveis diante das exigências escolares.

Entende-se, assim, que a ideia de Bourdieu é a de que, pelo acúmulo histórico de experiências de êxito e de fracasso, os grupos sociais iriam construindo um conhecimento prático (não plenamente consciente) relativo ao que é possível ou não de ser alcançado pelos seus membros dentro da realidade social concreta na qual eles agem, e sobre as formas mais adequadas de fazê-lo. Dada a posição do grupo no espaço social e, portanto, de acordo com o volume e os tipos de capitais (econômico, social, cultural e simbólico) possuídos por seus membros, certas estratégias de ação seriam mais seguras e rentáveis e outras seriam mais arriscadas. Na perspectiva bourdieusiana, ao longo do tempo, por um processo não deliberado de ajustamento entre investimentos e condições objetivas de ação, as estratégias mais adequadas, mais viáveis, acabariam por ser adotadas pelos grupos e seriam então, incorporadas pelos agentes como parte do seu *habitus*.

A palavra *Habitus* é originária do latim, particípio passado do termo *habere* que significa ter ou possuir. Presente na filosofia da Escolástica Medieval, expressa a noção de *hexis* utilizada por Aristóteles para designar então características do corpo e da alma adquiridas em um processo de aprendizagem. Nos primórdios de sua definição, o *habitus* consistia na capacidade para crescer por meio da atividade ou, ainda, disposição durável suspensa a meio caminho entre potência e ação propositada.

A partir dos anos de 1960, Pierre Bourdieu recupera essa ideia de *habitus* e propõe uma renovação sociológica do conceito delineado no âmbito da escolástica, de modo a transcender a oposição entre objetivismo e subjetivismo, construindo uma teoria da prática ou do conhecimento praxiológico, o qual tem como princípio apreender a articulação entre o plano da ação ou das práticas subjetivas e o plano das estruturas, de modo a investigar as

relações dialéticas entre estrutura e ator, ou melhor, investigar o processo de interiorização da exterioridade e de exteriorização da interioridade.

Desse modo, Bourdieu (1972, p. 13) afirma que o “conhecimento praxiológico possui como objeto não somente o sistema de relações objetivas, mas também as relações dialéticas entre estas estruturas e as disposições duráveis dos agentes nas quais elas se atualizam”. Então, buscando enfocar a mediação entre o sujeito e as relações objetivas do mundo social, o autor introduz o conceito de *habitus*, entendido como um conceito estratégico em seu esquema de explicação para a articulação entre estrutura e agente social.

Assim, a teoria de Bourdieu ressalta que a partir de sua formação inicial em um ambiente social e familiar, o qual corresponde a uma posição específica na estrutura social, os agentes incorporam um conjunto de disposições para a ação típica dessa posição, isto é, um *habitus* familiar ou de classe, o qual passaria a conduzi-los ao longo do tempo e nos mais variados ambientes de ação. Segundo o autor, o *habitus* passa a ser entendido como:

Sistema de disposições duráveis, estruturas estruturadas predispostas a funcionar como estruturas estruturantes, isto é, como princípio gerador e estruturador das práticas e das representações que podem ser objetivamente ‘reguladas’ e ‘regulares’ sem ser o produto de obediência a regras, objetivamente adaptadas a seu fim sem supor a intenção consciente dos fins e o domínio expresso das operações necessárias para atingi-los e coletivamente orquestradas, sem ser o produto da ação organizadora de um regente (BOURDIEU, 2003, p. 54).

Portanto, a noção de *habitus* formulada por Bourdieu permite o entendimento de que as ações individuais não são simples escolhas ou repetições mecânicas, mas fruto de uma combinação complexa em que elementos do passado e do presente são evocados na vida do agente social e atuam como matriz estruturada e estruturante de suas ações tendo como referência a fração de classe social a que esse agente pertence.

Uma das funções do *habitus* é a de dar conta da unidade de estilo que vincula as práticas e os bens de um agente singular ou de uma classe de agentes. [...] O *habitus* é esse princípio gerador e unificador que retraduz as características intrínsecas e relacionais de uma posição em um estilo de vida unívoco, isto é, em um conjunto de escolhas de pessoas, de bens, de práticas. Assim como as posições das quais são o produto, os *habitus* são diferenciados; mas são também diferenciadores. Distintos, distinguidos, eles são também operadores de distinções: põem em prática princípios de diferenciação diferentes ou utilizam diferenciadamente os princípios de diferenciação comuns (BOURDIEU, 2004, p. 21-22).

A teoria bourdieusiana classifica o *habitus* de duas maneiras: o *habitus* primário é aquele transmitido de modo implícito, inconsciente, pela educação familiar e regras de classe. Assim, o *habitus* primário, adquirido na família, é constituído das disposições mais antigamente adquiridas e, portanto, mais duradouras. Em contrapartida, o *habitus* secundário é explícito, metodicamente organizado, proveniente da educação escolar, da indústria cultural e dos meios de comunicação de massa. À medida que as condições sociais e históricas são alteradas, o *habitus* também se modifica e vai incorporando outros esquemas de percepção e ação, que irão contribuir para a conservação ou a transformação de suas estruturas.

Bourdieu e Passeron (1982) fazem distinção entre a formação do *habitus* primário e do *habitus* secundário, desse modo, o *habitus* primário caracteriza-se pela inculcação produzida pelo trabalho familiar e relaciona-se ao lugar que a família ocupa na estrutura social, já o *habitus* secundário é produzido pela ação pedagógica posterior, sobretudo da escola. Ainda, segundo os autores:

Na medida em que o trabalho pedagógico é um processo irreversível que produz no tempo necessário à inculcação uma disposição irreversível, isto é, uma disposição que não pode ser ela mesma reprimida ou transformada, senão por um processo irreversível que produz por sua vez uma nova disposição irreversível, a ação pedagógica primária (primeira educação) que se realiza num trabalho pedagógico sem antecedente (trabalho pedagógico primário) produz um hábito primário, característico de um grupo ou de uma classe, e que está no princípio da constituição ulterior de todo outro hábito. (BOURDIEU e PASSERON, 1982, p. 53).

Nesse sentido, a estrutura do *habitus* é fruto da trajetória social dos agentes, nos quais as disposições estruturadas condicionam novas disposições a serem adquiridas e incorporadas uma vez que o *habitus* não é imutável, mas pode ser reestruturado pelo sujeito ao longo de suas experiências individuais e sociais.

Nas palavras do autor:

O *habitus* não é o destino que às vezes acreditou-se ser. Como produto da história, é um sistema de disposição aberto, que está incessantemente diante de experiências novas e, logo, incessantemente afetado por elas. É duradouro, mas não é imutável. Dito isso, devo acrescentar imediatamente que a maioria das pessoas está estatisticamente destinada a encontrar circunstâncias afinadas com aquelas que modelaram originariamente o seu *habitus* e, por conseguinte, a ter experiências que virão reforçar as suas disposições (BOURDIEU, 1992, p. 108-109).

Reitero a necessidade de considerar o *habitus* um sistema flexível de disposição, não apenas resultado da sedimentação de uma vivência nas instituições sociais tradicionais, mas um sistema em construção, em constante mutação, reestruturável, dinâmico e, portanto,

adaptável aos estímulos do mundo moderno: um *habitus* como trajetória, mediação do passado e do presente; *habitus* como história sendo feita; como expressão de uma identidade social em construção.¹⁴

Ao considerarmos que os *habitus* individuais são produtos da socialização, constituídos em condições sociais específicas, por diferentes sistemas de disposições produzidos em condicionamentos e trajetórias diferentes, em espaços distintos como a família, a escola, o trabalho, os grupos de amigos e a cultura de massa; de acordo com Bourdieu (2003), entendemos que o estilo de vida de uma fração de classe origina-se no *habitus* de classe, o qual, conseqüentemente, interfere na estruturação do *habitus* familiar, uma vez que as condições objetivas de existência engendram e determinam, de certo modo, as escolhas e preferências pessoais, o tipo de vestuário, o uso da linguagem, o gosto musical, o envolvimento com a cultura, a valorização da educação escolarizada, o processo de angariação por capital cultural, entre outros; fatores que, certamente, evidenciam a relação dialética entre agente e classe social.

Definitivamente, para o autor, a sociedade deve ser compreendida como um espaço social em que cada fração de classe ocupa uma determinada posição e desempenha uma determinada função. Dessa forma, cada grupo social detém diferentes tipos de capital, entre eles, capital econômico, capital cultural, capital social, capital simbólico; e a posse dos mesmos diferencia os espaços sociais conquistados e a serem conquistados, além de conferir distinção simbólica ao agente social. Assim, possuir, por exemplo, capital cultural na sociedade hodierna significa ter a propriedade de bens culturais, de um conjunto de saberes culturais legitimados socialmente e certificados pela instituição escolar, relacionando-se estruturalmente à posse de capital econômico que uma família ou agente acumula em sua existência, como propriedades, dinheiro, terras, patrimônio, etc.

Aplicado à educação, esse raciocínio indica que os grupos sociais, a partir dos exemplos de sucesso e fracasso no sistema escolar vividos por seus membros, constituem uma estimativa de suas chances objetivas no universo escolar e passam a adequar, inconscientemente, seus investimentos a essas chances. Concretamente, isso significa que os membros de cada grupo social tenderão a investir uma parcela maior ou menor dos seus esforços – medidos em termos de tempo, dedicação e recursos financeiros – na carreira escolar dos seus filhos, conforme percebam serem maiores ou menores as probabilidades de êxito dos mesmos.

Portanto, a escola e o trabalho pedagógico por ela desenvolvido só poderiam ser compreendidos, na perspectiva bourdieusiana, quando relacionados às desigualdades de capitais entre os agentes sociais. A escola não seria uma instância neutra que transmitiria uma forma de conhecimento intrinsecamente superior e que avaliaria os alunos a partir de critérios universalistas, mas, ao contrário, seria uma instituição a serviço da reprodução e legitimação da dominação exercida pelas classes dominantes. Assim, segundo esse raciocínio, a escola, na perspectiva de Bourdieu, tende a exercer funções de reprodução e legitimação das desigualdades sociais e essas funções se realizariam, paradoxalmente, por meio da equidade formal estabelecida pela escola entre todos os alunos.

Nas palavras de Bourdieu (1998, p. 53):

Para que sejam favorecidos os mais favorecidos e desfavorecidos os mais desfavorecidos, é necessário e suficiente que a escola ignore, no âmbito dos conteúdos do ensino que transmite, dos métodos e técnicas de transmissão e dos critérios de avaliação, as desigualdades culturais entre as crianças das diferentes classes sociais.

Ademais, tratando de modo igual, em direitos e deveres, quem é diferente, a escola privilegiaria, dissimuladamente, quem, por sua bagagem familiar, já é privilegiado. Nesse sentido, uma das grandes contribuições de Pierre Bourdieu para a Sociologia da Educação foi, sem dúvida, a de ter fornecido as bases para um rompimento frontal com a ideologia do dom e com a noção moralmente carregada de mérito pessoal. A partir de Bourdieu tornou-se praticamente impossível analisar as desigualdades escolares, simplesmente, como frutos das diferenças naturais entre os agentes. O que está em jogo é o grau de capital cultural que cada aluno e o grupo deles tem incorporado em seu *habitus* de classe, tendo em vista a constituição do *habitus* primário estabelecido antes da vivência escolar, e a constituição do *habitus* secundário de responsabilidade, segundo Bourdieu, da instituição escolar. Isto porque Bourdieu nos ensinou que a aquisição do capital cultural é uma alavanca social de e para todas as classes sociais, mesmo quando elas já desfrutam de uma certa distinção. Muito mais fértil quando se trata das classes populares. Acredito.

Mas a noção de *habitus*, engendrada pela dialética dos capitais específicos, tem subsidiado também estudos que buscam explicar fenômenos de sucesso e/ou fracasso escolar por alunos de diferentes classes sociais e o exercício docente. Por exemplo, Caldeira (2007), Carlindo (2009), Scarlatto e Silva (2008), Silva (2002, 2003, 2004, 2005), Vasques (2005) vem realizando, uns mais outros menos, com diferentes verticalidades de investigação,

distintos estudos com o intuito de mostrar que os modos do aluno aprender e do professor exercer seu trabalho nas escolas e nas salas de aula, individual e coletivamente, manifestam tipos de *habitus* adequados e/ou inadequados. Esse *habitus* foi denominado *habitus* professoral.

Assim, há que se considerar que o ingresso em uma carreira profissional implica na incorporação do *habitus* profissional da profissão, ou seja, a linguagem, os códigos, os símbolos e os termos específicos daquela profissão são interiorizados para serem, então, exteriorizados nas ações dos sujeitos. Por isso, se o *habitus* é o produto de estruturas e reestruturas presentes ao longo da vida do sujeito, pertencer a uma determinada classe profissional significa incorporar certas práticas, as quais contribuem para a constituição do *habitus* profissional do agente social por serem, justamente, o produto da incorporação de um modo específico de agir. Neste contexto, de acordo com os estudos de Silva (2002, 2003, 2004, 2005), as diferentes situações e vivências apreendidas e interiorizadas pelo professor ao longo de sua prática docente constituem o *habitus* professoral.

No entender da autora, é possível afirmarmos que se aprende a ensinar quando realmente se é o professor responsável pela sala, dada a eminência da ação educativa escolarizada e as exigências diferentes e diferenciadoras de quando se é aluno ou então estagiário em sala. É, justamente, e tão somente, com o exercício prático da docência que o *habitus* professoral é adquirido/incorporado/estruturado e reestruturado pelo professor. Portanto, denominou-se *habitus* professoral “[...] o conjunto de ações que visivelmente eram exercidas pelos professores observados, que recebiam respostas imediatas, objetivas e espontâneas de seus alunos, que estabeleciam relação direta com os gestos de ensino decididamente intencionais e praticados por esses profissionais” (SILVA, 2005, p.158).

O que me interessa nesta investigação, ao fim e ao cabo, como já anunciei na introdução, é verificar se a atividade Conto-Reconto, que faz parte do *habitus* professoral dos professores das EMEIs de Matão é um procedimento didático que interfere, ou não, positivamente no *habitus* de classe dos seus alunos, tendo em vista a reestruturação desse *habitus*.

1.3.1- A constituição do gosto: aprofundando a fundamentação do objeto

Quem nunca ouviu dizer, ou disse, que “gosto não se discute”? No entender de Pierre Bourdieu, a partir de seu livro *A Distinção: crítica social do julgamento*, com publicação

datada de 1979 na França e tradução brasileira de 2007, gosto se discute sim! Para tanto, em sua obra, o autor argumenta, por meio de ferramentas empíricas, de forma a desconstruir a ideia de gosto como uma decisão aleatória, sem intervenções ou sem forças sociais impostas. Para Bourdieu (2007), aquilo que escolhemos para ouvir, comer, vestir, ler, faz parte de uma seleção que fazemos a partir de uma organização social e do lugar em que estamos nela. Ou seja: nossas escolhas são a objetivação de nosso *habitus* e, simultaneamente, sua reprodução.

Então, o gosto não é algo natural, inato, mas sim constituído socialmente e serve como meio de distinção de uma classe em relação à outra. No entender do autor, o gosto atua como um símbolo de poder, de identificação com os semelhantes e exclusão dos que não pertencem ao mesmo grupo. Assim, apresenta-se como um código socialmente produzido capaz de identificar e diferenciar grupos. Portanto, “em matéria de gosto, [...] toda determinação é negação, e, sem dúvida, os gostos são, antes de tudo, aversão [...] aos outros gostos, aos gostos dos outros” (BOURDIEU, 2007, p. 56).

O autor entende esse tipo de naturalização dos gostos como um dos mecanismos que os fazem funcionar como elementos distintivos. Bourdieu (2007, p. 09) se mostra “contra a ideologia carismática segundo a qual os gostos, em matéria de cultura legítima, são considerados um dom da natureza”, esclarecendo que a “observação científica mostra que as necessidades culturais são o produto da educação”. Nesse sentido, “o *olho* é um produto da história reproduzido pela educação” e determinado pelo *habitus*, o qual faz um agente ser detentor de um gosto, uma vez que as preferências estão associadas às condições objetivas de existência.

Desse modo, Bourdieu procura demonstrar que o gosto é algo socialmente construído e constantemente reconstruído. Para tanto, o autor nos proporciona verificar como se expressa o *habitus*, com base na apropriação do capital simbólico, a partir dos capitais social, cultural e econômico. Ao longo do livro *A Distinção*, Bourdieu (2007) demonstra que o gosto classifica e diferencia aquele que procede à classificação, ou seja, os sujeitos sociais diferenciam-se pelos gostos e hábitos que eles praticam e, pelo intermédio dessas práticas, exprime-se ou traduz-se a posição desses sujeitos nas classificações sociais objetivas.

De acordo com o autor, o gosto diferencia as pessoas e desenvolve mecanismos de distinção entre os grupos sociais, cujas estruturas das disposições objetivas ocupadas pressupõem a aproximação de uma determinada fração de classe que compartilha do mesmo *habitus*. Neste sentido, o gosto por alguma comida ou receita desenvolvida e passada de

geração em geração, ou mesmo o modo de se vestir, de ir a algum evento cultural são *habitus*, práticas socialmente percebidas, classificáveis e reproduzidas. Desse modo, esse *habitus* de vida socialmente legitimado é reflexo do capital cultural herdado da família, unidos numa relação estreita com o capital escolar, adquirido durante a formação educacional legitimada pelos diplomas emitidos pelas instituições escolares.

Além disso, o autor aponta que a utilização desses capitais (cultural e social), somados ao capital econômico, gera a produção do capital simbólico, cujo processo de uso e consumo das coisas, bem como a participação ou não de eventos culturais, gera a distinção das classes sociais. De acordo com Bourdieu (2007, p. 261): “a conjunção da apropriação material e simbólica confere à posse dos bens de luxo, além de legitimidade, uma raridade de segunda ordem que os transforma no símbolo, por excelência, da excelência”.

Por exemplo, um casaco de luxo acaba tendo outra finalidade do que seu objetivo prático que é o de proteger o corpo e aquecê-lo. Assim, passa a ter um valor simbólico, o de distinção perante as demais frações de classe, isto é, demonstra a diferenciação nos espaços em que circula e a aceitação em uma determinada fração de classe que detém as características semelhantes do capital simbólico almejado pelo casaco de luxo.

Cabe ressaltar que para Bourdieu (2007, p. 291):

“o gosto encontra-se na origem dessas lutas simbólicas que opõem, em cada instante, as frações da classe dominante e que seriam menos absolutas, menos totais, se não estivessem baseadas nessa espécie de adesão primitiva, de crença elementar que une cada agente a seu estilo de vida: a redução materialista das preferências a suas condições econômicas e sociais de produção, assim como às funções sociais desempenhadas pelas práticas, na aparência, mais desinteressadas, não deve fazer esquecer que, em matéria de cultura, os investimentos não são somente econômicos, mas também psicológicos.”

Os espaços sociais, como a família e a escola, são lugares de produção de competências que podem contribuir para o julgamento do gosto e da estética, embora haja uma distinção de legitimidade entre ambas. Portanto, a escola pode certificar a formação do aluno de maneira regulamentada e institucionalizada, enquanto que a formação social, na base das interações sociais da família, amigos, vizinhos, não atesta em documento a formação, mas enriquece o potencial de julgamento e reflete na distinção.

Bourdieu (2007) analisa qual a relação entre o capital escolar e o capital familiar herdado e chega à conclusão de que os títulos escolares servem para referendar o capital

cultural herdado, ou seja, os diplomas escolares asseguram a nobreza cultural, valorizando o capital cultural de uma classe mais alta e estigmatizando aquele de uma classe mais baixa. Dessa forma, a escola não influencia somente nos gostos diretamente ligados ao mundo escolar, mas em toda a vida cultural de uma pessoa. E não só influencia como também garante competências culturais muito maiores do que as ensinadas na escola. Dessa forma, a escola influencia e certifica determinadas características culturais não somente ligadas às matérias escolares, mas também aos valores, disposições, gostos direcionados à música, ao teatro, à literatura, dentre outras manifestações culturais.

Há, portanto, um ciclo que se instala: as classes se identificam por seus gostos em comum, e, então, esses gostos passam a ser marca daquela classe, de forma que aqueles que a ela pertencem ou nela ingressem posteriormente valorizam esse gosto e passam a detê-lo. De modo geral, as classes altas são as detentoras da cultura socialmente legítima, as médias aspiram possuir o gosto da classe alta, mas encontram barreiras, e as classes baixas opõem-se ao gosto das altas. Essa oposição entre os gostos das classes alta e baixa é fruto de uma intenção clara de distinção entre elas. Pode-se dizer que o gosto considerado popular é inversamente proporcional ao acúmulo de capital escolar. Em outras palavras: quanto mais anos de estudo, mais uma pessoa se distancia do gosto popular!

Sobre a constituição do gosto, segundo Bourdieu (1983, p. 83), em *Gostos de classe e estilos de vida*, o gosto é um dos elementos que marca e define os diferentes estilos de vida. Portanto, pode ser explicado como “propensão e aptidão à apropriação (material e/ou simbólica) de uma determinada categoria de objetos ou práticas classificadas e classificadoras, é a fórmula generativa que está no princípio do estilo de vida”.

Ainda, no entender do autor, às diferentes posições no espaço social correspondem estilos de vida. As práticas e as propriedades constituem uma expressão sistemática das condições de existência, o que é denominado como estilo de vida, porque são produtos do mesmo operador prático: o *habitus*.

Neste sentido, o estilo de vida pode ser definido como:

um conjunto unitário de preferências distintivas que exprimem, na lógica específica de cada um dos subespaços simbólicos, mobília, vestimentas, linguagem ou héxis corporal, a mesma intenção expressiva, princípio da unidade de estilo que se entrega diretamente à intuição e que a análise destrói ao recortá-lo em universos separados (BOURDIEU, 1983, p. 83-84).

Crescendo a distância com relação às necessidades, o estilo de vida vai se tornando, cada vez mais, o produto de uma "estilização da vida", preferência sempre recorrente e que orienta e organiza as práticas mais diversas, desde a escolha de uma roupa, uma bebida, até a decoração da casa, a religião a que se adere ou as opções de lazer. Essas peculiaridades parecem ser fatores de agrupamento e, ao mesmo tempo, instrumentos organizacionais no desenvolvimento de limites, formas de comunicação e outros mecanismos necessários à organização de um grupo.

Desse modo, segundo o autor, o “gosto puro” como ideologia do gosto natural, opõe dois modos de aquisição da cultura: o aprendizado total, precoce e insensível, efetuado desde a primeira infância no seio da família, e o aprendizado tardio, metódico, acelerado, que uma ação pedagógica explícita, expressa e assegura.

O estilo de vida das classes populares é marcado pelo sentimento de privação. A característica principal desse estilo de vida evidencia-se sempre pelo sentimento de incapacidade, de indignidade cultural, uma forma de reconhecimento dos valores dominantes. O que separa as classes populares das outras classes é o desapossamento da capacidade de formular seus próprios fins, que é, sem dúvida, a forma mais sutil da alienação.

Portanto, o estilo de vida popular, segundo a perspectiva bourdieusiana da sociedade classista, se define em dois graus: primeiro, pela ausência de todos os consumos de luxo e, segundo, pelo fato de que esses consumos nele estão presentes sob a forma de substitutos. Isso indica um duplo desapossamento, pois, já que a classe popular não pode usufruir os bens de luxo, ela se contenta com um produto similar. Não contentes em estarem despojados do saber e da boa educação, eles ainda são aqueles que não sabem viver, aqueles que mais se sacrificam pelos alimentos materiais, que não sabem descansar e que encontram sempre alguma coisa para fazer. Essa prática não coincide com a definição da arte pela arte, portanto, mesmo que adquirissem um capital econômico, não conseguiriam pensar a arte no sentido do gratuito e desinteressado, mas sim, no sentido funcional.

Há que se dizer ainda que, segundo a teoria bourdieusiana, a arte é marcada por uma teia de disputas no interior do campo, bem como sobre o conceito da arte pela arte, que acaba camuflando as relações e as lutas para apropriação e manutenção do poder. A legitimidade da disposição pura é tão completamente reconhecida que tudo leva a esquecer que a definição da arte e, por meio dela, da arte de viver, é um lugar de luta entre classes.

Esse raciocínio me permite dizer que a distribuição diferenciada do capital cultural está na base da formação do gosto estético, assim, aqueles dotados de elevado capital cultural apresentarão maior grau de familiaridade com a cultura legítima, sancionada pela própria

escola, e maior disposição em relação a ela, ou seja, fácil assimilação dos códigos estéticos tidos como legítimos e mesmo o desenvolvimento do prazer estético, nos remetendo à uma educação dos sentidos, que permite a fruição das obras artísticas, sejam elas pertencentes ao campo da pintura, da literatura, da música ou de outro qualquer.

Neste sentido, Bourdieu (1983, p. 109) revela que a dominação simbólica – manifestada pelo acesso ao capital escolar e ao desenvolvimento de um suposto “bom gosto” – é exercida a partir do momento em que ocorre a incorporação, por parte das classes e frações de classe dominadas, de alguma “boa vontade cultural”, ou de certa “pretensão cultural”, que difere segundo o grau de familiaridade com a cultura legítima, isto é, “segundo a origem social e o modo de aquisição correlativo da cultura.”

Logo, a partir de Bourdieu há toda uma hierarquização dos saberes, promovido e legitimado pela escola em seus vários níveis, classificando e dividindo as obras artísticas em legítimas e não-legítimas, e o gosto (estético) em bom-gosto e mau-gosto, o qual se constitui num instrumento de distinção social de classe, não mais restrita à posse dos bens materiais, mas estendida aos bens simbólicos. A distinção de classe, agora, divide parcelas da sociedade entre possuidores e despossuídos da cultura, reproduzindo, assim, a dominação de classe no terreno da cultura, salientando que a cultura escolar não é neutra, visto que é uma cultura de classe, ou melhor, da classe dominante.

1.4 - Apropriações de fenômenos produzidos em meio escolar mediados pelas ideias de Pierre Bourdieu (1999-2009): buscando parcerias analíticas.

Embora o recorte temporal deste estudo se inicie em 1999, para a revisão bibliográfica partirei da pesquisa realizada por Afrânio Catani, Denice Catani e Gilson Pereira publicada pela Revista Brasileira de Educação no ano de 2001, em que os autores buscaram compreender as várias modalidades de apropriação que marcaram o ingresso dos estudos de Bourdieu no campo educacional brasileiro. Para empreender tal tarefa, os autores examinaram periódicos especializados em educação, teses, dissertações, livros, trabalhos apresentados em congressos, além da bibliografia de cursos universitários, no período compreendido entre 1971 a 2000 e, segundo esse estudo, foram localizados 355 trabalhos com referência à obra de Bourdieu.

Há que se dizer da relevância desse estudo ao nos fornecer informações importantes a respeito da variedade de formas de recepção, bem como invenção na leitura que se fez no Brasil das ideias do respectivo sociólogo francês. Além disso, mediante a análise dos textos que fazem referências ao autor, o trabalho de Catani et al (2001) explicita as características da apropriação da teoria bourdieusiana e da incorporação de conceitos e/ou assimilação do pensamento de Bourdieu a partir de três categorias: *apropriação incidental* – caracterizada por referências rápidas ao autor, em que o sociólogo é arrolado nas referências bibliográficas, mas não aparece mencionado no corpo do texto; *apropriação conceitual tópica* – caracterizada por deixar entrever a utilização, não sistemática, de citações e eventualmente de conceitos do autor, como capital cultural, por exemplo; e *apropriação do modo de trabalho* – constituindo-se em maneiras de apropriação reveladoras da utilização sistemática de noções e conceitos de Bourdieu, tais como “campo”, “*habitus*”, “estratégia”, além desses trabalhos mostrarem uma preocupação central com o *modus operandi* da teoria.

Assim, após analisar o estudo de Catani et al (2001) e tendo em vista os objetivos propostos para meu estudo, a investigação acerca dos trabalhos baseados na teoria bourdieusiana foi realizada a partir do critério da *apropriação do modo de trabalho* de Bourdieu, no qual minha pesquisa encontra-se situada. Então, realizei consultas na plataforma ‘Biblioteca digital de teses e dissertações’¹⁵ disponibilizada pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), por ali congregar bancos de dados digitais de universidades de todo o país. Por meio desse recurso virtual, inicialmente procurei por dissertações de mestrado e teses de doutorado defendidas no período entre 1999 e 2008, as quais continham a teoria de Bourdieu como referencial teórico e, desse modo, encontrei um total de 845 trabalhos realizados em diferentes áreas como sociologia, saúde, filosofia, economia, dentre eles, 277 produzidos na área da educação.

ANO	TESES E DISSERTAÇÕES EM ÁREAS DIVERSAS	TESES E DISSERTAÇÕES NA ÁREA DA EDUCAÇÃO	TOTAL DE PESQUISAS POR ANO
1999	24	07	31
2000	28	12	40
2001	34	11	45
2002	29	14	43
2003	45	19	64
2004	65	27	92
2005	75	29	104
2006	75	42	117
2007	104	56	160
2008	89	60	149

Quadro 1 - Teses e dissertações produzidas a partir da teoria bourdieusiana, no período 1999 – 2008.

Cabe observar o número crescente dos trabalhos de mestrado e doutorado produzidos no Brasil com o suporte teórico de Pierre Bourdieu, os quais atingiram um ápice no ano de 2007, tanto em áreas diferentes do conhecimento quanto na esfera educacional, na tentativa de explicar os fenômenos escolares direta e/ou indiretamente.

Porém, como minha investigação bibliográfica foi realizada no primeiro semestre do ano de 2009, obviamente a Plataforma Capes não dispunha das teses defendidas (ou que seriam defendidas) nesse ano, visto que esses dados levam meses para serem anexados ao portal de pesquisa. Portanto, no início do ano de 2010, recorri novamente à biblioteca digital de modo a conseguir o acesso às teses e dissertações, com referencial teórico baseado nos estudos de Bourdieu defendidas no ano de 2009.

Para tanto, optei por refinar minha pesquisa buscando trabalhos produzidos na mesma área de concentração em que meu estudo está sendo realizado, ou seja, no âmbito da educação, de modo que os mesmos pudessem contribuir com a discussão aqui proposta. Dessa maneira, encontrei 43 teses e dissertações defendidas em 18 universidades do país, somente no ano de 2009.

UNIVERSIDADE	NÚMERO DE TESES E DISSERTAÇÕES
Universidade Estadual Paulista - UNESP	03
Universidade Federal de São Carlos - UFSCAR	01
Universidade de São Paulo - USP	06
Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP	02
Pontifícia Universidade Católica - PUC – SP/ RJ/ RS/ Campinas	12
Universidade Metodista de São Paulo	01
Universidade de Brasília - UnB	01
Universidade Católica de Santos - SP	01
Universidade Federal do Maranhão	04
Universidade Federal de Pernambuco	01
Universidade Federal do Ceará	03
Universidade Federal do Rio Grande do Sul	01
Universidade Federal de Sergipe	02
Universidade Federal de Uberlândia - MG	01
Universidade Federal de Goiás	01
Universidade Federal de Pelotas - RS	01
Universidade Federal de Santa Maria - RS	01
Universidade Regional de Blumenau - SC	01

Quadro 2 - Teses e dissertações produzidas a partir da teoria bourdieusiana, em diferentes universidades do Brasil no ano de 2009.

Pode-se observar que os campi da PUC e da USP são as instituições que mais produziram, no ano analisado, trabalhos a partir da teoria bourdieusiana, seguidos da Federal do Maranhão, Federal do Ceará e UNESP.

Após realizar uma primeira leitura dos resumos das pesquisas encontradas, percebi o número reduzido de trabalhos que se aproximam de meus objetivos e constatei que nenhum deles teceu considerações a respeito da utilização da contação de histórias na escola e/ou em casa para a aquisição de capital cultural do aluno.

Contudo cabe o destaque para dois trabalhos: a pesquisa de doutoramento em educação pela PUC-SP de Mônica Fátima Valenzi Mendes defendida no ano de 2006 e a tese de doutorado de Maria Helena Bertolini Bezerra defendida em 2009, também pela PUC-SP, uma vez que ambas trazem discussões muito relevantes, as quais vem ao encontro de minhas ideias e contribuem para o desenvolvimento dessa investigação.

Em sua pesquisa, Mendes (2006) analisa o projeto “Sala de Leitura” da Rede Municipal de Ensino da cidade de São Paulo como um espaço/tempo de inovação da escola, o qual resistiu às discontinuidades políticas pelas quais passou a administração da capital paulista, pontuando as três últimas décadas do século XX. Investigando as relações entre escola e cultura, principalmente no que diz respeito à prática da leitura, a autora detectou

mudanças reais na escola e na configuração de um novo professor que atua nessas salas de leitura, além de salientar facetas da cultura em que são flagrados aspectos de reprodução, bem como a construção de novos significados no que constitui a produção da cultura, em sua natureza criativa.

Segundo a autora, a prática social da leitura está relacionada com o capital cultural em seu estado incorporado, isto é, as crianças que nascem em famílias nas quais a leitura faz parte da vida cotidiana serão iniciadas em ambiente letrado desde a mais tenra idade e receberão um patrimônio hereditário transmitido de forma inconsciente, invisível e dissimulado e, ainda, terão a oportunidade de acumular mais leituras na forma de capital cultural por meio do trabalho de inculcação e assimilação proporcionado pela escola. Dessa maneira, essas crianças terão constituído *habitus* primário (por meio dos investimentos da família) e *habitus* secundário, a partir do trabalho realizado pela escola.

Porém, as crianças provenientes de famílias que não possuem a prática social da leitura ou condição de acesso a esses bens, como os livros, só terão a oportunidade de tomá-la como capital cultural se receberem um trabalho pedagógico secundário, ou seja, sobremaneira na escola, em que lhe seja inculcado tal capital. Esse processo levará tempo de investimento e exigirá méritos na aquisição.

Mendes (2006) afirma que, em sua pesquisa, o capital cultural no estado objetivado está definido na forma dos materiais de leitura, principalmente no livro. Dessa maneira, o livro é transmissível em sua materialidade, tanto quanto o capital econômico, como apropriação material e, quanto capital cultural, como apropriação simbólica. Isso significa que, para ter livros, é preciso possuir capital econômico aliado ao valor atribuído a esse material, porém, somente ao lê-los é que se adquire o capital cultural neles registrados.

Por fim, ressalta que a prática da leitura está atrelada tanto à mudança social, quanto cultural, sobretudo naquilo que decorre das redefinições políticas. Assim, sempre existiu um dominante presente nas deliberações do sistema de ensino municipal estudado, no que se referiu às orientações para as atividades que deveriam ser realizadas nas salas de leitura. Além disso, os dominados, professores, pais, e alunos acabavam encarando naturalmente as prescrições e até acreditando que as mesmas eram necessárias, assim pensam que estão fazendo escolhas autônomas, quando, na verdade, estão inseridos em contextos políticos e sociais determinados.

Contudo, ainda segundo a autora, a análise final dos dados exigiu apontar a dinâmica do processo que implicou mudança cultural nas escolas e na rede de ensino, bem como mudanças sociais. Dessa maneira, salienta a relevância do trabalho realizado nas salas de

leitura, considerando o seu potencial de mudança social, quando suas práticas ultrapassam os muros da escola e chegam às casas dos alunos das classes menos favorecidas, como uma possibilidade de alterar gradativamente experiências familiares, estabelecendo novas grades culturais, experiências ulteriores enriquecidas para gerações que não tiveram acesso anterior.

No que concerne ao trabalho de doutoramento de Bezerra (2009), a pesquisadora inicia seus estudos a partir da indagação: a escola forma ou “enforma” o leitor? Então, para responder a essa questão norteadora, realiza uma análise das ações escolares dos professores dos quatro primeiros anos do Ensino Fundamental de uma escola da rede municipal de ensino da cidade de São Paulo, tendo em vista apreender se o desenvolvimento das diversas atividades escolares nos múltiplos espaços de realização das aulas indica efetivamente o processo de constituição do leitor.

Para tanto, a autora considerou as discussões realizadas pela sociologia da Educação, em que a leitura e a escrita aparecem como definidoras do modo específico de socialização das sociedades modernas, sendo a escola o principal meio para a constituição do leitor. Assim, os estudos de Gimeno Sacristán¹⁶ e Pierre Bourdieu, entre outros, forneceram o suporte teórico para o desenvolvimento da pesquisa em questão.

Ao tratar da formação do leitor, Bezerra (2009) enfatiza que é preciso pensar no leitor pleno, ou seja, aquele que, diante de uma infinidade de textos que circulam socialmente, consegue compreender o que leu, estabelecendo variadas relações possíveis, como a produção de sentidos. Nesse contexto, a autora apresenta duas distinções para o entendimento do que seja um leitor. A primeira distinção ultrapassa o significado da alfabetização, sendo considerada apenas mais uma das habilidades para quem vive em uma sociedade cuja escrita é um sistema simbólico, utilizada nas práticas sociais e, nesse caso, parte-se do princípio de que o sujeito é leitor, mesmo não alfabetizado, uma vez que está inserido socialmente em práticas de leitura e escrita.

A segunda distinção se expressa nas representações sociais ao distinguir o leitor, do não leitor, a partir da capacidade que os sujeitos tem diante das obras literárias. Nesse sentido, entende-se o leitor como aquele que desenvolveu o hábito pela leitura e o não leitor como aquele que, embora sabendo decifrar os códigos da escrita, não lê as obras classificadas socialmente como importantes de serem lidas porque não desenvolveu essa capacidade ou potencialidade, uma vez que a referida capacidade deve ser desenvolvida nos indivíduos, a

¹⁶ GIMENO SACRISTÁN, J. **Educar e conviver na cultura global**. Porto Alegre: Artmed, 2002; e GIMENO SACRISTÁN, J. **A educação que ainda é possível**. Ensaio sobre uma cultura para educação. Porto Alegre: Artmed, 2007.

partir do meio familiar, dos grupos de convivência, bem como da escola. Assim, apoiando-se no conceito de *habitus* de Bourdieu, a autora considera a aprendizagem da capacidade de ser leitor, não apenas como a aquisição do hábito de leitura, mas aquisição de um conjunto de disposições adquiridas socialmente em relação à leitura e aos livros, com o quê concordamos sem restrições.

Diante desse contexto, no entender da autora, é para a escola que convergem as aspirações sociais para a formação de leitores. Assim, espera-se que as ações escolares em torno da leitura consigam fazer com que as crianças, desde os primeiros anos de escolarização, desenvolvam o gosto pela leitura, isto é, adquiram essas disposições tão valorizadas socialmente. Contudo, a partir da análise dos dados, verificaram-se equívocos nas ações escolares no sentido de prover tais disposições nos alunos, uma vez que esses pouco lêem e pouco escrevem individualmente sobre o que ouvem; dessa maneira, a escola acaba por manter a reprodução da desigualdade com que os alunos chegam de suas famílias.

Nesse estudo constatou-se que a maioria das ações de leitura feitas na escola é pautada em um modo escolar de agir, ou seja, os procedimentos das professoras estão vinculados a um conjunto de práticas que a escola desenvolve desde há muito tempo, em que se privilegiam ações que envolvem fundamentalmente a escrita. Além disso, Bezerra (2009) afirma que as ações sobre leitura eram extremamente frágeis e desconectadas, uma vez que as professoras, nas atividades de leitura com os alunos, não possuíam a clareza nem a dimensão do alcance do que realizavam. Muito do que faziam estava impregnado de um discurso pronto, os quais reproduziam porque passavam a acreditar que realmente funcionava, assim, percebeu-se que havia nas ações escolares de leitura um misto de novas propostas e fortes elementos da tradição reproduzidas ano após ano.

No entanto, a autora ressalta que é no espaço escolar que se produz um sentimento em favor da leitura, acompanhado de um discurso que a consagra, entre os profissionais da escola, como uma boa característica a ser aprendida, discurso que se reflete na opinião dos pais e dos alunos. Desse modo, apesar de concluir que a escola “enforma” o leitor, no sentido de que se produz, e mal, o leitor escolar e não o leitor esperado, capaz de transitar por vários tipos de texto de modo a fazer escolhas, ainda assim, ao finalizar seu estudo, a autora afirma que não se isenta e nem se exclui a escola de vivenciar outras possibilidades, de modo a fazer outras escolhas.

Contudo, tendo em vista a pouca incidência de trabalhos de pesquisas de mestrado e doutorado que partilham de minha vertente investigativa, principalmente no que se refere ao tema da contação de histórias como uma alternativa para a aquisição do capital cultural, optei

por buscar em periódicos, de âmbito nacional, nas diversas áreas do conhecimento, principalmente no campo educacional, o que vem sendo pesquisado a partir da teoria bourdieusiana, sobretudo trabalhos que se apresentassem como interlocutores teóricos, os quais pudessem contribuir com minha investigação. Cabe salientar que o recorte temporal com que trabalhei diz respeito à década 1999 – 2009 e, reitera-se, o critério para analisar os artigos encontrados partiu do trabalho de Catani et al (2001).

Vale dizer que nesse estudo, as fontes de pesquisa foram o Portal de Periódicos da Plataforma Capes, por meio do *Scielo* – Scientific Electronic Library Online, além da Base de Dados Bibliográfica da BAMP – Biblioteca Ana Maria Poppovic, pertencente à Fundação Carlos Chagas¹⁷.

Como se pode observar, a partir do quadro na página seguinte, foram localizados 35 periódicos nacionais, nos quais somam-se 83 trabalhos publicados, na última década, a partir da temática estudada, em diferentes campos, tais como: enfermagem, sociologia, economia, antropologia, administração de empresas, história, psicologia e política. Tal fato evidencia a utilidade, ou melhor, a fertilidade dos estudos de Bourdieu para diversificadas áreas da produção do conhecimento, inclusive na esfera da saúde, com um significativo número de trabalhos publicados.

¹⁷ Para maiores esclarecimentos: Scielo – Disponível em <http://www.scielo.br> e BAMP – Disponível em <http://www.fcc.org.br/biblioteca/>.

Nome do Periódico	Quantidade de publicações
Revista Texto & Contexto – Enfermagem	05
Revista Tempo Social	09
Revista Sociologias	01
Revista Sociedade e Estado	04
Revista Saúde e Sociedade	02
Revista de Sociologia e Política	09
Revista de Economia Política	01
Revista de Antropologia	01
Revista de Administração de Empresas	01
Revista de Administração Pública	01
Revista de Administração Contemporânea	02
Revista da Escola Enfermagem - USP	05
Revista Latino-Americana de Enfermagem	01
Revista Brasileira de Enfermagem	06
Revista Brasileira de Ciências Sociais	03
Revista Religião & Sociedade	01
Revista Psicologia: Reflexiva e Crítica	01
Revista Psicologia em Estudo	01
Revista Psicologia Clínica	01
Revista Psicologia & Sociedade	01
Physis: Revista de Saúde Coletiva	01
Revista Paidéia - USP (Ribeirão Preto)	01
Revista Novos Estudos	01
Revista Mana - UFRJ	03
Lua Nova: Revista de Cultura e Política	02
Revista Interface – Comunicação, Saúde, Educação	02
Revista História, Ciências, Saúde	01
Revista Estudos Afro – Asiáticos	06
Revista Ciência da Informação	01
Revista Ciência & Saúde Coletiva	02
Cadernos de Saúde Pública	03
Cadernos Pagu – UNICAMP	01
Cadernos EBAPE.BR – FGV	01
Caderno CRH – UFBA	01
Revista Ambiente & Sociedade	01

Quadro 3 - Periódicos nacionais com trabalhos produzidos a partir da teoria bourdieusiana, em diferentes áreas do conhecimento, no período 1999 - 2009.

No que consiste à publicação de artigos na área da educação, subsidiados a partir da teoria bourdieusiana, no período mencionado, a consulta ao banco de dados evidenciou 16 periódicos de circulação nacional, amplamente reconhecidos, com um total de 67 trabalhos publicados. Quanto ao número de publicações, destaca-se em primeiro lugar a revista **Educação & Linguagem** com 15 trabalhos publicados; em segundo lugar aparecem os **Cadernos de Pesquisa** e a revista **Educação & Sociedade** com 09 artigos publicados em

cada periódico, seguidos pela **Revista Brasileira de Educação** com 07 artigos, conforme podemos observar pelo quadro a seguir:

NOME DO PERIÓDICO	NÚMERO DE ARTIGOS PUBLICADOS
Cadernos de Pesquisa	09
Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos	03
Educação em Questão	01
Cadernos CEDES	01
Revista Educação & Realidade	03
Revista Educação & Sociedade	09
Eccos – Revista Científica	02
Revista Brasileira de Educação	07
Contexto e Educação	02
Revista Educação e Pesquisa – FE-USP	02
Revista Educação em Debate	01
Educação em Revista	03
Educação & Linguagem	15
Revista Perspectiva - UFSC	04
Revista Brasileira de História da Educação	02
Revista do Centro de Educação – UF-Santa Maria	03

Quadro 4 - Periódicos nacionais da área educacional, com trabalhos produzidos a partir da teoria bourdieusiana, no período 1999 - 2009.

Cabe informar que os temas com maior incidência elencados pelas pesquisas publicadas nos periódicos consultados relacionam-se, principalmente, com a formação de professores e o trabalho docente, com enfoques para o *habitus* e capital cultural dos mesmos, em seguida, apresentam-se artigos que retratam desigualdades sociais e de oportunidades educacionais, escola e reprodução, trajetórias de estudantes, práticas de ensino, capital cultural e *habitus* dos alunos.

Há que se destacar a revista **Educação & Linguagem**¹⁸, que no ano de 2007 publicou uma edição inteira dedicada aos estudos de Pierre Bourdieu. Segundo o *Editorial* da revista, escrito pelo Prof. Dr. Elydio dos Santos Neto, este número traz um dossiê rico e provocativo, organizado pelos docentes-pesquisadores Ana Paula Hey, Décio Azevedo Marques de Saes e Afrânio Mendes Catani, que colocam em evidência a obra do eminente sociólogo francês

¹⁸ A revista *Educação & Linguagem* é uma publicação do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Metodista de São Paulo, apresenta-se como periódico semestral, comprometido com a pesquisa acadêmica e contribuindo para a divulgação de trabalhos relacionados às políticas e práticas sociais da Educação em suas múltiplas linguagens. *Educação & Linguagem* em sua primeira parte, na forma de Dossiê, traz artigos organizados sob uma temática de interesse não apenas para a área da Educação, como também para outras áreas, com a contribuição de pesquisadores brasileiros de várias regiões do país e contando com autores internacionais, sempre que o debate assim o exija. Para mais informações, a edição da revista sobre Bourdieu encontra-se disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/EL/issue/view/10>.

Pierre Bourdieu. O dossiê, intitulado *Pierre Bourdieu, o fazer sociológico e a reflexão acadêmica*, tem por objetivo estimular o conhecimento da produção intelectual deste sociólogo e a apropriação de seu fazer sociológico, ao mesmo tempo em que pretende favorecer a ultrapassagem da simples utilização tópica das noções por ele construídas. Ainda, conforme o *Editorial*, esta é uma forma de reconhecer a importância de Bourdieu, de modo especial para o campo da educação, e também de prestar uma justa homenagem por meio de uma reflexão que aprofunda e questiona suas ideias.

Os seguintes autores participam do dossiê: o próprio Pierre Bourdieu; Loïc Wacquant, da Universidade da Califórnia-Berkeley e pesquisador no Centro de Sociologia Européia/EHESS (Paris); Afrânio Mendes Catani da Faculdade de Educação (graduação e pós-graduação) e do Programa de Pós-Graduação em América Latina (PROLAM), ambos da USP; Ana Paula Hey, do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Metodista de São Paulo; Décio de Azevedo Marques, do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Metodista de São Paulo e Telmo H. Caria, da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro e do Centro de Investigação e Intervenção Educativas na Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação do Porto (Portugal), de acordo com o referido Editorial.

Ressalto o artigo *As Ciências Sociais e a Filosofia*, escrito por Bourdieu (2007), que abre o dossiê. Em seu texto, o autor faz uma discussão sobre a relação entre a Filosofia e as Ciências Sociais, chamando a atenção sobre a condição histórica e social da Filosofia, e, ainda, sobre a necessidade de considerar as condições objetivas de sua produção, sem as quais corre-se o risco da repetição vazia de conceitos instituídos que, assim, perdem a força para ajudar a fundar visões indagativas, compreensivas e instituintes dos mundos que estamos construindo. Exatamente por isso é que minha pesquisa não pode sobreviver sem dados empíricos.

Contudo, essa tarefa a que me propus revelou-me que, apesar do número dos trabalhos produzidos a partir da teoria do sociólogo francês, na última década, estarem em constante crescimento e alguns versarem a respeito das mesmas categorias com que trabalho, quais sejam: *habitus* e capital cultural, não localizei nenhum estudo que tenha como fonte a aquisição do capital cultural por meio de uma atividade como o Conto-Reconto de histórias.

Porém, o artigo de Elaine Scarlatto e Marilda da Silva, publicado pela Revista **Educação**, da Universidade Federal de Santa Maria, intitulado: *A educação complementar em Araraquara-SP: uma oportunidade de reestruturação do *habitus* para as classes populares*; constituiu-se importante para minha investigação por fornecer elementos que apontam para a

mesma direção em que estou caminhando, isto é, o da aquisição de capital cultural e a consequente reestruturação do *habitus* de crianças das classes populares, a partir de práticas pedagógico-culturais fornecidas no âmbito da educação escolarizada.

Em seu estudo, Scarlatto e Silva (2008) analisam o trabalho pedagógico realizado pelo Centro de Educação Complementar Piaquara – CEC Piaquara – situado na cidade de Araraquara-SP. Trata-se de uma instituição educacional não formal que atende crianças e adolescentes com idade entre 07 e 14 anos matriculados e frequentando o Ensino Fundamental, realizando atividades pedagógicas que valorizam a linguagem, por meio da leitura e da escrita, aulas de informática e trabalhos de pesquisa desenvolvidos a partir de projetos, além de promover práticas sócio-culturais, com oficinas de canto, dança, teatro, artes plásticas, recreação e jogos, bem como práticas de organização do cotidiano que compreendem desde os cuidados com a higiene pessoal até atividades de preservação e respeito ao meio ambiente.

De acordo com a análise de documentos e as entrevistas, concluiu-se que o CEC atua direta ou indiretamente de modo a evitar a exploração do trabalho infantil, tirando das ruas as crianças das frações de classe menos favorecidas da população, uma vez que “a criança terá uma ocupação sociocultural-acadêmica a ser experimentada nas ‘sobras’ de tempo diário. E isso lhe traz benefícios de natureza acadêmica que contribuem para o sucesso de seu processo de escolarização de modo geral”. (SCARLATTO e SILVA, 2008, p. 356, grifo das autoras).

Portanto, o estudo em questão, subsidiado pela teoria de Bourdieu, lança mão dos conceitos de capital cultural e *habitus* como noções que podem explicar a importância de projetos que se estruturam para propiciar ao aluno a aquisição de capital cultural, tendo em vista seu *habitus* em sentido geral. Ressalta-se assim, no referido estudo, o discurso favorável e positivo de professores, pais e alunos, no que diz respeito às atividades desenvolvidas no CEC, uma vez que as práticas pedagógicas fornecidas por essa instituição repercutem em perspectivas futuras de melhoria escolar e social.

Nessa perspectiva, não se trata, obviamente, de minimizar a importância dos trabalhos até então produzidos com a mesma vertente investigativa que possuo, contudo há que se dizer que, com meu estudo, insisto na necessidade de pesquisas que investiguem a importância da contação de histórias para as crianças, sob uma ótica que se considerou pouco explorada, pois pude notar que não são frequentes pesquisas que tragam preocupações voltadas para o entendimento/reconhecimento da prática da contação de histórias como um possível caminho para a aquisição de capital cultural, para a formação de leitores e escritores, ou seja, para a vida, como tenho concebido esse recurso didático.

SEGUNDA PARTE

CONCLUINDO O MÉTODO

2.1- Uma descrição das EMEIs de Matão-SP: contextualizando o objeto

A cidade de Matão está localizada na região nordeste do estado de São Paulo, a 300 Km da capital paulista e a 30 Km de Araraquara. O município é cortado por duas importantes rodovias estaduais: a SP-310-Washington Luiz e a SP-326-Brigadeiro Faria Lima. Em suas divisas encontram-se seis municípios: Araraquara, Nova Europa, Tabatinga, Itápolis, Taquaritinga e Dobrada.

De acordo com as informações obtidas do Seade (2008) e IBGE (2010), a cidade de Matão possui uma área de 527 Km², com uma estimativa populacional de aproximadamente 78.000 habitantes, com uma população urbana composta por 74.870 habitantes e a rural 2.369. Apresenta densidade demográfica perto de 148,02 habitantes/km², sendo 22% da população com menos de 15 anos de idade. No que diz respeito às condições de vida e saúde, no ano de 2007, a taxa de natalidade (por mil habitantes) era de 12,39% e a taxa de mortalidade infantil (por mil nascidos vivos) somava-se 10%. Acerca do Índice Paulista de Responsabilidade Social - IPRS, (o qual abrange quesitos como dimensão de riqueza, longevidade e escolaridade da população), de acordo com o último levantamento realizado no ano de 2006, a cidade de Matão enquadra-se no grupo 1, ou seja, pertence ao rol de municípios com nível elevado de riqueza e bons níveis nos indicadores sociais.

A primeira escola da cidade de Matão-SP, conforme os estudos de Leite (1992)¹⁹, foi criada no dia 15 de agosto de 1901. A frente da mesma estiveram as seguintes professoras: Sr^a Rosa Cândida de Andrade Silveira, Sr^a Francisca Emília da Fonseca, Sr^a Aurélia Marques de Carvalho, Sr^a Maria Eliza Morato e Sr^a Ignês da Silva Coelho.

¹⁹ Tendo em vista obter informações a respeito do histórico da cidade de Matão-SP e de suas escolas fiz uso da obra “Uma história para Matão” escrita por Azor Silveira Leite, professor e historiador reconhecidamente empenhado em estudar a história da cidade, além de ter realizado seu trabalho com maestria enquanto docente e colaborado para o desenvolvimento da educação em Matão-SP, fatores que o conduziram a receber o título de “Honra ao Mérito” no ano de 1995, por meio de requerimento de um terço dos componentes da Câmara Municipal da cidade, como se pode observar no Anexo A.



“A escola começa o processo de educação dentro de casa, 'nos joelhos da mãe', continua na igreja sob a orientação da catequista, visando oferecer ao menino e à menina uma primeira responsabilidade perante Deus e perante a família. Atinge momento culminante na hora da 1ª Eucaristia” (LEITE, 1992, p.152).

Figura 1- Turma da Primeira Eucaristia (sem data definida)
Fonte: LEITE (1992)

No dia 03 de janeiro de 1906 foi criada a primeira escola estadual de Matão, sendo nomeado para regê-la o professor Justino Marcondes Rangel. Assim, o ano de 1908 marca, definitivamente, a instalação de um processo educacional conforme a Lei n.1, de 16 de janeiro, instalando a Escolas Reunidas, a qual, a partir de 1911, passou a ser denominada Grupo Escolar de Matão, o famoso “Grupão” para os mais antigos.



Figura 2- Fachada do antigo Grupo Escolar de Matão
Fonte: LEITE (1992)

Ainda, conforme Leite (1992), no ano de 1947, mais precisamente no dia 15 de janeiro, era publicado no Diário Oficial do Estado o Decreto n. 16.720, dando denominação ao “Grupão” de Grupo Escolar “José Inocêncio da Costa”, considerada como a mais antiga escola em funcionamento da cidade.



“Em 1929, o 4º ano feminino, sob regência da professora Yolanda Coelho de Toledo tirou esta foto, tendo como diretor do Grupão o Professor João de Souza Ferraz e, como inspetor, o Professor Sizenando da Rocha Leite” (LEITE, 1992, p.152).

Figura 3- Turma do 4º Ano Feminino em 1929
Fonte: LEITE (1992)

De lá para cá, segundo as informações fornecidas pelo atual Secretário Municipal de Educação, o qual atua nessa função pelo terceiro mandato – primeiro: de 1997 a 2000; segundo: de 2005 a 2008; e terceiro: de 2009 a 2012 – no ano de 2009, a rede de ensino da cidade de Matão apresentava-se composta por: seis escolas municipais de Ensino Fundamental (sendo três delas localizadas na zona rural), uma escola municipal de Ensino Fundamental, Ensino Médio e Médio Profissionalizante, vinte escolas municipais de Educação Infantil (EMEI), dezessete unidades municipais de creche, quinze escolas estaduais de Ensino Fundamental, uma escola técnica estadual que oferece Ensino Médio Profissionalizante, uma unidade Sesi e uma unidade Senai, mantidas pela indústria, sete escolas particulares de Educação Infantil e Ensino Fundamental, além de duas Faculdades, sendo uma privada e a outra mantida pelo Poder Público Municipal.

Atualmente, a maior escola municipal de Matão possui um quadro formado por 106 professores e aproximadamente 1.500 alunos, os quais são atendidos nos períodos matutino, vespertino e noturno, uma vez que a escola oferece, além do Ensino Fundamental e Médio, também o Ensino Médio Profissional em Informática e Química.

Em entrevista realizada no dia 12/02/09 com o Secretário de Finanças da Prefeitura Municipal, o município de Matão aplicou na Educação (Ensino Fundamental, Educação Infantil e Ensino Especial) no ano de 2007, mais de 27 milhões de reais e no ano de 2008, quase 31 milhões. Para maiores esclarecimentos, as planilhas de gastos com a educação do município de Matão-SP encontram-se nos Anexos B e C.

Há que se dizer ainda que, de acordo com os índices estatísticos do IBGE, no ano 2000²⁰, a taxa de analfabetismo da população de 15 anos (e mais) era de 8,5%. A média de anos de estudos da população entre 15 e 64 anos somava-se 6,97%, além da taxa referente à escolarização estar compreendida, no Ensino Fundamental, em 94% da população da cidade, em que 58% apresenta Ensino Médio completo.

No que se refere especificamente às Escolas Municipais de Educação Infantil (EMEI) da cidade de Matão-SP, cabe dizer que as mesmas são mantidas pelo Poder Público Municipal e administradas pela Secretaria Municipal de Educação e Cultura, por meio do Departamento de Educação, Divisão de Pré-Escola, com base nos dispositivos constitucionais vigentes, entre eles a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, os Referenciais Curriculares para a Educação Infantil e o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA).



“1º Jardim de Infância de Matão – antecedeu, com seus objetivos e finalidades, as atuais EMEIs – Escolas Municipais de Educação Infantil. Dona Catha Gerdes e Dona Olga Vezzani – professoras eméritas dos anos de 1930/1940, que sempre haverão de estar na lembrança de muitos matonenses” (LEITE, 1992, p.157).

Figura 4- Primeira Turma do Jardim de Infância (sem data definida).
Fonte: LEITE (1992)

A primeira EMEI da cidade de Matão, Profª Vera Gonçalves de Mattos, foi legalizada e autorizada a funcionar pelo parecer da CEE nº 78/85, conforme publicação de 02/02/1985. Porém, conforme informações coletadas junto ao Departamento de Recursos Humanos da Prefeitura Municipal, antes da década de 1980, as Escolas de Educação Infantil da cidade não possuíam o nome de EMEIs, pois o município apresentava escolas denominadas “primárias”, com turmas de Jardim da Infância, desde a década de 1940, as quais eram mantidas pelo

²⁰ Apesar do último Censo Demográfico no Brasil ter acontecido no ano de 2010, os dados expostos até então, datados em 04/11/2010, referem-se ao índice populacional, não evidenciando, ainda, outros índices como taxa de analfabetismo e/ou escolarização das populações. Portanto, o ano 2000 apresenta-se como referência, diferentemente da contagem da população das cidades do estado de São Paulo e demais índices, em que, também, pudemos ter como parâmetro o ano base de 2008.

Governo do Estado e administradas pelo Poder Público Municipal por meio de convênios que se firmavam entre Estado e município, uma vez que o Estado ficava incumbido do repasse das verbas destinado à Educação.



Figura 5- Professora Catharina Toledo Gerdis, Dona Catha, com sua turma de alunos do Jardim da Infância, no ano de 1947

Fonte: MEMORIAL das Escolas Municipais de Educação Infantil de Matão (2008)

Verifiquei junto à Secretaria Municipal de Educação que, no ano de 2009, a cidade de Matão possuía 20 EMEIs, com 165 docentes que atendem cerca de 2300 crianças de quatro a seis anos. No entanto, conforme a reformulação proposta pelo MEC para o ano de 2006²¹, desde o início do referido ano letivo, as EMEIs têm recebido alunos a partir dos três anos de idade completos. Em termos de capital cultural, desvelaremos as contribuições dessas escolas de educação infantil à formação de seus alunos.

No que concerne à estrutura física, a maioria das EMEIs são compostas por: salas de aula, banheiros feminino e masculino, cozinha, pátio com mesas para refeitório, sala de leitura jogos, sala da diretora / secretaria, banheiro dos professores e funcionários e *playground*.

²¹ O novo regime de ensino aprovado pelo Ministério da Educação (MEC), Lei nº 11.274 de 06 de fevereiro de 2006 altera a redação dos artigos 29, 30, 32 e 87 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) nº 9394/96, dispondo sobre a duração mínima de 9 (nove) anos para o Ensino Fundamental, organizado em Anos Iniciais, do 1º ao 5º ano, e em Anos Finais, do 6º ao 9º ano, com matrícula obrigatória de crianças a partir dos 6 (seis) anos de idade. Escolas públicas e privadas deveriam se adaptar ao novo formato até 2010. Desse modo, a Educação Infantil atenderá crianças até 5 anos e 11 meses de idade ficando dividida em: Creche – de 0 a 3 anos de idade, e Pré-Escola – 4 e 5 anos de idade e o Ensino Fundamental, com duração de nove anos, atenderá crianças de 6 até 14 anos de idade. Vide, no Anexo D, o quadro da faixa etária das crianças atendidas nas EMEIs de Matão até o ano letivo de 2009.

As figuras 6 e 7 ilustram duas salas de aula de EMEIs atuais, com as mesas e cadeiras dispostas conforme a atividade a ser realizada pela professora.



Figura 6- Sala de aula de uma EMEI atual – vazia
Fonte: Espaço Físico Modificado (2006)



Figura 7- Sala de aula de uma EMEI atual – com professora e alunos
Fonte: Espaço Físico Modificado (2006)

A partir do início do ano de 2006, em algumas dessas escolas foram implantados cantinhos de atividades diversificadas, como, por exemplo, o cantinho da leitura, o cantinho do faz-de-conta, os quais objetivam propiciar o desenvolvimento da autonomia das crianças, bem como possibilitar a interação entre as mesmas, por meio da observação do outro e/ou pela troca de experiências entre os alunos. Assim sendo, o cantinho da leitura desenvolve nos alunos o gosto pela leitura e pela escrita? ²²



Figura 8- Cantinho da leitura
Fonte: Espaço Físico Modificado (2006)

²² Maiores informações a respeito dos cantinhos diversificados constam do Anexo E.

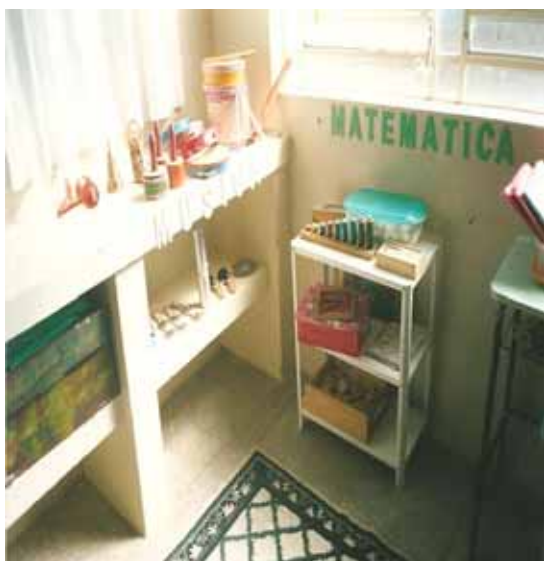


Figura 9- Cantinho da música e cantinho da matemática
Fonte: Espaço Físico Modificado (2006)



Figura 10- Cantinho do Brinquedo
Fonte: Espaço Físico Modificado (2006)

No segundo semestre do ano letivo de 2006, após a observação dos significativos resultados com os cantinhos, gradativamente, foram implantadas nas EMEIs as salas ambiente em lugar das salas de aula convencionais. Estas salas foram divididas em: sala de Língua Portuguesa e Matemática; sala de Ciências, História e Geografia; sala do faz-de-conta, jogos e Artes; e sala da biblioteca e vídeo. O tempo de permanência em cada sala ambiente está ligado à grade de horários pré-estabelecidos em cada escola, de maneira que as classes possam se deslocar com as professoras numa espécie de rodízio, além disso, o tempo e as atividades a serem realizadas são planejados e propostos de maneira a despertar o interesse das crianças em aprender cada vez mais.

De acordo com o documento denominado Espaço Físico Modificado, elaborado pela equipe de assessoria pedagógica das EMEIs:

O ambiente infantil deve ser planejado para facilitar o trabalho do educador de tal forma que satisfaça as necessidades das crianças, promovendo o seu desenvolvimento.[...]

Áreas de diferentes tamanhos dentro do mesmo espaço oferecem oportunidades tanto para atividades isoladas quanto em grupos. As áreas semi-fechadas permitem à criança que se relacione em pequenos grupos, podendo expressar sentimentos como: carinho, proteção, ciúme, raiva e outros. Os lugares com cadeiras pequenas, almofadas macias, tapetes, permitem à criança descansar mais afastada, ler e folhear um livro, enquanto observa o grupo.

Foi pensando em tudo isso que nós educadores fizemos modificações nos espaços físicos, contribuindo assim para melhorar a qualidade do atendimento oferecido às crianças, o que conseqüentemente favoreceu um melhor desenvolvimento físico, cognitivo, social e emocional. (MATÃO, 2006, folha de rosto).



Figura 11- Sala ambiente de Ciências, História e Geografia
Fonte: Espaço Físico Modificado (2006)



Figura 12- Sala ambiente de Língua Portuguesa e Matemática
Fonte: Espaço Físico Modificado (2006)

Conforme a Diretora da Divisão de Pré-Escola, a qual atua nessa função desde o ano de 2005, assumindo pela primeira vez esse cargo na gestão 1997-2000, o espaço das salas de aula das EMEIs, mesmo as salas convencionais, sempre foi organizado pensando em proporcionar à criança um ambiente alfabetizador, composto por diferentes gêneros textuais como parlendas, trava-línguas, poesias, os quais eram escritos em letra bastão maiúscula, em cartazes dispostos nas paredes das salas. Além disso, o quadro numérico de 0 a 50, quadro com os nomes dos alunos da classe, lista com os dias da semana e meses do ano também compunham essas salas de aula.

Posteriormente, como já mencionei, a partir do ano de 2006 a equipe de assessoria pedagógica das EMEIs propôs a montagem de cantinhos nas salas de aula, analisando a disposição das mesas de modo que as crianças não ficassem de costas para a lousa, promovendo maior interação do grupo (mesas em U ou em L, por exemplo). Dessa forma aumentava-se também o espaço livre na sala de aula para os momentos de roda e brincadeiras. Assim, gradativamente, os cantinhos do faz de conta com espelho, cantinho de jogos e da biblioteca começaram a ser adaptados às salas de aula.

A partir da observação do trabalho realizado com os cantinhos diversificados nas salas de aula, novas mudanças foram implantadas, então, das vinte unidades de Educação Infantil do município, nove delas foram preparadas com as salas ambiente, reitera-se, sala específica para atividades de língua portuguesa e matemática, outra para história, geografia e ciências e uma sala do faz de conta – com jogos, brinquedos e fantasias.

Ainda, segundo as informações oferecidas pela Diretora da Divisão de Pré-Escola, dentre os objetivos das salas ambiente, destacam-se: 1) tornar o espaço da sala de aula ativo e auxiliador do processo educacional, em que o professor prepara o ambiente para que a criança aprenda de forma mais ativa, na interação com as outras crianças e adultos; 2) possibilitar o desenvolvimento de atividades diversificadas e simultâneas; 3) dispor e organizar o material de forma acessível à criança, permitindo o uso do mesmo com autonomia. Penso, assim, com Bourdieu que, sobretudo os objetivos 1 e 3, visam formar crianças com gostos voltados à alta cultura.



Figura 13- Sala ambiente do faz-de-conta e jogos
Fonte: Espaço Físico Modificado (2006)

Observei que as salas de aula tem a mesma medida em quinze das vinte EMEIs da cidade, pois, de acordo com o Decreto nº 12.342 do Código Sanitário, uma criança em idade pré-escolar ocupa 1,20 m². Desse modo, o tamanho padrão das salas de aula é de 48 m², ou seja, com capacidade para 40 crianças. Fui até o Departamento de Obras da Prefeitura Municipal de modo a solicitar uma planta das salas das EMEIs, porém tal documento não me foi fornecido.

Segundo o atual Secretário de Educação do Município, no ano de 2009 três unidades de EMEIs foram reformadas e ampliadas, conforme o espaço de cada uma e, para os próximos anos, mais três unidades deverão passar por melhorias nos prédios, de acordo com a necessidade e demanda de alunos de cada escola.

As escolas funcionam nos períodos da manhã (das 7:30h às 11:00h) e no vespertino (das 13:00h às 16:30 horas), apresentando classes de Jardim I (3 e 4 anos), Jardim II (4 e 5 anos) e Pré-Escola (5 e 6 anos). Cada classe tem uma professora e um número máximo de 25 alunos, contanto, as salas de aula comportam 40 crianças. Neste caso, há que se dizer que o número de alunos por sala de aula denota um procedimento responsável por parte do poder público, o que certamente contribui para a qualidade dessas instituições.

O recreio é realizado separadamente, de acordo com a divisão das turmas, e tem uma duração de vinte minutos cada. As crianças não levam lanche, pois recebem a merenda fornecida pela prefeitura, geralmente composta por um bolo, bolacha ou lanche e suco. Vale destacar que tal merenda é elaborada pela nutricionista da Prefeitura Municipal e preparada pelas cozinheiras da Cozinha Piloto do município. Segundo o Secretário de Educação, a merenda é oferecida nas EMEIs desde a implantação das primeiras escolas de Educação Infantil na cidade²³.

Em relação ao material didático-pedagógico, todas as EMEIs possuem coleções de livros infantis, gibis, revistas, jogos educativos, brinquedos, fantasias, filmes e outros materiais que anualmente são fornecidos e renovados pelo Departamento de Educação, conforme o número de alunos de cada escola. No que se refere aos recursos áudio visuais, as escolas contam com televisão, vídeo cassete e/ou aparelho de DVD e aparelho de som. A partir do ano de 2005, as unidades de Educação Infantil começaram a receber dois computadores, fornecidos pela Secretaria de Educação do município, os quais destinam-se

²³ No entanto, não encontrei nenhum documento que confirme a informação oferecida pelo atual Secretário de Educação, por isso a considero genérica, uma vez que o mesmo não tinha a informação precisa do ano em que começou o fornecimento de merenda às escolas de educação infantil do município e isso está sendo dito pois tenho registros iconográficos desde a década de 1930, período que retrata a primeira turma de Jardim de Infância na cidade de Matão-SP, conforme exposto na página 57 deste trabalho.

tanto às diretoras, quanto às professoras, para a preparação das aulas, bem como para a realização de pesquisas e atividades com os alunos. Todas as escolas possuem Associação de Pais e Mestres que, no decorrer do ano, realiza bingos, rifas e festas para arrecadar dinheiro que geralmente é destinado à compra de mais materiais e/ou realização de pequenas benfeitorias na escola.

Conforme a Diretora de Divisão de Pré-Escola, o alunado das EMEIs é bastante heterogêneo, composto por filhos de trabalhadores da indústria e do comércio, profissionais autônomos (pedreiros, eletricitas, motoristas), além de filhos de empregados domésticos e trabalhadores rurais. Portanto, de frações de classes distintas. O nível de escolaridade dos pais dos alunos abrange apenas o Ensino Fundamental, com uma pequena parcela apresentando Ensino Médio completo. Contudo, não há nas EMEIs nenhuma documentação na qual estejam devidamente registradas informações referentes ao emprego e/ou nível de escolarização dos pais dos alunos, isso talvez possa ser explicado pelo fato de que, para matricular a criança na EMEI²⁴, os pais não precisam declarar, por meio de documento, se estão trabalhando ou não, exceto no caso de matrícula nas Creches.

Ao terminar a pré-escola, as crianças iniciam o Ensino Fundamental nas escolas estaduais e outras conseguem vaga, de acordo com o bairro em que moram, em uma das sete escolas municipais, sendo três dessas escolas pertencentes à zona rural do município, todas muito procuradas e bem conceituadas por pais e alunos. Cabe dizer que não encontrei nenhum estudo referente às diferentes e/ou diferenças entre as escolas municipais e estaduais de Matão-SP. Segundo os pais²⁵ dos alunos das EMEIs, a procura por uma das sete escolas municipais deve-se, sobretudo, ao fato das mesmas apresentarem melhores resultados em relação às escolas estaduais, fato este observado pelo bom rendimento dos filhos mais velhos que estudam nas referidas escolas municipais, quando comparados com os filhos que estudam nas escolas estaduais.

No que diz respeito ao trabalho realizado nas EMEIs por suas professoras, vale dizer que essas escolas dispõem de um Regimento Escolar, Plano de Gestão, Plano Anual de Ensino e Calendário Escolar, os quais direcionam o trabalho em todas as unidades. De acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDB (9394/96), também nas unidades de Educação Infantil do município de Matão o período letivo constitui-se de duzentos dias, com carga horária de oitocentas horas anuais. Além disso, cabe sublinhar que,

²⁴ Para maiores esclarecimentos, encontra-se no Anexo F a ficha de matrícula das EMEIs de Matão-SP.

²⁵ Esta informação também provém de minha atuação como diretora de uma escola que apresenta as modalidades Educação Infantil e Ensino Fundamental durante cinco anos, 2005-2009, fato que me mantinha em contato direto com os pais dos alunos.

de modo a fazer cumprir a referida LDB, as Escolas de Educação Infantil têm por finalidade promover o desenvolvimento integral da criança em seus aspectos físicos, psicológicos, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade. Para tanto, as EMEIs apresentam Quadro Curricular e Proposta Pedagógica que são direcionados pelos Referenciais Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, elaborados pelo MEC no ano de 1998 e abrangem os seguintes eixos: Movimento, Música, Artes Visuais, Linguagem Oral e Escrita, Matemática e Natureza e Sociedade.

Nesse sentido, de acordo com a Proposta Pedagógica para a Educação Infantil do município, o trabalho nessas escolas visa compreender as fases do desenvolvimento infantil, de modo a acompanhar a criança, respeitando seu próprio ritmo, ajudando-a a construir as formas mais elaboradas do conhecimento, desenvolvendo uma imagem positiva de si, atuando de forma cada vez mais independente, com confiança em suas capacidades e percepção de suas limitações. Dessa forma, tal desenvolvimento se dará num processo dinâmico, a partir das interações indissociáveis da criança com o meio físico e social que a permeia.

No que diz respeito aos objetivos da Proposta observa-se o destaque para o entendimento das crianças como indivíduos pertencentes a grupos sociais e, assim, segundo esse documento, o curso de Educação Infantil deve contribuir para a inserção das crianças na sociedade de maneira a atuarem crítica e criativamente. Desse modo, o currículo da pré-escola²⁶ foi elaborado considerando as características específicas das crianças e do momento em que vivem, bem como as interferências do meio que as circundam e os conhecimentos das diferentes áreas, de modo a permitir a articulação da Educação Infantil com o Ensino Fundamental.

Dentre as metas estabelecidas na Proposta Pedagógica em questão, vale ressaltar o item referente à construção de habilidades que propiciem à criança aprender exercitando o pensamento, a atenção e a memória, selecionando informações que possam ser contextualizadas com a realidade em que se vive e expressando-se também por meio de linguagens diferentes, de modo que a escola se transforme em um centro de descobertas e espaço estimulador de projetos solidários e cooperativos.

Quanto às áreas curriculares trabalhadas na Educação Infantil, cabe destaque para o entendimento do conhecimento do Meio Físico e Sócio-Cultural. Nesse sentido, segundo a Proposta Pedagógica das EMEIS:

²⁶ A respeito dos Objetivos na Educação Infantil e Organização do Tempo Didático na Pré-Escola do município de Matão-SP, vide documento na íntegra no Anexo G.

Frequentar uma escola significa tanto aprender a se relacionar com os novos espaços e sujeitos sociais diferentes que fazem parte de uma mesma comunidade, como também aprender uma CULTURA POPULAR, aquilo que faz a originalidade da escola freqüentada.

É também o início do aprendizado de um papel que a criança deverá desempenhar durante muitos anos de sua vida como SER ESTUDANTE. (MATÃO, 2008, folha 3, grifos do autor).

Ainda conforme a referida Proposta cabe ao professor proporcionar situações de conversas, brincadeiras e/ou de aprendizagens orientadas que garantam a interação entre as crianças, de forma que possam se comunicar e se expressar, demonstrando seus modos de agir, pensar, sentir, em um ambiente acolhedor e que propicie a confiança e a auto-estima. Além disso, o professor deve apresentar atividades partindo sempre do interesse da criança, seu estágio de desenvolvimento e do seu mundo cultural, partindo daí para a ampliação de novos conhecimentos. Observando o dia-a-dia do trabalho realizado nas EMEIs, constatei que, nas diversas áreas do conhecimento, quais sejam: Língua Portuguesa, Matemática, Ciências, História e Geografia, são utilizadas diferentes linguagens (corporal, musical, plástica, oral e escrita), atentando aos objetivos da Proposta Pedagógica, de forma que a criança possa compreender e ser compreendida, expressar suas ideias, sentimentos, necessidades e desejos de maneira a avançar em seu processo de construção de significados, enriquecendo cada vez mais sua capacidade expressiva.

Dispondo dos objetivos elencados na Proposta Pedagógica, do Plano de Ensino anteriormente mencionado e de um roteiro com sugestões de atividades para a semana (o qual orienta todo o trabalho de cada turma, como podemos observar no quadro da próxima página), as EMEIs de Matão-SP personificadas em seus professores têm propiciado aquisição de capital cultural a seus alunos, de modo que reestruture o gosto dos mesmos pela leitura e pela escrita?



PREFEITURA MUNICIPAL DE MATÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E CULTURA
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO

ROTEIRO DE ATIVIDADES - PRÉ

SEGUNDA-FEIRA	TERÇA-FEIRA	QUARTA-FEIRA	QUINTA-FEIRA	SEXTA-FEIRA
- Hino Nacional. - Roda. - Leitura Compartilhada (jornais, revistas). - Atividade de leitura e escrita. - Desenho livre ou técnica de pintura.	- Roda. - Curiosidade. - Leitura no caderno de texto. - Atividade de escrita.	- Roda. - Poeta e poesia. - Atividade de leitura e escrita ou atividades sequenciadas. - História e/ou Geografia.	- Roda. - Música (M.P.B) ou cantigas de roda. - Conto e reconto. - Atividade de escrita.	- Roda. - Reconto. - Atividade de leitura e escrita. - Artes (Gênio da Pintura) ou técnicas de pintura.
- Recreio	- Recreio	- Recreio	- Recreio	- Recreio
- Matemática (contagem, conceitos ou discriminação visual). - História e/ou Geografia. - História do dia. - Atividades Recreativas (30 a 40 minutos).	- Ciências (pesquisas, projetos e etc.) - Matemática (Jogo). - História do dia. - Roda da biblioteca. - Parque ou jogos fora da classe (20 a 30 minutos).	- Desenho Livre. - História do dia. - Atividades Recreativas (30 a 40 minutos).	- Desenho (com interferência, escala, montagem ou tirando-retrato). - Matemática e/ou língua Portuguesa (percepção visual, figura-fundo, discriminação visual, coordenação motora fina). - História do dia. - Brinquedos.	- Ciências (pesquisas, projetos e etc.) - Jogos. - História do dia. - Parque (20 a 30 minutos).

Quadro 5 - Roteiro de Atividades semanais para a turma da pré-escola.

Há que se dizer ainda que diferentes situações didáticas integram o trabalho desenvolvido nas EMEIs, dentre eles: projetos – são situações didáticas que se articulam em função de um objetivo e de um produto final, os quais contextualizam as atividades de linguagem oral e escrita e podem ser interdisciplinares²⁷; atividades sequenciadas – constituem-se de situações didáticas articuladas, que possuem uma sequência para realização, em que o critério principal é o nível de dificuldade na realização das atividades. Exemplo: leitura dos nomes dos alunos da classe, localização do nome, pelo aluno, no banco de nomes da classe, escrita do próprio nome, entre outros; atividades permanentes – representam o grupo de situações didáticas propostas com regularidade, cujo objetivo é constituir atitudes, desenvolver hábitos, etc, como por exemplo o momento da poesia e a hora da curiosidade científica, as quais são realizadas semanalmente; situações independentes – compreendem

²⁷

Encontra-se no Anexo H o Modelo do Projeto Aniversário de Matão, sugerido para as classes de Jardim II, com a finalidade de ser trabalhado, de maneira interdisciplinar, durante o mês de agosto, em razão das festividades do aniversário da cidade.

situações em que algum conteúdo significativo é trabalhado, sem que tenha ligação direta com o que está sendo desenvolvido. Exemplo: discussão de um tema muito debatido na mídia durante determinado tempo, o qual tem chamado a atenção das crianças, como por exemplo a leitura de um artigo de jornal a respeito da gripe A, ou melhor, *Influenza A (H1N1)*.

O quadro abaixo apresenta as diferentes modalidades organizativas explicitando detalhadamente: periodicidade, característica básica e propostas de trabalho a partir de cada modalidade. A título de esclarecimento, a atividade Conto-Reconto de histórias aparece nesse quadro inserida na modalidade das atividades permanentes, contudo ela vem nomeada como Conta-contos.

DIFERENTES MODALIDADES ORGANIZATIVAS			
PROJETO	ATIVIDADES SEQUENCIADAS	ATIVIDADES PERMANENTES	SITUAÇÕES INDEPENDENTES
- São situações didáticas que se articulam em função de um objetivo e de um produto final. Contextualizam as atividades de linguagem oral e escrita (ler, escrever, estudar e pesquisar) e podem ser interdisciplinares	São situações didáticas articuladas que possuem uma sequência de realização cujo critério principal são os níveis de dificuldade. - Leitura, nome das crianças, crachás - Diferentes formas de trabalhar colocando dificuldades	São situações didáticas propostas com regularidade cujo objetivo é constituir atitudes, desenvolver hábitos etc. Por exemplo: para promover o gosto de ler e escrever e desenvolver atitudes e procedimentos que os leitores e escritores desenvolvem a partir da prática da leitura e da escrita - Ler poesia.	Situações ocasionais: são situações em que algum conteúdo significativo é trabalhado sem que tenha ligação direta com o que está sendo desenvolvido.
Periodicidade :- depende dos objetivos propostos pode ser dias ou meses. Quando de duração longa, os projetos permitem o planejamento de suas etapas com os alunos e a distribuição do tempo previsto.	Periodicidade:- variável	Periodicidade:- como se repetem de forma sistemática e previsível, semanal ou quinzenal.	Exemplos: 1. Discussão de um tema muito debatido na mídia. 2. Leitura de um artigo de jornal de um poema ou de um conto trazido por algum aluno etc.
Característica Básica:- Ter uma finalidade compartilhada por todos os envolvidos que se expressa num produto final	Característica Básica:- funcionam de forma parecida com os projetos e podem integrá-los, mas não têm um produto final pré-determinado.	Característica Básica: a marca principal dessas situações é a regularidade e por isso possibilita <u>contato</u> intenso com um tipo de atividade de texto, de um autor, de um assunto etc.	Situações de Sistematização: são atividades que não estão relacionadas com propósitos imediatos, mas com os objetivos e conteúdos definidos para a série, pois se destinam justamente a sistematização dos conhecimentos.
Propostas: 1- Coleção de contos de um mesmo gênero, poemas, contos de assombração, lendas, fábulas etc 2- Livro sobre um tema pesquisado. 3- Revista sobre vários temas estudados. 4- Mural. 5- Cartilha sobre cuidados com a saúde. 6- Folheto informativo. 7- Cartazes de divulgação sobre eventos 8- Fita cassete de poemas ou contos gravados. 9- Hora da história a ser apresentada num evento cultural. 10- Vídeo de curiosidades do tipo: Você sabia. 11- Galeria de personagens do folclore brasileiro. 12- Contos preparados para serem lidos as crianças menores.	Propostas: Atividades sequenciadas 1- Com textos de jornal. 2- De multiplicação. 3- De ortografia. 4- Observação de fenômenos (terrário, por exemplo) etc. 5- Trabalho com o nome: Elaborado por Rosa, Rosângela e Rosana Fonte - É possível ler na Escola 6- Jogos de dados. 7- Ordenação de texto.	Propostas: 1- Conta-contos (com preparação prévia). 2- Hora de curiosidades científicas. 3- Hora das notícias. 4- Leitura compartilhada (professora e/ou alunos leem em voz alta). 5- Roda de biblioteca ou de leitores. 6- Leitura diária feita pela professora. 7- Pasta de textos etc.(poesia, verso, parlenda) 8- Sarau. 9- Momento da poesia. 10- Arquivos de bilhetes. 11- Escrever na lousa (rotina) <i>professor</i> 12- Jogo simbólicos 13- Sanfonas — <i>avaliação</i> 14- Diário do professor 15- Projeto leitura escola/família	Exemplos: 1- Refletir sobre os traços característicos e as diferenças entre fábulas e contos (nas séries em que são gêneros prioritários de serem trabalhados). 2- Analisar as características dos diferentes textos que são publicados no jornal (nas séries em que têm como prioritários). 3- Discutir sobre usos da pontuação. 4- Analisar regularidades ortográficas etc.

Quadro 6- Diferentes Modalidades Organizativas

2.1.1- O recorte de um dia na EMEI

A aula tem início com as crianças sentadas nas mesinhas para quatro pessoas. A professora escreve na lousa o nome da escola, a data e o roteiro de trabalho, lendo para os alunos o nome da escola e explicando tudo o que será realizado naquele dia. Então, a criança escolhida para ser o ajudante do dia escreve seu nome na lousa. Em seguida, os alunos sentam-se em roda no chão e cada dia é reservado para uma atividade específica, seja para conversarem sobre o que aconteceu no final de semana, para realizarem uma brincadeira com mímica, além de cantar e recitar parlendas, trava-línguas e poesias já conhecidas dos alunos.

Num segundo momento, realiza-se uma atividade permanente com texto informativo. Nas segundas-feiras, por exemplo, o professor lê notícias que foram destaque no fim de semana – às quais possam despertar o interesse da criança. Geralmente essas notícias são extraídas de jornais infantis, revistas ou mesmo da internet. Dando continuidade à aula, realiza-se uma atividade sequenciada – trabalho com os nomes dos alunos, por exemplo. Nesse caso, o ajudante do dia distribuirá os crachás dos amigos, realizando a leitura em voz alta do nome dos mesmos, sendo auxiliado, se necessário, pelos próprios colegas.

Posteriormente, trabalha-se uma atividade com desenho. Cabe ressaltar que há diversas propostas para o trabalho com desenho, as quais são diversificadas a cada semana. Por exemplo: desenho montagem. As crianças farão um desenho livre com canetinha, (serão orientadas a realizarem desenhos maiores), recortarão esses desenhos e farão a montagem em um outro papel usando cola branca comum. Esse papel é previamente pintado com tinta, pelos alunos, para dar a ideia de fundo. Após o término desta atividade, os desenhos são expostos para apreciação no mural da classe ou no pátio.

Hora do recreio. Com tempo de duração de 20 minutos, esse momento é exclusivo para refeição, pois todos os alunos são incentivados a comer o lanche juntos, sentados nas mesinhas distribuídas no pátio ou em um refeitório. Depois são orientados a irem ao banheiro e voltam para suas salas acompanhados de suas professoras.

De volta à sala de aula, realiza-se uma atividade de matemática, com jogo da memória em duplas, por exemplo. Ao final do jogo, cada participante conta quantos pontos realizou e a professora escreve na lousa os vencedores de cada dupla. Em seguida, outra atividade permanente é realizada, qual seja, a história do dia. Como exemplo, citamos a história lida em capítulos, a qual inicia-se na segunda-feira e termina na sexta-feira. Por fim, as crianças participam de uma atividade recreativa, como o salto em distância, realizado no pátio ou em outra área externa do prédio da escola, em que a professora marca a distância do salto de cada

aluno para verificar o maior e o menor salto realizado. Há que se dizer que o Hino Nacional Brasileiro é cantado pelos alunos de todas as EMEIs às segundas-feiras, antes da entrada para a sala de aula. Além do Hino Nacional, as crianças cantam a valsa *Saudades de Matão*, a qual representa o hino da cidade.

A partir da leitura da Proposta Pedagógica da Educação Infantil do município e do conhecimento sobre a dinâmica do trabalho nessas escolas, fruto de minha experiência como gestora em uma das EMEIs, como já apontei detalhadamente na introdução e em outros momentos deste estudo, foi possível observar que o professor é entendido como o mediador da aprendizagem, além de ser o escriba dos alunos, de modo que os mesmos possam observar o comportamento escritor, bem como leitor, do professor. Assim, o trabalho do professor da pré-escola inicia-se a partir do levantamento dos conhecimentos prévios dos alunos para, em seguida, partindo dos saberes e dos interesses dos mesmos, iniciar o trabalho com essas crianças em todas as áreas do conhecimento. Enquanto mediador da aprendizagem, no decorrer das aulas, o professor faz intervenções, por meio de questionamentos aos alunos, para conduzi-los ao entendimento do assunto que está sendo proposto, por exemplo, ao trabalhar tipos de moradia, o professor faz perguntas aos alunos: como é a sua casa? Você já viu uma casa de madeira? E a casa dos índios em uma tribo? Você gostaria de morar em um apartamento? Além das perguntas de intervenção, o professor lança mão de outras estratégias como pequenos textos informativos com ilustrações mostrando os diferentes tipos de moradia, além de contar histórias, como a história dos Três Porquinhos para falar das diferentes casas, bem como para contextualizar toda a aula.

Vale ressaltar que muitas das atividades são realizadas, inicialmente, em uma situação concreta, em que os alunos possam vivenciá-la. A figura 14 ilustra uma dessas situações, em que a professora faz o desenho do corpo humano, usando uma criança como molde para, em seguida, nomear as partes do corpo.



Figura 14- Atividade sobre o corpo humano
Fonte: Própria

Atividades matemáticas também partem de uma situação concreta, uma vez que os jogos da memória, bingo de números, pega varetas, dominó são recursos importantes utilizados pelas professoras para trabalhar com a contagem, a soma, divisão, subtração, multiplicação, bem como para iniciar a relação entre a quantidade e o número (símbolo) que ela representa. As atividades de Língua Portuguesa começam a partir do trabalho com o nome próprio e, para tanto, as professoras utilizam crachás, escritos em letra bastão maiúscula, para que a criança reconheça seu nome, faça relações com o nome dos colegas, percebendo diferenças e semelhanças entre os nomes. Além disso, como atividade extraclasse, os alunos entrevistam os pais perguntando sobre a escolha do seu nome e, a partir dos relatos escritos pelos pais, as professoras constroem com os alunos a história do nome de cada um. Esse trabalho com os nomes dura, no mínimo, dois meses, variando conforme as estratégias elaboradas por cada professora. Por fim, outra informação relevante diz respeito ao trabalho com o alfabeto móvel para a iniciação do processo de alfabetização dos alunos. O alfabeto móvel, quando confeccionado pelas professoras, é composto pelas letras do alfabeto, digitadas em letra bastão maiúscula, coladas em papel cartão e plastificadas, com uma quantidade repetida de letras²⁸. Assim, as crianças constroem seu nome utilizando as letras do alfabeto móvel, com ou sem a intervenção da professora e, posteriormente, escrevem o nome em um caderno ou folha oferecida pela professora. Partindo sempre da ideia do trabalho com o campo semântico, esse alfabeto é utilizado para construir listas de frutas, listas de animais, de cores, de doces e, em seguida, essas listas são transcritas pelos alunos.

As fotos a seguir ilustram a realização de atividades nas quais o objetivo concentra-se em atender a utilização das diferentes linguagens anteriormente mencionadas, conforme a Proposta Pedagógica apresentada²⁹. A primeira imagem ilustra uma atividade manual com proposta de produzir diversas coisas (animais, flores, pessoas, objetos) a partir do manuseio de argila. Em seguida, as peças produzidas são colocadas para secar para, posteriormente, serem pintadas pelas crianças.

²⁸ Esse alfabeto também pode ser comprado em papelarias e/ou livrarias e geralmente é feito de madeirite ou de material emborrachado.

²⁹ Lembro que a exposição de todas as imagens de fonte própria foram autorizadas pelos pais dos alunos mediante assinatura de documento, como se pode observar no modelo encontrado no Anexo I.



Figura 15- Atividade com argila
Fonte: MEMORIAL das Escolas Municipais de Educação Infantil de Matão (2008)

Na figura 16 observa-se professora e alunos realizando a apresentação de uma peça de teatro adaptada do livro *O grande rabanete*, da escritora Tatiana Belinky, encenada em comemoração ao dia das mães. Para o desenvolvimento de atividades desse tipo, inicialmente, as histórias são contadas aos alunos, em seguida realiza-se uma roda de conversa, mediada pela professora, para o levantamento da opinião das crianças a respeito da história, seus personagens, roteiro, mensagem que ela transmite e, posteriormente, conforme a aceitação dos alunos, propõe-se aos mesmos encenarem a história.



Figura 16- Apresentação de teatro
Fonte: Própria

A foto 17 foi tirada durante a realização de um sarau pelos alunos da pré-escola. O sarau é constituído por músicas de compositores da MPB como Braguinha, Toquinho, Vinicius de Moraes, Caetano Veloso, Gilberto Gil, bem como por poesias de diversos autores como José Paulo Paes, Cecília Meireles, Tatiana Belinky, Ricardo Azevedo.



Figura 17- Apresentação de sarau

Fonte: MEMORIAL das Escolas Municipais de Educação Infantil de Matão (2008)

Durante o ano letivo, as professoras trabalham com as obras de diversos compositores, poetas e pintores, sugeridos em reunião de planejamento, pela Assessoria Pedagógica das EMEIs. Nessa reunião, realizada no mês de fevereiro, antes do início das aulas, as professoras podem oferecer suas sugestões para o trabalho com música, poesia e pintura e, caso necessário, é realizada uma votação para definir quais artistas serão trabalhados no ano letivo.

O Quadro 7 – página seguinte – ilustra os artistas e suas obras definidos para o trabalho com as três turmas que compunham o alunado das EMEIs no ano de 2009.

	Jardim I	Jardim II	Pré-escola
Compositores e Intérpretes da MPB	Vinicius de Moraes, Toquinho, Caetano Veloso, Guilherme Arantes, Skank, Roberto e Erasmo Carlos, Renato Teixeira.	Djavan, Luiz Gonzaga, Beto Guedes, Tom Jobim, Rita Lee, Jota Quest – Rogério Flausino, Gilberto Gil, Oswaldo Montenegro.	Chico Buarque, Marisa Monte, Milton Nascimento, Lulu Santos, Ana Carolina, Nando Reis, Adriana Calcanhoto, Tim Maia.
Poetas e Escritores	Vinicius de Moraes, José Paulo Paes, Elias José, Roseana Murray, Pedro Bandeira, Milton Camargo, Lalau e Laurabeatriz, Wania Amarante.	José Paulo Paes, Maria Dinorah, Duda Machado, Ricardo Azevedo, Sidônio Muralha, Pedro Bandeira, Lúcia Pimentel Goes, Ana Maria Machado.	Cecília Meireles, Sérgio Caparelli, Ruth Rocha, Mário Quintana, Carlos Drummond de Andrade, Fernando Paixão, Tatiana Belinky, Roseana Murray.
Pintores	Aldemir Martins, Antonio Maia, Gustavo Rosa, Edgar Degas, Fábio Balen, Mondrian.	Romero Britto, Alfredo Volpi, Miró, Antonio Bandeira, Angelo de Aquino, Paul Klee, Arcimbold, Rono Figueredo.	Candido Portinari, Tarsila do Amaral, Madalena Olivastro, Van Gogh, Aldemir Martins, Inimá de Paula, Di Cavalcanti, Justino Marinho.

Quadro 7 – Sugestões de compositores, escritores e poetas para as turmas de pré-escola, jardim II e jardim I, no ano letivo de 2009.

A imagem abaixo nos revela uma pesquisa utilizando-se dos recursos do computador e da internet, sob orientação da professora, a respeito da vida e obra de Carmen Miranda, expoente da Música Popular Brasileira. Após conhecer a intérprete, os alunos ouviram suas músicas, dançaram imitando seus gestos, trabalhando a expressão corporal, além de assistirem um de seus filmes, no qual a artista contracena com Zé Carioca, personagem das histórias em quadrinhos do cartunista Mauricio de Souza. Posteriormente, foram realizadas atividades nas áreas de Arte e Língua Portuguesa referentes ao trabalho com a artista.



Figura 18- Pesquisa na Internet.
Fonte: Própria

A seguir observa-se uma atividade com o gênero textual receita sendo trabalhado inicialmente a partir do preparo de um bolo de fubá. Preparado com orientação da professora e de uma funcionária de serviços gerais da escola, para comemoração das festividades do mês de junho. Após observarem e ajudarem a professora, os alunos realizam o registro da receita em sala de aula, por meio de desenhos, bem como por escrito, tendo a professora como escriba, e por fim, degustam do alimento que eles ajudaram a preparar.



Figura 19- Preparo de bolo de fubá.
Fonte: Própria



Figura 20- Pesquisa a respeito da Amazônia.
Fonte: Própria

A foto acima ilustra uma pesquisa por meio de revistas realizada pelos alunos sobre a Amazônia e posterior confecção de cartaz com informações e imagens apreendidas a respeito da riqueza de espécies que compõem a fauna e a flora amazônica.



Figura 21- Pesquisa de campo em um seringal.
Fonte: Própria

Pesquisas de campo também são realizadas pelos alunos das EMEIs, como evidencia a figura 21. Conforme as orientações da Proposta Pedagógica, a professora trabalhou explorando o ambiente em que os alunos vivem. No caso específico da foto acima, a EMEI localiza-se em um bairro rural, com onze quilômetros de distância do perímetro urbano. Nesse caso, as crianças foram conhecer um seringal localizado próximo à EMEI e, além de observarem o trabalho de extração do látex usado na fabricação da borracha, realizaram uma entrevista com o seringueiro, o qual é pai de um dos alunos da escola.

Ainda, segundo a Proposta Pedagógica das EMEIs, a Educação Infantil, ao promover experiências significativas de aprendizagem da língua, por meio de um trabalho com a linguagem oral e escrita, se constituirá em um dos espaços de ampliação das capacidades de comunicação e expressão e de acesso ao mundo letrado pelas crianças. Essa ampliação está diretamente relacionada ao desenvolvimento gradativo das capacidades associadas às quatro competências linguísticas básicas: escutar, falar, ler e escrever. Assim, propõe-se agir de forma competente na formação de público leitor, sempre introduzindo novidades que seduzam o aluno e o levem a se interessar pela leitura, priorizando-a em todos os sentidos, permitindo que as crianças falem sobre suas criações e escutem também as dos colegas. Esta formação é concretizada?

Dois exemplos desse objetivo são apresentados na página seguinte em que se observa o momento da leitura para os alunos, realizado dentro da sala de aula, em EMEIs diferentes. De acordo com minhas observações, esse momento, além de ser realizado dentro da sala de aula, com as crianças sentadas em roda no chão, também acontece fora da sala, no pátio da escola, ou embaixo de uma árvore nas dependências da EMEI, conforme programado pela professora.



Figura 22- Professora contando histórias aos alunos (A)
Fonte: Própria



Figura 23- Professora contando histórias aos alunos (B)
Fonte: Espaço Físico Modificado (2006)

No decorrer do ano letivo, são desenvolvidos quatro projetos interdisciplinares (no mínimo), sendo um por bimestre e outro projeto de maior abrangência que é exposto na Mostra Pedagógica da Educação Infantil de Matão, a qual é realizada entre os meses de setembro e outubro de cada ano³⁰, como podemos observar no Quadro 8, na página seguinte.

³⁰ Encontra-se no Anexo J a proposta da Assessoria Pedagógica da Secretaria de Educação de Matão-SP para a realização dos projetos a serem desenvolvidos nas EMEIs no ano de 2009, os quais foram expostos na Mostra Pedagógica da Educação Infantil do município.

Mostra Pedagógica da Educação Infantil	
Ano	Data da Exposição
2005	10 a 14 de Outubro
2006	10 a 14 de Outubro
2007	01 a 05 de Outubro
2008	29 de Setembro a 03 de Outubro
2009	05 a 09 de Outubro

Quadro 8 – Datas da Mostra Pedagógica da Educação Infantil da cidade de Matão-SP de 2005 a 2009.

De acordo com as orientações da Assessoria Pedagógica das EMEIs, foram elencadas expectativas quanto à aprendizagem nas áreas de Língua Portuguesa, Matemática, História, Geografia, Ciências e Arte, as quais constituem-se em Metas Pedagógicas para serem atingidas ao final de cada ano letivo. Os quadros 9 e 10 apresentam as Metas Pedagógicas referentes às áreas de Língua Portuguesa e Matemática respectivamente.

Metas pedagógicas para a Turma do PRÉ Área:- Língua Portuguesa * Ao término do ano letivo espera-se que o aluno dentro da prática de leitura e escrita saiba:- . Reconhecer as letras do alfabeto (de forma aleatória); . Reconhecer e escrever o nome; . Reconhecer seu nome escrito sabendo identificá-lo nas diversas situações do cotidiano. . Interessar-se pela leitura de histórias, escolhendo livros para ler e apreciar; . Familiarizar-se com a escrita por meio de manuseio de livros, revistas e outros portadores de texto e da vivência de diversas situações nas quais seu uso se faça necessário; . Interessar-se por escrever palavras e textos ainda que não de forma convencional. . Saiba fazer uso da linguagem oral para expressar sentimentos, desejos, opiniões, jogos verbais (trava-línguas, poesias, parlendas e etc.), contar e recontar histórias. . Saiba conhecer vários gêneros orais e escritos. . Valorizar a leitura como fonte de prazer e entretenimento.
--

Quadro 9 - Metas Pedagógicas na Área de Língua Portuguesa

Metas pedagógicas para a Turma do PRÉ Área:- MATEMÁTICA * Ao término do ano letivo espera-se que o aluno dentro da área de matemática saiba:- 1- Fazer e comparar agrupamentos; 2- Reconhecer, nomear e distinguir as formas geométricas; 3- Reconhecer e discriminar as cores; 4- Reconheça grandezas mensuráveis, como comprimento, massa, capacidade e elaborar estratégias pessoais de medida. 5- Utilização de noções simples de cálculo mental como ferramenta para resolver problemas. 6- Tenha noção de número natural. 7- Construa o significado do número natural a partir de seus diferentes usos no contexto social, explorando situações-problema que envolva contagens, medidas e códigos numéricos; 8- Identifique números nos diferentes contextos em que se encontram; 9- Utilização da contagem oral nas brincadeiras e em situações nas quais as crianças reconheçam sua necessidade; 10- Saiba classificar e seriar; 11- Seja capaz de perceber direções, distâncias, localizações, posições e disposições de figuras, objetos e etc.
--

Quadro 10 - Metas Pedagógicas na Área de Matemática

Cabe informar, ainda, que são realizadas, pela equipe do Departamento de Educação (diretora, assessoras pedagógicas, psicólogos, psicopedagogas), duas reuniões de planejamento (nos meses de fevereiro e julho), além de quatro reuniões pedagógicas (uma por

bimestre), com todas as professoras da Educação Infantil, de modo a orientar o trabalho das mesmas, esclarecer dúvidas e propor soluções para os problemas levantados. Vale destacar que, nos últimos dez anos, a Secretaria de Educação do município tem oferecido cursos e oficinas para formação em serviço e aperfeiçoamento de todos os professores da rede municipal de ensino.

O quadro abaixo apresenta todas as formações, palestras e oficinas realizadas com os professores da Educação Infantil do município de Matão-SP, nos anos de 2005 a 2009.

ANO: 2005 Segundo semestre do mês de maio – Oficina de confecção de jogos de Língua Portuguesa e Matemática – realizada pela equipe de assessoria pedagógica da Secretaria de Educação. (8 horas) Oficinas com o Grupo: Bola de Meia 29/04 – Eu canto, tu cantas, nós cantamos (4 horas) 20/05 – Rodas e brincadeiras cantadas (4 horas) 17/06 – Confecção de jogos e brinquedos alternativos (4 horas) 12/08 – Confecção de bonecos e histórias cantadas (4 horas) ANO: 2006 Primeiro semestre do mês de Fevereiro – Atividade de Formação: Disciplina e autonomia infantil na pré-escola, com a Professora Giane Fregolente. (4 horas) 02/03 – Palestra – Ciclos de formação – avanços e perspectivas (Miguel Arroyo) (4 horas) 30/06 – Oficina – Os contos que as caixas contam – realizado por Lesia Maria Fernandes, professora-formadora da creche Carochinha, da USP - Ribeirão Preto. (8 horas) 19/09 - Palestra – Os sete pecados capitais e as virtudes da educação – Gabriel Perissé (4 horas) ANO: 2007 Oficinas de Matemática – Equipe do CECEMCA (UNESP - Rio Claro) 02/05 – Jogos, brinquedos e brincadeiras - o processo ensino aprendizagem da matemática na educação infantil (4 horas) 03/05 – Números e operações na Educação Infantil (4 horas) 23/07 – Tratamento da informação e o ensino aprendizagem de matemática na educação infantil (4 horas) 24/07 – Espaço e forma na educação infantil (4 horas) 25/07 – Grandezas e medidas: como abordar esse tema na educação infantil? (4 horas) 26/07 – Solução de problemas matemáticos e a intervenção do professor- uma parceria necessária na educação infantil (4 horas) 08/06 – Palestra – A relação do índio com meio ambiente – Walde-Mar (4 horas) 20/06 – Oficina de música com o maestro Luiz Piquera (4 horas) 24/07 – Palestra - Águias e galinhas- Uma metáfora da condição humana – Leonardo Boff (4 horas) Curso: Alfabetização para o Ensino Infantil, com ênfase nas ideias do Curso Letra e Vida – promovido pela professora-formadora da assessoria pedagógica da Secretaria de Educação de Matão - Mara Angela Fregnani Ramalho, com continuação no ano de 2008, totalizando 180 horas. ANO: 2008 13/05 - Palestra – A formação de personalidades éticas: desafios e possibilidades – professora Luciene Togneta (4 horas) Abril e Junho Oficina de arte com a equipe da secretaria (8 horas) 25/07 - Palestra – A sexualidade no contexto do desenvolvimento infanto-juvenil e a educação preventiva integral – profª Araci Asineli da Luz (4 horas) 04/09 – Oficina: Experiência de vida e subjetividade Educacional para professores – professor Henrique Saniotto (4 horas) ANO: 2009 Palestra – Educar para transformação – segredos dos povos das florestas – Daniel Munduruku (4 horas) Oficina – Educação por meio das inteligências múltiplas – professor Henrique Saniotto (4 horas) Oficina – Quem sou eu? – professor Henrique Saniotto (4 horas)
--

Quadro 11 – Formações em serviço, palestras e oficinas oferecidas aos professores das EMEIs da cidade de Matão-SP nos anos de 2005 a 2009.

No que diz respeito especificamente à atividade Conto-Reconto, observa-se, por meio dos objetivos elencados na Proposta Pedagógica da Educação Infantil da cidade de Matão-SP, que o objetivo da escola hoje concentra-se em formar leitores e escritores e, para isso, no entender da referida Proposta, é preciso ler bons livros, poesias, textos para os alunos. Além disso, dentre suas Metas Pedagógicas, ao término do ano letivo espera-se que o aluno de pré-escola, dentro da prática de leitura e escrita saiba, entre outras habilidades: reconhecer e escrever seu nome; interessar-se pela leitura de histórias, escolhendo livros para ler e apreciar; valorizar a leitura como fonte de prazer e entretenimento; fazer uso da linguagem oral para expressar sentimentos, desejos, opiniões, contar e recontar histórias.

De acordo com o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil³¹, a criança que ainda não sabe ler convencionalmente pode fazê-lo por meio da escuta da leitura do professor, ainda que não possa decifrar todas e cada uma das palavras. Ouvir um texto já é uma forma de leitura. Além disso, conforme esse documento, a leitura de histórias apresenta-se como um momento em que a criança pode conhecer a forma de viver, pensar e agir sobre o universo de valores, costumes e comportamentos de outras culturas situadas em outros tempos e lugares que não o seu. A partir daí ela pode estabelecer relações com sua forma de pensar e o modo de ser do grupo social ao qual pertence. De acordo com o Referencial, cabe destacar que:

As instituições de Educação Infantil podem resgatar o repertório de histórias que as crianças ouvem em casa e nos ambientes que freqüentam, uma vez que essas histórias se constituem em rica fonte de informação sobre as diversas formas culturais de lidar com as emoções e com as questões éticas, contribuindo na construção da subjetividade e da sensibilidade das crianças. (BRASIL, 1998, p. 143).

O documento em questão salienta que na convivência com as crianças pode-se perceber o quanto elas gostam de escutar a mesma história várias vezes, pelo prazer de reconhecê-la, de apreendê-la em seus detalhes, de cobrar a mesma sequência e de antecipar as emoções que teve da primeira vez. Tal fato evidencia que a criança que escuta muitas histórias pode construir um saber sobre a linguagem oral e escrita muito significativo para sua vida de modo geral e, em especial, para sua história de escolarização.

No que diz respeito ao conto e reconto de histórias, vale ressaltar:

³¹ Não faz parte de meus objetivos ressaltar ou tecer críticas aos Referenciais Curriculares da Educação Infantil propostos pelo MEC, uma vez que meu interesse com as citações acima é mostrar o conceito de reconto de história com o qual as EMEIS (Escola Municipal de Educação Infantil) de Matão-SP orientam-se.

Recontar histórias é outra atividade que pode ser desenvolvida pelas crianças. Elas podem contar histórias conhecidas com a ajuda do professor, reconstruindo o texto original à sua maneira. Para isso podem apoiar-se nas ilustrações e na versão lida. [...] O professor lê a história, as crianças escutam, observam as gravuras e, freqüentemente, depois de algumas leituras, já conseguem recontar a história, utilizando algumas expressões e palavras ouvidas na voz do professor. Nesse sentido, é importante ler as histórias tal qual estão escritas, imprimindo ritmo à narrativa e dando à criança a idéia de que ler significa atribuir significado ao texto e compreendê-lo. (BRASIL, 1998, p. 144).

O Referencial Curricular Nacional, que vem norteando as atividades de leitura e escrita nas EMEIs de Matão-SP, nos aponta que uma atividade permanente de grande importância a ser desenvolvida nas escolas de Educação Infantil de nosso país é a roda de leitores, em que periodicamente as crianças tomam emprestado um livro da instituição para ler em casa. No dia previamente combinado as crianças podem relatar suas impressões, comentar o que gostaram ou não, o que pensaram, comparar com outros títulos do mesmo autor, contar a história ou uma parte dela para recomendar o livro que a entusiasmou às outras crianças. Desse modo, pode-se afirmar que a atividade de contar e recontar histórias que é realizada nas EMEIs em questão se encontra alicerçada nas ideias expostas a partir dos Referenciais Curriculares Nacionais. Além disso, a atividade do reconto de histórias pode ser encontrada no roteiro com sugestões de atividades que compõem o semanário das professoras, apresentando-se como uma das atividades pertencentes ao trabalho com a Linguagem Oral, como mostra o documento a seguir, exposto na próxima página.

 PREFEITURA MUNICIPAL DE MATÃO SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E CULTURA DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO DIVISÃO DE PRÉ- ESCOLA		
LÍNGUAGEM ORAL E ESCRITA		
OBJETIVOS	CONTEÚDOS	ATIVIDADES
- Ampliar as capacidades de comunicação expressão e de acesso ao mundo letrado pelas crianças. - Desenvolver as quatro competências básicas: falar, escutar, ler e escrever - Valorização da leitura como fonte de cultura, conhecimento, prazer e entretenimento. - Liberdade na criação da escrita colocando suas próprias hipóteses tendo o professor como mediador; interessando-se por escrever palavras e textos ainda que não de forma convencional.	LINGUAGEM ORAL - Trocar opiniões e comentários sobre idéias levantadas em sala de aula; - Leitura de Histórias e outros textos. - Narração de fatos e acontecimentos ocorridos, durante a semana em sequência temporal e causal; - Criar um ambiente agradável e convidativo à escuta de histórias mobilizando a expectativa das crianças, permitindo que elas olhem o texto e as ilustrações enquanto a história é lida ou contada. Linguagem escrita: - Identificar e escrever o próprio nome. - Identificar e traçar os numerais; - Escrever palavras de textos já conhecidos; - Escrita espontânea de palavras já trabalhadas, nos textos e listas. Análise e reflexão sobre a língua. - Fazer perguntas e pedir para identificar e utilizar gestos e expressões fisionômicas e palavras para se comunicar e se expressar. - Utilizar regras sociais como: Bom Dia, Boa Tarde, Por Favor, Obrigado, etc.	Reprodução oral de jogos verbais: trava-língua, parlendas, adivinhas, poemas, músicas, coro falado; Leitura compartilhada: jornais, revistas; Hora da história; Conto reconto; Conversa informal ou dirigida; Roda da leitura Caderno de texto (montar passo a passo com a criança, trabalhando cada texto . Projeto leitura escola e família; Atividade diversas com uso dos crachás; Caça palavras com banco de dados Escrita: Nome da escola; Nome da professora; Nome dos colegas; Leitura e escrita do alfabeto; Leitura e escrita de listas de palavras em ordem semântica como: lista de animais, frutas , produto de higiene pessoal, hortaliças, etc; Palavras cruzadas com banco de dados; Ditado cópia; Escrita espontânea de palavras já trabalhadas. Ditado de palavras já conhecidas; Jogos de mímicas, expressões fisionômicas, etc

Quadro 12 - Proposta de trabalho com a Linguagem Oral e Escrita nas EMEIs de Matão-SP

Retomando o quadro das Modalidades Organizativas, as quais compreendem as diferentes situações didáticas integrantes do trabalho das EMEIs, observa-se que a atividade Conto-Reconto, inicialmente proposta como Conta-contos e posteriormente renomeada pela Assessoria Pedagógica das EMEIs, pertence ao grupo das atividades permanentes, as quais são realizadas com regularidade – semanalmente – no decorrer do ano letivo, com o objetivo de constituir atitudes e desenvolver hábitos.

Assim, decorridos dez anos desde a sua implementação, a atividade Conto-Reconto é realizada da seguinte maneira: uma vez por semana³², um aluno escolhe um livro de sua

³² A sugestão oferecida aos professores é para que seja escolhida a quinta-feira, de modo que o reconto possa ser realizado no dia seguinte, ou seja, na sexta-feira, porém observamos que algumas professoras preferem que os alunos levem o livro para casa na sexta-feira para ser lido por algum de seus familiares no final de

preferência – o qual pertence ao acervo da escola e pode ser encontrado no cantinho da leitura dentro da sala de aula ou em uma sala em separado, funcionando como uma mini biblioteca – então o leva para casa a fim de ser lido por um de seus familiares.

No dia seguinte, geralmente sentados em círculo no chão, o aluno reconta em sala de aula, para a professora e os demais colegas, a história lida para ele em casa, usando, ou não, o livro como suporte. Em algumas ocasiões, após o reconto, as crianças costumam conversar sobre a história, representam-na em traços, listam os personagens com o professor como escriba ou fazem outra atividade como a dramatização. Contudo, o reconto das histórias não tem a necessidade de vir acompanhado por uma atividade posterior.

Segundo informações fornecidas pela orientadora pedagógica das EMEIs, quando a família é composta por pais analfabetos, sendo poucos os casos, a criança pede para um irmão mais velho ou algum vizinho ler a história para ela, portanto, pode-se inferir que o analfabetismo na família não se torna um empecilho para o desenvolvimento dessa atividade.

As imagens encontradas a seguir retratam a atividade do Conto-Reconto sendo realizada em salas de pré-escola de duas EMEIs.



Figura 24- Aluna contando histórias aos colegas
Fonte: Espaço Físico Modificado (2006)

semana, as quais justificam a escolha desse dia devido a algumas famílias não disporem de tempo para contar a história para a criança durante a semana; nesse caso, o aluno realiza o reconto da história na segunda-feira.



Figura 25- Aluno contando histórias aos colegas
Fonte: Espaço Físico Modificado (2006)

De acordo com as informações oferecidas pela orientadora pedagógica das EMEIs³³ – a qual atuou nas gestões 1997-2000; 2005-2008 e continua na presente gestão: 2009-2012 – no dia 17 de abril de 1999 iniciou-se um curso denominado Capacitação de professores da Educação Infantil da rede municipal de Matão-SP. Esse curso era mensal e foi composto por oito encontros durante o ano de 1999 e mais oito no ano de 2000, sendo ministrado pela professora Maria Maura Gomes Barbosa, a qual era coordenadora pedagógica da Educação Infantil da rede municipal de Ensino da cidade de Itapetininga-SP e participava de grupos de estudos coordenados pelas educadoras Telma Weisz e Ana Teberosky, influentes colaboradoras na elaboração do Referencial Curricular Nacional da Educação Infantil.

Os objetivos deste curso foram: conhecer a trajetória da Educação Infantil no Brasil, entender as diferentes concepções de ensino e aprendizagem, observar a importância de se organizar a rotina diária do trabalho em sala de aula, além de oferecer uma reflexão acerca do conteúdo presente no citado Referencial Curricular, bastante novo na Educação Infantil da cidade de Matão naquela época.

³³ O leitor encontrará em muitos momentos desse trabalho informações do tipo: “segundo a Orientadora Pedagógica das EMEIs...”, “conforme a Diretora de Divisão de Pré-Escola...”, pois, ao atuar como diretora de uma das EMEIs, durante cinco anos, participei de muitas reuniões pedagógicas, formações, encontros de professores e, nesse período, todas as minhas perguntas eram respondidas por esses profissionais da educação do município, no entanto, não se realizaram em forma de entrevista, em uma data específica, visto que eu colhia as informações sempre que novas dúvidas surgiam.

Então, no terceiro encontro, realizado no dia 19 de junho de 1999, a professora Maria Maura ofereceu, como reflexão e sugestão, alguns roteiros de atividades organizativas que estavam distribuídas em cada dia da semana e, em um dos dias, entre outras atividades, encontrava-se a sugestão do Conto-Reconto, inicialmente descrito como “conta-contos”, o qual caracterizava-se como uma das atividades permanentes desenvolvidas em sala de aula. Segundo a orientadora pedagógica das EMEIs, nesse terceiro encontro realizado, a professora Maria Maura esclareceu que a atividade de contar e recontar histórias faz com que a criança participe de situações de leitura, mesmo que ainda não saiba ler de maneira convencional. Essas práticas de leitura permitem que as crianças se coloquem no papel de leitoras, recontando histórias, manuseando livros, além de reconhecerem a leitura como fonte de prazer.

Nessa direção, em uma entrevista aberta que versava sobre o trabalho com a contação de histórias nas escolas, a qual aconteceu no Departamento de Educação, no dia 02 de maio do ano de 2007, depõe a Orientadora Pedagógica das EMEIs de Matão-SP acerca da fertilidade da atividade de contação de histórias para as crianças:

“As crianças nessa faixa etária gostam de escutar a mesma história várias vezes pelo prazer de reconhecê-la, de aprendê-la em seus detalhes, de cobrar a mesma sequência, de antecipar as emoções que teve da primeira vez. Por isso, eu acho que quando a criança ouve muitas histórias, ela pode construir um saber sobre a linguagem oral e até a escrita, isso porque ela aprende que na escrita, as coisas permanecem e que se pode voltar a elas e encontrá-las tal qual estavam da primeira vez”

Outras informações a respeito da implantação da atividade Conto-Reconto nas EMEIs de Matão vem do relato de uma das idealizadoras dessa atividade, ou seja, da professora Maria Maura Gomes Barbosa, a qual ministrou o curso de capacitação de professores nos anos de 1999 e 2000, como exposto anteriormente.

No dia 04 de maio de 2007, a convite da Secretaria de Educação do município de Matão-SP, a professora Maria Maura Gomes Barbosa – naquele momento trabalhando como coordenadora de uma ONG chamada CEDAC (Centro de Educação e Documentação para Ação Comunitária), sediada na grande São Paulo – voltou à Matão a fim de ministrar uma palestra para os professores que atuam nas séries iniciais do Ensino Fundamental.

Então, ao final desse encontro, tive a oportunidade de realizar uma entrevista com a professora Maura – como gosta de ser chamada – em uma das salas da Secretaria de Educação. Essa entrevista foi norteada a partir de um roteiro composto apenas pelos itens que

eu pretendia abordar com a professora, os quais versavam a respeito da atividade Conto-Reconto e de algumas questões que a permeiam, e não por perguntas fechadas. Destaco que tal entrevista foi gravada com autorização da entrevistada, porém esse momento aconteceu de forma bastante descontraída, tomando contornos e um direcionamento muito mais de uma conversa informal, do que de entrevista propriamente dita, uma vez que a professora nos propôs que conversássemos para trocarmos ideias sobre o que pensávamos a respeito do Conto-Reconto, bem como sobre nosso trabalho de investigação acerca da contação de histórias para crianças. Nesse sentido, apresento a seguir a transcrição de minha conversa com a professora Maura, acompanhada por meus comentários e/ou observações.

Quando perguntei a respeito da proposta do reconto inserida num cronograma de atividades do professor, a professora relatou-me que tal cronograma foi pensado por ela e sua equipe de trabalho para ajudar o professor da Educação Infantil a organizar a gestão do tempo, de modo que o aluno possa ter garantidos momentos como esse de poder ouvir e contar histórias, daí a atividade do reconto, nas palavras da educadora, ter sido sugerida com *intencionalidade de ensino e de aprendizagem*:

“Existe uma intencionalidade, um propósito, porque recontar histórias é se apropriar do gênero narrativo e a narração faz parte do nosso cotidiano. (...) As crianças recontam a história de uma forma sucinta, mas elas contam a história, o conteúdo está ali garantido e logicamente, com o passar do tempo, se isso for uma atividade que faz parte do currículo da escola, as crianças vão estar recontando mais próximo da linguagem que se escreve e logicamente os professores vão poder fazer outros investimentos. (...) O reconto tem que fazer parte do currículo porque é apropriar-se de uma narrativa mais próxima da linguagem escrita e isso tem que estar garantido de tão importante que é”.

Nessa conversa abordei também a questão da relevância do reconto para o desenvolvimento cognitivo das crianças:

“Como eu ordeno as ideias para que as pessoas me compreendam? Recontar para o outro é para que o outro compreenda o que eu quis contar, então eu tenho que me preocupar com a minha forma de expressão. Além disso, o reconto é uma comunicação oral que tem um planejamento, uma ordenação de ideias, uma sequência de fatos e a criança se prepara para ele (reconto), não é uma comunicação oral de qualquer jeito, então tem um respeito por aquele momento. [...] E tem a questão da memória, que é fantástica! Saber que a gente tem esse grande recurso... Além da ampliação do repertório, saber quanta coisa eu posso guardar na minha memória para o meu bem, meu patrimônio que é o meu conhecimento. [...] É preciso saber da importância que isso tem para o indivíduo, a questão da auto-estima, de ser respeitado, de ser valorizado, de ser ouvido e de ser bem sucedido”.

Tratamos das questões referentes ao papel da família e do professor em reconhecer ou não a importância desse tipo de atividade para as crianças. Nesse contexto, segundo o relato da professora Maura:

“A criança precisa ter a parceria da família, da mãe, do pai ou de alguém...porque tem a questão do vínculo da família com a criança, do sentar junto para contar uma história, daí o estreitamento desse vínculo através do conhecimento. Mas, às vezes, a criança não tem essa parceria e se ela não tem, eu, professora, posso ser...eu não posso deixar esse aluno à margem só porque ele não tem quem ajude em casa. Eu acho que aí tem todas as variáveis que a gente precisa discutir com os professores para garantir que esse momento (do reconto) seja bacana mesmo. A tomada de consciência dos professores sobre a importância de contar histórias tem que fazer parte do conteúdo de formação. Não é um fazer para dar satisfação daquilo que eu faço, mas pensar o que que esta atividade vai contribuir para que as crianças possam ficar mais sabidas. Então o reconto precisa estar no currículo e a gente precisa discutir”.

De modo a finalizar seu depoimento, a professora Maura voltou a falar das razões pelas quais a atividade Conto-Reconto foi proposta para a Educação Infantil, bem como da fertilidade dessa atividade:

“... por isso o Conto-Reconto foi sugerido, para ter mais um momento de aproximação com a linguagem escrita, para estreitar o vínculo familiar e para fazer com que a professora aprenda a ser parceira mais experiente para o sucesso (do aluno) e não para o fracasso... e a escola precisa garantir isso”.

A seguir, será elucidada a trajetória com o trabalho de campo, em que explico a composição da amostra com a qual trabalhei, apresentando pontos significativos dos depoimentos dos entrevistados a respeito do Conto-Reconto e das questões que o permeiam. Esclareço que todas as entrevistas encontram-se transcritas, na íntegra, no Apêndice deste estudo.

2.2 - O trabalho de campo: as informações dos dados.

Este estudo está nos limites do estudo de caso. Desse modo, segundo Chizzotti (1998), trata-se de uma abordagem cujo objetivo é coletar e registrar dados de um caso particular ou de vários casos, a fim de organizar um relatório ordenado e crítico de uma experiência, ou

avaliá-la analiticamente, objetivando tomar decisões a seu respeito ou propor uma ação transformadora. No entender do autor o caso é tomado como unidade significativa do todo e, por isso, suficiente tanto para fundamentar um julgamento fidedigno quanto propor uma intervenção. É considerado, ainda, como um marco de referência de complexas condições sócio culturais que envolvem uma situação, a qual visa retratar uma realidade e/ou revelar a multiplicidade de aspectos globais, presentes em um dado contexto.

Para tanto, Bourdieu indica que a escolha do método não deve ser rígida, mas rigorosa, ou seja, o pesquisador não necessita seguir um método só com rigidez, mas qualquer método ou conjunto de métodos que forem utilizados devem ser aplicados com rigor. Ainda, segundo o autor, a construção do objeto não é uma coisa que se produza de uma única vez, em suas palavras, de uma “assentada” ou “ato teórico inaugural”. A construção do objeto “se realiza pouco a pouco, por retoques sucessivos, por toda uma série de correções, de emendas, sugeridas por o que se chama o ofício, quer dizer, esse conjunto de princípios práticos que orientam as opções ao mesmo tempo minúsculas e decisivas” (BOURDIEU, 1979, p. 27). É justamente por isso que o autor acha completamente normal que o pesquisador passe muito tempo a discutir pormenores aparentemente insignificantes. Neste sentido, a qualidade do trabalho vai estar intimamente ligada à atenção que este pesquisador dedicou à construção do objeto, às mudanças no mesmo e, como atentou, “aos retoques sucessivos” nesta construção.

Assim, com a finalidade de abarcar os objetivos propostos neste estudo, qual seja: verificar as contribuições de caráter cultural, isto é, a aquisição de capital cultural que a atividade Conto-Reconto de histórias trouxe aos alunos que dela desfrutaram, além de mostrar se essa atividade estreita laços familiares, especificamente o vínculo mãe e filho, o recurso escolhido para a coleta de dados com todos os envolvidos na atividade Conto-Reconto – professoras, alunos, mães – foram entrevistas semi-estruturadas, as quais se desenrolaram a partir de um esquema básico, porém não aplicado rigidamente, permitindo que a pesquisadora fizesse as necessárias adaptações, as quais esse procedimento exige.

No entender de Bourdieu (1999), para se obter uma narrativa natural muitas vezes não é interessante fazer uma pergunta direta, mas fazer com que o pesquisado relembre parte de sua vida. Para tanto o pesquisador deve ir suscitando a memória do pesquisado. Assim, uma entrevista bem sucedida depende muito do domínio do entrevistador sobre as questões previstas no roteiro. O conhecimento ou familiaridade com o tema evitará confusões por parte do entrevistador, além disso, perguntas claras favorecem respostas também claras, as quais respondam aos objetivos da investigação.

Ao ter em mente que “não há perguntas neutras”, o autor nos alerta que o pesquisador necessita submeter seus próprios questionamentos a um intenso exercício crítico. Caso contrário, pode incorrer no erro de, por exemplo, induzir o entrevistado a respostas que estão implícitas, de antemão, em suas próprias perguntas: “o sonho positivista de uma perfeita inocência epistemológica oculta na verdade que a diferença não é entre a ciência que realiza uma construção e aquela que não o faz, mas entre aquela que o faz sem o saber e aquela que, sabendo, se esforça para conhecer e dominar o mais completamente possível seus atos” (BOURDIEU, 1999, p. 694).

Há que se dizer que, no entender de Bourdieu, Chambredon e Passeron (2004, p. 52), a resposta emitida por um sujeito não pode ser interpretada como “[...] a explicação do comportamento, mas um aspecto do comportamento a ser explicado”. Neste caso, como um aspecto dos resultados da atividade Conto-Reconto. Ainda, segundo os autores, a técnica da entrevista não é neutra, uma vez que propõe relação social artificial. Nesse sentido, as perguntas elaboradas pelo entrevistador fazem parte de um recorte, expressando aquilo que pode ou não ser perguntado, o que, por sua vez, implica intencionalidade na maneira como serão respondidas pelo entrevistado. Isso significa que, em relação ao pesquisador, por mais que se tome precaução acerca de seus interesses, em nenhum momento consegue se desvencilhar, de modo absoluto, dos mesmos. Ainda mais neste estudo, pois como já esclareci, tive contato direto com a atividade Conto-Reconto. Por isso, a transparência no que se referia aos meus interesses esteve sempre presente.

Portanto, conforme Bourdieu ponderar sobre a relação que se estabelece entre pesquisador e sujeitos pesquisados ao longo da prática de entrevista significa atentar para a dissimetria que está no princípio de tal relação. Basta levar em consideração o fato de que se a entrevista pode ser entendida como uma espécie de jogo de perguntas e respostas, aquele que a inicia, no caso o pesquisador, estabelece a regra do jogo, “(...) é ele quem, geralmente, atribui à entrevista, de maneira unilateral e sem negociação prévia, os objetivos e hábitos, às vezes mal determinados, ao menos para o pesquisado” (BOURDIEU, 1999, 695). A esta dissimetria inicial soma-se, como ressalta o autor, a dissimetria social proporcionada pelas distintas posições ocupadas, tanto pelo pesquisador quanto pelos sujeitos entrevistados, em relação às diferentes espécies de capital, em especial, o capital cultural. É, talvez, devido também a essa característica da natureza técnica da entrevista que muitas serão as mediações estabelecidas entre entrevistador e entrevistado, no que diz respeito ao tipo e qualidade das informações que são coletadas.

Na tentativa de minimizar essa mediação inevitável adotei a entrevista por meio de

perguntas abertas, as quais permitem uma resposta livre, operacionalizada na medida do possível da relação entrevistador-entrevistado e não limitada por alternativas apresentadas. Tais perguntas foram formuladas de modo a abarcar os questionamentos que envolvem as questões com as quais estou trabalhando, qual seja: a perspectiva dos sujeitos acerca da atividade conto/reconto (estratégia escolar), vínculo familiar, aquisição de capital cultural e reestruturação do *habitus*. Para tanto, utilizei a gravação direta, a qual tem a vantagem de registrar todas as expressões orais, imediatamente, deixando o entrevistador livre para prestar toda a sua atenção ao entrevistado.

Ainda, de acordo com os estudos bourdieusianos, para se obter uma boa pesquisa é necessário escolher as pessoas que serão investigadas, sendo que, na medida do possível estas pessoas sejam já conhecidas pelo pesquisador ou apresentadas a ele por outras pessoas da relação da investigada. Dessa forma, quando existe uma certa familiaridade ou proximidade social entre pesquisador e pesquisado as pessoas ficam mais à vontade e se sentem mais seguras para colaborar. Assim, Bourdieu (1999) aconselha, na medida do possível, falar a mesma língua do pesquisado, ou seja, o pesquisador deve descer do pedestal cultural e deixar de lado momentaneamente seu capital cultural para que ambos, pesquisador e pesquisado possam se entender. Se isso não acontecer, provavelmente o pesquisado se sentirá constrangido e a relação entre ambos se tornará difícil. O pesquisador deve fazer tudo para diminuir a violência simbólica que é exercida por meio dele mesmo.

Então, quanto à amostra com a qual trabalhei, o quadro de sujeitos desta pesquisa foi composto por sete professoras de sete EMEIs situadas na cidade de Matão-SP, além de dez alunos que participaram das atividades de reconto de histórias durante dois anos nas EMEIs (jardim II e pré-escola) e que atualmente encontram-se na oitava série do Ensino Fundamental (ainda composto por oito anos) e/ou primeiro Ano do Ensino Médio, bem como as mães desses dez alunos.³⁴ Todas as pessoas que participaram deste estudo – professoras, alunos e mães – receberam duas cópias do documento *Termo de Consentimento e Autorização*, constante no Anexo K e, terminadas as entrevistas, os participantes assinavam o documento, ficando uma cópia para eles e uma para a pesquisadora. Desse modo, as entrevistas foram gravadas em áudio e posteriormente as falas dos entrevistados foram transcritas, contudo trabalhei com essas informações sem que os entrevistados lessem essa transcrição. Reitera-se

³⁴ Antes de iniciar as entrevistas, expliquei que elas seriam gravadas e procurei garantir total sigilo em relação às fitas; esclareci que todo o conteúdo das entrevistas seria transcrito para utilizar tais informações em meu estudo e procurei atentar os entrevistados para o fato de que não voltaríamos a nos encontrar para que os mesmos pudessem ler a transcrição e optarem em retirar e/ou acrescentar alguma coisa em seus relatos. Além disso, afirmei que suas identidades seriam totalmente protegidas.

que todo o material das entrevistas consta do Apêndice desse trabalho.

Bourdieu (1999) também aponta algumas sugestões para com a transcrição da entrevista que é parte integrante da metodologia do trabalho de pesquisa. Para tanto, o autor considera como dever do pesquisador a legibilidade, ou seja, aliviar o texto de certas frases confusas de redundâncias verbais ou tiques de linguagem (né, bom, pois é, etc). Assim, Bourdieu também considera como um dever do pesquisador tomar o cuidado de nunca trocar uma palavra por outra, nem mesmo mudar a ordem das perguntas. Neste contexto, cabe dizer que, na transcrição das entrevistas desse estudo, mantive a ordem lógica e o sentido, porém fiz as correções pertinentes à análise sintática, desse modo, quando os depoimentos passaram da oralidade para o texto, procedi aos ajustes que a linguística exige, isto porque meu interesse concentrou-se, nesse momento, no Conto-Reconto e não, necessariamente, em saber se os entrevistados falavam bem, com português correto ou não.

No que diz respeito à escolha das professoras que participariam das entrevistas, tal procedimento aconteceu de maneira a obedecer um critério fundamental, ou seja, estarem atuando na Educação Infantil da rede municipal de Matão há dez anos ou mais, tendo participado nos anos de 1999 e 2000 dos cursos de formação oferecidos pelo Departamento de Educação da época, visto que, como já explicitado, a atividade Conto-Reconto foi sugerida no decorrer de tais cursos. Então, dentre os 165 docentes que atuavam nas EMEIs no ano de 2009, foram selecionadas sete professoras que atendiam ao pré-requisito estabelecido, as quais se dispuseram prontamente a participar das entrevistas para meu estudo. Há que se dizer que alguns fatores contribuíram para que eu pudesse fazer a escolha das professoras de maneira bastante tranquila, tais como: ser conhecida por grande parte do professorado; possuir vínculo com as professoras por participar, juntamente com as mesmas, de cursos, reuniões pedagógicas, palestras, oficinas; além de várias conversas informais que tive com várias delas nos últimos dois anos, a respeito do estudo que eu estava desenvolvendo.

Vale sublinhar que, das sete professoras entrevistadas, apenas uma leciona na escola em que eu atuava como gestora e, devido à proximidade e facilidade quanto aos horários, a primeira entrevista aconteceu com a professora mencionada, o que contribuiu para que eu fizesse possíveis ajustes no enredo das questões, de modo a torná-lo o mais adequado possível para alcançar os objetivos das entrevistas com êxito. Se essa aproximação, pesquisadora e sujeito, pode trazer implicações no que diz respeito ao tipo de informações disponibilizadas, e estou atenta a isso, neste caso, foi o que me possibilitou acesso, inclusive contribuindo para aparar arestas no instrumento norteador das entrevistas. Nesse sentido, ao entrevistar a

professora da escola na qual eu atuava como gestora, essa intimidade me permitiu tornar o instrumento mais adequado. Desse modo, de acordo com a disponibilidade de horários das sete professoras, as entrevistas aconteceram nas EMEIs em que lecionam, durante o HTP (Horário de Trabalho Pedagógico), bem como em suas casas.

No que diz respeito à formação das professoras, todas fizeram Magistério e posteriormente Graduação em Pedagogia, sendo três em universidade pública e as outras quatro em instituição particular. As duas professoras mais jovens tem 34 anos, mas iniciaram suas carreiras aos 18 e 19 anos. Além disso, pôde-se observar que todas tem uma boa experiência profissional, principalmente na Educação Infantil, em que duas das professoras entrevistadas estão para se aposentar, pois já completaram mais de 30 anos atuando no magistério. O Quadro 13 apresenta o roteiro norteador das entrevistas com as professoras.

Roteiro, com perguntas abertas, para entrevista com as professoras

Nome / Idade

Formação

Tempo de docência na Educação Infantil

*****Histórico da professora no que diz respeito a ouvir histórias na infância e sua atuação enquanto leitora***

1. Você ouvia histórias quando criança? Se sim, quem as contava?
2. Você se lembra de suas professoras lhe contando histórias? Como são essas lembranças?
3. Alguma história marcou sua infância? Se sim, qual/quais?
4. Você gosta de ler? Justifique.
5. Que tipos de leitura você realiza em seu dia-a-dia? (Jornal, revistas, livros de culinária, romances, ficção, histórias de auto-ajuda, etc).
6. Quantos livros, em média, você lê por ano?
7. Qual foi o último livro que você leu?

*****Atuação da professora quanto à atividade do Conto-Reconto e sua importância para a criança***

1. Você gosta de contar histórias? Justifique.
2. Você conta histórias para seus alunos? Com que frequência?
3. Quando você conta uma história para seus alunos, costuma utilizar algum recurso? (Livro, fantoches, caixas de histórias, sucata, avental de histórias, etc).
4. Como seus alunos reagem quando você conta uma história para eles?
5. Você realiza a atividade do conto-reconto? Com que frequência?
6. Você acha esse tipo de atividade (contar e recontar histórias) importante? Por quê?
7. Em sua opinião, pedir para a criança recontar uma história pode trazer algum benefício para ela futuramente? Esclareça sua resposta.

Quadro 13 – Roteiro com as perguntas para entrevista com as professoras das EMEIs

A busca pelos alunos que haviam concluído a pré-escola nas EMEIs nos anos de 2000 e 2001 aconteceu de maneira simples e relativamente fácil; novamente reitero, o fato de ser bastante conhecida, por fazer parte da rede municipal de educação do município de Matão-SP, contribuiu positivamente para que eu tivesse acesso aos registros e prontuários dos ex-alunos em diferentes EMEIs. Há que se dizer que, alguns desses alunos e suas mães foram indicados pelas próprias diretoras das escolas, as quais alegavam que aquelas seriam pessoas que gostariam de participar da pesquisa.³⁵ Para tanto, escolhi os alunos que estavam cursando o último ano do Ensino Fundamental e o primeiro ano do Ensino Médio tendo em vista diferentes faixas etárias, com um grau de maturidade maior e/ou menor; variável que considerei importante para a composição da amostra, a qual foi composta por cinco meninos e cinco meninas. No que diz respeito à idade, os alunos entrevistados apresentam entre 14 e 16 anos e apenas uma aluna possui 13 anos.

Meu contato com os jovens esteve revestido de um clima muito descontraído, tanto por parte daqueles que não me conheciam quanto dos que aparentavam ser mais tímidos. Ao final das entrevistas, alguns deles queriam mais informações sobre a minha pesquisa, tinham curiosidade em saber para quê seria útil essa tese de doutorado; outros perguntavam a respeito do curso de graduação que eu havia feito e em quais universidades tinha estudado. Assim, procurei responder satisfatoriamente a todas as questões dos ex-alunos e esclarecer, de acordo com a área de trabalho em que atuo, algumas de suas dúvidas. Nesse sentido, arrisco dizer que as entrevistas com esses sujeitos não serviram apenas para obter as informações de meu interesse, serviram também para os sujeitos obterem informações relativas ao prosseguimento de suas histórias de escolarização. Seria a didática desse tipo de instrumento em ação?

A seguir apresento o roteiro com as perguntas feitas nas entrevistas com os ex-alunos das EMEIs.

³⁵ Cabe esclarecer que as EMEIs são escolas que ficam em bairros periféricos da cidade de Matão-SP e, aquelas que possuem os maiores prédios, apresentam um número máximo de 240 alunos, desse modo, as diretoras dessas escolas conhecem o alunado, os pais, bem como a comunidade em que estão inseridos e, por isso, foi mais fácil esse tipo de indicação que algumas diretoras fizeram quanto aos possíveis participantes de minha pesquisa.

Roteiro, com perguntas abertas, para entrevista com os ex-alunos das EMEIs

Nome

Idade

Série em que estuda

Escola atual

EMEI em que estudou

Quantidade de anos na EMEI (Jardim I, Jardim II, Pré-escola)

1. O que você mais gostava de fazer quando estudava na EMEI? Sente saudades de algo ou alguém? Por quê?
2. Você gosta de ouvir histórias? Por quê?
3. Você se lembra de sua professora da EMEI lhe contando histórias? Quando isso acontecia, como era esse momento para você?
4. Lembra-se da atividade Conto-Reconto? Chegou a participar?
5. Gostava de recontar as histórias ouvidas aos seus colegas? Como você se sentia?
6. Alguma história foi marcante para você? Se sim, qual história? Por quê?
7. Qual matéria/disciplina você mais gosta? Por quê?
8. Gosta de ler? Se sim, diga o que você gosta de ler?
9. Gosta de escrever? Se sim, tem preferência por escrever qual tipo de texto? (Histórias, poesias, textos informativos, piadas, quadrinhos, músicas, etc).
10. Você acha que a leitura é importante? Para quê? Por quê?

Quadro 14 – Roteiro com as perguntas para entrevista com os ex-alunos das EMEIs

As entrevistas com os alunos e suas mães aconteceram em suas próprias casas e o primeiro contato era sempre realizado por telefone, em alguns momentos a mãe era quem me atendia e em outros, os filhos. Assim, eu me apresentava como professora e explicava que essa pesquisa estava sendo realizada para efeito de conclusão de meu doutoramento, o que implicou esclarecer o que é um doutorado. Em seguida, explicava, em linhas gerais, as intenções com esse trabalho e pedia a colaboração dos dois (mãe e filho) para a realização das entrevistas. Então deixava que os participantes escolhessem o dia e o horário em que poderíamos realizar as entrevistas, para que não atrapalhasse a rotina dos mesmos. Feitos todos os esclarecimentos necessários e possuir o consentimento dos sujeitos devidamente assinado, começava entrevistando os alunos, seguidos de suas mães, as quais ficavam sempre presentes e atentas a tudo o que os filhos respondiam. Como não tinha como evitar a presença das mães, pode ser que seus filhos nem sempre tenham dito o que de fato gostariam de dizer. Contudo, pelas entrevistas apresentarem diversos ângulos, isso não trouxe prejuízos aos meus interesses, até este momento. Preferi, portanto, não perder as mães porque poderia, inclusive, perder os filhos. Assim, os dados foram coletados nessas circunstâncias. Esses são os limites das informações que transformei em dados neste estudo, o que também faz parte de qualquer pesquisa.

Minha opção por entrevistar as mães dos alunos e não os pais deveu-se a dois fatores principais: segundo o depoimento das professoras entrevistadas, são as mães, em sua grande maioria, que realizam a tarefa de contar a história da atividade Conto-Reconto para a criança em casa. Além disso, como explicitado anteriormente, pretendo observar, a partir dos relatos das mães dos alunos, qual a importância e/ou contribuição que uma atividade de contar histórias pode trazer para o estreitamento do vínculo mãe-filho.

A idade das dez mães dos alunos das escolas públicas está compreendida entre 36 e 50 anos. Quanto ao número de filhos, a maioria das mães possui dois filhos, sendo que apenas três delas possuem três filhos. Em relação à escolaridade, cinco apresentam Ensino Fundamental Incompleto, uma Ensino Fundamental completo, três mães possuem o Ensino Médio e apenas uma concluiu o Ensino Superior. De todas as entrevistadas, apenas duas são donas de casa, as demais possuem diferentes profissões: empregada doméstica, cabeleireira, auxiliar administrativo, educadora de creche, cozinheira, manicure, auxiliar de serviços gerais e professora. Já se pode observar que se trata de um grupo que, em sua grande maioria, tem pouca escolarização, o que reflete, também, os tipos de atividades profissionais que desempenham.

De modo geral, fui recebida com muita cortesia e amabilidade nas casas e, em certos momentos, algumas mães mostravam-se surpresas ao reconhecer a pesquisadora dizendo: *“Acha que é você?”*, *“Nossa, eu te conheço desde pequenininha!”*, ou então *“Faz tempo que não te vejo, você está diferente!”*. Depois desse reconhecimento, o clima inicial de expectativa e ansiedade que se formara, se desfazia naturalmente, assim, em meu entender, tal fato contribuiu para que todos ficassem mais a vontade para falar e expressar suas emoções, pensamentos e lembranças. Essa distância manifestada pelas expressões das mães entre entrevistado e entrevistador pode ser que tenha sido um elemento que favoreceu positivamente as informações oferecidas nas entrevistas, ou seja, o fato das mães não se lembrarem da pesquisadora tornou-se um ponto positivo em relação aos dados coletados, pois naquele momento, as mães não tinham uma relação presente conosco, assim, a distância temporal serviu para que as entrevistas não sofressem qualquer tipo de implicação. As mães em suas entrevistas discorriam com muita desenvoltura, demonstrando um certo orgulho ao falarem sobre seus filhos ou saudosismo quando referiam-se ao tempo em que elas estudavam.

A partir do Quadro 15 observamos o roteiro com as perguntas realizadas para as mães dos ex-alunos das EMEIs.

Roteiro, com perguntas abertas, para entrevista com as mães dos ex-alunos das EMEIs

Nome

Idade

Escolarização

Profissão

Número de filhos

1. Você gostava de estudar? Justifique.
2. Em sua opinião, “ter estudo” nos dias de hoje é importante? Por quê?
3. Você incentiva seu/sua filho/filha a estudar? O que você fala para ele/ela a esse respeito?
4. Gosta de ler? O que você costuma ler em seu dia-a-dia ou em suas horas de lazer?
5. Você se lembra de ter contado alguma história para seu/sua filho/filha durante o tempo em que ele/ela estudou na EMEI?
6. Se sim, como era esse momento?
7. Você acha que ouvir histórias é importante para uma criança? Por quê? Para quê?
8. Em sua opinião, a quem pertence o papel de contar histórias para a criança?
9. Como você vê o trabalho com contação de histórias realizado nas EMEIs de Matão? Conhece esse trabalho?
10. Você participa da vida escolar de seu/sua filho/filha? (Reuniões, palestras, eventos, etc). Com que frequência?
11. Acha importante a participação dos pais nas decisões tomadas na escola? Esclareça.
12. Como você acha que deve ser a relação entre a escola e a família?

Quadro 15 – Roteiro com as perguntas para entrevista com as mães dos ex-alunos das EMEIs

As entrevistas aconteceram durante os meses de junho e agosto de 2009, num total de quinze horas de gravação. Como não tínhamos um tempo estabelecido para a duração das entrevistas, deixei que as mesmas fluíssem naturalmente, respeitando a fala dos entrevistados, uma vez que eu procurava aprofundar os aspectos que me pareciam necessários, levando em conta a questão nuclear desta investigação, tentando não tolher ou mesmo atrapalhar o raciocínio, bem como o relato dos sujeitos.

Bourdieu (1999) salienta que a entrevista deve proporcionar ao pesquisado bem-estar para que ele possa falar sem constrangimento de sua vida e de seus problemas e quando isso ocorre surgem discursos extraordinários. O autor ainda afirma que os pesquisados mais carentes geralmente aproveitam essa situação para se fazer ouvir, levar para os outros sua experiência e muitas vezes é até uma ocasião para eles se explicarem, isto é, construírem seu próprio ponto de vista sobre eles mesmos e sobre o mundo. Por vezes esses discursos são densos, intensos e dolorosos e dão um certo alívio ao pesquisado. Alívio por falar e ao mesmo tempo refletir sobre um assunto que talvez os reprimam. Neste caso pode-se até dizer que seja uma auto-análise provocada e acompanhada. Portanto, o pesquisador deve levar em conta que no momento da entrevista ele estará convivendo com sentimentos, afetos pessoais, fragilidades, daí o respeito à pessoa pesquisada. Além disso, o pesquisador não pode esquecer

que cada um dos pesquisados faz parte de uma singularidade, cada um deles têm uma história de vida diferente, têm uma existência singular.

Em minhas análises, as identidades das professoras, alunos e mães entrevistadas foram mantidas, tendo em vista que os nomes originais fazem vínculo mais adequado com a pessoa como um todo, neste caso, os sujeitos. Após trabalhar com as informações, devido à questões éticas, alterei os nomes dos sujeitos. Para tanto, utilizei uma ordem alfabética para nomear ficticiamente os participantes, bem como para poder identificar mãe e filho(a), como se pode observar nos Quadros 16 e 17.

Professoras
Ana
Berenice
Cássia
Denise
Estela
Fabiana
Gilda

Quadro 16 – Nomes fictícios das professoras entrevistadas.

Filho (a)	Mãe
Adriana	Amélia
Breno	Beatriz
Carla	Cíntia
Danilo	Dulce
Eloísa	Érica
Fernando	Fátima
Gabriela	Gisela
Hugo	Helena
Iara	Irene
Júlio	Janete

Quadro 17 – Nomes fictícios dos ex-alunos das EMEIs e de suas respectivas mães.

Saliento que, para poder trabalhar com o conteúdo dessas entrevistas, seja isoladamente, seja em conjunto, considere necessário proceder ao fichamento dos relatos, de modo a elencar aspectos importantes que poderiam servir como novas categorias analíticas para, posteriormente, analisá-las com o suporte do referencial teórico com o qual trabalhei.

Esse procedimento que adotei foi orientado pela técnica Análise de Conteúdo proposta por Laurence Bardin (1988). Segundo a autora, a Análise de Conteúdo define-se como:

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos, sistemáticos e objectivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens. (BARDIN, 1988, p. 42).

Desse modo, a análise de conteúdo organiza-se em três pólos cronológicos: a *pré-análise*, a *exploração do material* e, por último, o *tratamento dos resultados*, a *inferência e a interpretação*. A pré-análise objetiva sistematizar e operacionalizar a pesquisa, por isso é preciso escolher os documentos que serão analisados, bem como formular hipóteses e objetivos que fundamentem a interpretação final. A segunda etapa, ou seja, a exploração do material é a fase da análise propriamente dita, na qual há a sistematização de procedimentos e operações necessários para examinar minuciosamente os dados obtidos. Por fim, o tratamento dos resultados obtidos e sua interpretação necessitam do rigor imposto pelo analista para que possam ser estabelecidos quadros significativos de dados, de tal modo que possibilitem condensar e agrupar as informações fornecidas pela análise passando pelo crivo da teoria escolhida anteriormente.

Ainda, segundo Bardin (1988), há várias técnicas para realizar a análise de conteúdo, dentre elas podemos citar: análise categorial, análise de avaliação, análise de enunciação, análise de expressão, análise de relações e análise de discurso. Em meu estudo a técnica de análise utilizada foi a análise categorial, a qual objetiva considerar a totalidade de um texto, atribuindo-lhe uma determinada classificação, segundo a presença ou ausência de itens de sentido para a realização de seu agrupamento, tudo isso definido à luz de uma teoria específica. Com efeito, a análise categorial:

[...] funciona por operações de desmembramento do texto em unidades, em categorias segundo reagrupamentos analógicos. Entre as diferentes possibilidades de categorização, a investigação, dos temas, ou a *análise temática*, é rápida e eficaz na condição de se aplicar a discursos directos (significações manifestas) e simples. (BARDIN, 1988, p. 153, grifo do autor).

2.2.1- O depoimento das professoras que atuaram no Conto-Reconto no período 1999-2009.

A seguir foram destacados aspectos relevantes das falas das professoras³⁶ no que diz respeito à importância da atividade Conto-Reconto para as crianças, bem como para a vida dos alunos futuramente. Além disso, foram registrados outros indícios que apareceram nas falas das mesmas, no que diz respeito à relação que estabelecem com as histórias infantis, segundo o roteiro norteador das entrevistas.

Aspecto aferido	Sim	Não	Mais ou menos / pouco
Ouvia histórias quando criança	5	1	1
Lembra das suas professoras contando histórias	2	5	
Alguma história marcou sua infância	4	3	
Gosta de ler	6		1

Quadro 18 – Respostas das professoras sobre sua relação com as histórias infantis e a leitura

Quanto às respostas das professoras às questões referentes à relação com as histórias infantis e a leitura, conforme exposto no quadro acima, pode-se observar que cinco professoras responderam que ouviam histórias na infância e, de acordo com as mesmas, quem as contavam eram os pais, seguidos das avós e tias. Uma professora afirmou que ouviu poucas histórias, as quais eram inventadas e uma respondeu que não ouvia histórias na infância, alegando que a vida era muito difícil e que ninguém em sua família tinha tempo para isso. Para tanto, destaca-se duas falas das professoras:

As histórias que eu ouvia eram contadas pela minha mãe, pelo meu pai e por uma tia...que vinha da capital, nós morávamos no sítio e sempre que ela vinha, ela trazia livros, ela contava, mas era mais contada do que lida...eu até me lembro que eu tinha uma curiosidade muito grande pelos livros quando via algum, só que não tinha muito acesso, nem à escola, a escola era muito longe, então quando eu comecei a frequentar, eu já tinha quase oito anos, por isso, o que eu tinha de livros vinha dessa família, que eram os donos do sítio e levavam esse material de leitura.[...]Agora eu tô voltando muito naquele tempo, eu queria ler os gibis e não conseguia, eu sabia que tinha alguma coisa ali, as figuras, as letrinhas, mas não...eu ficava pedindo para os outros lerem...era uma ansiedade tão grande...eu pegava o livro e

³⁶

Para maior destaque das falas dos entrevistados, utilizei em todos os exemplos transcritos a letra *Times New Roman*, tamanho 11, itálico, com recuo de 4 centímetros e espaçamento simples.

falava para a mamãe: “Mãe me ensina”, ela sentava do meu lado, porque ela sabia muito pouco, mesmo assim ela começava a juntar as letrinhas e eu me lembro que foi ela que me alfabetizou... (Profª Berenice)

Não. Minha mãe cantava, minha avó cantava muito, mas história era muito difícil, todo mundo trabalhava, a gente ficava em casa e a mãe trabalhando, lavando roupa pra fora, uma vida muito difícil, então não tinha muito tempo pra isso não. (Profª Denise)

A partir do excerto abaixo se observa, no depoimento da professora, que a contação de histórias pode estreitar os laços entre pais e filhos.

Eu adoro histórias porque há quarenta e sete anos atrás eu estava fazendo meu primeiro ano na escola e a minha mãe sempre trabalhou no Centro de Saúde, desde que eu me conheço por gente e ela não tinha tempo, nós fomos criados, meus irmãos e eu, pela minha avó...Uma maneira da minha mãe deixar marcada a presença dela era toda noite contar história pra gente, por isso que eu gosto de contar história, porque eu vivenciei muita história com ela...e isso me fazia muito bem porque era o único momento, a noite, que eu tinha pra ficar com a minha mãe, então eu sonhava, eu viajava, eu conhecia mundos, eu conhecia castelos, fadas, bruxas, tudo através das histórias contadas pela minha mãe e a presença dela que era o mais importante também. (Profª Cássia)

Duas entrevistadas se lembram de suas professoras lhes contando histórias, as demais afirmaram que suas professoras não contavam e que apenas os textos contidos nas cartilhas e/ou nos livros didáticos eram lidos com a classe ou individualmente pelos alunos. Desse modo, deve-se atentar para o fato da contação de histórias, neste caso, fazer parte da vida das professoras muito mais no âmbito familiar do que no escolar. Esse investimento familiar, como já expusemos com Bourdieu, faz toda diferença na formação do agente social, sobretudo em se tratando de um professor. Conforme os seguintes depoimentos:

Eu lembro que antes de entrar na primeira série, eu fiz alguns meses em uma escolinha, mas eu não me recordo de nenhuma professora me contando histórias. Eu lembro assim, que tinham os livros (didáticos) e que a gente tinha que estar lendo ali, mas não me recordo dela pegar um livro e estar contando a história não. Eu acho que isso não aconteceu. Teve outros momentos, mas de contar histórias não. (Profª Estela)

Não. Olha, causos eu ouvia muito, na casa do sítio do meu avô, toda noite, então reunia todo mundo lá, os colonos...tudo e a gente ouvia muito causo, um melhor que o outro. Aí quando chegou na escola não contava história, tinha leitura, então a professora dava um livro para você ler, o livro didático da classe, dava um parágrafo para cada um, então: “Lê fulano, agora pára, continua você” e ía assim, e tinha a prova de leitura com o diretor da escola, então nós tínhamos uns panfletos, colados uma historinha

com uma gravura e você tinha uns minutinhos pra ler, então você ia na frente do diretor, lia pra ele a história, aí ele tirava o papel da tua mão e você tinha que contar a história pra ele. Isso foi durante o primeiro e segundo ano direto da escola. (Profª Denise)

Não, não tenho essa lembrança. Só tenho lembrança de texto, texto escrito, texto, texto, texto que eu tinha que passar da letra de imprensa pra letra cursiva, tinha que transcrever, só, era a única forma de ouvir assim...uma história, não seria bem uma história, era um texto, mas uma história mesmo, que ela pegava pra contar...não. Aliás eu lembro da professora mandando a gente pra biblioteca, não ia junto, não dava uma orientação. (Profª Fabiana)

Seis professoras afirmaram que gostam de ler e uma respondeu que gosta de ler “algumas coisas”, além disso, as professoras alegam que lêem, prioritariamente, livros relacionados ao trabalho. Apenas duas lêem de oito a dez livros por ano, as demais afirmaram ler um, dois ou, no máximo, quatro livros por ano. Além dos livros pedagógicos, entre as preferências encontram-se os romances, que foram citados por seis professoras, seguidos de livros sobre religião, poesias, bem como jornais e revistas. Dentre as razões para o número reduzido de leituras ao ano, encontram-se a falta de tempo, ou seja, devido à correria do dia-a-dia ao ter que se dividir entre a profissão e os afazeres domésticos, além dos altos preços dos livros e da falta de hábito de leitura. O estudo de Carlindo (2009) também evidenciou o pouco investimento em leitura por parte das professoras-sujeitos da pesquisa.

De modo a elucidar o exposto, cabe ressaltar os seguintes excertos:

Gosto...eu gosto de ler, mas o hábito de leitura... Assim, eu leio muita coisa porque eu preciso, mas comprar um livro ou pegar um livro é difícil, só se for as coisas do meu trabalho, de escola... que eu vou, pesquiso, eu vou atrás, mas ir em uma livraria e pegar um livro pra comprar, não. Eu tenho a vontade, mas às vezes... no dia-a-dia ou principalmente pela parte econômica, eles são caros, então, eu até já pedi emprestado e me emprestam, mas aí passa o tempo, eu não vou atrás, mas...eu não pego um livro pra ler...eu já tive esse hábito, mas agora...não. (Profª Estela)

Eu adoro ler tudo, tudo, poesia, conto, ficção, romance, jornal...às vezes eu não tenho nada pra ler, eu agora tô procurando, você não tem um livro bom pra me emprestar? Eu estou agoniada porque eu não tenho, esgotou tudo, então eu leio até jornal velho! É uma necessidade que eu tenho de ler, você entende? Então eu leio muito, eu gosto muito de ler! (Profª Denise)

Um fato interessante é que a maioria das professoras não mencionou se gosta de escrever ou não, no entanto, apenas uma delas faz a relação entre a leitura e a escrita,

abordando a questão dos benefícios da contação de histórias para o desenvolvimento da escrita em sua própria vida:

[...] Forma um hábito muito importante porque vai transformar ele em uma pessoa que vai valorizar aquilo...vai ser uma experiência positiva na vida dele, isso vai. [...] Por que que eu acredito que sim, porque o universo da leitura vai despertar em você o desejo de conhecer todo aquele mundo, de buscar aquilo, então ele te mostra, ele abre mil janelas pra você...e se você tem aquele interesse, já despertou...você vai em busca disso...pode despertar até um talento aí pra escrita...eu mesma [...] acho que o ler me ajudou muito nessa coisa da escrita... que eu tenho, que eu desenvolvi... pelo fato de ler, o fato de estar sempre em contato com os livros. (Profª Berenice)

Diante do exposto, cabe dizer que, de acordo com a teoria bourdieusiana, a origem social dos agentes se relaciona diretamente à posição por eles ocupada no espaço social, uma vez que, além de dizer respeito à posse de diferentes tipos de capital, especialmente o econômico e o cultural, essa origem se traduz em aprendizagens incorporadas que compõem aspectos do *habitus* familiar, bem como determinado *ethos* de classe, ou seja, disposições frente ao futuro. Assim, as escolhas que os agentes fazem em suas trajetórias dizem respeito às posições que ocupam no espaço social e à busca incessante para melhorar ou manter essas posições.

Neste sentido, a classe social de origem e de pertença confere aos agentes disposições para a ação que se apresentam nas estratégias estabelecidas, bem como na visão de mundo que possuem, contribuindo para o estabelecimento de julgamentos e classificações de si e do outro. Para Bourdieu (2007), a classe social é definida por uma rede de relações e um conjunto de fatores em que se faz necessário verificar aspectos como prestígio, profissão, renda, nível de escolarização, hábitos de consumo, entre outras questões. Portanto, os conceitos *habitus*, capital cultural e *ethos* apresentam-se como importantes ferramentas analíticas para a compreensão das relações das professoras com as histórias infantis e com a leitura, inclusive no que diz respeito à constituição do gosto por tais histórias.

No que diz respeito às respostas das professoras quanto ao trabalho com as histórias infantis, especificamente quanto à relação das mesmas com a atividade Conto-Reconto, bem como a importância desta atividade para as crianças e para a vida dos alunos futuramente, observa-se que cinco professoras afirmaram que gostam de contar histórias e duas responderam que preferem ler para os alunos. Quanto à frequência com que realizam essa

atividade pedagógica, duas professoras afirmaram que contam e/ou lêem histórias três vezes na semana e as demais responderam diariamente.

Todos os dias. Mesmo quando tem mais coisas para serem lidas, como um texto informativo ou uma curiosidade, mesmo assim eu conto uma história por dia, sempre no começo da aula. (Profª Gilda)

Todos os dias. Todos os dias. Eu prefiro sempre contar no início da aula, na roda, eu conto a história... Mesmo se tem outras leituras pra fazer com eles, texto informativo ou curiosidade, mas mesmo assim eu conto uma história todo dia...O único dia que eu deixo mais livre é o dia do Conto-Reconto, que às vezes eu utilizo a história do momento ali, mas a maioria das vezes eu não conto a história, no dia do reconto, são eles que contam a história que levaram pra casa pra ler. (Profª Estela)

Sempre... não é todo dia, deveria ser, né, mas não é, todos os dias não dá tempo. Mas eu conto, no mínimo três vezes por semana eles ouvem histórias... Eu prefiro sempre contar história no começo da aula porque eu acho que eles estão mais calmos, mais concentrados, no final eles estão agitados, eles estão cansados já, então eu não gosto, eu prefiro sempre no começo da aula. (Profª Fabiana)

Todas as professoras relataram que realizam a atividade Conto-Reconto, porém, as mesmas afirmam que o fazem com algumas alterações/adaptações na proposta sugerida inicialmente³⁷, ou seja, das sete professoras entrevistadas, três afirmaram que realizam a atividade a cada quinze dias e não semanalmente, além disso, três professoras não mandam o livro para casa para todos os alunos, visto que algumas famílias não cumprem com a tarefa proposta. Podemos observar que as opiniões das professoras divergem no que se refere ao comprometimento das famílias com a atividade Conto-Reconto:

O Conto-Reconto mesmo eu faço a cada quinze dias. Eu não tenho mandado toda semana não porque tem muita gente que não faz, esquece o livro... Então a cada quinze dias, sempre na quinta-feira, eu separo uns três ou quatro livros aqui da sala, a criança escolhe um desses livros e leva pra casa. Aí a mãe conta pra criança ou deveria contar né... e no outro dia, a criança reconta na roda para os colegas. [...] Se ninguém contou pra ela em casa, eu falo pra ficar calma, então eu conto pra ela, mas geralmente é uma história já conhecida deles e aí ela reconta...quando o aluno que está recontando esquece alguma parte, sempre tem um coleguinha que ajuda, essa classe desse ano é uma graça, eles são amigos uns dos outros, eu fico feliz com algumas atitudes deles, eles querem se ajudar e isso é legal. (Profª Gilda)

³⁷ De acordo com o Roteiro de atividades semanais, sugerido para as turmas de pré-escola, no que diz respeito ao Conto-Reconto, reitera-se, o aluno deverá levar o livro para casa na quinta-feira, a fim de ser lido pela mãe ou por um de seus familiares e na sexta-feira esse aluno reconta para os colegas da classe a história que ele ouviu em casa.

Realizo, eu faço aqui na sala, na hora da leitura da história, às vezes eu pego um pra contar. Esse ano eu ainda não dei pra levar pra casa não. (Em outro momento da conversa). Eu mando o livro na quinta-feira e mando o relatório pra ver como é que foi o momento da história em casa, pra ver se foi legal, se todo mundo estava junto...porque geralmente você chega em casa, vai fazer comida, vai fazer uma coisa, vai fazer outra e você nem liga pra criança... então pra dizer como é que foi esse momento, porque é um momento em que eles ficam juntos, em que todo mundo se junta ali. Então a mãe lê a história e relata: “Ah foi legal, foi importante, a gente conseguiu ficar junto, num período, enquanto contava a história...”, então ela manda o relatório. E no outro dia, quando traz o relatório, ela (a criança) reconta a história...para os colegas, esse é o reconto. (Profª Ana)

Eu faço a cada quinze dias, só que eu não faço do jeito que é pra ser feito não, porque aqui não dá certo, não dá certo. Porque o certo seria mandar o livro pra casa, a família lê com a criança, a mãe né, e a criança voltar pra escola e contar, só que aqui muitas famílias não fazem isso, se a gente manda o livro, ele volta sem ser lido ou já teve vezes da criança chorar porque ninguém ajudou ela em casa, ela chegou no dia do reconto e estava se sentindo mal; a gente tem mãe analfabeta, então eu não mando mais, eu peço pra criança escolher uma história que ela queira recontar, uma história que eu já contei, aí ela reconta junto comigo, eu vou repassando com ela a história e, no outro dia, ela conta pra sala. [...] As mães não vem, nem em reunião de pais, geralmente elas não vem. Aliás, todas as professoras daqui já tentaram várias vezes e desistiram, a maioria das mães não quer fazer. [...] Tanto é que, dá pra perceber assim, no curso que nós fizemos, tanto no Letra e Vida quanto com a Maria Maura, as duas batem na mesma tecla, que não existe diferença de nível social, isso não interfere, se você estimular a criança... os dois cursos insistem nisso... a gente que trabalha, que põe em prática o que elas ensinam, tem sim, tem diferença sim, uma criança que é estimulada desde pequena, que tem contato com livro, com história, com revistas, com as coisas mais básicas até, ela é diferente, ela é mais interessada, ela ouve mais, ela gosta mais, é diferente, não é a mesma coisa. (Profª Fabiana)

Uma vez por semana, uma vez por semana um aluno pega... na quinta pra ler na sexta.[...]Teve um ano que eu convidei alguns pais pra lerem um livro na classe e muitos aceitaram [...] muitos pais relataram que nunca tinham lido histórias para os filhos, que aquele foi um momento muito gostoso porque resgatava um momento de intimidade com o filho...e a tarefa acabou sendo prazerosa...e acho que isso ainda continua.[...] Na hora de recontar tem criança que gosta, tem umas que já se retraem, que não querem contar, ou esquece o texto...aí a gente ajuda, eu falo: “Se você esqueceu, eu já li a história, eu ajudo você”, às vezes eles pulam um trecho e eu falo: “Mas não aconteceu isso?” e aí a gente vai montando a história de novo...oralmente. (Profª Berenice)

Apesar das professoras não realizarem a atividade Conto-Reconto de acordo com as características da origem do projeto, não considero isso um problema, pois já aceito que a dinâmica da sala de aula é um fenômeno social e que, por mais que tenha estruturas estáveis, sua objetivação depende de elementos/ocorrências em tempo real.

Quanto à importância da atividade Conto-Reconto para as crianças, em sua totalidade as professoras destacaram os seguintes fatores positivos:

- Superação da timidez;
- Chama/prende a atenção da criança. O aluno aprende a ouvir;
- Melhora do vocabulário;
- Desperta a curiosidade;
- Entendimento da estrutura das histórias. Enredo com começo, meio e fim;
- As histórias fornecem subsídios para a imaginação;
- Desenvolvimento do comportamento leitor;
- Promoção da interação professora-aluno e mãe-aluno;

Nesse sentido, destacou-se:

Ah sim, com certeza. Eles se desprendem mais, ficam mais a vontade pra falar para os outros, isso de recontar acaba sendo um exercício pra poder falar em público. Além de enriquecer o vocabulário e de fazer a criança entender que uma história tem começo, meio e fim, que existe uma sequência de fatos e quando ela reconta uma história, ela começa a exercitar essas noções que serão super importantes mais para frente, quando ela for escrever um texto, por exemplo. (Profª Estela)

Eu acho que vai criando um hábito... já está criando os dois, de você ser um leitor e um contador também, porque ler pra si é uma coisa e ler para o outro é outra, então vai formando o hábito de passar...as histórias...por exemplo, essa criança que passou por essa experiência, ele vai lembrar disso e um dia quando tiver filhos, ele vai lembrar do quanto isso foi prazeroso pra ele, eu acho que vai criando um hábito sim, tanto de ouvir, quanto de contar. (Profª Berenice)

Ah, eu acho. Eu acho que desenvolve muito, a criança aprende a falar em público, perde a timidez, com o tempo claro, além disso, eu acho que amplia o vocabulário, às vezes eles usam uns termos que eu fico espantada! Alguns falam como se fosse gente grande! (Profª Gilda)

No que diz respeito à importância da atividade Conto-Reconto para a vida dos alunos futuramente, as professoras destacaram os seguintes elementos:

- Desenvolvimento do hábito da leitura, visto como algo prazeroso;
- Desenvoltura para falar em público. Fala mais articulada, melhorada;
- Vocabulário mais rico, elaborado;

- Facilidade na escrita. Aluno habituado a ouvir e ler histórias, escreve melhor e com maior facilidade;
- Experiência positiva a partir das lembranças prazerosas trazidas pelas histórias.

Ao analisar os depoimentos das professoras no que diz respeito aos benefícios da contação de histórias para uma criança, percebo que tais histórias constituem-se num conteúdo ontologicamente importante, ou seja, elas servem para o “vir a ser” da pessoa. Ou seja, um “vir a ser” com capital cultural mais amplo. Os excertos a seguir retratam alguns fatores destacados pelas professoras:

Eu acredito que sim porque eu acho que estimula a criança a ler, a se interessar pelos livros, pela leitura, ela fica mais curiosa, mais interessada nas coisas... Eu vejo isso pelo meu filho, ele adora ler, adora estudar, está terminando a faculdade, quer fazer pós...e ele sempre ouviu histórias em casa, na escola, por isso eu acho que traz benefícios sim, senão nós não estaríamos investindo tanto nas histórias como a gente tem feito nesses anos todos. (Profª Gilda)

Baseado na minha própria experiência, eu acho que você procura passar, transmitir aquilo que te faz bem, é da nossa natureza...e essa lembrança é o que eu tenho de mais rico da minha infância...essas histórias...é um conteúdo que eu trago que é precioso, porque você lembra cenários da tua infância, você lembra vozes da tua infância, cheiros, músicas, você lembra coisas que compõem a sua história, por isso que é importante...é aquilo que o Vigotski fala...é na interação com o outro, as pessoas que a gente leva imbutidas nessas histórias, todas que a gente ouve, que a gente conta...[...] Forma um hábito muito importante porque vai transformar ele em uma pessoa que vai valorizar aquilo...vai ser uma experiência positiva na vida dele, isso vai. [...] Por que que eu acredito que sim, porque o universo da leitura vai despertar em você o desejo de conhecer todo aquele mundo, de buscar aquilo, então ele te mostra, ele abre mil janelas pra você...e se você tem aquele interesse, já despertou...você vai em busca disso...pode despertar até um talento aí pra escrita...eu mesma [...] acho que o ler me ajudou muito nessa coisa da escrita...que eu tenho, que eu desenvolvi...pelo fato de ler, o fato de estar sempre em contato com os livros. (Profª Berenice)

Eu espero que sim. Você já entrevistou algum deles? (Risos). Quando você entrevistar, você me conta, então. Eu percebo isso pela minha filha, ela sempre foi uma criança muito tímida, agora ela já está na terceira série e eu percebo que esse modo de trabalhar ajudou muito ela, porque lá no pré ela contava histórias, ela estudou em uma EMEI, no Jardim I ela recontou histórias, depois ela pulou o Jardim II porque mudou a lei, e no pré ela recontou histórias, quando chegou na primeira série, a professora também fazia atividade desse tipo e ela não teve medo e ela sempre foi tímida. Por isso eu acredito que traz benefícios sim. [...] Além disso, eu acredito que uma criança que está acostumada a ouvir histórias pode ter mais interesse pela leitura quando for adolescente, adulto, eu acho que ela pode

desenvolver esse hábito de ler, não por obrigação, só porque a professora mandou, mas de ler... pelo simples prazer de ler. (Profª Fabiana)

Diante das falas das professoras, pode-se inferir que, embora as entrevistadas pertençam a uma mesma categoria profissional, trata-se de um grupo heterogêneo do ponto de vista das trajetórias percorridas, bem como de suas histórias de vida e da relação das mesmas com as histórias infantis, tanto no âmbito pessoal quanto profissional. Aliás, mais do que um grupo profissional, trata-se de um conjunto de agentes, atravessado por diferenças no que se refere às condições de existência, aos volumes e estruturas de capital adquiridos, aos títulos escolares que obtiveram, às escolas onde trabalharam e trabalham, com suas lutas, seus valores e suas práticas, entretanto, essas diferentes trajetórias e investimentos não influem na perspectiva que as mesmas possuem do Conto-Reconto, pois para elas trata-se de uma atividade que permite aquisição de capital cultural e reestruturação do *habitus* de seus alunos, oriundos das frações de classe populares.

2.2.2 – A voz dos alunos

O quadro abaixo nos apresenta um panorama das respostas dos dez ex-alunos das EMEIs referentes ao Conto-Reconto e à relação dos mesmos com as histórias.

Aspecto aferido	Sim	Não	Mais ou menos	Não sei
Gosta de ouvir histórias	5	3	2	
Lembra-se de suas professoras contando histórias	10			
Lembra-se do Conto-Reconto	8	2		
Participou do Conto-Reconto	7	1		2
Gostava de recontar as histórias	3	2	2	3
Alguma história foi marcante para você	6	3	1	

Quadro 19 – Respostas dos ex-alunos das EMEIs referentes ao Conto-Reconto e às histórias

No que diz respeito às questões referentes ao Conto-Reconto e à relação com as histórias infantis, pode-se observar que todos os alunos se lembram de suas professoras das EMEIs lhes contando histórias, no entanto, somente metade dos alunos entrevistados afirmou gostar de ouvir histórias. Dentre eles, destacam-se as seguintes afirmações:

Adoro! Quando alguma pessoa fala a história, eu procuro interpretar na minha mente como que é a história. Eu sempre gostei de ouvir, de ler, mas eu só leio o que eu gosto... só o que me atrai mesmo. (Hugo, 8ª Série)

Gosto. Determinadas histórias... o enredo delas... o que acontece... é gostoso ficar escutando. (Júlio, 1º Ano – Ensino Médio)

Eu gosto. Desde que seja uma história interessante, isso é o que me faz gostar, senão eu não quero mais ouvir, quero sair dali... porque tem isso, tem que ter o interesse naquilo que tá falando. (Carla, 1º Ano – Ensino Médio)

Tanto os meninos quanto as meninas usam o mesmo argumento para gostar de ouvir histórias: que ela seja interessante para eles. Vale dizer, que os sujeitos pertencem à antiga oitava série e ao primeiro ano do ensino médio e isso quer dizer que esses alunos não se encontram perto do tempo em que as histórias lhes foram contadas, ou melhor, existe uma distância temporal de dez anos em relação ao tempo em que estudaram nas EMEIs. Então isso significa que incorporaram esse gosto e que a atividade realizada na pré-escola não serviu apenas como uma atividade didática, mas também como uma experiência que possibilitou a reestruturação de um *habitus*, segundo estes alunos.

Nota-se que oito alunos afirmaram lembrar-se da atividade Conto-Reconto, porém sete deles alegaram ter participado da referida atividade e apenas três alunos responderam que gostavam de recontar as histórias. Dentre os alunos que afirmaram que não gostavam de recontar, bem como os que responderam “mais ou menos”, todos relacionam tal razão a motivos como timidez, vergonha de falar para várias pessoas, medo de errar, nervosismo; apesar de afirmarem que sempre concluíam a atividade, nesses casos, com a ajuda da professora. Vale ressaltar:

Ah eu sou meio tímido, então eu ficava nervoso, tinha hora que dava aqueles brancos, mas aí vai empurrando, vai dando certo, a professora ajuda... pulava algum pedacinho, mas ela ajudava. [...] Eu não reclamava porque eu não achava ruim, sabe eu não ficava ansioso pra chegar a minha vez, mas também não reclamava de ter que recontar, era normal...eu ficava na minha. [...] Era diferente, não seria uma tarefa, era diferente, novidade, faz parte da escola, como se fosse aquela atividade extra... mas não como obrigação. (Breno, 1º Ano – Ensino Médio)

Ah não, porque eu sempre fui muito tímido, então chegava na hora lá na frente, sei lá, não dava aquele prazer de contar história pra todo mundo, eu sempre fui mais tímido, então, por mim, se deixasse passar era melhor... Mas eu fiz numa boa, apesar da vergonha, eu contava. (Danilo, 1º Ano – Ensino Médio)

Há que se dizer que apesar de afirmar não gostar de recontar as histórias devido à vergonha que sentia, uma aluna declarou que esse tipo de atividade a ajudou a não ter receio de falar em público e apresentar seus trabalhos atualmente. Conforme as palavras da aluna:

Não gostava muito porque eu tinha vergonha de contar. Eu gostava de ler a história, mas não gostava muito de falar pra sala, eu não gostava... Eu ficava nervosa, eu tinha vergonha de falar... Eu recontava, mas eu tinha vergonha... Aí eu fui me acostumando e fui perdendo a vergonha. [...] Eu tentava ler em casa... eu contava as histórias pra minha mãe, inventava umas partes, acrescentava outras coisas... pelas imagens eu ia inventando. [...] Na época, eu via isso (recontar para os colegas) como uma coisa ruim porque eu não gostava... agora não, mas quando eu era menor sim. Agora se tem que apresentar algum trabalho, alguma coisa, eu não tenho mais vergonha, mas antes eu não gostava. [...] Mas aí quanto mais eu fui fazendo (o reconto), mais eu fui melhorando, eu acho que isso me ajudou. (Eloísa, 8ª Série)

Tanto as professoras quanto os alunos reconhecem que essa atividade auxilia nos seguintes aspectos pessoais: desenvolvimento da imaginação, formação do leitor, vencer a timidez, isto é, na aquisição de capital cultural. Assim, quando a timidez era vencida, recontar histórias tornava-se um prazer:

Gostava... muitas vezes ficava apavorado, eu gostava, mas ficava bem apavorado! Eu tinha medo de errar, de falar alguma coisa errada, mas saía... perfeito. Às vezes a professora dava uma ajudazinha porque eu esquecia algumas partes... olhava bem nas figuras... lembrava e contava... Eu gostava, eu me sentia muito bem! (Hugo, 8ª Série)

Entre as histórias consideradas marcantes para os alunos, predominam os clássicos infantis, visto que foram citadas Chapeuzinho Vermelho, O patinho feio, O príncipe sapo, além de histórias como Ali Babá e os quarenta ladrões e personagens mais atuais como Timão e Pumba, de Walt Disney. A partir do quadro 20 observa-se a preferência dos alunos no que se refere às disciplinas/matérias escolares, desse modo, metade do grupo de alunos entrevistados afirmou que a Matemática é a matéria preferida, alegando facilidade e/ou dinamismo encontrado em tal disciplina; dois alunos responderam que gostam de Português, dois gostam de História e um respondeu que prefere Biologia.

Disciplina preferida	Português	Matemática	História	Biologia
	2	5	2	1

Quadro 20 – Respostas dos ex-alunos das EMEIs referentes às matérias preferidas.

Apesar de todos gostarem e considerarem importante a atividade Conto-Reconto, apenas dois alunos citaram o Português como a disciplina preferida, a qual é a disciplina mais relacionada ao Conto-Reconto. Embora não esteja fazendo uma relação pragmática desse resultado, sobretudo à leitura, é possível, num rompante pragmático, dizer que o Conto-Reconto não surte o efeito que inicialmente eu pensava. Todavia, é preciso sublinhar que cinco desses alunos gostam de matemática, que é uma disciplina que nem sempre os alunos costumam gostar. Embora não posso responder a essa pergunta, a farei: será que o Conto-Reconto não contribui para esse gosto também? Tendo em vista que a matemática exige habilidades como raciocínio, imaginação, memória, lógica.

Após iniciar um espelhamento das respostas oferecidas pelos ex-alunos das EMEIs, faz-se necessário tecer considerações a respeito de dois conceitos fundamentais para minhas reflexões, quais sejam: a constituição do *habitus* e sua reestruturação; e a aquisição de capital cultural e sua influência na formação do gosto dos sujeitos. De acordo com Bourdieu (2003), *habitus* é história incorporada nos sujeitos e essa incorporação ocorre ao longo das diferentes trajetórias sociais, nas quais o *habitus* se constitui nos agentes como série cronologicamente ordenada de estruturas, iniciando com o *habitus* adquirido na família, que é transformado pela ação escolar, que por sua vez é transformado pelas experiências posteriores. Os agentes portam determinado *habitus*, relacionado às experiências educativas nas quais estiveram envolvidos ao longo de suas vidas, que por sua vez dizem respeito às condições objetivas a elas relacionadas. Cabe destacar que essa incorporação diz respeito à história objetivada na cultura e refere-se ao pertencimento a uma determinada classe ou grupo social.

Nesse sentido, o *habitus* adquirido no âmbito familiar funciona como esquema classificatório e princípio de construção do mundo. A família opera importante papel na reprodução da estrutura do espaço e das relações sociais, uma vez que é o lugar de acumulação dos diferentes tipos de capital e de sua transmissão entre as gerações.

No que concerne à cultura socialmente legitimada, Bourdieu (2007) argumenta que esta também é uma forma de capital, pois é possível apoderar-se dos meios existentes para sua produção. Além disso, pode-se investir em cultura, que por sua vez pode ser acumulada e transmitida de uma geração à outra. Assim, diferentes formas de capital cultural possuem valor em diferentes mercados, mas a posse do capital cultural socialmente considerado como legítimo significa distinção e poder e posiciona os agentes no espaço social. Confere prestígio para quem a possui, cuja posse da cultura legítima significa possuir vantagem no jogo de disputa por prestígio social. Desse modo, importa considerar, também, que o capital cultural

pode ser convertido em capital econômico, além do fato de que quem tem mais capital econômico tem mais acesso ao capital cultural.

Bourdieu (2007) ressalta, ainda, que o gosto, muitas vezes associado a possuir ou não alta cultura, não é natural, mas social, referindo-se a uma classe e a um posicionamento no espaço social, em que as classes sociais e suas clivagens são hierarquizadas no que tange às preferências, escolhas e disputas aprendidas/empreendidas nos processos de socialização. Diante deste contexto, a escola ensina a cultura socialmente legítima, mas não a relação legítima a ser estabelecida com essa cultura, que possui marcas de origem social, isto é, marcas do capital cultural. Assim, conforme Bourdieu (1998), as diferenças de origem social se expressam no capital cultural, mesmo para os indivíduos escolarizados, uma vez que a cultura legítima supõe um modo legítimo de se relacionar com ela. Em suas palavras:

A relação que um indivíduo mantém com sua cultura depende, fundamentalmente, das condições nas quais ele a adquiriu, mormente porque o ato de transmissão cultural é, enquanto tal, a atualização exemplar de um certo tipo de relação com a cultura. (BOURDIEU, 1998, p. 218-219).

No que diz respeito à leitura e à escrita, o quadro 21 retrata as preferências dos alunos quanto aos dois itens destacados, bem como a importância que os mesmos atribuem à leitura.

Aspecto aferido	Sim	Não	Mais ou menos / pouco
Gosta de ler	4	2	4
Gosta de escrever	6		4
Acha a leitura importante	10		

Quadro 21 – Respostas dos ex-alunos das EMEIs referentes ao gosto pela leitura e escrita, bem como à importância atribuída à leitura.

Observa-se que quatro alunos afirmaram gostar de ler; quatro responderam que gostam “mais ou menos” ou então que lêem pouco e dois alunos responderam que não gostam de ler. Entre os tipos de leitura preferidos estão livros de romance, suspense, ficção e poesia, além de revistas e gibis. Segundo a voz dos alunos:

Eu gosto. Gosto do Crepúsculo, os quatro, eu li Crepúsculo, Lua Nova, tô acabando Eclipse e a minha mãe já comprou o último que é Amanhecer. Às vezes eu pego algumas coisas na biblioteca, eu gosto de coisa jovem... eu gosto de ver as coisas da vida dos adolescentes, não muito fora da realidade... Eu gosto também de quadrinhos, revista, qualquer revista, pode ser de pesca que eu tô lendo, menos jornal, jornal só o daqui da cidade...

Esse ano eu já li... pode ser da Internet também? Então ao todo, acho que uns quinze livros ou mais... é que eu leio rápido... Dependendo do livro, eu leio em uma semana, eu já cheguei a ler um livro inteiro em um dia! (Iara, 8ª Série)

Gosto. Eu leio por vontade própria, ninguém precisa me mandar ler nada. Eu gosto de ler romance... eu gosto de ler lendas da mitologia grega, é da hora! Gibi, muito gibi, eu só não leio mais porque já são todos repetidos, eu até decorei um monte de histórias da Mônica. [...] Eu vou na biblioteca vagamente, mas quando vou é pra pegar algum livro de mitologia grega, eu adoro... Calcanhar de Aquiles, Sansão, eu até já peguei um livro desses, mas ainda não consegui terminar de ler. [...] Quando eu era criança, eu gostava quando tinha palavra que eu não entendia, aí eu procurava no dicionário, tentava saber o que era pra conseguir ler a história e pra passar perfeitamente a história para outra pessoa. (Hugo, 8ª Série)

Gosto. Eu acho que é uma coisa que vai me ajudar... são palavras que tem no livro que você acaba aprendendo... pra se comunicar, interessante mesmo porque às vezes acalma um pouco, você sai da frente do computador, vai ler um pouco, mais tranquilo... eu acho bacana. [...] Eu li Os Lusíadas, aí a professora comentou que era interessante pra quem tivesse vontade A menina que roubava livros, o autor é um alemão... eu tô lendo ainda... depois que eu acabar esse, eu vou ver o que eu tô a fim de ler... (Carla, 1º Ano – Ensino Médio)

Mesmo os alunos que afirmaram gostar pouco ou ler apenas determinados gêneros textuais, os mesmos afirmam que acabam por realizar as leituras quando essas são pedidas pelas professoras, a fim de ser realizado um trabalho ou prova do livro.

Não muito. Eu gosto de história em quadrinhos, gibi... Esse ano a professora pediu pra ler O auto da barca do inferno, eu li inteiro, gostei e depois nós fizemos uma prova. [...] Eu gosto também de livro de mistério, suspense. (Júlio, 1º Ano – Ensino Médio)

Não gosto muito. Só leio quando tem que ler na escola, quando tem que ler eu leio, mas não gosto. Já tentei pegar o livro, mas não consegui nem terminar, foi até a página cinquenta, não consegui mais ler, a história era legal, mas eu não consigo fixar naquilo. [...] Agora, no segundo semestre, a professora vai pedir pra ler alguns livros, aí eu vou ter que ler, aí eu vou ler inteiro. [...] Ah eu gosto de ler poesia, eu gosto... eu já li muitos livros de poesia. (Gabriela, 1º Ano – Ensino Médio)

No que diz respeito ao gosto pela escrita, seis alunos declararam que gostam de escrever, o que é um índice bastante significativo, quatro alunos responderam que gostam “mais ou menos” ou que escrevem apenas determinados gêneros, como textos informativos que retratam temas referentes à questões da atualidade, além da criação de histórias fictícias

de ação, aventura; textos que retratem sentimentos como amor, tristeza, saudade; letras de músicas, bem como histórias em quadrinhos. Segundo os mesmos:

Gosto. Eu gosto de escrever coisa da minha cabeça, quando eu to chateada eu escrevo... músicas que eu invento, mas depois eu jogo fora... diário também, eu tenho... Na escola, eu gosto de escrever em inglês e qualquer texto de português... eu gosto de redação, eu gosto de escrever de caneta. (Iara, 8ª Série)

Escrever eu gosto. Fazer resumo... eu gosto. De montar histórias em quadrinhos de super heróis, gosto de montar as falas, não que a professora manda, por minha conta. Mas eu sempre escrevo o que ela pede, as produções de texto, eu faço sem dificuldade. (Júlio, 1º Ano – Ensino Médio)

Eu gosto. Mas escrever na escola, em casa não. Mas quando pede pra fazer uma redação, eu gosto, eu faço com carinho, certinho, não vou escrever de qualquer jeito, eu gosto sim. (Danilo, 1º Ano – Ensino Médio)

Escrever? Depende do tema... se o tema me interessar... eu gosto de esporte, de coisa atual, aquelas coisas do passado não. Se o tema me interessar eu escrevo... sem dificuldade. [...] Eu não sou muito criativo pra escrever histórias, pra viajar, ficar viajando, imaginar uma história... eu prefiro alguma coisa informativa, sai mais fácil do que se eu tiver que ficar criando. (Breno, 1º Ano – Ensino Médio)

Há que se ressaltar que nenhum aluno afirmou não gostar de escrever, assim, pode-se perceber o gosto pela escrita sendo incorporado ao *habitus* dos alunos. Então, diferente do que eu pensava inicialmente, segundo os alunos, estaria a contação de histórias a serviço da formação de escritores?

Ao tratar da opinião dos alunos a respeito da importância da leitura, nota-se que, mesmo entre aqueles que afirmaram não gostar muito de ler ou não ter paciência para essa atividade, houve unanimidade ao considerarem a importância da leitura. Assim, dentre os fatores elencados pelos alunos, a leitura constitui-se como importante para:

- ✓ ficar mais informado, aprender coisas novas;
- ✓ ampliar o vocabulário;
- ✓ saber conversar sobre diferentes assuntos;
- ✓ melhorar a escrita;
- ✓ relaxar, acalmar;
- ✓ divertir, como hobby;
- ✓ desenvolver a imaginação;

- ✓ melhorar o entendimento de textos;
- ✓ conseguir um bom emprego.

Observa-se a leitura e a escrita como ferramentas fundamentais para entrar no jogo da disputa pelo mercado de trabalho. Desse modo, conscientemente ou não, os depoimentos dos alunos anunciam uma faceta do *habitus* das frações de classe que ocupam posições sociais mais elevadas no âmbito das posições de classe e entre as classes. De modo a confirmar os fatores descritos acima, vale destacar:

Eu acho sim, apesar de não ler muito, eu acho importante porque a gente fica mais informado, pra saber mais das coisas tem que ler, se bem que pra escrever as cartas, eu acabo lendo também. (Adriana, 1º Ano – Ensino Médio)

É sim... eu acho que se você lê, você vai escrever melhor, você vai entender melhor, por isso que eu acho importante. Se você vai fazer alguma prova, alguma coisa que tem que interpretar, eu acho que a leitura é muito boa pra isso... Eu acho que fica mais difícil pra pessoa fazer essas coisas se ela não lê... nada. (Eloísa, 8ª Série)

É muito importante, eu acho que a leitura é tudo. Com a leitura você pode ir muito longe, porque sem leitura você não vai em lugar nenhum, não. Eu acho assim... você lê pra tudo, você vai fazer alguma coisa, tem que ler, além de ler, tem que saber escrever também. Então se não saber fazer isso, você não vai conseguir arrumar serviço, não vai poder conversar com as pessoas, como é que você vai falar de uma coisa que você não sabe? Então não tem jeito, eu acho que a leitura é tudo e tem que começar desde pequenininho. (Gabriela, 1º Ano – Ensino Médio)

Ah com certeza é muito importante. A leitura desenvolve muito o vocabulário da pessoa, se você comparar uma pessoa que quase não lê livro, com aquela que lê muitos livros, ela tem uma quantidade muito maior de palavras que ela pode usar pra falar, pra escrever alguma coisa, então ela tem um ganho muito grande com isso, no vocabulário... Não sei, se for no caso de uma criança, a imaginação desenvolve muito a mente... Para um adulto mais conhecimento, no caso de leitura de jornal, revista, uma atualização de como o mundo está hoje, uma coisa assim. (Danilo, 1º Ano – Ensino Médio)

É porque você aprende, qualquer coisa, você pode estar lendo uma historinha que você tá aprendendo... Serve também pra se divertir, como hobby, pra ler nas horas vagas... Não sei se eu tô certa, mas, por exemplo, se estiver fazendo faculdade e tem que ler um monte para as provas, você tem que gostar ler, gostando ou não, vai ter que ler tudo isso, então é melhor ler gostando do que fazer por obrigação, porque aí você não entende nada. (Iara, 8ª Série)

A apreensão da leitura e mesmo a obtenção de satisfação simbólica com sua prática, como de qualquer outro bem cultural, dependem, conforme Bourdieu (1992, p.297), da posse do código que permite sua decifração. Ou seja, a leitura, qualquer que seja ela, exige “uma disposição cultivada”, o que significa nível de instrução e, principalmente, educação familiar, pois desta depende não apenas a eficácia do sistema de ensino, como também a familiaridade com o mundo das práticas culturais, em geral, e, especificamente, da leitura. A criança, desde sua educação primeira, ou seja, a educação doméstica é colocada em contato com diversos agentes e campos sociais. Esses contatos determinarão seu nível de capital cultural. O meio familiar é, deste modo, fator determinante no acesso e domínio que um sujeito pode ter sobre os bens culturais. Segundo a teoria apresentada, o *habitus* adquirido na família está no princípio da estruturação de todas as experiências ulteriores.

Neste ínterim, cabe esclarecer que o capital cultural que uma família possui, apresentando-se sob a forma incorporada, material e/ou institucionalizada, varia em decorrência da sua posição social, de modo que os que estão em posição dominante econômica e culturalmente têm possibilidades objetivas de acesso a estes bens. Isso explica a desigualdade entre os níveis de capital cultural possuídos pelas famílias e a consequente manutenção destas desigualdades. Portanto, os filhos de famílias que estão em posição privilegiada no campo cultural são os que têm maiores chances de acumular capital cultural e obterem o consequente êxito escolar, posto que, conforme Bourdieu (2002, p.42), “[...] a ação do meio familiar sobre o êxito escolar é quase exclusivamente cultural”.

Desse modo, a família transmite o capital cultural que é aperfeiçoado pela escola, possibilitando o domínio dos códigos que servem de acesso a bens como: obras de arte, música, cinema, teatro, leituras, pinturas, entre outros bens. Com o decorrer do percurso escolar, a desigualdade frente ao capital cultural tende a se tornar mais severa, pois os que possuem uma grande quantidade deste tendem a acumulá-lo e os que não o tem, ou o tem de maneira restrita, tendem a estar cada vez mais em situação de desvantagem.

Ainda, no entender do autor, os bens culturais e as condutas frente a eles têm uma atuação inconsciente e mistificadora sobre o indivíduo, de modo que, por exemplo, a simples presença de uma obra de arte no ambiente em que vive um sujeito provoca alterações no domínio do capital cultural; o sujeito tende a habituar-se a ele, faz parte de seu mundo. Assim também em relação aos livros e às histórias, a presença destes e a observação de leitores ao redor incita à prática da leitura. Portanto, a posse de bens culturais e a atitude familiar frente a estes atuam na transmissão do capital cultural.

Em suma, a transmissão do capital cultural feita pela família ocorre mais por vias indiretas que diretas, isto é, sem a necessidade de um aprendizado metódico, quase que de forma dissimulada, como algo que prescinde de um esforço organizado, mas que está relacionado com a posição do sujeito no espaço social. É essa forma dissimulada que sustenta a ideia de que a aquisição de conhecimentos e das “disposições cultivadas” resulta de dons naturais ou vocações e não de mecanismos objetivos.

2.2.3 – A voz das mães

O quadro abaixo apresenta um panorama das respostas das mães dos ex-alunos das EMEIs no que diz respeito à relação das mesmas com os estudos, com o gosto pela leitura, com a importância das histórias para as crianças, bem como a participação dos pais na vida escolar dos filhos e a relação entre escola e família.

Mães dos ex-alunos das EMEIs

Aspecto aferido	Sim	Não	Mais ou menos / pouco
Gostava de estudar	9	1	
Ter estudo é importante	10		
Incentiva seu(ua) filho(a) a estudar	10		
Gosta de ler	5	3	2
Contou histórias para seu(ua) filho(a) na época da EMEI	9		1
Acha que ouvir histórias é importante para uma criança	10		
Participa da vida escolar de seu(ua) filho(a)	8		2
Acha importante a participação dos pais nas decisões tomadas na escola	10		

Quadro 22 – Respostas das mães dos ex-alunos das EMEIs

Observa-se que, das dez mães entrevistadas, nove responderam que gostavam de estudar, apesar de algumas afirmarem que não concluíram seus estudos devido às dificuldades para conciliá-los com o trabalho, tendo que optar por trabalhar desde muito jovens para ajudar no sustento da casa. A única mãe que alegou que não gostava de estudar afirma que se arrepende de não ter terminado os estudos e que, por isso, incentiva seus filhos a estudar.

Eu gostava, eu sempre gostei, mas eu estudei muito pouco, fiz só até a quarta-série, naquela época a gente começava a trabalhar cedo, tinha que

ajudar em casa, então eu precisei parar, mas eu gostava, quando não tinha ônibus, eu e os meus irmãos, a gente ia a pé, andava não sei quantos quilômetros, a gente gostava sim. (Amélia, mãe da aluna Adriana)

Eu gostava. Eu queria ser alguém, mas eu não consegui chegar onde eu queria... eu precisei começar a trabalhar muito cedo, acabei ficando doente, isso atrapalhou os meus estudos e eu parei... mas eu gostava de escola sim. (Helena, mãe do aluno Hugo)

Eu adorava, adorava, se eu pudesse não teria parado. Sabe, foi meio na marra, eu fiz a quinta série, aí minha mãe ficou doente, meu irmão quis que eu saísse da escola pra cuidar da casa, aí fiquei sem estudar. Chorei muito porque não podia estudar, aí quando a minha mãe deu uma melhoradinha, eu fiz a cabeça dela pra fazer a sexta série e eu fiz. Então eu tive que parar de novo porque eu comecei a trabalhar. Aí por minha vontade eu comecei a estudar a noite, fiz a sétima e a oitava série a noite, foi assim que eu terminei, meio na marra. Eu sempre gostei e não era porque a família cobrava, exigia que tinha que ir, naquela época, se bobeasse, você nem ia, porque minha mãe era muito doente e eu tinha que ajudar em casa, eu fui mesmo por minha opinião e só não continuei porque não deu. (Gisela, mãe da aluna Gabriela)

Não. Não, por isso que hoje eu incentivo muito meus filhos a estudar porque eu sou uma pessoa arrependida. Se eu pudesse voltar atrás, o primeiro lugar que eu voltaria era pra dentro de uma escola, então por eu não gostar de estudar, eu não dei valor para aquilo. (Fátima, mãe do aluno Fernando)

Segundo as mães, o estudo é visto como um meio para alcançar um bom emprego, ter um bom salário e uma vida melhor, além de possibilitar a entrada em uma faculdade pública, bem como para passar em um concurso, ou seja, percebe-se a escola entendida como um meio para a conversão de classe, depoimentos que mais uma vez reiteram as concepções de Bourdieu acerca da relação família-escola. Conforme os depoimentos abaixo:

Eu acho fundamental porque uma pessoa sem estudo hoje ela não consegue emprego, ela não consegue nada. Você vê hoje praticamente o que a gente vê por aí, um cara que tá começando aí, um catador de lixo tem que ter acho que no mínimo o primário, não é? Então, tem que ser importante, a pessoa que não estuda hoje infelizmente, ela não vai ter nada. (Beatriz, mãe do aluno Breno)

Muito, a pessoa sem estudo não é ninguém... Hoje em dia é difícil conseguir emprego sem estudo, a concorrência é muito grande, então não basta só estudar, tem que ser melhor em tudo, porque se tem um concurso você tem que ser o melhor pra conseguir os primeiros lugares, pra passar na faculdade pública você tem que ser o melhor pra conseguir uma vaga, então a gente tem que fazer isso com amor mesmo. (Dulce, mãe do aluno Danilo)

Nossa é tudo! É o único recurso que você tem pra mudar sua vida. Hoje você tem uma situação financeira mais ou menos, se você quer melhorar, eu

acho que é só através do estudo. Você estudando, buscando a profissão que você quer, que te interessa pra melhorar, é só através disso, não tem outro meio. (Gisela, mãe da aluna Gabriela)

Além disso, segundo a opinião de algumas mães, o estudo também é entendido como via de realização pessoal, além de fazer com que a pessoa tenha consciência de seus direitos e deveres e seja respeitada na sociedade:

É importantíssimo. Se a pessoa não tiver estudo, em primeiro lugar ela não terá oportunidade de realização financeira, eu acho que nem realização pessoal ela vai conseguir. Na minha opinião, uma pessoa sem estudo não tem visão de mundo, ela não tem nada, então como ela pode se realizar? Não só a parte financeira, mas eu acho que o estudo pra uma pessoa é o complemento da vida, não tem como não ter estudo. (Érica, mãe da aluna Eloísa)

É tudo, é o começo de tudo. Pra realização de sonhos, pra ser uma pessoa respeitada, pra ter a sua posição, a sua opinião respeitada, senão quem... hoje em dia... imagina... não existe... é inadmissível imaginar que uma pessoa hoje não tenha nem o Ensino Médio, até um tempo atrás se falava que o mínimo, o básico era o Ensino Fundamental, hoje não mais... Pra você ter uma noção das coisas, noção de espaço, noção política, dos seus direitos, cair a ficha de todos os seus deveres, como pessoa, como cidadão, como pai de família... é fundamental... tudo. (Cíntia, mãe da aluna Carla)

Todas as mães afirmaram que incentivam seus filhos a estudar, porém, na maioria das vezes, novamente essa afirmação está vinculada a conseguir um bom emprego e ser alguém na vida.

Eu incentivo sim porque eu não quero que elas trabalhem na casa dos outros como eu, eu quero que elas estudem pra ter um emprego melhor, uma vida melhor, menos sofrida. Eu falo isso pra elas direto, elas até me pedem pra parar, que já entenderam, de tanto que eu insisto nisso. (Amélia, mãe da aluna Adriana)

Totalmente. O mundo hoje é muito consumista... todo mundo quer sempre o melhor, existe uma oferta muito grande de tudo o que é bom, então se quer, vai ter que ralar, que trabalhar, vai ter que estudar muito pra ter uma profissão e ser bem remunerado, senão você vai trabalhar vinte e cinco dias por mês no sol e não vai ter nada, então... estudar muito, ter uma boa profissão, procurar ser feliz naquilo que você faz e tirar desse trabalho a tua realização, buscar os seus sonhos... tem que trabalhar pra ganhar bem e, hoje em dia, ganhar bem significa formação profissional. (Cíntia, mãe da aluna Carla)

Muito, muito, muito, tanto é que ele está aí de prova. Eu falo pra ele estudar, eu e o meu marido, a gente sempre incentiva o Hugo e outras pessoas também. Eu falo: “Hugo se esforça, estuda, porque senão, meu

filho, você não vai ter nada no futuro, não vai conseguir nada porque sem estudo, nem cortar cana, daqui uns dias ninguém vai!”, eu falo mais ou menos assim. (Helena, mãe do aluno Hugo)

Sim, muito. Eu digo que o estudo é uma coisa que ninguém vai tirar dele. O Danilo sempre estudou em escola pública, mas não é impossível passar numa faculdade, ele tendo vontade... tudo através do estudo, muito esforço... pra conseguir ser alguém na vida. (Dulce, mãe do aluno Danilo)

Diante das falas das mães percebe-se uma valorização dos estudos, reitera-se, o qual é visto como um meio de conseguir um trabalho melhor, o que expressa, segundo a teoria bourdieusiana, determinado *ethos* de classe, ou seja, disposições relacionadas a valores incorporados pelos agentes, constituindo sistema implícito que compõe o *habitus* e que se expressa nas práticas sociais. Conforme Bourdieu (1998), o *ethos* de classe, valores em estado prático, diz respeito, entre outras questões, a disposições frente ao futuro, para o que importa o sentido da trajetória do grupo e os investimentos feitos pelas gerações anteriores. Essas disposições frente ao futuro referem-se às aspirações do grupo e relacionam-se à realidade objetiva e às possibilidades nela inscritas. Nesse sentido, são acionadas estratégias a fim de manter ou melhorar a posição dos agentes no espaço social. Então, os estudos e o trabalho se destacam como estratégia familiar para se garantir um futuro melhor e assim possibilitar ascensão social. Ainda, segundo o autor, as aspirações são limitadas pelas oportunidades objetivas, em que os agentes interiorizam destino objetivamente determinado. Além disso, Bourdieu (1998) destaca que nas escolhas relacionadas aos destinos escolares importa, sobretudo, a atitude dos pais frente à escola.

No que diz respeito à relação das mães com a leitura, cinco afirmaram que gostam de ler, duas mães responderam que lêem pouco e três alegaram que não gostam de ler. Mesmo entre as que afirmaram gostar de ler, bem como entre as que não gostam muito, a falta de tempo constitui-se um empecilho para a realização da leitura, segundo as falas de algumas mães. Entre os tipos de leitura citados estão a Bíblia e/ou livros religiosos, revistas, jornais, livros relacionados à profissão, romances e gibis, ou seja, as escolhas de leitura destas mães não diferem muito daquelas apresentadas pelas professoras-sujeitos. Há que se dizer que, apesar de algumas mães afirmarem não gostar de ler, todas reconhecem os instrumentos escolares, leitura e escrita, por meio da disposição objetivada de seus filhos estudarem:

Eu gosto. Eu leio mais romance. Jornal eu gosto de ler, revista, só se eu não tiver outra coisa pra ler, senão eu leio sim, eu gosto. [...] Às vezes as crianças trazem livros da escola, o Juliano (filho mais novo) sabe que eu gosto e me fala: “O mãe, eu peguei um livro de histórias!”, e dá pra eu ler, então eu deito no sofá e fico lendo, eu gosto, eu não ligo muito pra televisão, eu prefiro ler um livro... Eu adoro os gibis da Mônica, aqueles grandões, com várias páginas, eu adoro! (Janete, mãe do aluno Júlio)

Eu adoro ler, eu leio de tudo, até panfleto de mercado! (Risos) Mas eu gosto mesmo é de ler a Bíblia, eu leio todos os dias porque eu sou Ministra da Eucaristia, então a gente sempre tem as leituras pra fazer, tem que estudar sobre isso e eu adoro, não fico um dia sem ler... Eu estou lendo O Catecismo da Igreja Católica, acho que foi o Papa João Paulo que escreveu. (Amélia, mãe da aluna Adriana)

Os depoimentos a seguir elucidam o papel da religião servindo, neste caso, como estratégia, inconsciente, de incorporação da leitura e da escrita, que sem dúvida está no âmbito do *habitus* das frações de classe mais favorecidas econômica e culturalmente.

Gosto. Então, no meu dia-a-dia, nesse momento, como eu estou fazendo minha pós-graduação, eu tenho lido textos que envolvem a pós, que é sobre alfabetização, então tudo ligado à alfabetização eu tô lendo. [...] Como eu sou evangélica, então a Bíblia é uma leitura que a gente faz diária... e qualquer outro livro que eu tenho oportunidade, um tempo pra ler, eu tô lendo. Eu gosto muito de ler. (Érica, mãe da aluna Eloísa)

Então... não. A desculpa é que não tem tempo, essa correria da vida, é cuidar de casa, trabalhar fora, ser consultora de uma empresa de cosméticos, acaba não tendo tempo pra ler, fica difícil... Ah revista sim, algum jornal, assim um livro ou outro eu li, um livro... “O Evangelho...”, ah eu esqueci o nome do livro, li um outro do César Romão...também, mas é muito raro, não é uma coisa que eu faço com frequência. (Dulce, mãe do aluno Danilo)

Quanto à atividade Conto-Reconto, especificamente no que se refere ao momento de contar histórias para o(a) filho(a), as mães afirmaram que se lembram de ter realizado essa atividade em casa, declararam que gostavam desse momento e que achavam importante para mãe e filho(a) estarem juntos, longe da correria do dia-a-dia, o que nos aponta para a importância da contação de histórias para o estreitamento do vínculo mãe e filho. Conforme podemos observar nos depoimentos a seguir:

Sim, eu lembro até que eu decorei um livrinho de um cachorrinho... um cachorrinho... que eu li essa história várias vezes, eu li pra Vitória (sobrinha mais nova), eu gosto muito de contar histórias. Eram histórias que eu ouvi na minha infância que eu conto, eu contei para os meus irmãos mais novos e conto para os meus sobrinhos, para os meus filhos eu já contei muitas vezes, canto em forma de histórias... A maioria das vezes, eu lia e contava as

histórias porque eu vivia aquilo que eu estava lendo... pra mim era bom, agora pra ele... eu acho que ele também gostava... Se você perguntar para o meu irmão mais novo, ele vai te contar as histórias que eu contei pra ele quando era pequeno, ele até me ajudava com a louça pra acabar mais rápido e eu poder contar histórias... ele fala, “O macaco Simão”, “O menino, o velho e o burro”, “O Negrinho do pastoreio”, todas essas histórias... eu contei para os meus irmãos e passei para os meus filhos. (Helena, mãe do aluno Hugo)

Eu não lembro da história, mas eu lembro que ele trazia o livro e eu contava ou o meu marido, aí no outro dia ele contava na escola. Mas eu contava sempre antes de dormir, ele ia lá, deitava e eu contava as histórias. Eu gostava, eu achava que isso era uma coisa importante porque minha mãe nunca fez isso comigo... quando eu estudava, quem me ensinava a fazer tarefa era o meu pai, aí depois ele foi embora e eu não me lembro da minha mãe ter chegado em mim e me falado: “Eu vou te ajudar a fazer tarefa”, eu tinha que me virar sozinha porque ela trabalhava o dia todo, chegava a noite, o serviço de casa, eu não tinha pai, eu nunca me lembro dela ter contado uma historinha pra mim, então eu adorava contar pra eles, porque eu pensava, o que a minha mãe não fez, eu tô fazendo hoje... O meu pai sabia que eu gostava de histórias, ele me comprava coleções de livros, quando a minha irmã nasceu (do segundo casamento da mãe), eu dei todos os meus livros pra ela, eu tinha todas as historinhas: Os três porquinhos, Chapeuzinho Vermelho...eu lembro que uma vez ele me falou pra eu escolher um presente, eu disse que queria livro, então ele foi na papelaria e comprou uma coleção, cada livro tinha uma historinha, então eu gostava de contar para os meus filhos, porque eu achava falta daquilo, por isso que eu pensava: o que a minha mãe não fez, eu vou fazer... mas eu não culpo ela, coitada, ela não tinha tempo, minha mãe nem estudo tem, meu pai, como tinha mais, então era ele que me ensinava...por isso que eu achava importante. (Janete, mãe do aluno Júlio)

Então, esses livros que ele trazia, que a gente lia, eu lembro, mas falar pra você o livro exatamente eu não lembro... Quando eu estava lendo, ele geralmente sentava, prestava atenção porque eu fazia algumas perguntas pra ele, porque ele tinha que contar no dia seguinte, era assim. [...] Era uma coisa gostosa sim, que eles ficavam prestando atenção porque a mãe tava lendo...e eles se interessavam... Eu até gostava quando a professora mandava alguma coisa, sei lá eu me sentia assim...eu sempre gostei, era uma participação minha. (Beatriz, mãe do aluno Breno)

Eu contava, eu contava pra ela desde neném, eu conto até hoje, as histórias que me contaram eu conto pra Amanda, pra minha neta. Mas ela aprendeu a ler muito cedo, então antes dela aprender, eu sentava perto dela e lia, aí logo ela foi aprendendo... Esse momento era bom, até hoje, mãe e filha estar junto é sempre bom, a gente sempre conversa, porque eu converso bastante, isso é bom, é importante. (Irene, mãe da aluna Iara)

Eu lembro que veio a pastinha com o livrinho de história, só que eu não lembro muito bem a história, mas eu lembro de ter contado sim. Ela trazia a pastinha e no outro dia levava, era tipo uma continuação do trabalho de sala de aula... Era assim, de segunda a sexta aquela correria, era trabalho, casa, trabalho, casa, então eu via que era um tempinho que a gente tinha nosso, no final de semana, porque eu acho que se não fosse essa historinha,

talvez ia passar em branco, eu não ia parar pra falar: “Vem cá que eu vou te contar uma historinha.”, então aquela pastinha com aquele livrinho fazia o momento, porque ela tinha que levar na segunda-feira, então, de um jeito ou de outro, eu tinha que ler e quando não tinha pastinha, às vezes passava batido, a gente nem lembrava de historinha. Então é importante, eu acho que é importante. (Gisela, mãe da aluna Gabriela)

Todas as mães declararam que acham importante para a criança ouvir histórias e revelam que essas histórias podem enriquecer o vocabulário, alimentar a imaginação das crianças, desenvolver o hábito da leitura, além disso, segundo as mães, ouvir histórias faz com que a criança vivencie o que está sendo contado e isso fica guardado na lembrança do sujeito. Esses depoimentos me autorizam a afirmar que para estas mães a atividade Conto-Reconto é capaz de aumentar o capital cultural de seus filhos e reestruturá-lhes o *habitus*, de modo que o gosto dos mesmos aproxime-se da alta cultura.

Eu acho... porque você vai aguçar a imaginação da criança [...] quando ela pede pra você contar várias vezes, alguma coisa naquela história ela quer entender ou que ela quer vivenciar, então por isso de você ficar contando várias vezes, várias vezes [...] até que chega um momento que passa, aí já muda para uma outra história, então eu acredito que seja uma identificação com aquele momento que a criança esteja vivendo ou alguma coisa que ela esteja passando e que ela quer entender... Eu acho muito importante... a fantasia, o que ela vai vivenciar, imaginar, porque quando você está lendo uma história pra criança, muitas vezes você olha no olhinho dela e parece que ela não está ali naquele momento, ela já está em outro lugar, já está imaginando...parece que ela se desprende naquele momento...imaginando a casinha da Chapeuzinho Vermelho, a floresta, o lobo mau...eu acho fascinante esse momento da história! (Érica, mãe da aluna Eloísa)

Ah eu acho, porque desde pequeno a criança vai gostando de histórias, vai gostando de ler, eu acho que se você não incentivar, eles nunca vão ter esse hábito, por isso que eu incentivo os meninos a continuar estudando, se não continuarem, não foi por falta de incentivo, então eu acho que você fazendo isso (contar histórias) é um incentivo para eles lerem, gostarem de histórias, porque eu acho que história é importante. (Janete, mãe do aluno Júlio)

É importante no sentido de instigar a imaginação da criança, porque o que você contar, ela vai estar imaginando, é como se ela estivesse montando na cabeça dela aquela cena, então você vai relatando, descrevendo ambientes, roupas e ela vai imaginando como é aquilo. E a criança entende que naquele momento, seja quem for que estiver contando uma história pra ela, a criança sabe que aquele tempo está sendo dedicado a ela e isso é importante, porque: “Eu parei o que eu estava fazendo e eu tô aqui com você!”, então ela se sente importante, ela vê a importância que ela tem... não só pelo desenvolvimento da imaginação, mas naquele momento ela se sente amada, se sente importante, é uma troca muito boa. (Cíntia, mãe da aluna Carla)

Muito importante porque quando é criança... a imaginação, ela sonha e ajuda no vocabulário, desenvolve... tudo. A leitura é importantíssima para o ser humano. (Dulce, mãe do aluno Danilo)

O Quadro 23 apresenta as respostas das mães no que se refere à responsabilidade em contar histórias para as crianças, onde se pode observar que metade do grupo das entrevistadas atribui essa função tanto à família quanto à escola.

Mães dos ex-alunos das EMEIs

A quem pertence o papel de contar histórias para as crianças?	Aos pais	À escola	Aos pais e escola juntos	Primeiro aos pais e depois à escola
	1	1	5	3

Quadro 23 – Representação das mães dos ex-alunos das EMEIs a respeito da responsabilidade em contar histórias às crianças

Quando as mães indicam que a escola e a família devem trabalhar juntas, entende-se que as duas instâncias respondem pela constituição, neste caso, do *habitus* secundário e isso é reafirmado quando as mães se referem à participação no processo escolar do filho. Será, então, que o *habitus* secundário, que segundo Bourdieu é de responsabilidade da escola, não seria também construído com a ajuda da família, neste caso? São apresentadas, abaixo, as justificações das mães:

Eu acho que são os dois (família e escola), os dois porque é uma continuação. A gente erra muito, eu como mãe, como família, a gente vai deixando passar, deixando passar, só que não é certo, a gente tem que dar continuação e ela (apontando para a filha mais nova) até pede, tem o trabalho da creche, da escola, ela chega em casa e sente falta, ela quer que conta, então tem que ter. (Gisela, mãe da aluna Gabriela)

Eu acho que é dos pais e da escola, dos dois, porque a escola é um complemento e vice versa, a gente tem que ajudar também as professoras, sem dúvida. O começo vem de casa, eu penso assim. (Helena, mãe do aluno Hugo)

Eu acho que é de todos, tanto do pai e da mãe quanto da escola, do professor, eu acho que é dos dois lados... eu não acho certo a professora ler lá na escola, aí a criança traz o livro pra casa e a mãe falar: “Ah é a professora que tem que ler!”, eu não acho certo isso, porque os dois tem que fazer esse papel. (Janete, mãe do aluno Júlio)

No que diz respeito à participação na vida escolar do(a) filho(a), oito mães afirmaram que sempre comparecem às reuniões da escola e aos eventos quando estes acontecem. As duas

mães que responderam participar pouco atribuíram esse fato ao horário de trabalho ser o mesmo das reuniões e à distância entre a escola e sua casa; assim, afirmaram que os pais comparecem às reuniões ao invés delas ou que as mesmas procuram os professores em outro horário para conversarem.

Participo sim, eu sempre dou um jeito de ir nas reuniões, eu não falto de reunião de jeito nenhum, se não der pra ir na hora marcada, eu vou em outro horário pra conversar com as professoras, mas eu sempre vou sim. Quando tinha festinha das mães aí na escola ou festa junina, eu pedia pra minha patroa me deixar sair um pouquinho pra poder ver elas se apresentando, eu acho isso importante, a mãe tem que participar, tem que ir na reunião, não adianta ficar reclamando da escola e nem aparecer lá pra ver como o filho está indo, se ele está com as notas boas, se tem feito alguma coisa errada...tem mãe que não admite o erro do filho e joga toda a culpa na escola, mas elas só vão conseguir enxergar isso lá na frente, quando ele for adulto e começar a fazer coisas erradas, aí essa mãe vai se arrepender de não ter corrigido seu filho quando era pequeno, eu falo porque já vi isso acontecer, mas depois de grande, não adianta mais. (Amélia, mãe da aluna Adriana)

Sempre, ou eu ou o meu marido, é muito importante, eu nunca deixei de ir porque eu acho que primeiramente o interesse é todo nosso, sem contar a importância pra criança, dos pais participarem... O meu marido comenta, ele acha tão importante que ele fala que deveria ter reunião na faculdade...ele acha importante acompanhar de perto, ver o que os professores tem pra falar do aluno, se tem alguma coisa pra corrigir... então é uma maneira da gente estar ali, saber dos nossos filhos. (Dulce, mãe do aluno Danilo)

Aqui em casa, pelo fato de eu não dirigir e a escola ser longe, toda reunião quem vai sempre é o meu marido, só que ele chega e comenta como foi, sempre teve esse hábito. Eu ia nas festinhas, quando era festinha das mães, mas em reuniões sempre foi meu marido, falar a verdade pra você, se eu participei de uma ou duas foi muito. Mas nunca deixou de ir, o meu marido sempre foi, nunca deixou de participar dessas coisas. (Beatriz, mãe do aluno Breno)

A única coisa que eu sinto é isso, porque se tem reunião e eu estou em horário de aula, eu não tenho como sair, eu até explico pra elas... normalmente...elas estudam de manhã e eu dou aula de manhã também, então não dá...mas é assim, quando eu posso, eu vou até as professoras e pergunto se está tudo bem ou se elas estão com alguma dificuldade, então mesmo que não seja o dia da reunião, eu vou, eu nunca deixei passar. (Érica, mãe da aluna Eloísa)

Observa-se unanimidade na opinião das mães quanto à importância da participação da família nas decisões tomadas na escola, inclusive como membros do Conselho de Escola, bem como da APM (Associação de Pais e Mestres).

Eu acho porque lá na EMEI eu fazia parte da APM, eu fazia parte. Eu sempre incentivei meus filhos a participar... da festa da primavera, festa junina, tudo quanto é festinha que tinha eu sempre incentivei meus filhos a participar, porque eu acho que a participação é importante para o aluno, para a escola, para os pais, porque é gostoso você ver seu filho participando das coisas! Eu ia nas reuniões, nas festividades, em tudo. Inclusive, agora na Chlorita eu faço parte da APM, só que mais pra assinar sobre o que sai e o que entra na escola, a parte financeira... mas eu sempre participo das coisas, eu gosto. (Fátima, mãe do aluno Fernando)

Eu acho importante, tanto é que o meu marido participava do Conselho, ele sempre ajudou muito, trazia coisas da escola pra fazer, e as crianças vendo isso, eu acho que era bom, tanto pra ele quanto para as crianças, vendo que o pai estava ligado à alguma coisa da escola, sabendo do que estava acontecendo...eu acho que é muito bom... Pena que os pais...às vezes tem trinta alunos e na reunião vai meia dúzia. (Beatriz, mãe do aluno Breno)

Eu acho importante sim, os pais tem que participar das coisas da escola, quem tem tempo de fazer parte da APM, tem que ir mesmo, quando eu fiquei sem trabalhar, eu ajudei nas coisas da APM porque é do interesse dos filhos da gente, por isso eu acho que é importante... Mas tem muita mãe que me fala: “Ah eu não tenho tempo de ficar indo na escola pra ouvir essa diretora, essas professoras falando...elas ganham pra isso, elas que se virem!”, mas eu acho isso errado, porque depois essas mães reclamam de algumas coisas que a escola decidiu, mas aí não adianta porque elas não foram na reunião pra decidir, dar opinião...eu acho importante sim, eu acho que tem que participar. (Amélia, mãe da aluna Adriana)

As mães ressaltam a importância de uma boa relação entre a escola e a família, de modo que as duas instâncias caminhem juntas em benefício do aluno, no caso da escola e do(a) filho(a), no caso dos pais. Desse modo, no entender das mães:

Tem que ser uma relação boa, a família e os professores tem que ser amigos mesmo, porque se tiver que falar alguma coisa, não tem receio, tem que falar e pronto, e a gente também, se tiver que perguntar alguma coisa, tem que ter esse direito de perguntar, é importante, tem que ter um conhecimento, tem pai e mãe que nem aparecem na escola, a professora nunca viu, nem sabe que jeito que é... às vezes a criança que mais precisa, os pais não vão na escola... Quando dá uma caída nas notas, se o pai e a mãe vão lá pra saber o que tá acontecendo, chega em casa e conversa com os filhos, já dá uma melhorada nas notas... A escola e a família tem que caminhar juntas... eu falo para as professoras da Iara: “Qualquer coisa, eu tô lá, viu, pode me chamar!”. (Irene, mãe da aluna Iara)

Eu acho que da maneira como está a educação, a diretora está agindo, eu acho que tá certo, tem abertura para os pais irem lá terem informações do filho, a creche é aberta para os pais saberem o que o filho faz da hora em que chega até a hora em que vai embora, só que não tem muito interesse da parte dos pais, só que tem que ter alguma coisa pra despertar o interesse deles, porque até então são poucos que se interessam. Eu acho que é

importante essa abertura da escola, o diálogo entre professor e pais, mas tem que ter a vontade dos pais. (Gisela, mãe da aluna Gabriela)

Eu acho que tem que ser assim, a família tem que participar na escola em tudo e não simplesmente em reunião de pais, ela tem que participar da vida do filho na fase da escola, ela tem que ir na escola... E quando o filho chega e conta alguma coisa que aconteceu na escola, eu acho que a mãe tem que ouvir o que o filho fala sim e também ir na escola pra saber realmente o que aconteceu... e estar nesse diálogo pra saber os dois lados. Eu acho que de outra forma não funciona... Tem que caminhar juntos. (Érica, mãe da aluna Eloísa)

Após analisar o depoimento das mães, percebo que as mesmas incentivam os filhos a frequentar a escola como possibilidade de ascensão social. Observa-se o investimento na escolarização como o único meio de garantir um futuro melhor aos filhos, mesmo que esse esforço represente sacrifício para a família. Esses dados fornecem pistas para a compreensão de aspectos do *habitus* familiar, da valorização da escola e aceitação de seus veredictos. Pois, de acordo com Bourdieu (1998, p. 48), as famílias, ao valorizarem a escolarização como possibilidade de ascensão social, transmitem certo *ethos* relacionado à valorização da escola, na forma de herança cultural que, por sua vez, desencadeia aprendizado quanto aos valores do conhecimento nela transmitido, do que decorre relação de subserviência no que diz respeito à cultura dominante e aquilo que por ela é valorizado, ou seja, transmitem o que o autor define como “um *ethos* de ascensão social e de aspiração ao êxito na escola e pela escola, que lhes permite compensar a privação cultural com a aspiração fervorosa à aquisição de cultura”.

Desse modo, decorridos dez anos desde que os alunos participantes deste estudo saíram da pré-escola, a partir das noções de Bourdieu acerca da relação família, escola e vida social como um todo, é possível legitimar a hipótese deste estudo: as EMEIs de Matão-SP, por meio da atividade Conto-Reconto de histórias, tem propiciado aos seus alunos a angariação de capital cultural, desencadeando uma reestruturação de seu *habitus* e contribuindo de forma significativa com a história de escolarização de cada criança que ali estudou, a partir da perspectiva das professoras, alunos e das mães dos mesmos. Há que se dizer, ainda, dos indícios apontados pelas professoras e pelas mães dos alunos no que se refere ao estreitamento do vínculo entre mãe e filho que a prática de contar histórias pode propiciar. Segundo as entrevistadas, esse momento constituía-se como prazeroso, para não dizer, raro, diante da correria do dia-a-dia.

Diante dos dados apresentados, um questionamento me acompanha: será que essa atividade de contar histórias na sala de aula faz parte da vida moderna? As professoras fazem referência a seus pais contando histórias, mas não se lembram dessa atividade sendo realizada na escola. Eu também não consigo lembrar de minhas professoras me contando histórias, aliás, os únicos que se lembram dessa atividade são os ex-alunos das EMEIs.

Walter Benjamin (1986) já apontava que a contação de histórias com as pessoas sentadas em cadeiras na calçada ou até em volta do fogo não existe mais. Então será que tanto eu quanto as professoras não se lembram das histórias serem contadas na escola porque suas professoras realmente não contavam ou porque a contação de histórias fazia parte da vida doméstica? O fato das professoras não se lembrarem da contação de histórias na escola pode significar muitas coisas, mas o que me chama a atenção é o seguinte: será que a contação de histórias na escola faz parte da história contemporânea? Será que essa atividade não é lembrada porque antes era uma atividade do âmbito da família? Então, seria a família a guardiã histórica da contação de histórias? E agora, devido ao *modus operandi* de nossa sociedade, em que as famílias, pais e mães trabalham e não tem tempo para isso, é a escola quem precisa continuar com essa atividade? Será que houve uma mudança contemporânea, a partir do século XX, em que a contação de histórias transferiu-se do âmbito familiar para o escolar? Essa é uma questão que precisa de aprofundamento. Talvez Benjamin (1986) possa contribuir muito numa investigação como essa, tendo em vista que se preocupou com a questão da narrativa e da experiência.

3 – CONSIDERAÇÕES

De modo a tecer algumas considerações a respeito da investigação realizada é preciso resgatar algumas ideias da teoria de Pierre Bourdieu, a qual norteou este trabalho, tanto no ponto de partida, quanto de chegada. O autor nos oferece um novo modo de interpretação da escola e da educação: a forte relação entre desempenho escolar e origem social. Nesse sentido, a crescente frustração dos jovens das camadas médias e populares diante das falsas promessas do sistema de ensino converte-se em mais uma evidência que valida a teoria deste autor. Vimos, assim, que onde se via igualdade de oportunidades, meritocracia, justiça social, passa-se a ver reprodução e legitimação das desigualdades sociais. Logo, a educação, na teoria bourdieusiana, perde o papel que lhe fora atribuído de instância transformadora e democratizadora das sociedades e começa a ser encarada como uma das principais instituições por meio da qual se mantêm e se legitimam os privilégios sociais. De acordo essa teoria, o que acontece na escola depende fundamentalmente do capital cultural e do *habitus* adquiridos pelos alunos na esfera da socialização primária. Ou seja, quem tem as disposições cognitivas e o capital cultural requeridos pela escola se torna um aluno bem-sucedido; quem não os tem, tende a fracassar.

Tendo em vista a racionalidade do *habitus*, para compreender uma atividade didático-pedagógica é preciso reconhecer por que o indivíduo age, e age de tal modo. Portanto, torna-se necessário saber quais são as suas ideias, expectativas, gostos, etc., isto é, quais as suas disposições cognitivas. Desse modo, para entender uma atividade ou uma prática, há de analisar o sistema de disposições cognitivas que a baseiam. E para conhecer o *habitus*, é preciso analisar as condições sociais em que ele foi construído. Afinal, o que permite dar conta da prática são as condições sociais que construíram o *habitus*.

Portanto, em última instância, a posição social é o princípio de inteligibilidade da atividade. As posições sociais são reproduzidas de uma geração para a seguinte, pelo menos em termos de probabilidades: as condições em que se forma a criança moldam socialmente o seu psiquismo e este a leva a representações e práticas que reproduzem a estrutura social de origem. Quem age é agente das estruturas sociais, uma vez que elas se reproduzem por mediação do seu *habitus*; não é um ator que, por sua atuação, iria contrariar a ordem social das coisas.

Bourdieu afirma que o gosto cultural é produto e fruto de um processo educativo, ambientado na família e na escola e não fruto de uma sensibilidade inata dos agentes sociais. Assim, o gosto e as práticas de cultura de cada um de nós são resultados de um feixe de

condições específicas de socialização. É na história das experiências de vida dos grupos e dos indivíduos que podemos apreender a composição de gosto e compreender as vantagens e desvantagens materiais e simbólicas que assumem. Além disso, Bourdieu põe em discussão um consenso muito em voga, relativo à crença de que gosto e os estilos de vida seriam uma questão de foro íntimo. Para o autor, o gosto é o resultado de imbricadas relações de força poderosamente alicerçadas nas instituições transmissoras de cultura da sociedade capitalista.

Desse modo, essas instituições seriam a família e a escola; elas respondem pelas nossas competências culturais ou gostos culturais. De um lado, chamou a atenção para o aprendizado precoce e insensível, efetuado desde a primeira infância, no seio da família, e prolongado por um aprendizado escolar que o pressupõe e o completa (aprendizado mais comum entre as elites). De outro, destacou os aprendizados tardio, metódico e acelerado, adquiridos nas instituições de ensino, fora do ambiente familiar, em tese um conhecimento aberto para todos. Assim, a distinção entre esses dois tipos de aprendizado, o familiar e o escolar, refere-se a duas maneiras de adquirir bens da cultura e com eles se habituar. Ou seja, os aprendizados efetuados nos ambientes familiares seriam caracterizados pelo seu desprendimento e invisibilidade, garantindo a seu portador um certo desembaraço na apreensão e apreciação cultural; por sua vez, o aprendizado escolar sistemático seria caracterizado por ser voluntário e consciente, garantindo a seu portador uma familiaridade tardia com a produção cultural.

Essas duas formas de aprendizado, segundo Bourdieu seriam responsáveis pela formação do gosto cultural dos indivíduos. Seria, especificamente, o que chamaríamos de capital cultural incorporado, uma dimensão do *habitus* de cada um; uma predisposição a gostar de determinados produtos da cultura, por exemplo, filmes, livros ou música, consagrados ou não pela cultura culta; uma tendência desenvolvida em cada um de nós, incorporada e que supõe uma interiorização e identificação com certas informações e/ou saberes; um capital, enfim, em uma versão simbólica, transvertido em disposições de cultura, portanto, fruto de um trabalho de assimilação, conquistado a custo de muito investimento, tempo, dinheiro e desembaraço no caso dos grupos privilegiados. Portanto, o sistema de ensino que trata a todos igualmente, cobrando de todos o que só alguns detêm (a familiaridade com a cultura culta), não leva em consideração as diferenças de base determinadas pelas desigualdades de origem social. A teoria bourdieusiana detecta então um descompasso entre a competência cultural exigida e promovida pela escola e a competência cultural apreendida nas famílias dos segmentos mais populares.

Em síntese, para Bourdieu o sistema escolar, em vez de oferecer acesso democrático de uma competência cultural específica para todos, tende a reforçar as distinções de capital cultural de seu público. Agindo dessa forma, o sistema escolar limitaria o acesso e o pleno aproveitamento dos indivíduos pertencentes às famílias menos escolarizadas, pois cobraria deles os que eles não têm, ou seja, um conhecimento cultural anterior, aquele necessário para se realizar a contento o processo de transmissão de uma cultura culta. Essa cobrança escolar foi denominada por ele como uma violência simbólica, pois imporia o reconhecimento e a legitimidade de uma única forma de cultura, desconsiderando e inferiorizando a cultura dos segmentos populares.

Vale lembrar que o gosto não é uma propriedade inata dos agentes. O gosto é produzido e é resultado de um feixe de condições materiais e simbólicas acumuladas no percurso de nossa trajetória educativa. Para Bourdieu, o gosto cultural se adquire; mais do que isso, é resultado de diferenças de origem e de oportunidades sociais e, portanto, deve ser denunciado enquanto tal.

Mas, será que estamos condenados a uma eterna reprodução? Bourdieu deixa uma porta aberta ao nos elucidar que passado e futuro articulam-se no *habitus*, chave da reprodução. Portanto, para quebrar essa reprodução, desconectar o futuro do passado e, assim, mudar a sociedade, é necessário mudar o *habitus*. Sendo assim, a tomada de consciência sociológica é a condição fundamental da mudança: pode mudar o mundo quem entende que suas representações e práticas foram condicionadas socialmente e, ao compreender isso, pode se livrar do condicionamento.

Ao reconhecer que as contradições sociais desempenham essa função, Bourdieu abre a possibilidade de uma crítica das mesmas contradições se o ponto de referência for a escola brasileira, pode-se criticar realmente a escola pública brasileira existente, mas tem-se excelentes motivos para dedicar o melhor dos esforços e convertê-la numa causa ampla e democrática a serviço da educação. Reconhecer, portanto, que é a partir da escola que está aí, em vez de descartá-la como verdadeiro espelho embaçado do projeto hegemônico das classes dominantes, é que se pretende vincular e acreditar na idéia do alicerce de uma boa escola – uma escola de qualidade, democrática, universal, pública e gratuita, ou seja, uma escola pública brasileira que acredita na transformação social.

Partindo do pressuposto de ser a escola uma agência socializadora, o professor pode ainda comprometer-se com a educação emancipadora, ou seja, tornar-se sujeito de crítica e transformação, visto que a sociedade atual minimiza os problemas da profissão, desqualifica a profissão e não dá respaldo para uma efetiva atuação do professor como educador.

Portanto, no ponto em que me encontro neste percurso investigativo, posso afirmar que a prática da contação de histórias está relacionada com a aquisição do capital cultural, do ponto de vista dos sujeitos de meu estudo. Nesse sentido, as crianças que nascem em famílias nas quais conta-se histórias e a leitura faz parte da vida cotidiana serão iniciadas em ambiente letrado desde a mais tenra idade, receberão um patrimônio hereditário (*habitus* primário) e ainda terão a oportunidade de acumular mais capital cultural pelo trabalho proporcionado pela escola (*habitus* secundário). Enquanto isso, as crianças provenientes de famílias que não possuem como prática a leitura e a contação de histórias, só terão a oportunidade de recebê-las como capital cultural por meio do trabalho pedagógico da escola. Essa assimilação levará tempo e exigirá méritos na aquisição.

As explicações de Bourdieu a propósito da relação que há entre família, *habitus* e capital cultural, no que diz respeito ao sucesso na escolarização dos sujeitos, fornecem condições para podermos apontar o quanto atividades de caráter sociocultural, como a contação de histórias na escola, desde a educação infantil, torna-se indispensável às crianças das classes populares. Sublinho que, de acordo com os estudos do autor, as disposições cognitivas dos agentes dependem das oportunidades às quais estão e foram expostos. Portanto, se o agente tem oportunidades para “elevar” seu *habitus* do ponto de vista, nesse caso, da alta cultura, esse *habitus* será reestruturado e ele terá melhorado suas disposições cognitivas para compreender, apreciar, avaliar e estar no mundo.

Estou ciente de que existem diferenças significativas no modo como cada escola e/ou professor participa do processo de reprodução social ou combate este fenômeno. Entretanto, de acordo com professoras, alunos e mães entrevistadas, observa-se que a atividade Conto-Reconto, dada sua forma, possibilita aos alunos das EMEIs de Matão uma reestruturação de seu *habitus* e acesso ao capital cultural, inclusive da leitura e da escrita. Levando em conta que a família participa da atividade Conto-Reconto, ao contar histórias em casa, além de estreitar o vínculo entre mãe e filho, então, possivelmente, a família também está sendo beneficiada, do ponto de vista da aquisição do capital cultural oferecido pela escola. Além disso, cabe ressaltar que, tanto para os alunos quanto para suas mães, a escola ainda é o meio para a conversão de classe.

Além disso, percebi que, embora estivesse há tanto tempo envolvida com o meu objeto, eu não o enxergava como de fato ele se apresenta, o que me oferece condições de dizer que o meu envolvimento histórico com o objeto de estudo não trouxe implicações negativas ao desenvolvimento sistematizado de minha investigação. Assim, o que quero esclarecer é que, a partir de um espelhamento dos dados até então apresentados, observo que a atividade

Conto-Reconto constituiu-se num fenômeno que trouxe benefícios para a formação de escritores, uma vez que a contação de histórias influenciou o gosto dos alunos para a escrita e não, necessariamente, apenas para a leitura e a formação de leitores, como eu pensava no início desta investigação. Entendo que esse é um campo que merece ser explorado, e muito, no entanto, provida de um otimismo pedagógico, declaro: eis que encontrei a cereja do bolo!

Sei que esse é apenas o início de uma reflexão que dá seus primeiros passos, tendo ainda muito a percorrer e, principalmente, a aprender e apreender. Assim, desejo que seja uma caminhada com boas companhias e felizes pontos de chegada.

O método encerra-se aqui!

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, F. **Literatura Infantil** – Gostosuras e Bobices. São Paulo: Scipione, 1991.

AMARILHA, M. **Estão mortas as fadas?** – 2. ed., Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1988.

BENJAMIN, W. “O Narrador” e “Experiência e Pobreza”. In: **Magia e técnica, arte e política**. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1986.

BETTELHEIM, B. **A psicanálise dos contos de fadas**. Trad. Arlene Caetano. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

BEZERRA, M. H. B. **Formação do leitor: a escola cumpre essa tarefa?** Tese (Doutorado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP, São Paulo, 2009.

BOURDIEU, P. **Sociologie de l’Algérie**. Paris: PUF, Coll. Que-sais-jé, 1958.

_____. **Esboço de uma teoria da prática**. Precedido de três estudos de Etnologia Cabila. 1. ed. Oeiras: Celta, 1972.

_____. Introdução a uma sociologia reflexiva. In: **O poder simbólico**. Lisboa; Rio de Janeiro: Difel; Bertrand Brasil, 1979.

_____. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983a.

_____. **Pierre Bourdieu: sociologia**. Org. Renato Ortiz. São Paulo: Ática, 1983b.

_____. **Coisas Ditas**. São Paulo: Brasiliense, 1990.

_____. **A economia das trocas simbólicas**. Trad. Sérgio Micelli. São Paulo: Perspectiva, 1992.

_____. Campo do poder, campo intelectual e *habitus* de classe. In: **A economia das trocas simbólicas**. Trad. Sérgio Micelli. São Paulo: Perspectiva, 1992. p. 183-202.

_____. **A economia das trocas lingüísticas**: o que falar quer dizer. Trad. Sérgio Micelli et al. São Paulo: Edusp, 1996.

_____. **Escritos de Educação**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

_____. Os três estados do capital cultural. In: NOGUEIRA, M. A.; CATANI, A. (Org.). **Escritos de educação**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1998. p. 71-79.

_____. **A miséria do mundo**. Trad. Mateus S. Soares. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

_____. **A sociologia de Pierre Bourdieu**. Trad. Patrícia Montero e Alícia Auzmendi. Org. Renato Ortiz. São Paulo: Olho d'Água, 2003.

_____. Gostos de classe e estilos de vida. In: ORTIZ, R. (Org.) **A sociologia de Pierre Bourdieu**. Trad. Patrícia Montero e Alícia Auzmendi. São Paulo: Olho d'água, 2003. p. 73-111.

_____. Espaço social e espaço simbólico. In: _____. **Razões práticas**: sobre a teoria da ação. Trad. Mariza Corrêa. 5. ed. Campinas: Papirus, 2004. p. 13- 33.

_____. **A Distinção**. Crítica social do julgamento. Trad. Daniela Kern; Guilherme J.F. Teixeira. São Paulo: Edusp; Porto Alegre: Zouk, 2007.

_____. As Ciências Sociais e a Filosofia. **Revista Educação & Linguagem**. n. 16, v. 10, p. 19-36, jul-dez, 2007.

BOURDIEU, P; CHAMBREDON, J. C.; PASSERON, J. C. **Ofício de sociólogo**: metodologia da pesquisa na sociologia. Trad. Guilherme João de Freitas Teixeira. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

BORDIEU, P.; PASSERON, J. C. **A reprodução**: elementos para uma teoria do sistema de ensino. Trad. Reynaldo Brandão. 2. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982.

BOURDIEU, P. & WACQUANT, L. **Réponses**. Pour une anthropologie réflexive. Paris: Seuil, 1992.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Vol 3. Brasília: MEC/SEESP, 1998.

CAGLIARI, L. C. **Alfabetização & Lingüística**. São Paulo: Scipione, 2002.

CALDEIRA, U. A. C. **Uma explicação sobre a indisciplina na escola**: uma questão de *habitus*. Dissertação (Mestrado em Educação Escolar) - Faculdade de Ciências e Letras - Campus Araraquara – UNESP, 2007.

CARLINDO, E. P. **Tornar-se professora**: o capital cultural como esteio explicativo para o sucesso docente. Dissertação (Mestrado em Educação Escolar) - Faculdade de Ciências e Letras - Campus Araraquara – UNESP, 2009.

CATANI, A. M.; CATANI, D. B.; PEREIRA, G. R. M. As apropriações da obra de Pierre Bourdieu no campo educacional brasileiro, através de periódicos da área. **Revista Brasileira de Educação**. n 17, p. 63-85, mai-ago, 2001.

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais**. São Paulo: Cortez, 1998.

CUNHA, M. A. A. **Literatura Infantil**. Teoria e Prática. São Paulo: Ática, 1997.

DONATO, D. **Recontando Histórias**: a leitura e a visão de mundo do pré-escolar. 132f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2005.

FERRAROTTI, F. Sobre a autonomia do método biográfico. In: NÓVOA, A; FINGER, M. (Org.). **O método (auto)biográfico e a formação**. Lisboa: Departamento dos Recursos Humanos da Saúde/Centro de Formação e Aperfeiçoamento Profissional, 1988. p. 18-34.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. São Paulo: Cortez, 1987.

_____. **Professora sim, tia não**. Cartas a quem ousa ensinar. São Paulo: Olho d'Água, 1994.

FREITAS, A. L. M. **A participação dos pais na implementação dos conselhos de escola:** um mecanismo da gestão democrática. Dissertação (Mestrado em Educação Escolar) – Universidade Estadual Paulista – UNESP-FCLAr, Araraquara, 2000.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA [IBGE]. **Cidades: Censo Demográfico dos municípios brasileiros.** Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/default.php>. Acesso em 12 Abr. 2009 e 14 Jan. 2011.

KOCH, I. V. **O texto e a produção dos sentidos.** São Paulo: Contexto, 1998.

KOCH, I. V. e TRAVAGLIA, L. C. **Texto e Coerência.** São Paulo: Cortez, 1997.

LAJOLO, M. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo.** São Paulo: Ática, 2000.

LE GOFF, J. Memória. In: _____. **História e memória.** Campinas: Unicamp, 1994, p. 423-477.

LEITE, A. S. **Uma história para Matão.** 1ª ed. Matão: Gráfica IMAG, 1992.

LEMOES, C. T. G. Sobre a aquisição da linguagem e seu dilema (pecado) original. In: **Boletim da Abralin**, nº 3, p.97-126, 1982

MATÃO. Secretaria Municipal de Educação e Cultura. Departamento de Educação. Apostila – **Espaço Físico Modificado**, 2006.

_____. Secretaria Municipal de Educação e Cultura. Departamento de Educação. **Memorial das Escolas Municipais de Educação Infantil**, Vol. I, 2008.

MENDES, M. F. V. **Sala de leitura nas escolas da rede municipal de ensino de São Paulo:** uma inovação que resiste às discontinuidades políticas. Tese (Doutorado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP, São Paulo, 2006.

ORLANDI, E. Significação, leitura e redação. In: **Trabalhos em lingüística aplicada**. n 3, (p 37-44). UNICAMP-FUNCAMP, Campinas, São Paulo, 1984.

PERRONI, M. C. **O desenvolvimento do discurso narrativo**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

RIBEIRO, D. **Sobre o óbvio**. Ensaios insólitos. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

SCARLATTO, E. C.; SILVA, M. A educação complementar em Araraquara-SP: uma oportunidade de reestruturação do *habitus* para as classes populares. **Revista Educação** - UFSM. v. 33, n. 02, p. 353-364, mai-ago, 2008.

SISTEMA ESTADUAL DE ANÁLISE DE DADOS [SEADE]. **Perfil municipal**. Disponível em: <http://www.seade.gov.br/produtos/perfil/perfil.php>. Acesso em: 16/04/09.

SETTON, M. G. J. A teoria do habitus em Pierre Bourdieu. **Revista Brasileira de Educação**. n. 20, p. 60-70, mai-ago, 2002.

SILVA, E. T. **De olhos abertos**. Reflexões sobre o desenvolvimento da leitura no Brasil. São Paulo: Ática, 1991.

SILVA, M. da. Explicação do conteúdo: elemento estruturante da aprendizagem eficaz. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n.115, p. 195-205, 2002.

_____. **Como se ensina e com se aprende a ser professor**: a evidência do *habitus* professoral e da natureza prática da Didática. São Paulo: EDUSC, 2003.

_____. **Metáforas e entrelinhas da profissão docente**. São Paulo: Pioneira Thompson Learning, 2004.

_____. *Habitus* professoral: o objeto dos estudos sobre ensino na sala de aula. **Revista Brasileira de Educação**. Rio de Janeiro, n. 29, p. 152-163, 2005.

_____. **O Eu pessoal e o Eu profissional**: uma mesma construção. Tese (Livre-Docência em Educação) – Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2006.

TRAÇA, M. E. **O Fio da Memória** – do Conto Popular ao Conto para Crianças. Lisboa (Portugal): Porto Editora, 1992.

WACQUANT, L. **Esclarecer o *Habitus***. (2004). Disponível em: http://sociology.berkeley.edu/faculty/wacquant/wacquant_pdf/ESCLARECEROHABITUS.pdf. Acesso em: 26 Abr. 2008.

VASQUES, R. C. **As contribuições do RPG para a qualidade do processo ensino-aprendizagem**. Dissertação (Mestrado em Educação Escolar) - Faculdade de Ciências e Letras - Campus Araraquara – UNESP, 2005.

VIGOTSKI, L.S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

_____. **Imaginacion y el arte en la infancia**. México: Hispánicas, 1987.

_____. **Obras Escogidas**. Madri: Visor, Tomo III, 1995.

_____. **Psicologia Pedagógica**. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2001(a).

_____. **A Construção do Pensamento e da Linguagem**. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2001(b).

ZUIN, A. A. S. **Trote na Universidade**: Passagens de um rito de iniciação. São Paulo: Cortez, 2002.

ANEXOS



CÂMARA MUNICIPAL DE MATÃO

Av. Padre Nelson Antonio Romão, 859 – Centro – Matão – SP
Fone: (16) 3383-1033 Fax: (16) 3383-1049
Site: www.camaramatao.sp.gov.br E-mail: camara@camaramatao.sp.gov.br



REQUERIMENTO Nº 00067/95

AUTORIA: Um terço dos membros da Câmara.

ASSUNTO: Requer urgência especial na apreciação do Projeto de Decreto Legislativo nº 03/95.

REQUEREMOS na forma regimental, nos termos do artigo 73 do Regimento Interno, seja **CONCEDIDO REGIME DE URGÊNCIA ESPECIAL**, na apreciação do Projeto de Decreto Legislativo nº 03/95, de autoria do Vereador Luiz Roberto Pedro Antonio, que: Concede título de "Honra ao Mérito" ao Professor AZOR SILVEIRA LEITE.

Trata-se de uma justa homenagem ao Professor Azor Silveira Leite, que dedicou sua vida ao resgate da história de Matão.

A referida homenagem faz parte das comemorações que será levada a efeito no próximo dia 26.03, daí a necessidade de se solicitar urgência especial

Câmara Municipal de Matão, aos 16 de março de 1.995.

LUIZ ROBERTO PEDRO ANTONIO
"Vereador"

VEREADORES:

ADELINO ANTONIOSI

ROBERTO DE FREITAS

EDSON A. CORRÊA

GERALDO LESBÃO MEIRA

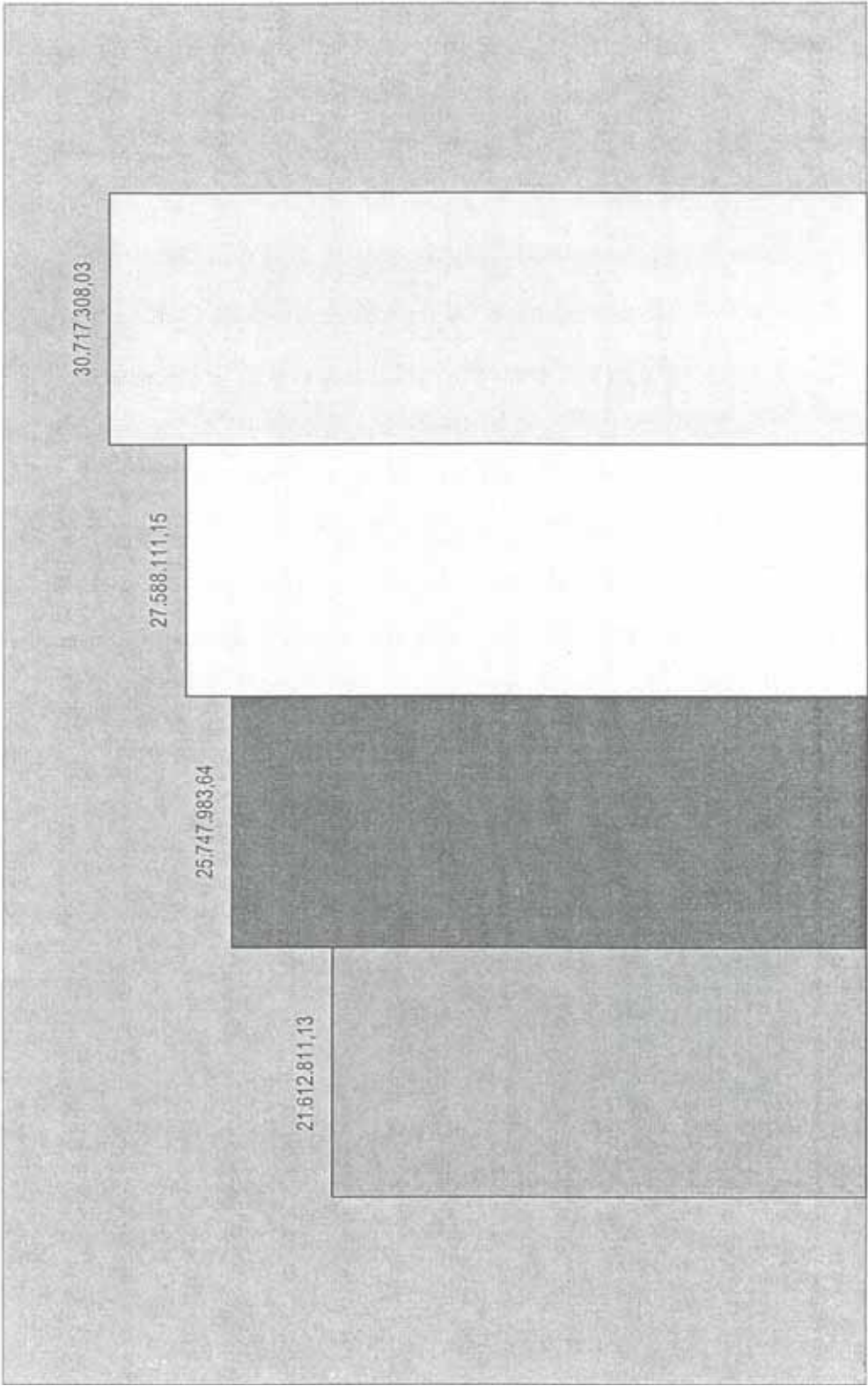
JOSÉ PEREIRA NIZA

JOSÉ GUILHERME MONTEIRO DE CASTRO

ANEXO B

PREFEITURA MUNICIPAL DE MATÃO						
ASSUNTO: AUDIÊNCIA PÚBLICA - ARTIGO 9º, § 4º, L.C. 101/2.000 -						
DEMONSTRAÇÃO E AVALIAÇÃO DO CUMPRIMENTO DAS METAS FISCAIS						
EDUCAÇÃO 2.005 - 2008						
GASTOS COM A MANUTENÇÃO E DESENVOLVIMENTO DO ENSINO						
EXCLUSÃO DOS GASTOS NO FUNDEF - QUADRO EM SEPARADO						
DESCRIÇÃO	2005	2006	2007	2008	TOTAL	
SUB-TOTAL RECEITAS	62.412.002,23	68.520.772,84	66.548.564,08	69.879.535,36	267.315.508,49	
					0,00	
SUB-TOTAL CONVÊNIOS	1.376.747,38	1.854.994,54	2.579.420,25	2.011.726,98	7.822.889,15	
					0,00	
SUB-TOTAL FUNDEF	3.797.157,06	4.406.343,85	5.921.870,24	9.532.173,73	23.657.544,88	
					0,00	
APLIC. OBRIG. MÍNIMA S/ REC	15.603.000,56	17.130.193,21	16.637.141,02	17.469.883,84	66.840.218,63	
APLIC. OBRIG. MÍNIMA C/ FUNDAMENTAL + CONV + FUND.	14.498.219,77	16.456.740,93	18.483.575,10	22.025.831,01	71.464.366,83	
APLIC. OBRIG. MÁXIMA C/ INF/ESP + CONV.	6.347.094,33	6.954.272,21	6.655.443,98	6.987.953,54	26.944.764,06	
					0,00	
APLICAÇÃO OBRIGATÓRIA MÍNIMA - MANUT.DESENS.	20.845.314,11	23.411.013,15	25.139.019,08	29.013.784,55	98.409.130,89	
					0,00	
					0,00	
APLIC. OBRIG. MÁXIMA C/ FUND/INF/ESP	20.848.896,92	23.411.013,15	25.139.019,08	29.525.713,66	98.924.642,80	
ENS.FUND./INFANTIL/ESPECIAL - EMPENHADO	21.907.595,51	26.248.491,80	27.689.325,47	31.941.830,22	107.787.243,00	
SUERÁVIT/DÉFICIT S/ EMPENHADO %	5,08%	12,12%	10,14%	8,18%	35,53%	
					0,00	
ENS.FUND./INFANTIL/ESPECIAL - LIQUIDADO	21.612.811,13	25.747.983,64	27.588.111,15	30.717.308,03	105.666.213,95	
SUERÁVIT/DÉFICIT S/ LIQUIDADO %	3,66%	9,98%	9,74%	4,04%	27,42%	
					0,00	
ENS.FUND./INFANTIL/ESPECIAL - PAGO	20.878.706,47	25.268.958,13	26.574.184,79	29.702.731,32	102.424.580,71	
SUERÁVIT/DÉFICIT S/ PAGO %	0,14%	7,94%	5,71%	0,60%	14,39%	

GASTOS EDUCAÇÃO



ANEXO D



PREFEITURA MUNICIPAL DE MATÃO
PALÁCIO DA INDEPENDÊNCIA
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E CULTURA
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO



FAIXA ETÁRIA ATENDIDA NAS EMEIs

JARDIM I	JARDIM II	PRÉ-ESCOLA
3 ANOS e 06 MESES	4 ANOS e 06 MESES a 5 ANOS e 06 MESES	5 ANOS e 06 MESES a 6 ANOS e 11 MESES
29 CLASES	42 CLASSES	44 CLASSES
659 ALUNOS	983 ALUNOS	1063 ALUNOS
Total Geral:- 2.705 alunos		

FAIXA ETÁRIA ATENDIDA NAS CRECHES

BERÇARIO	MATERNAL	PRÉ-ESCOLA
04 MESES a 2 ANOS	2 ANOS a 4 ANOS	4 ANOS a 7 ANOS
12 GRUPOS	15 GRUPOS	15 GRUPOS
117 CRIANÇAS	326 CRIANÇAS	625 CRIANÇAS
Total Geral:- 1.128 crianças		

QUADRO DE FUNCIONÁRIOS

ASSESSORAS PEDAGÓGICA EDUCACIONAL	DIRETORES	PROFESSORES	ADIs	SERVIÇOS GERAIS	COZINHEIRAS
2	18	115	101	47	24

Assessoras Pedagógica Educacional

Adriana Braidotti e Roseli S. Santos

Comprehensive and authoritative
Coverage of the most important aspects of the field

O porque da preocupação com a modificação dos espaços



Com o objetivo de propiciar a autonomia das crianças e continúo as auxílios a prestar atenção na atividade e observar o comportamento do colega, aumentando assim a chance de brincar/juntos e desenvolverem a mesma atividade por mais tempo.

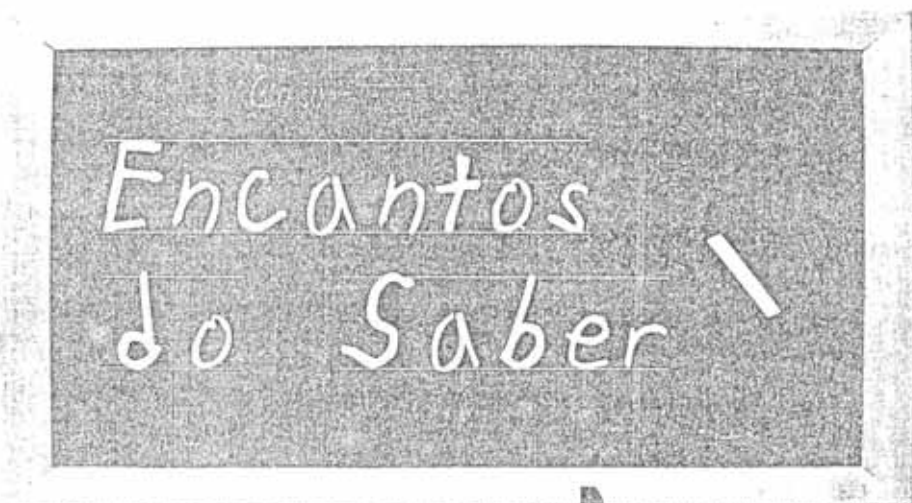
Áreas de diferentes tamanhos dentro do mesmo espaço oferecem oportunidades tanto para atividades isoladas quanto em grupos. As áreas semi-fechadas permitem à criança que se relacione em pequenos grupos, podendo expressar sentimentos como: carinho, proteção, ciúme, raiva e outros.



Universidade Estadual de Maringá
Instituto de Educação e Cultura



ILMET Caroline Falcão Mendes
 ILMET Maria Cândida
 ILMET Prof.ª Helena Lima
 ILMET Prof.ª Ives Haeckel Marchezoni
 ILMET Prof.ª Izabela de Freitas Pereira (Curso)
 ILMET Prof.ª Maria Amélia Ortiz Caminha
 ILMET Prof.ª Vera Gonçalves de Matos
 ILMET Prof.ª Vitoria Ribeiro Lageas



ANEXO E2

De cantinhos diversificados para salas ambientes



Sala de Língua Portuguesa e Matemática

Nesta sala as mesas e cadeirinhas são dispostas de uma maneira confortável para que a criança não fique de costas para o quadro. O centro da sala também ficou espaçoso para poder formar uma roda. Tem o canto da biblioteca, para leitura com as crianças. Também há o canto dos jogos de Matemática e Língua Portuguesa, tais como: dominó, jogo da memória, bingo de números, bingo de alfabeto, bingo de frutas, jogo de palitos, calculadora, material dourado, régua, fita métrica, caça-palavras, entre outros.



Sala de Artes, Ciências, História e Geografia

O que tem:

- Cola, giz de cera, lápis de cor, tesoura, pincel, carimbo, guache, tinta plástica, pincel atômico, caneta, sulfite, cartolina, crepom, sucatas diversas, canudinhos, grãos e etc.
- Revistas de curiosidades, quebra-cabeça do corpo humano, globo terrestre, mapa, esqueleto.

Como as crianças usam:

- Misturam, cortam, dobram, furam, combinam materiais, picotam, rasgam.
- Constroem no tridimensional, desenham, manipulam, exploram etc.



Sala do Faz-de-conta e jogos

O que tem:

- Cabana, mesinha, cadeirinhas, bonecas, bonecos, bichinhos de pelúcia, carrinhos, telefone, brinquedos de casinha, fogão de madeira, fantasias, potes plásticos, telefones, jogos de encaixe e de montar, lego, tapete e outros.

Como as crianças usam:

- Brincam de faz-de-conta, se relacionam com outras crianças e adultos; encenam histórias.



Sala da Biblioteca e Vídeo

O que tem:

- Prateleira com livros, revistas, gibis, TV, vídeo e DVD.
- Tapete e almofadas.

Como as crianças usam:

- As crianças vêm, manipulam, folheiam os livros, lêem para os colegas, inventam e representam histórias, levam livros para outras áreas e para casa.

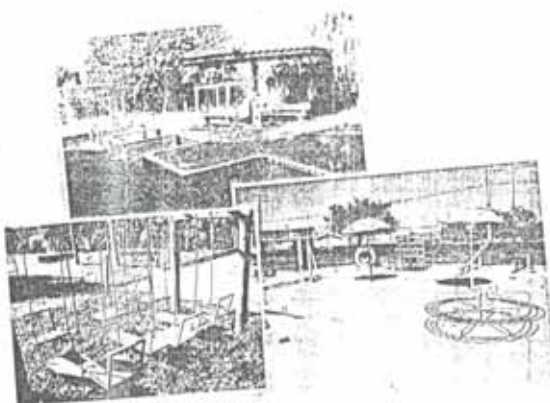
Área Externa

O que tem:

- Parque, tanque de areia, baldinho, concha, bola, bambolê e brinquedos diversos.

Como as crianças usam:

- As crianças andam, correm, pulam, balançam, escorregam, sobem em árvores, brincam de faz-de-conta com os materiais de seu interesse.



Tempo de permanência nas salas



O tempo de permanência das crianças nas salas ambientes está ligado à grade de horários da escola. Mas toda rotina e propostas de trabalho nessas salas são decididas e orientadas em reuniões pedagógicas de forma coletiva. O tempo em cada sala é planejado e proposto de maneira que desperte o interesse das crianças em aprender cada vez mais.

Há também o momento que se destina a dar Bom Vindas às crianças e desenvolver uma dinâmica em que falar, prestar atenção e ouvir uns aos outros compõem os elementos principais.

ANEXO F1



Prefeitura Municipal de Matão

PALÁCIO DA INDEPENDÊNCIA
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E CULTURA
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO

FICHA DE MATRÍCULA - ESCOLAS MUNICIPAIS DE EDUCAÇÃO INFANTIL

CÓDIGO C/E DA ESCOLA

--	--	--	--	--	--

TIPO DE ENSINO

Educação Infantil

R.A (REG. DE MATRÍCULA) OU RG

[illegible]

NOME COMPLETO DO ALUNO

SEXO

☐ M - Masculino
☐ F - Femenino

NOME COMPLETO DO PAI

NOME COMPLETO DA MÃE

CIDADE DE NASCIMENTO

[illegible]

ENDEREÇO (nome completo do logradouro - Rua, Av., Largo)

NUMERO

[illegible]

BAIRRO

[illegible]

000

[illegible]

RAMAL / NOME DA PESSOA PARA RECADO

ENDEREÇOS ATUALIZADOS

[illegible]

ANEXO F2

TRANSFERÊNCIA RECEBIDA	
NOME DA ESCOLA DE ORIGEM - BAIRRO/CIDADE	
NOME DA ESCOLA DE ORIGEM - BAIRRO/CIDADE	
TRANSFERÊNCIA ENVIADA	
NOME DA ESCOLA - BAIRRO/CIDADE	
NOME DA ESCOLA - BAIRRO/CIDADE	

ASSINATURA DO RESPONSÁVEL PELO PREENCHIMENTO DA FICHA	Data: - / /
---	-------------

PORTARIA MEC Nº 156 - DE OUTUBRO DE 2004. - PREENCHIMENTO OBRIGATÓRIO

COR / RAÇA

☐ BRANCA

☐ PRETA

☐ PARDA

☐ AMARELA

☐ INDÍGENA

☐ NÃO DECLARADA

A CRIANÇA É PORTADORA DE NECESSIDADES EDUCACIONAIS ESPECIAIS:
☐ SIM ☐ NÃO ESPECIFIQUE.....

ASSINATURA DO PAI OU RESPONSÁVEL (OBRIGATÓRIO).....

MUNICÍPIO DE NASC. DO ALUNO: UF:

MUNICÍPIO DA COMARCA DA CERTIDÃO: UF:

DISTRITO DA CERTIDÃO DE NASCIMENTO: UF:

FOLHA: LIVRO: Nº DA CERTIDÃO:

RG. Nº (SE TIVER) NIS:

DISPENSA DA PRÁTICA DE EDUCAÇÃO FÍSICA

☐ SIM ☐ NÃO

MOTIVO:.....

ASSINATURA DO RESPONSÁVEL NO ATO DA MATRÍCULA	PROFESSORA RESPONSÁVEL PELA CLASSE
Data: - / - /	
ASSINATURA DO RESPONSÁVEL NO ATO DA MATRÍCULA	PROFESSORA RESPONSÁVEL PELA CLASSE
Data: - / - /	
ASSINATURA DO RESPONSÁVEL NO ATO DA MATRÍCULA	PROFESSORA RESPONSÁVEL PELA CLASSE
Data: - / - /	

ANEXO G



PREFEITURA MUNICIPAL DE MATÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E CULTURA
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO



OBJETIVOS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Na nossa concepção, o desenvolvimento infantil pleno e a aquisição de conhecimentos acontecem simultaneamente, e caminhamos no sentido de construir a autonomia, a cooperação e a atuação crítica e criativa.

Assumindo as crianças como indivíduos que pertencem a grupos sociais, entendemos que o curso de Educação Infantil deve contribuir para sua inserção crítica e criativa na sociedade.

O currículo da pré-escola é, então, elaborado a partir desse referencial, levando em conta as características específicas das crianças e do momento em que vivem, as interferências do meio que as circundam e os conhecimentos das diferentes áreas, permitindo a articulação do curso de Educação Infantil com o Ensino Fundamental.

Nossa proposta é construir, na prática pedagógica, uma metodologia apropriada às necessidades e condições existentes e aos objetivos formulados.

Nossos princípios metodológicos são:

- tornar a realidade das crianças como ponto de partida para o trabalho.
- observar as ações infantis e as interações entre as crianças, valorizando essas atividades.
- confiar nas possibilidades que todas as crianças têm de se desenvolver e aprender.
- propor atividades com sentido, reais e desafiadoras para as crianças, incentivando criatividade e a criticidade.
- favorecer a ampliação do processo de construção dos conhecimentos, valorizando o acesso aos conhecimentos do mundo físico e social.
- enfatizar a participação e a ajuda mútua possibilitando a construção da autonomia da cooperação.

OBJETIVOS GERAIS DA EDUCAÇÃO INFANTIL

Desenvolver nas crianças as capacidades de:

- desenvolver uma imagem positiva de si, atuando de forma cada vez mais independente, com confiança em suas capacidades e percepção de suas limitações;
- descobrir e conhecer progressivamente seu próprio corpo, suas potencialidades e seus limites, desenvolvendo e valorizando hábitos de cuidados com a própria saúde e bem-estar;
- estabelecer vínculos afetivos de troca com adultos e crianças, fortalecendo sua auto-estima e ampliando gradativamente suas possibilidades de comunicação e interação social;
- estabelecer e ampliar cada vez mais as relações sociais, aprendendo aos poucos a articular seus interesses e pontos de vistas com os dos demais, respeitando a diversidade e desenvolvendo atitudes de ajuda e colaboração;
- observar e explorar o ambiente com atitude de curiosidade, percebendo-se cada vez mais como integrante, dependente e agente transformador do meio-ambiente e valorizando atitudes que contribuam para sua conservação;
- brincar, expressando emoções, sentimentos, pensamentos, desejos e necessidades;
- utilizar as diferentes linguagens (corporal, musical, plástica, oral e escrita) ajustados às diferentes intenções e situações de comunicação, de forma a compreender e ser compreendido, expressar suas idéias, de significados, enriquecendo cada vez mais sua capacidade expressiva;
- conhecer algumas manifestações culturais, demonstrando atitudes de interesse, respeito e participação frente a elas e valorizando a diversidade.



EIXOS DOS REFERENCIAIS CURRICULARES NACIONAIS

Linguagem Oral e Escrita
Matemática
Natureza e Sociedade
Movimento
Artes Visuais
Música

ÁREAS CURRICULARES DA EDUCAÇÃO INFANTIL

IDENTIDADE E AUTONOMIA

Refere-se ao progressivo conhecimento que as crianças vão adquirindo de si mesmas, a auto-imagem que através deste conhecimento se vai configurando e à capacidade para utilizar recursos pessoais de que disponha a cada momento.

Neste processo são relevantes:

- a qualidade das inter-relações da criança com o ambiente circundante;
- o crescente controle motor;
- a constatação de suas possibilidades e limitações;
- o processo de diferenciação dos outros;
- a crescente independência em relação aos adultos.

COMUNICAÇÃO E REPRESENTAÇÃO

Refere-se ao desenvolvimento dos aspectos comunicativos lingüísticos e expressivos que fazem a mediação das relações do indivíduo com o meio através das distintas formas de comunicação e representação (verbal, gestual, musical, simbólica, lúdica, etc.), instrumentos que servem denexo entre o mundo interior e o exterior, possibilitando as interações, o conhecimento e também a representação, assim como a expressão de pensamentos, sentimentos, vivência, etc..

CONHECIMENTO DO MEIO FÍSICO E SÓCIO-CULTURAL

Refere-se à ampliação progressiva do conhecimento do meio onde vive e da realidade física e social que a circunda. As atividades relacionadas aos conteúdos que compõe essa Área Curricular são todas aquelas que contribuem para que a criança atue de forma curiosa e possa construir conhecimentos sobre o meio em que vive.

Frequentar uma escola significa tanto aprender a se relacionar com os novos espaços e sujeitos sociais diferentes que fazem parte de uma mesma comunidade, como também aprender uma CULTURA POPULAR, aquilo que faz a originalidade da escola frequentada.

É também o início do aprendizado de um papel que a criança deverá desempenhar durante muitos anos de sua vida SER ESTUDANTE.

Secretaria de Educação e Cultura

Governo Adauto Scardoelli

Fevereiro 2008



*** Qual o objetivo da escola hoje?**

. O objetivo da escola é formar leitores e escritores. Por isso é preciso ler para os nossos alunos. Ler bons livros, poesias, textos.

. Caderno de textos:- São textos que as crianças sabem de memória. Não precisa ter linhas nesse caderno.

. Só se aprende a ler - lendo.

. Só se aprende a escrever - lendo e escrevendo.

Por isso o professor deve colocar à disposição das crianças, um espaço rico de objetos escritos e atos de leitura com atividades significativas e interessantes como:-

TIPOS DE TEXTOS

. Textos do professor;	. Pensamentos;
. Textos do aluno;	. Recados;
. Reportagens;	. Poesias;
. Histórias;	. Parlendas;
. Receitas;	. Trava-línguas;
. Bilhetes;	. Convites;
. Avisos;	. Adivinhações;
. Cartas;	. Propagandas;
. Mensagens;	. Listas de compras;
. Anúncios;	

PORTADORES DE TEXTOS

. Livros;	. Rótulos;
. Revistas;	. Embalagens;
. Revistas em quadrinhos;	. T.V.
. Jornais;	. Letreiros.
. Almanques;	

Num ambiente alfabetizador, as situações de aprendizagem consistem em atividades que envolvam letras, palavras e textos.

O professor deve sempre colocar na sala de aula tudo que possa motivar a criança a ler e escrever.

. Vivência com a escrita de palavras significativas partindo do nome da criança.

. O nome do professor.

. Nomes significativos para a criança: mamãe, papai, vovó, tio, casa, carro e etc. (sempre o que surgir de maior interesse das crianças).

. Escrita livre (escrita espontânea) sem cópia.

. O professor deverá ler diariamente para a criança:-

- livros de histórias;
- notícias de jornais e revistas;
- cartas;
- bilhetes, e quando necessário as crianças fazem individualmente ou em grupo um relato oral do assunto abordado.



Ao provocar um ambiente alfabetizador, o professor estará dando oportunidade à criança de avançar no processo de sua alfabetização.

Com esses tipos de atividades, ela pensa, inventa, constrói sistemas de interpretação e busca compreender o objeto social complexo que é a leitura e a escrita.

OBS.- É importante que desde o início do ano seja apresentado as letras do alfabeto (contar a sua história, que pode ser adaptada) e deixar fixado na parede (ou ao lado da lousa) as quatro formas das letras do alfabeto em letra bastão e cursiva, maiúscula e minúscula.

TEXTOS QUE SÃO ESSENCIAIS TER EM UMA SALA DE AULA

. Trava-línguas.

Na educação, o trava-língua, ajuda no desenvolvimento psicológico da criança, promovendo reflexos rápidos, aguçando a inteligência.

. Parlendas.

As Parlendas fazem parte do folclore infantil. Elas são uma arrumação de palavras que, embora não sejam acompanhadas de melodia, apresentam rimas que obedecem a um ritmo próprio. São faladas de forma bem cadenciada, podendo ser acompanhadas de gestos.

. Poesias e Rimas.

A poesia representa um recurso da expressão oral, rico para o trabalho de estimulação da linguagem e do pensamento infantil.

As rimas são fáceis de serem memorizadas, pela regularidade do número de sílabas e pela combinação de sons nas últimas sílabas dos versos.

. Música.

De preferência Cantigas de Roda.

1- A Rotina em sala de aula - (Não é cópia feita pelo aluno).

Diariamente o professor deve escrever para as crianças a rotina do dia na lousa, tais como:-

. Nome da EMEI;

. Cabeçalho com o nome da cidade;

. Nome do professor e a série;

. E as atividades a serem desenvolvidas, como por exemplo:-

- história do alfabeto;
 - leitura do alfabeto;
 - bingo de letras;
 - bingo de nomes;
 - hora do lanche;
 - leitura de textos, histórias e músicas diariamente;
 - jogos no pátio;
 - brincadeiras (lenço atrás);
-



– atividades recreativas e etc....

. OBS:- As crianças devem saber o que elas farão durante o dia. Por isso o planejamento às vezes precisa ser diário. Nada é feito do espontaneísmo, pois se surgiu um assunto naquele dia, o professor preparará a aula para ser dada no outro dia. Nada é espontâneo tudo tem que ser preparado antecipadamente.

2- Respeitar o sujeito que aprende.

. Dar exercícios de coordenação motora, além de perder tempo em fazê-lo, é uma atividade indolor.

. Amolecer a mão. Essa é uma concepção mecanicista.

3- O que fazer então com as crianças em troca dos exercícios de coordenação motora?

. **DESENHO:-** dar um por dia. Seja ele dirigido ou não.

. O desenho trabalha o cognitivo e o motor, porque ele é o registro do pensamento.

. Conhecer pintores (ler, pesquisar), reproduzir suas obras. Através da observação das mesmas, cada criança fará a sua própria obra de arte.

. *Há várias formas de trabalhar o desenho na educação infantil, veja algumas sugestões abaixo:-*

. ***Desenho com Interferência:-** pode ser com linhas abertas e fechadas, pode ser mimeografado ou xerocado. Com metade de figuras ou formas geométricas (devem ser coloridos, recortados e colados na folha).*

. ***Tirando Retrato:-** deve ser colorido, recorte de livros, revistas ou gibis. (Mimeografado ou xerocado não pode, pois perde o sentido e o objetivo da atividade, que é observar e tentar reproduzir o retrato colado, com todos os seus detalhes e cores).*

. ***Desenho de Montagem:-** não é quebra-cabeça. O professor pede para a criança fazer um desenho bem grande em uma folha de papel sulfite e depois a criança recorta e cola em uma outra folha com fundo colorido.*

. ***Desenho em Escala:-** são três quadrados, três retângulos, três círculos, ou três triângulos, com tamanhos diferentes (10 x 10cm, 7 x 7cm e 4 x 4cm). Do maior para o menor, ou do menor para o maior. A criança desenha livre e no dia seguinte reproduz o que foi desenhado no 1º, Desenho e no 3º. Dia dar o último pedaço de papel (quadrado, triângulo, etc.), para a criança reproduzir o que fez no 2º. Quadrado, por exemplo.*

. ***OBS:-** Não é para dar pronto na folha mimeografada (os quadrados, triângulos, etc.), é para dar os pedaços já recortados para as crianças desenharem e depois montar com eles em uma folha com margem, nome da escola e etc.*

4- Atividades de Ciências, História e Geografia:-

Essas áreas são trabalhadas mais em vídeos, pesquisas, experiências, curiosidades.

As atividades dessas áreas que forem trabalhadas no papel devem ter a informação sobre o assunto e um espaço para a criança desenhar.



Organização do Tempo Didático na Pré-Escola

Segundo a pesquisadora Mirta Castelo, há pelo menos quatro modalidades de organização do tempo didático:-

- 1- Atividade avulsa - É pontual. Não se repete, nem tem seqüência.
- 2- Atividade Permanente - É regular, mas não segue uma seqüência. Uma atividade independe da outra.
- 3- Seqüência - É uma série de atividade que seguem uma ordem obrigatória. A nova aprendizagem depende da anterior.
- 4- Projeto - Seqüência de atividade que, além de seguir uma ordem obrigatória, sempre tem como desfecho um produto comunicativo.

Fevereiro de 2.008

PROJETO

ANIVERSÁRIO DE

MATÃO

DESENHE SUA CIDADE!

. EMEI _____
. JARDIM II - ANO DE 2.005
. PROFESSOR (A):- _____
. ALUNO (A):- _____

PROJETO - ANIVERSÁRIO DE MATÃO

. ÁREAS TRABALHADAS:- História, Língua Portuguesa e Artes.

. FAIXA ETÁRIA:- 5 e 6 anos.

. DURAÇÃO:- Mês de agosto de 2.005

. APRESENTAÇÃO:-

Destina-se esse projeto apresentar às crianças um pouco da história do nosso Município. O produto final deste trabalho consiste na organização e exposição dos trabalhos desenvolvidos pelas crianças.

. OBJETIVOS:-

. Objetivo Geral:- Proporcionar à criança possibilidades variadas de conhecer a história do seu Município, de se auto-conhecer e de experimentar várias formas de expressão e de registros gráficos. Além disso, possibilitar-lhe a interação com diversos tipos de textos.

. Objetivos Específicos:-

- Possibilitar à criança o exercício da expressão lúdica e artística;
- Exercitar a escrita de acordo com a hipótese que possui sobre a mesma;
- Conhecer cartograficamente o Município;
- Conhecer a biografia do atual Prefeito do Município.

. DESENVOLVIMENTO:-

- Leitura e discussão de textos informativos sobre a História do Município;
- Trabalho de artes;
- Análise do Mapa da cidade, localizar o bairro da sua escola;
- Conhecer e distinguir as cores da Bandeira do Município;
- Conhecer e cantar o Hino de Matão.

. CULMINÂNCIA:-

Exposição de trabalhos feitos pelas crianças.

. AVALIAÇÃO:-

Atitudes demonstradas pelas crianças durante o desenvolvimento do projeto.

EMEI _____

DIA:- ____/____/200__

PROFESSOR (A):- _____

CLASSE:- JARDIM II

ALUNO (A) :- _____

ÁREA:- História.

MATÃO E SUA HISTÓRIA

POR VOLTA DE 1890, OS PIONEIROS FAZENDEIROS, VINDOS DE ITÚ, TIETÊ E PIRACICABA, COMPRARAM TERRAS POR AQUI E PASSARAM A CULTIVAR O CAFÉ.

EM 13 DE FEVEREIRO DE 1892, ESSES MESMOS FAZENDEIROS DECIDIRAM DAR UMA ÁREA DE DEZ ALQUEIRES, PARA SER FUNDADO UM ARRAIAL, DENOMINADO "SÃO BOM JESUS DAS PALMEIRAS".

O MUNICÍPIO DE MATÃO FOI CRIADO EM 27 DE AGOSTO DE 1898.

AOS POUCOS FORAM SURGINDO ARMAZÉNS, BANCOS, JORNAIS E INDÚSTRIAS.

MATÃO CRESCER, DESENVOLVEU-SE GANHANDO FAMA COMO CIDADE DAS INDÚSTRIAS E DO SUCO DE LARANJA.

DESENHE MATÃO!

EMEI _____

DIA: _____/_____/200__

PROFESSOR (A): _____

CLASSE: JARDIM II

ALUNO (A): _____

ÁREA: História

CIDADES - SUA ORIGEM

AS PRIMEIRAS CIDADES DA HISTÓRIA ERAM CENTROS COMERCIAIS, FUNDADOS HÁ CERCA DE 7 MIL ANOS NO ORIENTE MÉDIO E NA ÁSIA, ALEXANDRIA, NO ANTIGO EGITO, NESSA ÉPOCA JÁ HAVIA BANCOS, MERCADOS, HOTÉIS E ÁREAS DE LAZER, ASSIM COMO AS CIDADES MODERNAS.

UM TERÇO DA POPULAÇÃO MUNDIAL VIVE EM CIDADES, QUE Podem SER GRANDES OU PEQUENAS. A MAIS POPULOSA DELAS É PEQUIM, CAPITAL DA CHINA.

A PALAVRA **CIDADE** TEM SIGNIFICADOS DIFERENTES CONFORME A CULTURA DE CADA REGIÃO DO MUNDO. NA EUROPA, CIDADE É UMA ÁREA URBANA EM QUE EXISTE UMA CATEDRAL. NO BRASIL, CIDADE SIGNIFICA QUALQUER AGRUPAMENTO DE CASAS COM RUAS, DOTADO DE LIMITES MAIS OU MENOS DEFINIDOS. AS CIDADES REQUEREM A PRESENÇA DE DIVERSOS SERVIÇOS: ÁGUA, ELETRICIDADE, TRANSPORTE, ESCOLAS, LOJAS E ETC. É FÁCIL ORGANIZAR TUDO ISSO DE FORMA EFICIENTE QUANDO BONS OU MAL ADMINISTRADAS, AS CIDADES TORNAM-SE LUGARES DESAGRADÁVEIS, COM ESCASSEZ DE HABITAÇÃO, TRÁFEGO COMPLICADO, POLUIÇÃO.

JÁ AS **CAPITAIS** SÃO AS CIDADES ONDE FICAM AS SEDES DOS GOVERNOS ESTADUAIS. E A CIDADE ONDE FICA A SEDE DO GOVERNO DO NOSSO PAÍS É A **CAPITAL DO BRASIL (BRASÍLIA)**, NÃO SE TRATA NECESSARIAMENTE DA MAIOR OU MAIS IMPORTANTE. BRASILIA FOI CONSTRUÍDA NA DÉCADA DE 50 COM A FINALIDADE ÚNICA DE ABRIGAR A SEDE DO GOVERNO BRASILEIRO. A CIDADE DE BRASILIA SUBSTITUIU O RIO DE JANEIRO COMO CAPITAL DO BRASIL.

(ENCICLOPÉDIA ILUSTRADA DO ESTUDANTE - EDITORA GLOBO).

DESENHE UM PONTO TURÍSTICO DE MATÃO!

EMEI _____

DIA: ____ / ____ / 200__

PROFESSOR (A):- _____

CLASSE:- JARDIM II

ALUNO (A) :- _____

ÁREA:- História.

HINO - SAUDADES DE MATÃO

(AUTOR:- PEDRO PERCHES DE AGUIAR)

NESTE MUNDO EU CHORO A DOR
POR UMA PAIXÃO SEM FIM.
NINGUÉM CONHECE A RAZÃO
PORQUE EU CHORO NO MUNDO ASSIM.

QUANDO LÁ NO CÉU SURTIU
UMA PÈREGRINA FLOR.
POIS TODOS DEVEM SABER
QUE A SORTE ME TIROU, FOI UMA GRANDE DOR.

LÁ NO CÉU, JUNTO A DEUS
EM SILÊNCIO MINH' ALMA DESCANSA.
E NA TERRA, TODOS CANTAM
EU LAMENTO MINHA DESVENTURA DESTA POBRE DOR.

NINGUÉM ME DIZ, QUE SOFREU TANTO ASSIM.
ESTA DOR QUE ME CONSOME, NÃO POSSO VIVER.
QUERO MORRER, VOU PARTIR PRÁ BEM LONGE DAQUI,
JÁ QUE A SORTE NÃO QUIS, ME FAZER FELIZ.

DESENHE A BANDEIRA DO MUNICÍPIO DE MATÃO!

EMEI _____

DIA: ____/____/200__

PROFESSOR (A): _____

CLASSE: JARDIM II

ALUNO (A): _____

ÁREA: História.

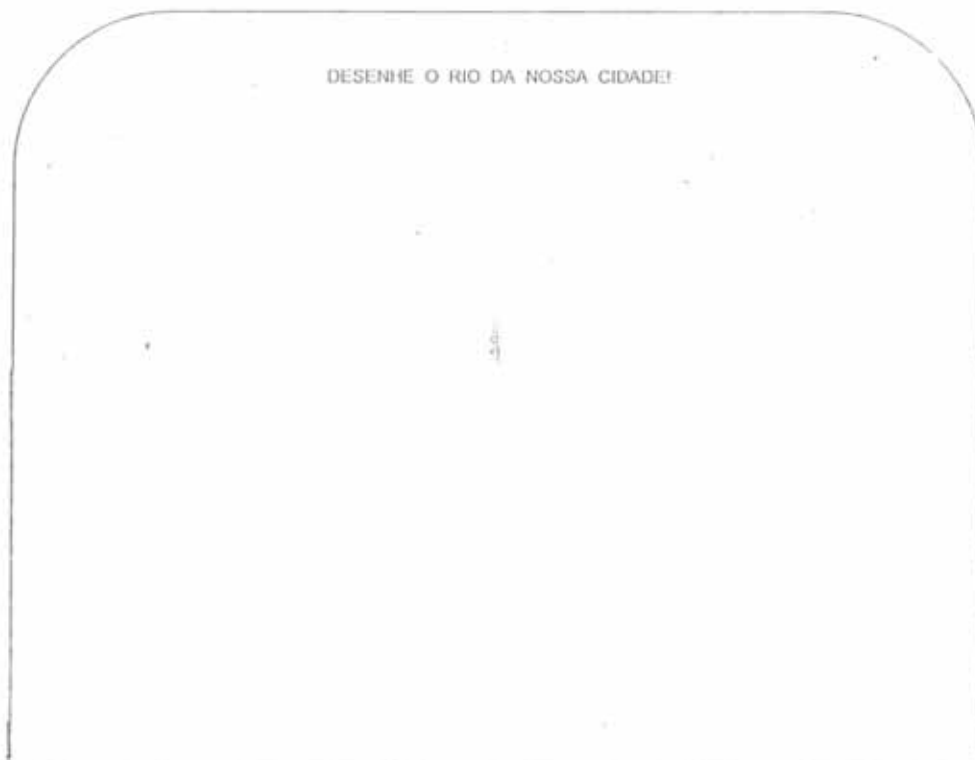
OS RIOS

PEQUENOS OU GRANDES, OS RIOS TÊM ALGUMAS COISAS EM COMUM. ELES SEMPRE NASCEM PEQUENOS, NOS LUGARES ALTOS, E ESCORREM EM DIREÇÃO AOS LUGARES MAIS BAIXOS. NESSE CAMINHO, VÃO CARREGANDO PEDREGULHOS E AREIA, MODIFICANDO A PAISAGEM E A NATUREZA.

AS ÁGUAS DOS RIOS PODEM VIR DO DERRETIMENTO DO GELO E DA NEVE DO ALTO DAS MONTANHAS, POR EXEMPLO, OU ENTÃO, COMO ACONTECE COM A MAIORIA DOS RIOS, PELO ACÚMULO DE ÁGUA DA CHUVA NOS SOLOS QUE, ENCHARCADOS, ACABAM FAZENDO SURGIR FONTES DE ONDE BROTA A ÁGUA.

O RIO QUE CORTA A NOSSA CIDADE DE MATÃO CHAMA-SE "SÃO LOURENÇO".

DESENHE O RIO DA NOSSA CIDADE!



EMEI _____

DIA: ____/____/200__

PROFESSOR (A):- _____

CLASSE:- JARDIM II

ALUNO (A) :- _____

ÁREA:- História.

PERFIL DO ATUAL PREFEITO DE MATÃO - ADAUTO APARECIDO SCARDOELLI

. DATA DE NASCIMENTO:- 05 DE SETEMBRO DE 1953.

. NATURALIDADE:- TAQUARITINGA.

. ESTADO CIVIL:- CASADO, COM 4 FILHOS, SENDO QUE SÃO 3 HOMENS E 1 MULHER.

. FORMAÇÃO E CARREIRA ACADÊMICA:- ESTUDOU NA PUC (PONTÍFICA UNIVERSIDADE CATÓLICA), EM SÃO PAULO, ONDE FORMOU-SE BACHAREL EM MATEMÁTICA, FAZENDO EM SEGUIDA O CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM MATEMÁTICA. CURSOU AINDA PEDAGOGIA, COM HABILITAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO E SUPERVISÃO ESCOLAR, NA CIDADE DE SÃO PAULO. DE 1986 A 1990, CURSOU DIREITO NA FEFIARA - ARARAQUARA, ADVOGANDO PARA A CONCEITO E PARA OS SINDICATOS. TAMBÉM FOI DIRETOR DO CURSO SUPLETIVO EDUCABRÁS (EM SÃO PAULO).

DR. ADAUTO AP. SCARDOELLI, CANDIDATOU-SE A PREFEITO PELO PARTIDO DOS TRABALHADORES, VENCENDO O PLEITO MUNICIPAL EM 1996, FOI PREFEITO DE MATÃO PELA PRIMEIRA VEZ DE 1.997 A 2.000, MARCANDO SEU MANDATO COM INVESTIMENTO NA MELHORIA DA QUALIDADE DO ENSINO E PROGRAMAS SOCIAIS, SEGU E ABAIXO ALGUNS DE SEUS INVESTIMENTOS:-

- PROGRAMA DE ENRIQUECIMENTO DA MERENDA MUNICIPAL;
- PROGRAMA DOMINGO NA PRAÇA, ONDE CRIANÇAS PARTICIPAVAM DE ATIVIDADES CULTURAIS, ARTÍSTICAS, ESPORTIVAS, DE LAZER E AÇÕES EDUCATIVAS;
- PREFEITURA E EDUCAÇÃO NOS BAIRROS;
- PROJETO *CRER PARA VER*, CAPACITANDO PROFESSORES;
- PROGRAMA PROMETHEUS DE ATUALIZAÇÃO E DEBATES PARA OS PROFESSORES;
- CURSO DE ALFABETIZAÇÃO DE ADULTOS;
- REDUZIU CUSTOS E AMPLIOU O ATENDIMENTO DO TRANSPORTE ESCOLAR;
- CONSTRUIU MAIS POSTOS DE SAÚDE NOS BAIRROS MAIS CARENTES;
- FEZ CAMPANHAS PARA PRESERVAÇÃO DO MEIO AMBIENTE DA NOSSA CIDADE;
- TAMBÉM TROUXE PARA MATÃO A *FACULDADE IMMES* (INSTITUTO MATONENSE MUNICIPAL DE ENSINO SUPERIOR) QUE TEVE INÍCIO EM 1999.

FOI ELEITO NAS ELEIÇÕES DE 2.004, E HOJE EXERCE O CARGO DE PREFEITO MUNICIPAL NA CIDADE DE MATÃO PELA SEGUNDA VEZ.

FAÇA O AUTO RETRATO DO PREFEITO DE MATÃO!

ANEXO I

Termo de Autorização para fotos

Eu, _____, pai / mãe do
aluno (a) _____, regularmente
matriculado (a) no _____ da EMEI _____
autorizo a exposição das fotos de () meu filho / () minha filha que forem tiradas na escola
ou fora dela.

Matão, _____ de _____ de _____.

Assinatura do pai ou mãe do aluno

ANEXO J



PREFEITURA MUNICIPAL DE MATÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E CULTURA
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO



7ª. Mostra Pedagógica de Educação Infantil – 2.009

. Dia:- 02 de Outubro

Tema:- “Espaços e Tempos de Leitura na Educação Infantil”

A organização dos espaços de sala de aula reflete nosso modo de pensar a educação infantil tanto quanto as atividades que são propostas as nossas crianças.

(Equipe Pedagógica- Matão)

A idéia de organizar as salas de aula em cantos temáticos ai ganhando cada vez mais espaço nas instituições de educação infantil.

Quem arruma sua sala com as mesas e cadeirinhas no centro, e prateleiras encostadas nas paredes, tem uma intenção com essa arrumação, muito provavelmente pretende que seus alunos passem a maior parte do tempo em torno destes móveis, com atividades dirigidas ou não pelo professor. Ao passo que aquele professor que cria com seus alunos diferentes cantos dentro da sala de aula tem outra intenção: promover a descentração da figura do adulto dentro do ambiente, estimulando a autonomia e a sociabilidade das crianças.

Hoje sabemos que não se faz necessário, para haver aprendizagem significativa, que todas as crianças estejam fazendo a mesma atividade ao mesmo tempo e o tempo todo. Ainda assim, as atividades dirigidas pelos adultos, principalmente em turmas na faixa etária entre 4 e 6 anos, ocupam a maior parte do tempo das crianças na escola.

A idéia que a organização por cantos temáticos propõe é que se possa substituir a “hora do desenho”, ou a “hora do jogo”, pelo canto do jogo; ou canto da leitura, podendo, dessa forma, a criança estabelecer também a sua rotina de trabalho, rotina esta que, normalmente é determinada pelo professor diariamente.

As interações entre as crianças, a espontaneidade de suas atividades e as escolhas que fazem são tão, ou mais, significativas quanto às propostas dirigidas que propomos ao grupo. As crianças aprendem na troca com parceiros mais experientes que elas, estes parceiros podem ser seus professores ou seus próprios colegas.

. Os espaços de leitura na educação infantil

Este canto é muito importante para para a organização dos espaços de leitura em sala de aula, mas ele por si só não garante que estejamos formando leitores desde a educação infantil. E ainda que, seja um espaço importante/necessário para a composição do ambiente de sala de aula, é preciso, como professor e também responsável pela organização deste espaço, estar atento a alguns aspectos:-

Os livros infantis a disposição das crianças devem ser livros que despertem seus interesses de algum modo. Ou por serem livros atraentes pela forma (livro de pano, de papelão, de plástico...), pelas cores, ou por serem livros interativos, ou ainda por serem conhecidos do grupo e que dão prazer em estarem sendo relidos pelas crianças. Não necessariamente este canto de leitura precisa ser composto apenas por livros



PREFEITURA MUNICIPAL DE MATÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E CULTURA
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO



10

infantis industrializados. Todo e qualquer portador de texto é bem-vindo neste ambiente: jornais, revistas, folders, livros confeccionados pelos alunos, gibis, álbuns de vários tipos.

Seria bem-vindo também neste canto um aparelho de som onde as crianças poderiam ouvir tanto histórias, como músicas em cd's ou fitas cassete. Sabe-se que hoje em dia, devido à variedade e a qualidade das produções para as crianças, em se tratando de cd's, podemos contar com estes outros recursos para a literatura, que não somente o livro e o contador, ou contadora de histórias.

A biblioteca da escola é também um espaço riquíssimo a ser experimentado pelas crianças. Considerada por muitos como a alma de uma escola, a biblioteca precisa ser um ambiente vivo, circulante e íntimo de todos. Não somente como local de retirada de livros, mas também como local de leitura. Realizar Rodas de Histórias, ou mesmo ir até a biblioteca para manusear e ler livros individualmente, ver quais são as novidades, o que ainda não conhecemos, são propostas interessantes de serem oportunidades ao grupo.

. Quando é tempo de leitura?

Pensando na leitura como algo prazeroso no cotidiano e na vida da criança e do profissional de educação infantil, toda hora é hora de leitura: na roda, num canto, na biblioteca, em grupo, sozinho, ouvindo ou contando uma história.

Se estivermos objetivando formar leitores competentes desde pequenos, é preciso, desde muito cedo, estar atento ao fato de que leitura e a literatura deverão estar presentes em nosso trabalho diariamente.

Contar, ler e ouvir diariamente, forma este leitor competente. E forma à medida que a criança vai se envolvendo e se dando conta do prazer que a leitura pode nos dar. Para tanto, o professor precisa estar também realmente envolvido com o ato de contar histórias, com a literatura.

Difícilmente conseguimos ensinar aquilo que não gostamos. E como gostar de ler é também uma questão de hábito, de formar o hábito, nós professores, se ainda não temos, precisamos adquiri-lo.

A leitura acima de tudo, deve ser feita com prazer. Ler apenas para se deliciar com o lido, sem necessariamente desenvolver uma outra tarefa posteriormente. Afinal, quando vamos ao teatro ou ao cinema, o fazemos para depois então, obrigatoriamente, comentar o que foi assistido com alguém? Ou responder questionamentos à cerca da peça ou do filme? Quando ouvimos uma música precisamos interpretá-la para compreendê-la? Ou sentir e emocionar-se podem ser suficientes?

Com a leitura em educação infantil pode ser assim também: ler para emocionar-se, para divertir-se, para ler simplesmente. Não que a leitura também não possa nos fazer dar conta de algumas questões, ou que a tarefa posterior à leitura de um livro infantil seja "proibida para menores". Mas ela, a tarefa, seja interpretação oral, teatro ou desenho da história, não precisa estar sempre ou muitas vezes presente. Atevo-me a dizer que ela, na verdade, pouco precisa existir, pois não é ela que irá garantir que a criança adquira o gosto pelos livros. Talvez a atividade posterior à leitura de uma história possa inclusive levar a criança a não gostar tanto assim de ler. Quem não lembra, com um certo desprazer, das temidas fichas de leitura?

A já conhecida Roda de História é um momento (e por isso tempo) precioso da rotina de um grupo de educação infantil. É nesta hora que o grupo se reúne todo, reúne-se apenas em parte, apenas



PREFEITURA MUNICIPAL DE MATÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E CULTURA
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO



quem estiver interessado, especialmente para ouvir o que o professor preparou para a leitura do dia. Digo que pode acontecer de reunirem-se apenas em parte por que, dentro desta concepção de organização do ambiente, nem sempre todos precisam estar fazendo a mesma coisa, ao mesmo tempo. Importante sim, que este grupo, ou mesmo uma criança, que não estiver interessado em ouvir história naquele determinado momento possa estar envolvido em outra atividade e respeitando aqueles que querem ouvir. De outro modo, estariam na roda apenas de corpo presente, e acabariam por distrair-se e distrairiam também os colegas que estavam primeiramente interessados na leitura realizada pelo professor, ou por outro colega.

O preparo do professor para realizar tal leitura na Roda de História também é importante. Conhecer a história que iremos ler para as crianças é imprescindível. É através desta leitura prévia que poderemos articular melhor a pronúncia das palavras, acertar as pausas da pontuação e adequar nosso tom de voz de acordo como que o texto pede.

Além da Roda, outros e qualquer momento a leitura está presente: cantando uma música, que a letra já está afixada na parede em forma de cartaz ou contando espontaneamente um "causo" que aconteceu com ela, dentro ou fora do ambiente escolar, a criança estará exercitando a milenar atividade de contar uma história para alguém.

A roda de história é muito importante na rotina de uma turma de crianças entre 3 anos e meio a 6 anos de idade. Mas é preciso saber quando é hora de iniciar e, principalmente, de parar com uma atividade – e quais não me refiro somente à leitura – que não está caminhando bem. Se percebermos que o envolvimento do grupo com a história lida é praticamente inexistente, nosso bom senso deve estar em ação. De um modo geral, não há motivos para seguir com algo que não está dando certo quando objetivamos o prazer que a leitura proporciona.

Também é tempo de leitura, além das Rodas de Histórias, quando surge a necessidade de informação sobre algo. Há Rodas de Notícias, com assuntos variados, da atualidade, ou ainda sobre projetos em andamento. Varal de Poesias, onde as crianças penduram as poesias que mais gostam de ouvir e de ler. Cartazes de trava-línguas e parlendas, é tempo de leitura em sala de educação infantil a todo o momento.



PREFEITURA MUNICIPAL DE MATÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E CULTURA
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO



→ Tema:- Como o professor pode desenvolver o hábito da leitura entre seus alunos.

1- Incentivando a leitura diária

Não se formam bons leitores se eles não têm um contato *íntimo com os textos*. Há inúmeras maneiras de fazer isso: os alunos podem ler em silêncio, ou em voz alta, em grupo ou individualmente, ou o professor lê um texto para a turma. Tais possibilidades devem ser escolhidas de acordo com a atividade que está sendo desenvolvida em classe.

2- Usando textos diversificados

Em muitas escolas a Língua Portuguesa ainda é ensinada de maneira formal, chata, sem entusiasmo. Esse tipo de ensino *não atende mais às necessidades da sociedade*. Cada vez mais o aluno terá de compreender e *escrever textos diferenciados*, claros e criativos. Não é preciso quebrar a cabeça para conseguir textos diversificados para utilizar em classe. Eles estão por toda parte: jornais, folhetos de propaganda, revistas. Até algumas embalagens de produtos alimentícios trazem pequenos textos repletos de informações. O importante é que o material escrito apresentado aos alunos seja interessante e desperte a curiosidade das crianças. Textos literários e poesias também devem ser usados.

A escolha de *um bom livro para iniciar o processo de leitura é fundamental* para cativar a turma. No início de sua carreira, a professora Marisa foi trabalhar em uma escola de periferia na ilha do Governador, no Rio de Janeiro. A garotada ia mal em Português e detestava a leitura. Marisa escolheu, então, um livro que falava da vida de meninos numa escola de muitos anos atrás, na época da palmatória – O CAZUZA, de Viriato Corrêa – e passou a lê-lo em voz alta. Ela lia em capítulos e parava no auge da narrativa, criando suspense. Foi um sucesso. Os alunos adoraram e passaram a esperar, ansiosos, pela leitura do episódio seguinte. A partir daí foi fácil apresentar outros livros. As crianças pediam novas histórias e liam com prazer.

- **Experiências que deram certo:-**

A- A turma pode não gostar de leitura porque só recebe textos chatos.

Os alunos da 2ª série da Escola Municipal Padre Avelino Canazza, em Campinas, não gostavam de ler e, quando o faziam, era sem vontade, por pura obrigação. Explicações para isso não faltavam: a escola fica na periferia e muitas crianças tinham pais analfabetos que não lhes contavam histórias. Mas não era só isso. A garotada não lia porque achava chatos os textos que recebia. **“Uma criança na periferia não se identifica com a história de um executivo servido pela empregada**, como estava em um livro didático, dia a professora Cleuza Albertini. Os livros didáticos foram substituídos por contos infantis, artigos de revistas, histórias em quadrinhos, notícias sobre o cotidiano do bairro em que está a escola. Os alunos



PREFEITURA MUNICIPAL DE MATÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E CULTURA
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO



recebiam uma cópia dos textos e, em seguida, debatiam o que haviam lido. Em pouco tempo, a turma passou de um texto lido por semana para um por dia. Agora, as crianças tomam a iniciativa: trazem sugestões de casa, recortam as notícias que lhes interessam e melhoram sensivelmente o desempenho escolar.

B- Como ajudar meus alunos a falar e a escrever certo?

A criança pensa que a escrita é a representação daquilo que fala. Inicialmente isso é aceitável, pois retrata uma das suas hipóteses sobre o que a escrita representa. Quando o aluno atinge a hipótese alfabética, ele já escreve e estabelece uma correspondência entre o falado (fonema) e o escrito (grafema). Pode-se, então, trabalhar o aluno para compreender que nem tudo o que se fala tem correspondência idêntica na escrita. Exemplo: "casa", palavra na qual o "s" tem som de "z". As variantes da língua falada precisam ser consideradas, mas deve-se ter cuidado ao escrever. A escrita depende de uma convenção, que é a ortográfica, criada para unificá-la e facilitar o entendimento do que se lê.

Orientação – PCN

C- O que fazer para que as crianças tomem gosto pela leitura?

Para que o aluno tenha condições de gostar de ler, precisa ter contato com leituras de diferentes níveis e assuntos. O professor deve ampliar seu repertório de conhecimentos mostrando-lhe outras leituras. Por exemplo, lendo para a classe jornais, revistas e livros infantis. Isso faz com que a criança compreenda que existem textos feitos para informar, para divertir e que podem ser fonte de prazer. Com eles, o leitor pode "viajar" para lugares diferentes. O aluno logo entenderá que vale a pena se esforçar, pois ele também poderá usufruir tais prazeres.

Orientação – PCN

D- Leitura de textos diversificados melhora a pior turma da escola.

Quando foi nomeada para a 1ª. Série de uma escola Municipal de Belo Horizonte, a professora Sheila Alves de Almeida assustou-se. Os alunos de 7 anos, não liam nem o próprio nome e quando lhes era pedido que escrevessem a palavra "bola", por exemplo, muitos desenhavam uma bola. Para recuperar o tempo perdido, Sheila decidiu que deveria **apresentar à turma textos e letras da maneira mais divertida possível**. Ela trouxe quadrinhas infantis, histórias folclóricas, que as crianças adoraram, usou embalagens de margarina para formar outras palavras, fez a turma ler e preparar uma receita de doce impressa em uma lata de leite em pó, conseguiu carimbos e letras emborrachadas para ensiná-los a distinguir letras com forma parecida, como o "B" e o "P" e o "Q". E principalmente, levou recortes de jornais e revistas com fatos que mexeram com as crianças. Foi o que ela fez quando morreu o elefante Zoca, no zoológico de Belo Horizonte, ou com a tragédia da morte da banda "Os Mamonas Assassinas". "Fatos assim sensibilizam as crianças e elas ficam ansiosas para se manifestar", diz Sheila. Os resultados alcançados por ela foram bons. A turma de Sheila era considerada a "pior" da escola. Em um ano, dos 26 alunos, dezessete estavam alfabetizados, dois prestes a começar a ler e o restante abandonou a escola ou pouco avançou. Até então, em uma classe como essa, a escola nunca havia conseguido alfabetizar mais de oito alunos.

Orientação – PCN



PREFEITURA MUNICIPAL DE MATÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E CULTURA
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO



3- A Biblioteca Escolar

A Biblioteca deve estar permanentemente aberta aos alunos, ter regras de empréstimo e leitura bem liberais e ser agradável e atraente. É importante, também, que a biblioteca possua livros e textos bem diversificados.

Há situações em que a falta de espaço ou de recursos parece impedir a criação da biblioteca. São entraves que podem ser vencidos com criatividade. A diretora de uma escola pública da periferia de São Paulo improvisou uma biblioteca em carrinhos de feira, pintados com cores diferentes, de acordo com a série a que se destinavam. Os alunos se encarregavam de fazer o acervo circular pelos corredores.

Mesmo que a escola possua uma biblioteca, a classe também pode ter seu acervo. A biblioteca de classe não precisa de um número muito grande de volumes. O que se espera é que ela apresente mais variedade do que quantidade. É preferível que ela disponha de 35 livros diferentes.

Vídeos, slides, fotografias, transparências, gravadores, fitas e Cds também devem frequentar a biblioteca. Eles cumprem um papel importantíssimo e combinam sistemas verbais e não-verbais de comunicação.

Abaixo, uma sugestão de textos que você pode ter na biblioteca de classe:-

- Histórias em quadrinhos, textos de jornais, revistas e suplementos infantis, anúncios classificados.
- Parlendas, canções, poesias, quadrinhas, trava-línguas.
- Contos de fadas e de assombração, mitos e lendas populares, folhetos de cordel.
- Textos teatrais.
- Enciclopédias, dicionários e afins.

Orientação – PCN

→ PROJETOS EDUCATIVOS

Os projetos são uma ótima oportunidade para que seus alunos possam produzir textos com intenção clara. Os projetos devem ter um objetivo bem definido e as crianças precisam entender que as pesquisas, as entrevistas, as leituras, se destinam a um fim combinado em conjunto entre a classe e o professor. Um exemplo de projeto: pesquisar contos de assombração conhecidos na comunidade para produzir, no final, um livro.

Depois da pesquisa de campo, os textos são revisados, reescritos e debatidos em classe. O produto final de um projeto pode ser mudado em comum acordo com a turma. Os projetos podem durar de uma semana a alguns meses. A grande vantagem é que eles obrigatoriamente exigem o envolvimento e o compromisso de todos os alunos.

O propósito dos projetos não é só ensinar a Língua Portuguesa. Com eles é possível associar os conteúdos de Português a todas as outras áreas e aos Temas Transversais.



Tema dos Projetos para o Pré

1- Tema:- Eu já sei ler Gibi

Objetivo:- Estimular nas crianças o prazer de ler antes da alfabetização.

- Ampliar o vocabulário

EMEIs:- 1- Catarina Toledo Gerdis

Profª Graziela (MANHÃ)

2- Ires Bochi Marchezan

Profª Jussara (MANHÃ)

3- Helena Lian

Profª Lázara (TARDE)

2- Tema:- Gibiteca na Escola

Objetivo:- Estimular nas crianças o prazer de ler antes da alfabetização.

- Aprender a confeccionar um Gibi

1- Vera Gonçalves de Mattos

Profª Maria Helena (MANHÃ)

2- Aparecida Ragassi Masselani

Profª Sabrina (TARDE)

3- Tema:- Histórias em Quadrinhos

Objetivo:- Apropriar-se dos elementos que compõem as histórias em quadrinhos.

- Conhecer um outro tipo de discurso e aprender a distinguir a fala do narrador da fala dos personagens.

- Conhecer a origem das histórias em quadrinhos.

1- Silvânia

Profª Elizabete (MANHÃ)

2- CAIC

Profª Cristina (MANHÃ)

3- Clarice Mendonça

Profª Joseli (TARDE)

4- Sigmar José Groppa

Profª Andréa (TARDE)

4- Tema:- Pode ler. Eu já li e gostei

Objetivo:- Estimular a formação de leitores e escritores desde a Educação Infantil.

1- Clarice Mendonça

Profª Maria Helena (MANHÃ)



2- Tamanduã

Profª. Paula (MANHÃ)

3- Ires Bochi Marchezan

Profª. Silvia (TARDE)

4- Elizinha Bueno

Profª. Ana Lídia (TARDE)

5- Tema:- Era uma vez. . .

Objetivo:- Trabalhar a leitura de forma lúdica e interativa.

- Desenvolver a linguagem oral e a expressão corporal.

- Despertar a criatividade, a imaginação e o gosto pela leitura.

1- Mário Gandini

Profª. Vandelúcia (MANHÃ)

2- Sigmar José Groppa

Profª. Cidinha Lanza (TARDE)

6- Tema:- Conte sua história

Objetivo:- incentivar a escrita, a leitura e a criação e trabalhar a antecessão e sucessão dos fatos.

1- Elizinha Bueno

Profª. Fátima (MANHÃ)

2- Sigmar José Groppa

Profª. Mariusa (MANHÃ)

3- Verônica Dropello

Profª. Alessandra (TARDE)

4- Helena Lian

Profª. Sávia (TARDE)

7- Tema:- Jornal na sala:- Cidadania

Objetivo:- despertar a consciência crítica, incentivar a leitura e a produção de textos a partir de matérias de jornais.

1- Helena Lian

Profª. Renata (MANHÃ)

2- Catarina Toledo Gerdis

Profª. Eliana Bessi (TARDE)

8- Tema:- O que o Jornal de Hoje nos traz?

Objetivo:- Aproximar a criança do texto jornalístico.

- Ampliar sua possibilidade de expressão e comunicação.

1- Zulmira Prandi (Turvo)



Profª. Mariana (MANHÃ)

2- Mário Gandini

Profª. Adriana (TARDE)

9- Tema:- O livro Encantado

Objetivo:- fazer com que os alunos produzam com o professor e a turma seus próprios contos.

1- Sigmar José Groppa

Profª. Suzilei (MANHÃ)

2- CAIC

Profª. Sueli (TARDE)

3-- Elizinha Bueno

Profª. Natane (TARDE)

4-- Zuimira Prandi Grigolli

Profª. Mirian (TARDE)

10- Tema:- Fábulas

Objetivo:- Transmitir valores morais e éticos.

1- Mário Gandini

Profª. Isabel (MANHÃ)

2- João Nonis

Profª. Luciana (TARDE)

11- Tema:- O carteiro chegou.

Objetivo:- Desenvolver a comunicação oral por meio da exposição de idéias.

1- Elizinha Bueno

Profª. Patrícia (MANHÃ)

2- Maria Amélia Ortiz Gandini

Profª. Dulcineia (TARDE)

12- Tema:- Comparando diferentes versões de Chapeuzinho Vermelho.

Objetivo:- Apreciação dos Textos.

- Desenvolver a comunicação oral.

1- Ires Bochi Marchezan

Profª. Fernanda (MANHÃ)

2- Violeta Ribeiro Lopes

Profª. Roseli (TARDE)

13- Tema:- Sítio do Pica-Pau Amarelo.

Objetivo:- Conhecer Monteiro Lobato, um autor nacional.



- Alfabetizar por meio de textos literários.
- Desenvolver o gosto pela leitura de livros brasileiros.

1- Verônica Dropello

Profª. Cristiane (MANHÃ)

2- Vera Gonçalves de Mattos

Profª. Antonia (TARDE)

14- Tema:- Improviso Teatral.

Objetivo:- Aproximar as crianças do teatro por meio da criação de cenários.

- Mostrar que no teatro os objetos podem ter diversas funções.
- Fazer o aluno compartilhar suas criações com os outros.

1- Maria Amélia Ortiz Gandini

Profª. Sandra (MANHÃ)

2- Vera Gonçalves de Mattos

Profª. Roseli (TARDE)

15- Tema:- A arte de contar histórias. Rapunzel

Objetivo:- Trabalhar a Oralidade.

- Contar Histórias.
- Vivenciar histórias.

1- Verônica Dropello

Profª. Maria Angélica (MANHÃ)

2- Maria Amélia Ortiz Gandini

Profª. Rose (TARDE)

Tema dos Projetos para o Jardim II

1- Tema:- Biblioteca

Objetivo:- Estimular a leitura, a pesquisa e os trabalhos em grupo.

- Incentivar o uso da biblioteca.

1- Vera Gonçalves de Mattos

Profª. Daniela (MANHÃ)

2- Catarina Toledo Gerdis

Profª. Gleice (TARDE)

3- CAIC

Profª. Elizabete (TARDE)



2- Tema:- Autor Infantil – Mauricio de Sousa.

Objetivo:- Estimular nas crianças o prazer de ler antes da alfabetização.

- Conhecer a biografia de Mauricio de Sousa.
- Conhecer as características de cada personagem da Turma da Mônica.
- Apropriar-se dos elementos que compõem as histórias em quadrinhos.

1- João Nonis

Profª. Karina (MANHÃ)

2- Helena Lian

Profª. Célia (MANHÃ)

3- Maria Amélia Ortiz Gandini

Profª. Ondina (TARDE)

4- Ires Bochi Marchezan

Profª. Maria das Graças (TARDE)

3- Tema:- Lições com a Poesia

Objetivo:- Conhecer, explorar e produzir textos dentro desse estilo literário.

- Trabalhar rima, significado e estilo do autor de cada poema.
- Reconhecer os vários aspectos do poema.
- Trabalhar a Oralidade.

1- Zulmira Prandi Grigolli

Profª. Priscila (MANHÃ)

2- Clarice Mendonça

Profª. Andréa (MANHÃ)

3- Verônica Dropello

Profª. Isabel (TARDE)

4- Tema:- Mira a Poesia

Objetivo:- Estimular nas crianças o prazer de ler antes da alfabetização.

- Trabalhar a Oralidade.

1- Violeta Ribeiro Lopes

Profª. Vera (MANHÃ)

2- Mario Gandini

Profª. Rosilda (MANHÃ)

3- Elizinha Bueno

Profª. Eliana (TARDE)

5- Tema:- Monteiro Lobato e o Sítio do Picapau Amarelo

Objetivo:- Conhecer Monteiro Lobato, um autor nacional.

- Alfabetizar por meio de textos literários.



- Desenvolver o gosto pela leitura de livros brasileiros.

1- Sigmar José Groppa

Profª. Sandra (MANHÃ)

2- Clarice Mendonça

Profª. Fátima (MANHÃ)

3- Elizinha Bueno

Profª. Daiane (TARDE)

4-- Catarina Toledo Gerdis

Profª. Andréa (TARDE)

6- Tema:- Autores Mirins

Objetivo:- Produzir textos ditando para um escriba (professor)

- Diferenciar a linguagem oral da escrita.

- Fazer recontos.

- Reconhecer as características dos contos tradicionais.

1- Zumira Prandi Grigolli

Profª. Carla (MANHÃ)

2- Elizinha Bueno

Profª. Susana (MANHÃ)

3- Helena Lian

Profª. Gisele (TARDE)

7- Tema:- Era uma vez. . .O Maravilhoso mundo dos Contos de Fadas e seu poder de formar leitores.

Objetivo:- Estimular nas crianças o prazer de ler antes da alfabetização.

- Trabalhar a Oralidade

- Reconhecer os Contos de Fadas.

1- CAIC

Profª. Abigail (MANHÃ)

2- Ires Bochi Marchezan

Profª. Vera (MANHÃ)

3- Verônica Dropello

Profª. Maria Helena (TARDE)

4-- Sigmar José Groppa

Profª. Cristina (TARDE)

8- Tema:- Arte com Mamulengos

Objetivo:- Estimular as crianças a fazerem os personagens.

- Contar histórias.



- Trabalhar a Oralidade.

1- Ires Bochi Marchezan

Profª. Célia (MANHÃ)

2- Mário Gandini

Profª. Eliana (TARDE)

9- Tema:- Teatro de Sombras

Objetivo:- Estimular os alunos a explorar diversas possibilidades para contar, criar e recriar histórias através das sombras (imagens).

1- Maria Amélia Ortiz Gandini

Profª. Ana Dulcelena (MANHÃ)

2- Helena Lian

Profª. Terezinha (MANHÃ)

3- Clarice Mendonça

Profª. Juliana (TARDE)

4- Ires Bochi Marchezan

Profª. Solange

10- Tema:- Ciranda de Livros

Objetivos:- Incentivar a leitura e o contato com os livros desde cedo.

- Tornar a leitura um ato prazeroso.

- Possibilitar a integração dos pais com os filhos através do projeto de leitura, para que se torne um hábito familiar. Estimular os alunos a participar ativamente da ciranda de livros.

1- Vera Gonçalves de Mattos

Profª. Zélia (MANHÃ)

2- CAIC

Profª. Lúzia (MANHÃ)

3- Sigmar José Groppa

Profª. Maurita (TARDE)

11- Tema:- Fantoches.

Objetivos:- Estimular os alunos a explorar diversas possibilidades para contar, criar e recriar histórias.

1- Sigmar José Groppa

Profª. Carmem (MANHÃ)

2- Aparecida Ragassi Masselani

Profª. Vivia (MANHÃ)

3- Vera Gonçalves de Mattos

Profª. Maria Angélica (TARDE)

12- Tema:- Produzindo uma revista de Histórias em Quadrinhos.

Objetivos:- Apropriar-se dos elementos que compõem as histórias em quadrinhos

- Conhecer um outro tipo de discurso e aprender a distinguir a fala do narrador da fala dos personagens.

1- Catarina Toledo Gerdis



Profª. Elza (MANHÃ)
2- Verônica Dropello
Profª. Márcia (MANHÃ)
3- Helena Lian
Profª. Neide (TARDE)

13- Tema:- A arte de contar histórias. Aladim

Objetivo:- Trabalhar a Oralidade.

- Contar Histórias.
- Vivenciar histórias.

1- Maria Amélia Ortiz Gandini

Profª. Michele (MANHÃ)

2- Elizinha Bueno

Profª. Sandra Regina (MANHÃ)

3- Mário Gandini

Profª. Priscila (TARDE)

Tema dos Projetos para o Jardim I

1- Tema:- Usar a Poesia.... Hora de Brincar com as palavras.

Objetivo:- Trabalhar rima, significado e estilo do autor de cada poema.

- Trabalhar a Oralidade.

1- Catarina Toledo Gerdis

Profª. Karla (MANHÃ)

2- Vera Gonçalves de Mattos

Profª. Marly (TARDE)

2- Tema:- Vai e Vem Poesia.

Objetivo:- Ampliar o repertório de textos memorizados pelas crianças, incentivando a prática de recitar poesias.

1- Violeta Ribeiro Lopes

Profª. Adeilda

2- Ires Bochi Marchezan

Profª. Fabricia (TARDE)

3- Elizinha Bueno

Profª. Micheli

3- Tema:- Vai começar o Teatro de Bonecos.

Objetivos:- - Estimular os alunos a explorar diversas possibilidades para contar, criar e recriar histórias.



1- Helena Lian

Profª. Josiane (MANHÃ)

2- Clarice Mendonça

Profª. Lilia (MANHÃ)

3- Aparecida Ragassi Masselani

Profª. João Machado

4- Catarina Toledo Gerdis

Profª. Rafaela

4- Tema:- Um livro de pano para os pequenos "lerem".

Objetivos:- Conhecer, explorar e produzir textos dentro desse estilo literário.

- Estimular nas crianças o prazer de ler antes da alfabetização.

1- Ires Bochi Marchezan

Profª. Adélia (MANHÃ)

2- Vera Gonçalves de Mattos

Profª. Edneuzza (MANHÃ)

3- Elizinha Bueno

Profª. Verônica (TARDE)

4- Clarice Mendonça

Profª. Viviane (TARDE)

5- Tema:- Uma Caixa que ajuda a Narrar Histórias.

Objetivos:- Desenvolver a capacidade de expressar sentimentos e opiniões ao mesmo tempo que tivesse prazer em escutar histórias.

1- Ires Bochi Marchezan

Profª. Maria Cleonice (MANHÃ)

2- Acácias

Profª. Daniela (TARDE)

6- Tema:- Histórias Reconstruídas.

Objetivos:- Promover o contato com livros de contos de fadas para despertar o senso crítico das crianças em relação às imagens dos personagens

1- Helena Lian

Profª. Débora (MANHÃ)

2- Sigmar José Groppa

Profª. Fabricia (MANHÃ)

3- Maria Amélia Ortiz Gandini

Profª. Fabiane (TARDE)

4- CAIC



Profª. Noemi (TARDE)

7- Tema:- As Casas das Histórias Infantis.

Objetivos:- Vivenciar Histórias.

- Trabalhar a Oralidade.
- Contar e Dramatizar Histórias.

1- Mário Gandini

Profª. Vilma (MANHÃ)

2- CAIC

Profª. Sueli (MANHÃ)

3- Vera Gonçalves de Mattos

Profª. Maria Lúcia (TARDE)

4- Clarice Mendonça

Profª. Carmem Marra (TARDE)

8- Tema:- Um Avental que é um espetáculo.

Objetivos:- Trabalhar a Oralidade.

- Contar Histórias.

1- Maria Amélia Ortiz Gandini

Profª. Kátia (MANHÃ)

2- João Nonis

Profª. Célia (MANHÃ)

3- Zulmira Prandi Grigolli

Profª. Vivian (TARDE)

4- Helena Lian

Profª. Luciane (TARDE)

9- Tema:- Teatro de Dedoches.

Objetivos:- Trabalhar a Oralidade.

- Contar Histórias.

1- Catarina Toledo Gerdis

Profª. Susana (MANHÃ)

2- CAIC

Profª. Adriana (TARDE)



10- Tema:- Um Baú de Histórias para Ler e Contar.

Objetivos:- Ler e Contar.

- Despertar o hábito de contar histórias.
- Trabalhar a Oralidade.

1- Elizinha Bueno

Profª. Renata (MANHÃ)

2- Ires Bochi Marchezan

Profª. Celina (TARDE)

3- Verônica Dropello

Profª. Maria Eunice (TARDE)

11- Tema:- Ilustração: o diálogo entre texto e imagem.

Objetivo:- Trabalhar a Oralidade.

- Contar histórias.

1- Elizinha Bueno

Profª. Cida (MANHÃ)

2- Verônica Dropello

Profª. Leonice (MANHÃ)

3- Sigmar José Groppa

Profª. Cristiane (TARDE)

4- Mário Gandini

Profª. Andréa (TARDE)

12- Tema:- A arte de contar histórias. "Mágico de OZ"

Objetivo:- Trabalhar a Oralidade.

- Contar Histórias.
- Vivenciar histórias.

1- Aparecida Ragassi Masselani

Profª. Tatiani (MANHÃ)

2- Acácias

Profª. Elenice (TARDE)

Termo de Consentimento e Autorização

Pelo presente documento, eu, _____, portadora do RG: _____, e do CPF _____, autorizo a publicação de meu depoimento oral, gravado e transcrito à Daniela Donato; esta portadora do RG _____, e do CPF _____, Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar da Faculdade de Ciências e Letras da UNESP – Campus de Araraquara; para uso e análise no projeto de Pesquisa intitulado “*Conto e Reconto de Histórias: um caminho para a aquisição do Capital Cultural?*” e elaboração de sua tese de doutorado, assim como em publicações de artigos científicos.

O Depoente terá seu anonimato garantido. Em nenhum momento será citado o nome de qualquer pessoa que apareça na entrevista.

Sendo assim, firmo a presente declaração em duas vias com igual teor como instrumento eficaz que representam nossos direitos.

Matão, ____ de _____ de _____.

Depoente

Pesquisadora

APÊNDICE A

ENTREVISTAS COM AS PROFESSORAS DAS EMEIS

Nome: Ana

Idade: 45 anos

Formação: Colegial, Magistério e Pedagogia

Tempo de docência na Educação Infantil: 12 anos

EMEI atual: Silvânia – Jardim II e Pré (classe mista)

1. Você ouvia histórias quando criança? Se sim, quem as contava?

Eu ouvia histórias...Minha mãe contava...meu pai tinha uma banca de revistas, então eu ia, ficava na banca com ele, eu via muito gibi... E aí eu pedia pra ele ler pra mim, como eu não sabia ler...ele lia sempre. Tinha esses livrinhos que vem com desenhos pra pintar e ele lia.

2. Você se lembra de suas professoras lhe contando histórias? Como são essas lembranças?

Lembro, inclusive a minha professora do primeiro ano foi até a quarta-série...Tinha creche, eu fiquei na creche e depois a gente ia para a escola. Mas não tinha a educação infantil assim... A gente ficava na creche e depois ia para escola. É legal, eu me lembro sim...na época a gente não dava muito valor, mas depois que vai passando o tempo, você passa a dar mais valor. Eu sempre gostei.

3. Alguma história marcou sua infância? Se sim, qual/quais?

O que tinha mais naquela época era a Branca de Neve e os sete anões, o que me marcou mais foi essa, porque das outras eu não lembro muito não.

4. Você gosta de ler? Justifique.

Eu gosto de ler algumas coisas...não é tudo que eu gosto de ler não.

5. Que tipos de leitura você realiza em seu dia-a-dia? (Jornal, revistas, livros de culinária, romances, ficção, histórias de auto-ajuda, etc).

Eu leio jornal, romance eu gosto...revistas também eu gosto...eu vejo a revista Veja ou de fofocas, eu vejo todas, gosto de ver todas, eu sempre dou uma passada pra dar uma olhada no que está saindo.

6. Quantos livros, em média, você lê por ano?

7. Qual foi o último livro que você leu?

Que eu li mesmo foi mais o Harry Potter que tem lá em casa, é mais livro de historinha que eu leio com as crianças... Mas pegar pra ler mesmo, um livro por ano.

1. Você gosta de contar histórias? Justifique.

Gosto, por isso que às vezes eu gosto de ler antes pra poder contar...

2. Com que frequência você conta histórias para seus alunos?

Geralmente, todos os dias eu conto. Só uma vez ou outra que não dá, mas todos os dias a gente conta.

3. Quando você conta uma história para seus alunos, costuma utilizar algum recurso? (Livro, fantoches, caixas de histórias, sucata, avental de histórias, etc).

Quando eu conto com o livro, eu uso gestos, mostro o livro ou então a gente usa a caixa de histórias... Ah eu uso os fantoches, conta a história e faz o teatrinho...Esse ano eu não fiz ainda, no ano passado nós fizemos mais. Esse ano eu ainda não fiz, mas eu faço com eles... Eu conto e às vezes eu ponho eles pra contar, pra participar também...com fantoches, com livrinhos.

4. Como seus alunos reagem quando você conta uma história para eles?

Tem algumas histórias que eles já conhecem e não ficam muito surpresos, mas tem histórias que eles ficam surpresos, por exemplo, aquela dos três porquinhos que eu achei que eles estavam cansados de saber... nossa, eles ficaram eufóricos! Eles queriam pegar, eu deixei eles pegarem um pouquinho, deixei eles pegarem a casinha pra ver tudo certinho e eles gostaram...ficaram bem curiosos...pra saber o que vinha depois, queriam olhar dentro da caixa (de histórias).

5. Com que frequência você realiza a atividade do Conto-Reconto?

Realizo, eu faço aqui na sala, na hora da leitura da história, às vezes eu pego um pra contar. Esse ano eu ainda não dei pra levar pra casa não. (Em outro momento da conversa) Eu mando o livro na quinta-feira e mando o relatório pra ver como é que foi o momento da história em casa, pra ver se foi legal, se todo mundo estava junto...porque geralmente você chega em casa, vai fazer comida, vai fazer uma coisa, vai fazer outra e você nem liga pra criança...então pra dizer como é que foi esse momento, porque é um momento em que eles ficam juntos, em que todo mundo se junta ali. Então a mãe lê a história e relata: “Ah foi legal, foi importante, a gente conseguiu ficar junto, num período, enquanto contava a história...”, então ela manda o relatório. E no outro dia, quando traz o relatório, ela (a criança) reconta a história...para os colegas, esse é o reconto.

O que acontece quando os pais são analfabetos? Eles conseguem participar da atividade do conto-reconto?

Nesse caso, o irmão mais velho é quem lê. Na minha turma hoje eu tenho poucos casos de pais analfabetos... Para a Karen eu conto aqui, eu nem mando, porque eu mandei uma vez o livrinho e não voltou mais... Porque eles cobram viu...eles cobram: “É mas a minha mãe não sabe ler, a minha irmã leu...aí eu também li, viu tia, depois eu li pra eles e contei a história...”. Leu entre aspas, claro...Tem aqueles que falam: “Ah minha mãe não sabe ler, não tinha ninguém em casa, eu mesmo contei pra ela a história”... aí o aluno chega na escola e reconta de novo...do jeito dele, é claro.

6. Você acha esse tipo de atividade (contar e recontar histórias) importante? Por quê?

Eu acho que prende mais a atenção dele...ele (o aluno) tenta ler...a curiosidade dele é maior, porque a gente contando ele relaxa...ele contando tem aquela preocupação de saber o que ele vai falar olhando aquela figura, então eu acho que é muito importante sim... Às vezes eu leio aqui e eles querem contar...aí eu deixo eles contarem...eles contam e gostam...Eles acham que estão lendo... eles pegam o livrinho, então eles vêem o que eu contei, aí a partir da figura eles vão falando do jeitinho deles como é a história... No ano

passado, eu tinha um aluno que ficava meio assim pra recontar... mas não porque ele não conseguia, é que ele era meio tímido, depois ele começou a se soltar.

7. Em sua opinião, pedir para a criança recontar uma história pode trazer algum benefício para ela futuramente? Esclareça sua resposta.

Eu acho que sim, inclusive pra ele aprender a falar em público, ficar mais desinibido, porque geralmente a gente fica meio retraído quando vai falar, mesmo a gente...fica retraído. Eu acho que isso é importante para eles sim, eu acho que desenvolve bem.

Nome: Berenice

Idade: 44 anos

Formação: Magistério e Pedagogia

Tempo de docência na Educação Infantil: 11 anos

EMEI atual: Bosque – Pré

1. Você ouvia histórias quando criança? Se sim, quem as contava?

As histórias que eu ouvia eram contadas pela minha mãe, pelo meu pai e por uma tia...que vinha da capital, nós morávamos no sítio e sempre que ela vinha, ela trazia livros, ela contava, mas era mais contada do que lida...eu até me lembro que eu tinha uma curiosidade muito grande pelos livros quando via algum, só que não tinha muito acesso, nem à escola, a escola era muito longe, então quando eu comecei a frequentar, eu já tinha quase oito anos, por isso, o que eu tinha de livros vinha dessa família, que eram os donos do sítio e levavam esse material de leitura.[...]Agora eu tô voltando muito naquele tempo, eu queria ler os gibis e não conseguia, eu sabia que tinha alguma coisa ali, as figuras, as letrinhas, mas não...eu ficava pedindo para os outros lerem...era uma ansiedade tão grande...eu pegava o livro e falava para a mamãe: “Mãe me ensina”, ela sentava do meu lado, porque ela sabia muito pouco, mesmo assim ela começava a juntar as letrinhas e eu me lembro que foi ela que me alfabetizou...

2. Você se lembra de suas professoras lhe contando histórias? Como são essas lembranças?

Não...olha eu me lembro algumas do livro didático sim, ela lia algumas histórias sim, mas contando não, em roda como a gente faz hoje não. Era uma classe multisseriada, ela tinha que dar aula de primeira a quarta junto, então era muita coisa pra ela fazer, ela ficava dividindo a lousa, acho que o tempo era escasso demais e não dava muito tempo pra leitura não... só o livro didático mesmo, quando tinha alguma história assim...ela lia pra classe...a lição, fazia parte da lição, e aí a gente acompanhava a leitura, mas um momento assim, pra história, não tinha não.

3. Alguma história marcou sua infância? Se sim, qual/quais?

As histórias que a tia Maria contava e que a minha mãe contava, todas contadas, não foram livros...todos esses contos que a gente ouve...Chapeuzinho Vermelho...todos esses contos a gente ouvia...nós chegamos até a fazer um teatro, em casa, uma apresentação da Chapeuzinho Vermelho, a criançada, o grupo de quem morava lá, com o pessoal que vinha de férias...a gente brincava muito e fazia representação de histórias.

4. Você gosta de ler? Justifique.

Gosto... bastante, quando eu aprendi a ler mesmo... a história que ficou mais assim, que eu ainda lembro das ilustrações do livro, que eu lembro do texto do livro... é como se eu passasse a mão nele ainda...foi do livro de primeira série, foi quando a minha mãe me alfabetizou, que eu aprendi a ler com ela, em casa...e era uma história de uma menina que chamava Lili, acho que era “O Novelo de Lili”, era um gatinho com uma menininha, uma coisa assim, eu me lembro muito dessa história que a mamãe me ajudou a ler e a juntar as palavrinhas, nesse texto... por isso que ele ficou tão marcado...porque teve o significado...foi a primeira história que eu consegui ler sozinha, alfabetizando

ali...junto...depois eu fui juntando as palavrinhas e cheguei ao final da história...e a figura dela (mãe) foi marcante na minha vida.

5. Que tipos de leitura você realiza em seu dia-a-dia? (Jornal, revistas, livros de culinária, romances, ficção, histórias de auto-ajuda, etc).

De tudo um pouco, como a gente trabalha com criança, eu procuro ler muita coisa voltada para a sala de aula, escolha de livros, esse mês, por exemplo, eu estou envolvida com os gibis, mas tem épocas que eu leio várias versões dos contos de fadas, leio também livros doutrinários...da doutrina espírita, eu estou sempre lendo algum, jornais, revistas...[...]Adoro ler romance... romance e poesia, poesia eu leio sempre, todo dia eu estou lendo...[...]Até quando eu vou viajar eu levo os meus livros.

6. Quantos livros, em média, você lê por ano?

Eu nunca fiz essa conta não, mas livros extensos de duzentas, trezentas páginas...eu vou tomar por base o ano passado, porque esse ano, com a escola, não está dando tempo...no ano passado eu li uns quatro, que eu escolhi...como lazer.

7. Qual foi o último livro que você leu?

Acho que foi... A Luz que vem de dentro, da Zélia Marinzequi, eu acho...é um livro espírita, é um romance espírita.

1. Você gosta de contar histórias? Justifique.

Gosto de contar, mas eu mais leio do que conto...eu conto, às vezes eu conto um conto de fadas sem o livro, aí depois eu retomo, leio...é assim, vou mesclando.

2. Com que frequência você conta histórias para seus alunos?

Dia sim, dia não...dá umas três, quatro vezes por semana...tem dia que eu não conto, até pra não ficar muito massante, por exemplo, o dia que tem uma leitura de curiosidade, de notícia de jornal, de um poema, eu já substituo, eu tiro a história.

3. Quando você conta uma história para seus alunos, costuma utilizar algum recurso? (Livro, fantoches, caixas de histórias, sucata, avental de histórias, etc).

A caixa de histórias e fantoches também porque a gente tem alguns na escola, mas o mais comum mesmo é a leitura do livro...sem nenhum outro recurso, só a leitura mesmo...só mesmo aquela imitação de voz, meio que a gente dramatiza a história pra eles, a gente faz muito isso...aí eles também fazem o reconto.

4. Como seus alunos reagem quando você conta uma história para eles?

Varia muito de sala por sala porque... tem prés (série)... que eram bem mais atentos do que esse que eu estou agora, esse é bastante ativo, é difícil concentração, a gente tem lá uns cinco, seis alunos que dá trabalho ter concentração com eles, mas mesmo assim é um momento que eles prestam atenção...eu notei o seguinte, que os contos de fadas pra eles já está um pouco repetitivo e como eu percebi isso, eu busquei um outro tipo de história, aí eu peguei um livro que eu achei interessante, dos contos antigos, e eles amaram, gostaram muito...fábula, porque a gente fica mais nos contos, mas as fábulas têm muito conteúdo também...na hora em que você está contando eles nem piscam, ficam todos concentradinhos...e esses contos do Ernani Só, que fala do tempo que os bichos falavam,

chamou muito a atenção deles, porque são histórias diferentes, que acontecem no mato, fala da onça, de briga de animais, bode com onça, peixe...tem de tudo...é diferente, parece que eles se interessaram um pouco mais, até pra ouvir...foi novidade...chamou mais a atenção.

5. Com que frequência você realiza a atividade do Conto-Reconto?

Uma vez por semana, uma vez por semana um aluno pega...na quinta pra ler na sexta...[...]Teve um ano que eu convidei alguns pais pra lerem um livro na classe e muitos aceitaram [...] muitos pais relataram que nunca tinham lido histórias para os filhos, que aquele foi um momento muito gostoso porque resgatava um momento de intimidade com o filho...e a tarefa acabou sendo prazerosa...e acho que isso ainda continua.[...]Na hora de recontar tem criança que gosta, tem umas que já se retraem, que não querem contar, ou esquece o texto...aí a gente ajuda, eu falo: “Se você esqueceu, eu já li a história, eu ajudo você”, às vezes eles pulam um trecho e eu falo: “Mas não aconteceu isso?” e aí a gente vai montando a história de novo...oralmente.

6. Você acha esse tipo de atividade (contar e recontar histórias) importante? Por quê?

Eu acho que vai criando um hábito...já está criando os dois, de você ser um leitor e um contador também, porque ler pra si é uma coisa e ler para o outro é outra, então vai formando o hábito de passar...as histórias...por exemplo, essa criança que passou por essa experiência, ele vai lembrar disso e um dia quando tiver filhos, ele vai lembrar do quanto isso foi prazeroso pra ele, eu acho que vai criando um hábito sim, tanto de ouvir, quanto de contar.

7. Em sua opinião, pedir para a criança recontar uma história pode trazer algum benefício para ela futuramente? Esclareça sua resposta.

Baseado na minha própria experiência, eu acho que você procura passar, transmitir aquilo que te faz bem, é da nossa natureza...e essa lembrança é o que eu tenho de mais rico da minha infância...essas histórias...é um conteúdo que eu trago que é precioso, porque você lembra cenários da tua infância, você lembra vozes da tua infância, cheiros, músicas, você lembra coisas que compõem a sua história, por isso que é importante...é aquilo que o Vigotski fala...é na interação com o outro, as pessoas que a gente leva imbutidas nessas histórias, todas que a gente ouve, que a gente conta...[...]Forma um hábito muito importante porque vai transformar ele em uma pessoa que vai valorizar aquilo...vai ser uma experiência positiva na vida dele, isso vai. [...] Por que que eu acredito que sim, porque o universo da leitura vai despertar em você o desejo de conhecer todo aquele mundo, de buscar aquilo, então ele te mostra, ele abre mil janelas pra você...e se você tem aquele interesse, já despertou...você vai em busca disso...pode despertar até um talento aí pra escrita...eu mesma [...] acho que o ler me ajudou muito nessa coisa da escrita...que eu tenho, que eu desenvolvi...pelo fato de ler, o fato de estar sempre em contato com os livros.

Nome: Cássia

Idade: 53 anos

Formação: Magistério, Normal Superior e Especialização em Deficiência Auditiva

Tempo de docência na Educação Infantil: 25 anos

EMEI atual: Santa Cruz – Jardim I

1. Você ouvia histórias quando criança? Se sim, quem as contava?

Eu adoro histórias porque há quarenta e sete anos atrás eu estava fazendo meu primeiro ano na escola e a minha mãe sempre trabalhou no Centro de Saúde, desde que eu me conheço por gente e ela não tinha tempo, nós fomos criados, meus irmãos e eu, pela minha avó...Uma maneira da minha mãe deixar marcada a presença dela era toda noite contar história pra gente, por isso que eu gosto de contar história, porque eu vivenciei muita história com ela...e isso me fazia muito bem porque era o único momento, a noite, que eu tinha pra ficar com a minha mãe, então eu sonhava, eu viajava, eu conhecia mundos, eu conhecia castelos, fadas, bruxas, tudo através das histórias contadas pela minha mãe e a presença dela que era o mais importante também.

2. Você se lembra de suas professoras lhe contando histórias? Como são essas lembranças?

Eu tenho paixão pela minha primeira professora...ela foi muito importante na minha vida, foi quando minha mãe foi pra Rio Claro, morar e trabalhar lá, então eu fui matriculada na escola, não tinha idade ainda, mas o diretor como era quase vizinho nosso, então meu pai conversou com ele e ele me aceitou, eu fiz dois anos de pré...e ela contava histórias, agora no primeiro ano, segundo ano, eu já não me lembro muita história não, era vivenciado mais em casa. Essas lembranças da minha primeira professora são muito boas, ela dava muita dobradura com histórias, então isso aí marcou bastante e todo aquele carinho que ela tinha também porque ela sabia que eu estava sem a mãe e aquela época era difícil as mulheres trabalharem fora, não era fácil não, na minha classe tinha só duas, eu e outra, então eu era muito paparicada...por ela e isso marcou muito a minha infância.

3. Alguma história marcou sua infância? Se sim, qual/quais?

Tem, uma que a minha mãe criou, do João e Maria...uma versão dela. E a versão verdadeira do João e Maria que a minha professora contava...e que até hoje eu conto para os meus alunos.

4. Você gosta de ler? Justifique.

5. Que tipos de leitura você realiza em seu dia-a-dia? (Jornal, revistas, livros de culinária, romances, ficção, histórias de auto-ajuda, etc).

Eu gosto, gosto muito de romance e uma leitura que eu acho que eu li mais de vinte vezes, que é o meu livro de cabeceira, é O Pequeno Príncipe, eu adoro, tenho paixão, toda vez que eu leio, consigo tirar uma mensagem diferente e eu uso muito as mensagens do livro pra reunião de pais também, eu acho muito importante, a minha primeira reunião eu começo com o pensamento: 'foi o tempo que perdeste com tua rosa, que fez tua rosa tão importante', aí eu peço pra trocar por "teu filho" no lugar da rosa.

6. Quantos livros, em média, você lê por ano?

Eu releio muito, então são poucos porque eu não gosto de ler uma vez só, eu leio uma vez, daí uns dois, três meses eu torno a repetir esse livro, porque eu não consigo tirar tudo da primeira vez, eu tenho que buscar mais coisas, eu tenho que viajar muito nos livros. Então eu leio assim uma base de oito a dez livros por ano.

7. Qual foi o último livro que você leu?

O Diário de Ana Maria, do Léo Cóis.

1. Você gosta de contar histórias? Justifique.

Eu amo! Contar história me faz bem, transmite muita paz, me transmite muito carinho, amor e quando eu vou contar história, quando tem uma fada eu procuro pensar na pessoa que eu mais gosto, então o tom da minha voz sai igual, quando eu vou fazer o papel da bruxa (risos), então eu procuro pensar naquela que não tá legal comigo, então sai também o tom de voz, porque é o tom de voz que chama muito a atenção da criança...É por isso que eu adoro contar histórias. Meu pai também contava muita história, a minha avó era portuguesa, então ela trouxe muita história de Portugal e ela também contava, então era gostoso, tanto eu quanto meus irmãos sempre gostamos de contar histórias porque tivemos isso na infância.

2. Com que frequência você conta histórias para seus alunos?

Todos os dias (risos)... Eu adoro!

3. Quando você conta uma história para seus alunos, costuma utilizar algum recurso? (Livro, fantoches, caixas de histórias, sucata, avental de histórias, etc).

Uso o livro que é o principal. Mas eu gosto muito de fantoches, eu mesma construo as minhas coisas, faço fantoches junto com eles. Eu gosto muito do folclore também, hoje, por exemplo, eu contei a história da vitória régia e depois nós dramatizamos a história com materiais que nós construímos...Tem a minha caixa de histórias, tem a caixa surpresa também que é uma caixa de papelão pintada de preto e tem umas flores vermelhas...eles adoram a caixa! [...] Eu uso máscaras também pra contar as histórias.

4. Como seus alunos reagem quando você conta uma história para eles?

Eles vibram, eles gostam, prestam atenção, mas tem que ser assim...não pode ser muito prolongada. Eu tenho um também que é muito ativo, agitado, mas eles prestam atenção sim, eles gostam.

5. Com que frequência você realiza a atividade do conto-reconto?

De quinze em quinze dias. [...] A criança leva o livro na quinta e o reconto é na segunda, porque os pais estão em casa no final de semana. [...] Porque dava tempo de falar com as mães...então você marca um dia e vem uma mãe e você diz: olha, eu estou mandando o livro, mas a sua participação é muito importante, então eu valorizo e pra não ficar chamando toda semana uma, então eu chamo de quinze em quinze dias...Porque senão você manda o livro e ele pode vir todo sujo, todo rasgado, então a mãe sabendo ela tem mais cuidado com o material e tem mais interesse também.

(Quanto à escolha dos livros) *Eu tenho os meus livros, na minha sala, eu não gosto muito desses livros que ficam espalhados na biblioteca... Menina gosta muito de fada, de castelo, então a gente sempre separa Rapunzel, Branca de Neve, para os meninos o Pete Pan, Tico e Teco, O patinho feio...eles adoram, as meninas também, mas eles (meninos) gostam mais disso. Então eu sempre ajudo, mas deixo livre também a escolha.*

(Quando a criança vai recontar a história, como eles se sentem? Como é esse momento?) *Ah é o máximo! Primeiro eles chegam ansioso, sempre ansiosos, eles dizem: o tia vamos entrar? Aí a gente entra, eles sentam em círculos e aquele que é tímido você ajuda...Os outros prestam atenção porque é cobrado, então você não vai fazer para os outros o que você não quer que faça pra você, então eu cobro muito, eu cobro isso, não sei se eu estou certa, mas eu cobro...Eu digo: na hora em que você vai falar, vai ter a tua hora, você fala o que você quiser, agora não, agora nós vamos ouvir.*

6. Você acha esse tipo de atividade (contar e recontar histórias) importante? Por quê?

Eu acho importante, uma porque eles vão perdendo aos poucos a timidez, esse papel é muito importante, porque tem uns que na primeira vez que levam a história, eles não querem nem falar, mas se você começar a incentivá-lo...aí a criança aos poucos vai falando, tem umas que são difíceis, mas você vai puxando...então na primeira vez é difícil, na segunda pode ser mais fácil, quando ela se interessa, quando você começa elogiar outra que contou, ela começa a querer participar, então é nessa hora que o professor tem que deixar a criança falar...

7. Em sua opinião, pedir para a criança recontar uma história pode trazer algum benefício para ela futuramente? Esclareça sua resposta.

Muito, muito, o vocabulário, a língua portuguesa melhora bastante... A criança que gosta de contar histórias ela vai criar muito mais fácil, as redações dela, vai ajudar muito quando for fazer redação, ajuda bastante...Eu acho, eu acho não, eu tenho certeza, porque a gente tem contato com as mães dos alunos que foram nossos e elas dizem isso.

Nome: Denise

Idade: 55 anos

Formação: Magistério, Serviço Social, Pedagogia e Especialização em Educação Infantil

Tempo de docência na Educação Infantil: 33 anos

EMEI atual: Santa Cruz – Pré

1. Você ouvia histórias quando criança? Se sim, quem as contava?

Não. Minha mãe cantava, minha avó cantava muito, mas história era muito difícil, todo mundo trabalhava, a gente ficava em casa e a mãe trabalhando, lavando roupa pra fora, uma vida muito difícil, então não tinha muito tempo pra isso não.

2. Você se lembra de suas professoras lhe contando histórias? Como são essas lembranças?

Não. Olha, causos eu ouvia muito, na casa do sítio do meu avô, toda noite, então reunia todo mundo lá, os colonos...tudo e a gente ouvia muito causo, um melhor que o outro. Aí quando chegou na escola não contava história, tinha leitura, então a professora dava um livro para você ler, o livro didático da classe, dava um parágrafo para cada um, então: “Lê fulano, agora pára, continua você” e ia assim, e tinha a prova de leitura com o diretor da escola, então nós tínhamos uns panfletos, colados uma historinha com uma gravura e você tinha uns minutinhos pra ler, então você ia na frente do diretor, lia pra ele a história, aí ele tirava o papel da tua mão e você tinha que contar a história pra ele. Isso foi durante o primeiro e segundo ano direto da escola...

3. Alguma história marcou sua infância? Se sim, qual/quais?

Não...causos assim só vem na memória quando a minha mãe começa a relembrar, aí ela conta, porque do contrário eu não consigo reter na memória alguma coisa...Tinha esses causo do lobisomem e do saci...tem uma infinidade de causos, mas que eu não me recordo agora.

4. Você gosta de ler? Justifique.

Amo ler! Esse ano, em fevereiro, março, abril e maio, eu li três livros: Código Da Vinci, Anjos e Demônios, e Ponto de Impacto... só esse ano.

5. Que tipos de leitura você realiza em seu dia-a-dia? (Jornal, revistas, livros de culinária, romances, ficção, histórias de auto-ajuda, etc).

Eu adoro ler tudo, tudo, poesia, conto, ficção, romance, jornal...às vezes eu não tenho nada pra ler, eu agora tô procurando, você não tem um livro bom pra me emprestar? Eu estou agoniada porque eu não tenho, esgotou tudo, então eu leio até jornal velho! É uma necessidade que eu tenho de ler, você entende? Então eu leio muito, eu gosto muito de ler!

6. Quantos livros, em média, você lê por ano?

De oito a dez livros por ano, se tiver mais, eu leio mais. Você não tem “O Caçador de Pipas”? Me empresta? Eu leio rápido e te devolvo! À noite ninguém me pega! Acabou meu serviço, eu vou para o meu quarto, que televisão o quê! [...] Teve época de eu ter três, quatro livros de cabeceira...é coisa incrível!

7. Qual foi o último livro que você leu?

Ponto de Impacto, o autor é o mesmo do Código Da Vinci, eu esqueço o nome dos autores.

1. Você gosta de contar histórias? Justifique.

Não, eu prefiro ler, ler para as crianças e não contar. [...] Esse ano, com a pré-escola, eu já li dois livros em capítulos, eu li A Montanha Encantada e li O Grilo Mágico. Agora eu vou escolher o próximo livro que eu vou começar com as crianças... [...] Mesmo os capítulos não tendo figuras, eles se interessam da mesma forma... Os capítulos geralmente têm seis, sete páginas e eles prestam atenção, é coisa incrível!

2. Com que frequência você conta histórias para seus alunos?

Diariamente. Isso é muito importante, porque além desses livros que eu leio que às vezes não têm figuras, eu pego esses livros que têm imagens, que têm gravuras e eu leio também esses, porque são histórias curtíssimas, você lê rapidinho e tem figuras pra você mostrar e leio esse outro que é em capítulos.

3. Quando você conta uma história para seus alunos, costuma utilizar algum recurso? (Livro, fantoches, caixas de histórias, sucata, avental de histórias, etc).

Não... Olha a caixa de histórias só quando é realmente pra contar alguma história que tá dentro da caixa, que tem na caixa, aí eu uso... Fantoche, às vezes... usei também teatro de vara.

4. Como seus alunos reagem quando você conta uma história para eles?

Você pode não acreditar, mas se você entrar na minha sala na hora da história, você fica boquiaberta de ver, quietos! Eu falo: “agora vou ler o capítulo”, e eu ensinei que pra gente não perder a atenção, a gente tem que ficar com a postura correta... e como já não dá pra fazer a roda na minha sala porque eu já estou com trinta crianças, então eu ponho eles todos na mesma posição com as cadeirinhas e aí as mãozinhas posicionadas... ninguém nem pisca! É incrível! [...] E na hora em que acaba a história, aí todo mundo faz comentário: ah tia, eu gostei mais daquele pedacinho assim, assim, assim...” [...] A melhor hora pra mim na classe é essa!

5. Com que frequência você realiza a atividade do Conto-Reconto?

Toda semana, uma vez por semana, na quinta leva o livro e na sexta traz e reconta... e agora, depois da reunião de pais, porque não estavam lendo, estavam vindo sem ler, estavam vindo sem trazer o livro, eu falei muito, pedi, insisti... na primeira reunião de bimestre eu cheguei junto dos pais e falei... [...] A desculpa é sempre que não deu tempo de ler para o filho, então eu falei que sozinha eu não consigo fazer o trabalho, que eu preciso da colaboração deles... e com essa leitura que eu tenho feito com eles, isso aí motivou mais, então toda quinta-feira leva e na sexta-feira traz e conta. Eles têm muita dificuldade pra contar, pra fazer o reconto. Eles têm vergonha, eles ficam com vergonha de falar, alguns ficam meio tensos porque eles querem ler, mas eles não sabem ler, então a gente fala: “não precisa, conta do teu jeito”. Alguns disparam contar e não mostram as figuras, então os outros alunos cobram que querem ver as figuras... mas tem criança que já se sai melhor, mas muitos ainda têm dificuldade.

6. Você acha esse tipo de atividade (contar e recontar histórias) importante? Por quê?

Eu não sei...se você pensar...de um lado é importante porque vai desinibindo, vai sociabilizando, vai fazendo a criança se interessar mais, por outro eu fico preocupada quando ele não tá passando a história direito e eu não posso interferir na contação dele, porque é dele...então eu não sei se isso é o correto. [...] Eu me preocupo muito com isso...da forma como ele está recontando... Mas, eu observei que todos eles já entenderam que a história tem começo, meio e fim, porque as histórias que a gente lê tem começo, meio e fim...e quando eu leio uma história, eu volto e reconto pra eles a história que eu acabei de ler e a maioria conta com um princípio, meio e fim.

7. Em sua opinião, pedir para a criança recontar uma história pode trazer algum benefício para ela futuramente? Esclareça sua resposta.

Eu acho muito bom, apesar da minha preocupação com o enredo da história, eu percebo que ele tá se desinibindo, ele tá na frente da classe, ele tá contando, porque isso não é uma vez só, no decorrer do ano ele vai levar mais vezes o livro pra casa, ele vai contar mais vezes...então eu acho que isso tá abrindo portas, tanto pra leitura, como pra ele contar a história para o amigo...e gostar, o prazer.

Nome: Estela

Idade: 34 anos

Formação: Magistério, Colegial e Pedagogia

Tempo de docência na Educação Infantil: 11 anos

EMEI atual: Centro – Pré-escola

1. Você ouvia histórias quando criança? Se sim, quem as contava?

Ouvia, a minha mãe me contava. Eu lembro de uma coleção de livros que eu tenho até hoje. A única coisa que eu me lembro é que ela contava, agora eu não me recordo aonde... São livros de contos... Cinderela, Chapeuzinho Vermelho, Branca de Neve...[...] A experiência que eu tenho, ela contou já para os meus filhos, eu acho que ela lia... as histórias pra mim. Um outro momento era da minha avó, mas ela contava causos. Todo dia a gente ia tomar café na casa dela e ela gostava muito de contar essas coisas que aconteciam, de velório, coisas do dia-a-dia dela, mas não recordo de nenhuma história, eu lembro que ela contava, a gente sentava, tomava café e ela contava... Ela contava muito de quando ela era criança, que ela andava no pasto, umas coisas assim que eu tento me lembrar... do pai dela, que ela fugia porque ela não queria casar, uma coisa assim mais ou menos...da vida dela ela contava.

2. Você se lembra de suas professoras lhe contando histórias? Como são essas lembranças?

Eu lembro que antes de entrar na primeira série, eu fiz alguns meses em uma escolinha, mas eu não me recordo de nenhuma professora me contando histórias. Eu lembro assim, que tinham os livros (didáticos) e que a gente tinha que estar lendo ali, mas não me recordo dela pegar um livro e estar contando a história não. Eu acho que isso não aconteceu. Teve outros momentos, mas de contar histórias não.

3. Alguma história marcou sua infância? Se sim, qual/quais?

Da minha coleção, o livro que eu mais pegava era a Cinderela, acho que era por causa do vestido, tinha um vestido lindo, do sapatinho, acho que era o que mais me encantava. Logo que você me perguntou foi o primeiro que veio na minha cabeça. Acho que é por causa disso.

4. Você gosta de ler? Justifique.

Gosto...eu gosto de ler, mas o hábito de leitura...Assim, eu leio muita coisa porque eu preciso, mas comprar um livro ou pegar um livro é difícil, só se for as coisas do meu trabalho, de escola... que eu vou, pesquiso, eu vou atrás, mas ir em uma livraria e pegar um livro pra comprar, não. Eu tenho a vontade, mas às vezes... no dia-a-dia ou principalmente pela parte econômica, eles são caros, então, eu até já pedi emprestado e me emprestam, mas aí passa o tempo, eu não vou atrás, mas...eu não pego um livro pra ler...eu já tive esse hábito, mas agora...não.

5. Que tipos de leitura você realiza em seu dia-a-dia? (Jornal, revistas, livros de culinária, romances, ficção, histórias de auto-ajuda, etc).

A época em que eu li muito foi quando eu fiz evangelização, foram livros bíblicos, eu li bastante sobre isso, aí eu comprei vários livros nesse sentido, agora livros de ficção, aventura, isso não. Assim, eles indicavam, mas não era obrigado, mas eu gostava e queria me aprofundar, então eu comprava e a minha mãe também se interessava bastante e eu acho que por causa disso, eu já comprava, lia e passava pra ela... [...]Ela (mãe) acho que completou o ginásio, não sei... mas ela gosta muito disso e ela foi uma das que me incentivou bastante, a estar lendo ou lendo pra mim, apesar da pouca escolaridade que ela tinha.

6. Quantos livros, em média, você lê por ano?

Em um ano? Meu Deus do céu! É pra falar a verdade? (Risos) É pouquíssimo! Até agora, nesse ano eu não li nenhum... Ah, um por ano, eu acho, e olha lá! Aquilo que é obrigado, a gente vai atrás, busca e lê, mas do contrário... Isso é um relapso porque a gente devia ler mais pra escrever melhor e falar melhor, ainda mais porque a gente se utiliza muito disso.

7. Qual foi o último livro que você leu?

Nossa, deixa eu ver! Acho que foi um da evangelização, mas faz tempo... chama O senhorio de Cristo... o autor eu não lembro.

1. Você gosta de contar histórias? Justifique.

Eu gosto... com as crianças... eu vou lá, paro uns cinco minutos antes, escolho o livro, dou uma lida, se eu não sei o que se passa na história, às vezes eu até demoro um pouquinho pra contar, ainda mais quando é um livro diferente. Eu gosto...

2. Com que frequência você conta histórias para seus alunos?

Todos os dias. Todos os dias. Eu prefiro sempre contar no início da aula, na roda, eu conto a história... Mesmo se tem outras leituras pra fazer com eles, texto informativo ou curiosidade, mas mesmo assim eu conto uma história todo dia...O único dia que eu deixo mais livre é o dia do conto-reconto, que às vezes eu utilizo a história do momento ali, mas a maioria das vezes eu não conto a história, no dia do reconto, são eles que contam a história que levaram pra casa pra ler.

3. Quando você conta uma história para seus alunos, costuma utilizar algum recurso? (Livro, fantoches, caixas de histórias, sucata, avental de histórias, etc).

Já utilizei...a caixa de histórias é muito legal. Com crianças menores, de Jardim I, é legal você utilizar sons da boca, bater na hora da porta, ou mesmo utilizar fantoches, eu acho que prende mais a atenção deles, às vezes eles estão virando, querendo conversar e você faz “hãänn”, você faz aquele momento de assombração, muda a entonação, eu já fiz isso. Agora com o pré, eles já tem o hábito, então eles param pra ouvir, na minha classe acontece isso, eu começo a história, todos sentam, eu tenho aquela rotina, aquele hábito, então eu conto normalmente.

4. Como seus alunos reagem quando você conta uma história para eles?

Dependendo da história, eles olham as figuras, comentam, eles participam, não tem muita conversa paralela não, se eles lembram de alguma coisa que eu tô contando, eles já querem falar, às vezes acontece isso, então eu já trabalhei isso com eles, eu disse: “deixa eu terminar a história”, porque no final da história eu procuro falar qual foi o título, por que é que recebeu esse nome, o que eles entenderam, eu procuro resgatar isso deles, o que essa história está querendo mostrar pra gente, então agora já tá numa fase melhor, mas mesmo assim eles comentam demais quando eu mostro as figuras, olham a cor, dão risada por causa das ilustrações. [...] Eu tenho vinte e cinco alunos. Na hora da história, a gente senta em cineminha, porque lá o cantinho da leitura é pequenininho, então eu gosto de colocar assim, um do lado do outro e eles ficam. Às vezes eu percebo um puxando o cabelo do outro, cutucando o outro, mas não tem ninguém falando não, eles não falam durante a história não, porque eles gostam... E eles cobram se naquele dia eu ainda não contei a história, eles me cobram, isso já aconteceu, esse ano mesmo.

5. Com que frequência você realiza a atividade do Conto-Reconto?

Uma vez por semana, eu sigo a rotina e na nossa rotina está uma vez por semana. Eu faço por ordem alfabética, então na quinta-feira eles levam pra casa e na sexta fazem o reconto. Tem uma pasta, eu colo sempre assim: “Oba, chegou o meu dia!”, “Mamãe leia pra mim, amanhã recontarei para os meus amigos”, eu não lembro direito o que eu escrevi, mas é algo assim... e eles levam e no outro dia contam... Eles ficam ansiosos pra chegar a vez, porque o pré já sabe o alfabeto, então eles dizem assim: “hoje já foi o H, então na semana que vem quem vai ser?” [...] Eles que escolhem os livros, eu separo uns dois ou três e eles escolhem.

6. Você acha esse tipo de atividade (contar e recontar histórias) importante? Por quê?

Ah sim, com certeza. Eles se desprendem mais, ficam mais a vontade pra falar para os outros, isso de recontar acaba sendo um exercício pra poder falar em público. Além de enriquecer o vocabulário e de fazer a criança entender que uma história tem começo, meio e fim, que existe uma sequência de fatos e quando ela reconta uma história, ela começa a exercitar essas noções que serão super importantes mais para frente, quando ela for escrever um texto, por exemplo.

7. Em sua opinião, pedir para a criança recontar uma história pode trazer algum benefício para ela futuramente? Esclareça sua resposta.

Sim, como eu já disse, uma criança que está acostumada a ouvir muitas histórias e que tem o hábito de recontar essas histórias oralmente, com o passar do tempo aprenderá com mais facilidade a produzir textos, textos com começo, meio e fim, porque esse aluno já aprendeu que uma história não pode acabar “sem pé nem cabeça”, já entendeu que existe uma sequência lógica de fatos. Além disso, se ele tem o hábito de escrever, ele pode vir a ser um leitor, uma pessoa mais curiosa por querer saber das coisas, pode ser um aluno mais interessado pela leitura, que foi estimulada, de certa forma, na pré-escola. Eu acredito nisso sim.

Nome: Fabiana

Idade: 34 anos

Formação: Magistério e Pedagogia

Tempo de docência na Educação Infantil: 12 anos

EMEI atual: Paraíso – Jardim II

1. Você ouvia histórias quando criança? Se sim, quem as contava?

Não, pouquíssimo. Antes de entrar na escola, eu ouvia história assim, meu pai contava muita história, sempre contou e meus avós e depois, na escola mesmo, pouquíssimo... Mas em casa era o meu pai, era tudo história que ele inventava ou história do que tinha acontecido na infância dele, agora, hoje em dia eu percebo que ele dava uma incrementada, e contava pra gente, pra mim e para os meus irmãos. Até hoje ele gosta.

2. Você se lembra de suas professoras lhe contando histórias? Como são essas lembranças?

Não, não tenho essa lembrança. Só tenho lembrança de texto, texto escrito, texto, texto, texto que eu tinha que passar da letra de imprensa pra letra cursiva, tinha que transcrever, só, era a única forma de ouvir assim...uma história, não seria bem uma história, era um texto, mas uma história mesmo, que ela pegava pra contar...não. Aliás eu lembro da professora mandando a gente pra biblioteca, não ia junto, não dava uma orientação...

3. Alguma história marcou sua infância? Se sim, qual/quais?

Ah não, na minha infância não...nada.

4. Você gosta de ler? Justifique.

Gosto. Mas ultimamente no meu dia-a-dia eu só leio coisa da escola.

5. Que tipos de leitura você realiza em seu dia-a-dia? (Jornal, revistas, livros de culinária, romances, ficção, histórias de auto-ajuda, etc).

Mas eu gosto de ler romance, ah livro bom, história boa, envolvente, que prende a gente, eu gosto... Jornal e revista não, pouquíssimo, a não ser que eu veja na manchete alguma coisa ligada à minha profissão, aí eu leio, caso contrário, não. [...] Mas esse ano ainda não deu tempo de ler, no ano passado eu até lia alguma coisa porque eu fazia o "Letra e Vida", então a formadora indicava e eu ia atrás e lia, porque ela falava com tanta empolgação, mas era difícil porque você lê um trechinho hoje, aí você pára, fica um tempo sem ler...esse ano não, esse ano eu ainda não consegui ler nada.

6. Quantos livros, em média, você lê por ano?

Ah, no máximo três...por ano.

7. Qual foi o último livro que você leu?

O último foi... ah que eu li inteiro... aí como chama o livro? É tão bonita a história... acho que foi... O Guardião de Memórias...é lindo! O autor? De cabeça, não. Eu lembro da capa, mas o autor não.

1. Você gosta de contar histórias? Justifique.

Ah de contar eu gosto.

2. Com que frequência você conta histórias para seus alunos?

Sempre...não é todo dia, deveria ser, né, mas não é, todos os dias não dá tempo. Mas eu conto, no mínimo três vezes por semana eles ouvem histórias... Eu prefiro sempre contar história no começo da aula porque eu acho que eles estão mais calmos, mais concentrados, no final eles estão agitados, eles estão cansados já, então eu não gosto, eu prefiro sempre no começo da aula.

3. Quando você conta uma história para seus alunos, costuma utilizar algum recurso? (Livro, fantoches, caixas de histórias, sucata, avental de histórias, etc).

Uso, às vezes eu conto da Caixa, fantoches, aqueles bonequinhos de vara eu gosto, bonequinhos de vara que eles mesmos fazem, eles desenham grande, aí eu recorto, mas eu não falo pra eles que é pra isso, depois que eu monto que eu mostro que era pra isso.

4. Como seus alunos reagem quando você conta uma história para eles?

Dependendo a história, eles pedem pra ler de novo. Não são todas não, mas tem histórias que eles pedem pra ler de novo. [...] Se eles já conhecem a história, eles vão falando junto, eles não esperam muito eu ler ou então quando eu faço um suspense: “O que será que vai acontecer?”, aí alguém sabe e conta. (Risos). Mas quando eles não conhecem, eles ficam concentrados. Eles prestam atenção, eles são uma turma calma, não dão trabalho não. [...] Eles sentam em círculo...aí eu costumo falar que vem uma fadinha, que se eles não ficarem quietinhos a fadinha não ouve, aí a fadinha esconde a história, aí eles ficam quietinhos...E eles acostumaram assim, quando acaba eles querem recontar, então eu tenho que esperar, aí cada um conta um pedacinho que lembra... toda a história, às vezes, quando não dá tempo porque tem muita coisa pra fazer, eu falo pra eles: “hoje não”, mas mesmo assim, tem que deixar um ou outro falar alguma coisa sobre o que foi lido. [...] Mas é engraçado, tem uma menininha, a Tainara, ela sempre pede pra recontar, só que se eu falar pra ela: “Tainara senta aqui, reconta a história pra mim...”, não, ela se recusa, ela tem vergonha, ela quer recontar, mas ela quer a ajuda dos amigos, ela quer que todo mundo participe, se for pra ela fazer o conto e reconto, por exemplo, ela não quer, ela fala que não, que ela tem vergonha. E ela conta direitinho, direitinho, só que, na verdade, ela não quer se sentir em destaque na roda, se ela estiver falando com mais crianças, ela conta numa boa, mas se ela perceber que estão todos olhando pra ela, aí ela já não quer, aí ela já se recusa.

5. Com que frequência você realiza a atividade do Conto-Reconto?

Eu faço a cada quinze dias, só que eu não faço do jeito que é pra ser feito não, porque aqui não dá certo, não dá certo. Porque o certo seria mandar o livro pra casa, a família lê com a criança, a mãe né, e a criança voltar pra escola e contar, só que aqui muitas famílias não fazem isso, se a gente manda o livro, ele volta sem ser lido ou já teve vezes da criança chorar porque ninguém ajudou ela em casa, ela chegou no dia do reconto e estava se sentindo mal, a gente tem mãe analfabeta, então eu não mando mais, eu peço pra criança escolher uma história que ela queira recontar, uma história que eu já contei, aí ela reconta junto comigo, eu vou repassando com ela a história e, no outro dia, ela conta pra sala. [...] As mães não vem, nem em reunião de pais, geralmente elas não vem. Aliás, todas as professoras daqui já tentaram várias vezes e desistiram, a maioria das mães não quer fazer. [...] Tanto é que, dá pra perceber assim, no curso que nós fizemos, tanto no Letra e Vida quanto com a Maria Maura, as duas batem na mesma tecla, que não existe diferença

de nível social, isso não interfere, se você estimular a criança... os dois cursos insistem nisso... a gente que trabalha, que põe em prática o que elas ensinam, tem sim, tem diferença sim, uma criança que é estimulada desde pequena, que tem contato com livro, com história, com revistas, com as coisas mais básicas até, ela é diferente, ela é mais interessada, ela ouve mais, ela gosta mais, é diferente, não é a mesma coisa.

Você acha que, em casa, elas ouvem histórias?

Não, imagina! Aliás, as histórias que elas ouvem em casa são do dia-a-dia delas e geralmente são coisas muito tristes. Então é isso que elas ouvem... Eu queria que você visse o que nós já ouvimos nessa roda da conversa, de segunda-feira principalmente, de segunda, depois de feriado prolongado, na volta das férias quando fica um tempo em casa, da dó. Eu fico imaginando o que eu vou fazer pra conquistar essa criança de novo, pra trazê-la de novo pra infância que é dela, porque ela não acredita mais, não acredita. Pra você ter uma idéia, outro dia, as professoras riram de mim porque eu fiquei com uma cara assim, que eu não sabia o que falar, e eu não sabia mesmo o que falar, a gente estava na salinha de vídeo e eu passei o filme da Branca de Neve, aí quando chegou no final, que os dois vão embora, eu falei: “Aí gente acabou e eles viveram felizes para sempre!”, um menininho virou e falou assim: “Viveram nada! Viveram junto só até a separação!”. Aí eu fiquei sem ter o que falar pra ele, eu vou argumentar o quê? Uma criança de cinco aninhos, que já tem essa visão? De que ninguém vive feliz para sempre? Ninguém? Não existe isso? [...] É complicado, então eu acho que nesse ponto, tanto o curso da Maria Maura quanto o Letra e Vida, eles são meio fora da realidade, porque eles não acreditam nisso, que tem essa diferença e tem gente!

6. Você acha esse tipo de atividade (contar e recontar histórias) importante? Por quê?

Eu acho, eu gosto, acho que isso é legal pra eles, desenvolve muito o vocabulário. Porque também eles aprendem a sequência da história, na cabecinha deles, eles têm que manter a sequência, tanto é que quando esquecem alguma parte, eles mesmos dizem: “Opa, esqueci!”, aí eles voltam lá na parte que eles esqueceram ou algum colega lembra: “Ah, você pulou!”[...] É diferente de ouvir, porque às vezes eu estou contando e o aluno não está prestando atenção, ele não vai pegar a sequência e agora ele contando, ele vai ter que ficar atento à sequência dos fatos.

7. Em sua opinião, pedir para a criança recontar uma história pode trazer algum benefício para ela futuramente? Esclareça sua resposta.

Eu espero que sim. Você já entrevistou algum deles? (Risos). Quando você entrevistar, você me conta, então. Eu percebo isso pela minha filha, ela sempre foi uma criança muito tímida, agora ela já está na terceira série e eu percebo que esse modo de trabalhar ajudou muito ela, porque lá no pré ela contava histórias, ela estudou em uma EMEI, no Jardim I ela recontou histórias, depois ela pulou o Jardim II porque mudou a lei, e no pré ela recontou histórias, quando chegou na primeira série, a professora também fazia atividade desse tipo e ela não teve medo e ela sempre foi tímida. Por isso eu acredito que traz benefícios sim. [...] Além disso, eu acredito que uma criança que está acostumada a ouvir histórias pode ter mais interesse pela leitura quando for adolescente, adulto, eu acho que ela pode desenvolver esse hábito de ler, não por obrigação, só porque a professora mandou, mas de ler... pelo simples prazer de ler.

Nome: Gilda

Idade: 44 anos

Formação: Magistério e Pedagogia

Tempo de docência na Educação Infantil: 22 anos

EMEI atual: Cambuhy – Pré

1. Você ouvia histórias quando criança? Se sim, quem as contava?

Ouvia, mas naquela época era bem pouco porque as pessoas tinham menos informação e eram histórias inventadas, então histórias de livros como a gente conta hoje, não tinha na minha época, era diferente... quem contava era a minha mãe mesmo...e meus irmãos porque eu sou a mais nova... era muito gostoso porque a criança vive tudo aquilo, são histórias inventadas, mas ao mesmo tempo são histórias de hoje, que as mães contam hoje.

2. Você se lembra de suas professoras lhe contando histórias? Como são essas lembranças?

Eram bem poucas, na minha época de escola quase não tinha história na classe não. Eu não fiz a pré-escola, eu entrei direto na primeira série porque eu morava em fazenda e lá não tinha...então era mais a parte escrita, tinha a cartilha e a gente seguia muito a cartilha e as historinhas que tinham eram mais da cartilha mesmo, dificilmente uma professora trazia histórias pra classe.

3. Alguma história marcou sua infância? Se sim, qual/quais?

Eram mais as histórias folclóricas mesmo, essas histórias de folclore, histórias contadas que marcaram mais...mas eram bem poucas mesmo...Mas não tem uma específica.

4. Você gosta de ler? Justifique.

5. Que tipos de leitura você realiza em seu dia-a-dia? (Jornal, revistas, livros de culinária, romances, ficção, histórias de auto-ajuda, etc).

Gosto. Eu leio a Bíblia que eu gosto, leio romance, mas pouco, eu gosto de ler gibi, leio livros pedagógicos que fazem parte do cotidiano.

6. Quantos livros, em média, você lê por ano?

Ah são poucos...ah acho que uns dois. Eu nunca parei pra pensar nisso, mas acho que dois, no máximo!

7. Qual foi o último livro que você leu?

Nossa, o último? Foi aquele...fiquei nervosa (risos). Foi aquele Pais brilhantes, Filhos fascinantes, acho que é isso. O autor eu esqueci agora.

1. Você gosta de contar histórias? Justifique.

Gosto, de contar eu gosto bastante.

2. Com que frequência você conta histórias para seus alunos?

Todos os dias. Mesmo quando tem mais coisas para serem lidas, como um texto informativo ou uma curiosidade, mesmo assim eu conto uma história por dia, sempre no começo da aula.

3. Quando você conta uma história para seus alunos, costuma utilizar algum recurso? (Livro, fantoches, caixas de histórias, sucata, avental de histórias, etc).

Além do livro? Ah eu gosto de usar a caixa de histórias e os fantoches que a gente tem aqui na escola. Tem também uns bonequinhos que eu faço com palitos de churrasco, eu uso esses bonequinhos pra contar algumas histórias e eles gostam bastante.

4. Como seus alunos reagem quando você conta uma história para eles?

Eles gostam. Eles prestam atenção, ficam até quietos...Quando é uma história que eles ainda não conhecem, eles ficam mais concentrados, mas quando eles já conhecem, tem alguns alunos, aqueles mais falantes que interrompem, querem acrescentar algumas coisas... Mas, na maioria das vezes, eles prestam atenção, mesmo porque eles já têm esse hábito de ouvir histórias desde o Jardim I, então agora no Pré eles já estão acostumados.

5. Com que frequência você realiza a atividade do Conto-Reconto?

O Conto e Reconto mesmo eu faço a cada quinze dias. Eu não tenho mandado toda semana não porque tem muita gente que não faz, esquece o livro... Então a cada quinze dias, sempre na quinta-feira, eu separo uns três ou quatro livros aqui da sala, a criança escolhe um desses livros e leva pra casa. Aí a mãe conta pra criança ou deveria contar né...e no outro dia, a criança reconta na roda para os colegas. [...] Se ninguém contou pra ela em casa, eu falo pra ficar calma, então eu conto pra ela, mas geralmente é uma história já conhecida deles, e aí ela reconta...quando o aluno que está recontando esquece alguma parte, sempre tem um coleguinha que ajuda, essa classe desse ano é uma graça, eles são amigos uns dos outros, eu fico feliz com algumas atitudes deles, eles querem se ajudar e isso é legal.

6. Você acha esse tipo de atividade (contar e recontar histórias) importante? Por quê?

Ah, eu acho. Eu acho que desenvolve muito, a criança aprende a falar em público, perde a timidez, com o tempo claro, além disso, eu acho que amplia o vocabulário, às vezes eles usam uns termos que eu fico espantada! Alguns falam como se fosse gente grande!

7. Em sua opinião, pedir para a criança recontar uma história pode trazer algum benefício para ela futuramente? Esclareça sua resposta.

Eu acredito que sim porque eu acho que estimula a criança a ler, a se interessar pelos livros, pela leitura, ela fica mais curiosa, mais interessada nas coisas... Eu vejo isso pelo meu filho, ele adora ler, adora estudar, está terminando a faculdade, quer fazer pós...e ele sempre ouviu histórias em casa, na escola, por isso eu acho que traz benefícios sim, senão nós não estaríamos investindo tanto nas histórias como a gente tem feito nesses anos todos.

APÊNDICE B

ENTREVISTAS COM OS
EX-ALUNOS DAS EMEIS E
SUAS RESPECTIVAS MÃES

(Filha) Nome: Adriana

Idade: 15 anos

Série em que estuda: 1º Ano do Ensino Médio

Escola atual: ETEC – Centro Paula Souza

EMEI em que estudou: EMEI de Silvânia (Bairro Rural)

Quantidade de anos na EMEI: Jardim I, Jardim II e Pré-escola

Professora do pré: Eloísa

1. O que você mais gostava de fazer quando estudava na EMEI? Sente saudades de algo ou alguém? Por quê?

Nossa, a única coisa que eu lembro é que eu gostava de brincar de massinha e de brincar no parquinho. Eu sinto saudades da minha professora, ela era muito legal, ela era muito amiga dos alunos...ela não ficava só assim...procurando dar matéria, ela brincava com os alunos, ela saía um pouco do roteiro de estudar, era muito legal. Eu adorava!

2. Você gosta de ouvir histórias? Por quê?

Não. Eu gosto de escrever.

3. Você se lembra de sua professora da EMEI lhe contando histórias? Quando isso acontecia, como era esse momento para você?

Eu lembro. Ah, era legal, eram umas historinhas mais legais. Eu gostava de ouvir, mas nem sempre eu prestava atenção. Eu lembro da história do gigante, era um gigante que morava num castelo, era um homem que não gostava que entrava criança no castelo dele, a história chama mesmo O Gigante. Era muito legal, eu adorava.

4. Lembra-se da atividade do conto-reconto? Chegou a participar?

Eu lembro, a gente lia o livro e depois chegava na escola e tinha que falar para os alunos a história, eu contava até o que eu entendia, o que eu tinha gostado mais daquela história... Eu participei disso várias vezes e era sempre a minha mãe que lia pra mim...ou o meu pai.

5. Gostava de recontar as histórias ouvidas aos seus colegas? Como você se sentia?

Mais ou menos, eu ficava com vergonha, eu não gostava muito não. Às vezes eu ficava atrás de assistir televisão, não prestava atenção, depois a professora ficava prestando atenção no que a gente falava pra ver se estava de acordo com o livro, aí dava medo de errar...mas eu gostava.

6. Alguma história foi marcante para você? Se sim, qual história? Por quê?

Tinha uma que era de uma princesa que deixava cair a bola dentro de um negócio que tinha água, mas eu confundi, eu misturei com a história da Cinderela...(risos)... Acho que era a história do Príncipe Sapo, acho que era isso.

7. Qual matéria/disciplina você mais gosta? Por quê?

Português, porque eu gosto de escrever.

8. Gosta de ler? Se sim, diga o que você gosta de ler?

Não, eu só leio na escola mesmo, quando o professor pede pra variar a leitura, mas eu não pego livro pra ler não.

9. Gosta de escrever? Se sim, tem preferência por escrever qual tipo de texto? (Histórias, poesias, textos informativos, piadas, quadrinhos, músicas, etc).

Ah de escrever eu gosto. Eu gosto de escrever carta...(risos)... eu escrevo bastante carta, acho que eu tenho uns três cadernos cheios de carta que eu escrevo. As minhas amigas até pedem emprestado pra copiar algumas.

10. Você acha que a leitura é importante? Para quê? Por quê?

Eu acho sim, apesar de não ler muito, eu acho importante porque a gente fica mais informado, pra saber mais das coisas tem que ler, se bem que pra escrever as cartas, eu acabo lendo também.

(Mãe) Nome: Amélia

Idade: 36 anos

Escolarização: Ensino Fundamental incompleto

Profissão: Empregada doméstica

Número de filhos: 3

1. Você gostava de estudar? Justifique.

Eu gostava, eu sempre gostei, mas eu estudei muito pouco, fiz só até a quarta-série, naquela época a gente começava a trabalhar cedo, tinha que ajudar em casa, então eu precisei parar, mas eu gostava, quando não tinha ônibus, eu e os meus irmãos, a gente ia a pé, andava não sei quantos quilômetros, a gente gostava sim.

2. Em sua opinião, “ter estudo” nos dias de hoje é importante? Por quê?

Nossa e como! Eu sempre falo para as meninas (filhas) que hoje a pessoa sem estudo não é nada, até pra cortar cana, hoje você tem que ter até a oitava série, senão eles não contratam, então a pessoa que não tem um diploma, vai ser o quê na vida? Eu fiquei super feliz da Andréia (filha mais velha) ter terminado o Colegial, agora quem sabe, ela consegue entrar numa faculdade...

3. Você incentiva sua filha a estudar? O que você fala para ela a esse respeito?

Eu incentivo sim porque eu não quero que elas trabalhem na casa dos outros como eu, eu quero que elas estudem pra ter um emprego melhor, uma vida melhor, menos sofrida. Eu falo isso pra elas direto, elas até me pedem pra parar, que já entenderam, de tanto que eu insisto nisso.

4. Gosta de ler? O que você costuma ler em seu dia-a-dia ou em suas horas de lazer?

Eu adoro ler, eu leio de tudo, até panfleto de mercado! (Risos) Mas eu gosto mesmo é de ler a Bíblia, eu leio todos os dias porque eu sou Ministra da Eucaristia, então a gente sempre tem as leituras pra fazer, tem que estudar sobre isso e eu adoro, não fico um dia sem ler... Eu estou lendo O Catecismo da Igreja Católica, acho que foi o Papa João Paulo que escreveu.

5. Você se lembra de ter contado alguma história para sua filha durante o tempo em que ela estudou na EMEI?

6. Se sim, como era esse momento?

Lembro sim, eu sempre contava as histórias dos livrinhos da escola que a Bruna trazia, se não era eu, era o pai dela, porque ele também gosta de contar histórias, ele faz isso até hoje com a Amanda (filha mais nova). Eu contava antes dela dormir, era rapidinho porque as histórias eram pequenininhas, mas eu gostava de contar para ela e acho que ela também gostava.

7. Você acha que ouvir histórias é importante para uma criança? Por quê? Pra quê?

Ah... eu acho porque elas ficam mais inteligentes, mais interessadas, eu acho que as histórias ensinam muita coisa, tem histórias que são lições de vida, você pode pegar algumas histórias da Bíblia mesmo, elas ensinam muita coisa pra gente, que servem para os dias de hoje.

8. Em sua opinião, a quem pertence o papel de contar histórias para a criança?

Em primeiro lugar, eu acho que educação começa em casa, então a mãe e o pai também, eles é que tem que conversar sempre com os filhos, contar histórias, coisas que aconteceram na vida deles e, principalmente, ensinar o que é certo e o que é errado. E depois a escola, é muito bom uma criança poder ouvir as histórias que a professora conta na escola e, se em casa, ela estiver acostumada a ouvir também, essa criança vai prestar mais atenção nas coisas da escola...eu tenho certeza.

9. Como você vê o trabalho com contação de histórias realizado nas EMEIs de Matão? Conhece esse trabalho?

Eu conheço sim porque as três meninas (filhas) estudaram na EMEI aqui, elas ficaram na creche porque eu sempre trabalhei pra ajudar em casa, e eu sei que as professoras contam histórias, as meninas traziam livrinhos pra gente ler pra elas, depois, conforme foi passando o tempo, elas ficavam olhando os desenhos dos livros e tentando contar as histórias pra gente... a Amandinha (filha mais nova) vivia colocando o pai dela sentado no chão pra contar historinha pra ele...às vezes ela inventava umas partes, misturava umas historinhas, mas ela queria contar, parecia uma professora.

10. Você participa da vida escolar de seu/sua filho/filha? (Reuniões, palestras, eventos, etc). Com que frequência?

Participo sim, eu sempre dou um jeito de ir nas reuniões, eu não falto de reunião de jeito nenhum, se não der pra ir na hora marcada, eu vou em outro horário pra conversar com as professoras, mas eu sempre vou sim. Quando tinha festinha das mães aí na escola ou festa junina, eu pedia pra minha patroa me deixar sair um pouquinho pra poder ver elas se apresentando, eu acho isso importante, a mãe tem que participar, tem que ir na

reunião, não adianta ficar reclamando da escola e nem aparecer lá pra ver como o filho está indo, se ele está com as notas boas, se tem feito alguma coisa errada...tem mãe que não admite o erro do filho e joga toda a culpa na escola, mas elas só vão conseguir enxergar isso lá na frente, quando ele for adulto e começar a fazer coisas erradas, aí essa mãe vai se arrepender de não ter corrigido seu filho quando era pequeno, eu falo porque já vi isso acontecer, mas depois de grande, não adianta mais...

11. Acha importante a participação dos pais nas decisões tomadas na escola? Esclareça.

Eu acho importante sim, os pais tem que participar das coisas da escola, quem tem tempo de fazer parte da APM, tem que ir mesmo, quando eu fiquei sem trabalhar, eu ajudei nas coisas da APM porque é do interesse dos filhos da gente, por isso eu acho que é importante... Mas tem muita mãe que me fala: “Ah eu não tenho tempo de ficar indo na escola pra ouvir essa diretora, essas professoras falando...elas ganham pra isso, elas que se virem!”, mas eu acho isso errado, porque depois essas mães reclamam de algumas coisas que a escola decidiu, mas aí não adianta porque elas não foram na reunião pra decidir, dar opinião...eu acho importante sim, eu acho que tem que participar.

12. Como você acha que deve ser a relação entre a escola e a família?

Ah tem que ser uma relação de união, uma relação boa, eu escuto direto algumas mães reclamarem que a escola aqui é fraca, que lá em Matão é melhor, mas eu não acho, as meninas estudaram aí, sempre foram boas alunas, nunca me deram trabalho com notas, só de conversa, porque elas falam bastante... mas eu não tenho do que reclamar da escola não, se eu falar mal, eu vou estar sendo injusta... Mas essas mães que reclamam, que falam mal das professoras, da direção da escola, acham que os filhos delas são santos, parece que elas não querem enxergar as coisas que os filhos aprontam, eles respondem pra elas na frente da gente e elas não falam nada! Eu vejo isso na catequese, como é difícil cuidar dos filhos dos outros, eles não querem saber de nada, às vezes eu tenho que ficar chamando a atenção, não é fácil... Tem criança que é muito mal educada e a culpa é de quem? Da escola? Claro que não, por isso eu não tenho do que reclamar dessa escola aqui, eu só tenho que agradecer por tudo que fizeram pelas minhas meninas.

(Filho) Nome: Breno

Idade: 16 anos

Série em que estuda: 1º Ano do Ensino Médio

Escola atual: Escola Municipal Adelino Bordignon

EMEI em que estudou: EMEI Profª Verônica Dropello

Quantidade de anos na EMEI: Jardim II e Pré-escola

Professora do pré: Terezinha

1. O que você mais gostava de fazer quando estudava na EMEI? Sente saudades de algo ou alguém? Por quê?

Pouca coisa hein. Só vem os amigos na lembrança... porque tem alguns que se separaram, que começaram o Ensino Fundamental e a gente se separou e aí você lembra dos amigos... E tinha... acho que de sexta-feira podia levar brinquedo, aí eu ficava fazendo bagunça lá, eu lembro disso... Ah eu lembro que tinha aqueles Sarau que eles faziam também, acho que era uma vez por mês, não lembro como que era, mas eu lembro que tinha.

2. Você gosta de ouvir histórias? Por quê?

Não. Ler eu só gosto daqueles livros de detetive e de história policial só, o resto eu não me interessa... Esses livros que eu falei quando eu tô com vontade eu leio, é difícil, mas eu leio.

3. Você se lembra de sua professora da EMEI lhe contando histórias? Quando isso acontecia, como era esse momento para você?

Elas contavam... esses do tipo infantil Chapeuzinho Vermelho, Os Três Porquinhos, isso elas contavam... Eu gostava, quando você é pequenininho tudo é novo, então eu gostava.

4. Lembra-se da atividade do conto-reconto? Chegou a participar?

Lembro, dessa parte que tinha que levar um livro pra casa eu lembro, isso aí eu lembro... Só não lembro das histórias certas, mas eu lembro de trazer... Eu participei sim.

5. Gostava de recontar as histórias ouvidas aos seus colegas? Como você se sentia?

Ah eu sou meio tímido, então eu ficava nervoso, tinha hora que dava aqueles brancos, mas aí vai empurrando, vai dando certo, a professora ajuda... pulava algum pedacinho, mas ela ajudava. [...] Eu não reclamava porque eu não achava ruim, sabe eu não ficava ansioso pra chegar a minha vez, mas também não reclamava de ter que recontar, era normal...eu ficava na minha. [...] Era diferente, não seria uma tarefa, era diferente, novidade, faz parte da escola, como se fosse aquela atividade extra... mas não como obrigação.

6. Alguma história foi marcante para você? Se sim, qual história? Por quê?

Eu acho que era do... aquela dos quarenta ladrões... Ali Babá e os quarenta ladrões... essa daí eu lembro... eu lembro desse livro aí.

7. Qual matéria/disciplina você mais gosta? Por quê?

Matemática, química e física, eu prefiro essas.

8. Gosta de ler? Se sim, diga o que você gosta de ler?

Pouco, bem pouco. Eu leio a página de esportes, só página de esportes... na Internet. [...] Ah por causa da aula de literatura eu leio... tive que ler Os Lusíadas, no mês passado, é chato, eu li, mas não gostei não, quase ninguém gostou da história...eu não me interessei muito, não é ruim, mas a gente chega numa parte do livro lá que começa a enrolar, sabe a história não anda, fica enrolando, isso eu não gostei muito...aí depois melhora... [...] A gente tem que ler porque os livros caem no vestibular e pra ter conhecimento, saber dos períodos literários, vai ter que seguir a ordem, vai pelos períodos: Trovadorismo, Humanismo e vai indo...

9. Gosta de escrever? Se sim, tem preferência por escrever qual tipo de texto? (Histórias, poesias, textos informativos, piadas, quadrinhos, músicas, etc).

Escrever? Depende do tema... se o tema me interessar... eu gosto de esporte, de coisa atual, aquelas coisas do passado não. Se o tema me interessar eu escrevo... sem dificuldade. [...] Eu não sou muito criativo pra escrever histórias, pra viajar, ficar viajando, imaginar uma história... eu prefiro alguma coisa informativa, sai mais fácil do que se eu tiver que ficar criando.

10. Você acha que a leitura é importante? Para quê? Por quê?

Importante é... ah se a pessoa não lê ela se torna ignorante em vários assuntos, às vezes ela sabe falar bem de tal...tema, mas aí você vai puxar para um outro lado e aí já não sabe nada...e lendo você sabe falar um pouquinho de cada coisa...do que tá acontecendo atualmente.

(Mãe) Nome: Beatriz

Idade: 48 anos

Escolarização: Ensino Médio

Profissão: Cabeleireira

Número de filhos: 2

1. Você gostava de estudar? Justifique.

Olha estudar... a gente sabe que realmente tem uma necessidade de estudo, só que a gente começou a trabalhar cedo e não tinha muito tempo pra fazer trabalhos, mas o que dava eu gostava... trabalhos às vezes ficava incompleto porque não dava tempo, fichas de leitura mesmo, eu lembro que era difícil eu pegar um livro e ler totalmente, até eu tinha uma amiga que me dava o resumo, eu acabava fazendo porque não tinha tempo de ler.

2. Em sua opinião, “ter estudo” nos dias de hoje é importante? Por quê?

Eu acho fundamental porque uma pessoa sem estudo hoje ela não consegue emprego, ela não consegue nada. Você vê hoje praticamente o que a gente vê por aí, um cara que tá começando aí, um catador de lixo tem que ter acho que no mínimo o primário, não é? Então, tem que ser importante, a pessoa que não estuda hoje infelizmente, ela não vai ter nada.

3. Você incentiva seu filho a estudar? O que você fala para ele a esse respeito?

Sempre, apesar que aqui em casa eles gostam mais do lado das exatas, eles não são muito de livros, às vezes eles falam: “ai não tem o que fazer!”, e eu falo: “olha o livro” e eles: “ih lá vem ela com o livro!”, então eles não são muito... [...] Mas eu percebo que o que interessa, que é a respeito da matéria que eles estão fazendo... tem interesse, eles lêem, então eu tô sempre comentando que o estudo é importante, o pai deles também fala a mesma coisa, que tem que ter conhecimento no geral, então a gente procura sempre estar falando pra eles que é importante.

4. Gosta de ler? O que você costuma ler em seu dia-a-dia ou em suas horas de lazer?

Ai eu não tenho muito o hábito...não vou dizer que eu não gosto. Acho que é tudo o que interessa, outro dia o meu marido chegou em casa tarde e eu tava com uma revista de cabelo, eu tava folheando, eu tava lendo ela inteira, então eu acho que tudo o que é do seu interesse, da sua profissão, que te chama atenção, então você não mede espaço. Agora se for pra pegar um livro... sentar, aí eu durmo, sinceramente eu não tenho esse costume. Além disso, o meu tempo é muito corrido, eu não tenho tido tempo pra nada.

5. Você se lembra de ter contado alguma história para seu filho durante o tempo em que ele estudou na EMEI?

6. Se sim, como era esse momento?

Então, esses livros que ele trazia, que a gente lia, eu lembro, mas falar pra você o livro exatamente eu não lembro... Quando eu estava lendo, ele geralmente sentava, prestava atenção porque eu fazia algumas perguntas pra ele, porque ele tinha que contar no dia seguinte, era assim. [...] Era uma coisa gostosa sim, que eles ficavam prestando atenção porque a mãe tava lendo...e eles se interessavam... Eu até gostava quando a professora mandava alguma coisa, sei lá eu me sentia assim...eu sempre gostei, era uma participação minha.

7. Você acha que ouvir histórias é importante para uma criança? Por quê? Pra quê?

Eu acho que sim porque eu acho que tudo o que você ouve, geralmente sempre grava, você sempre vai lembrar de alguma coisa [...] às vezes você não lembra detalhadamente de tudo, mas alguma frase, alguma coisa sempre fica.

8. Em sua opinião, a quem pertence o papel de contar histórias para a criança?

Eu acho que o pai e a mãe estão ali até mais... porque o professor está lá pra fazer o que é da escola, ele ajuda, mas o professor não tem que ser pai e mãe, apesar que ele acaba sendo né, mas em casa tem que ter o fundamento, porque senão...

9. Como você vê o trabalho com contação de histórias realizado nas EMEIs de Matão? Conhece esse trabalho?

Eu acho que ajuda assim... na leitura, no conversar... pra escrever também... Eu não sei, eu acho que ajuda, mas vai também de cada um, porque se o aluno não se esforçar, não tiver interesse, a escola sozinha não consegue dar conta de tudo, depende muito da força de vontade dos alunos.

10. Você participa da vida escolar de seu filho? (Reuniões, palestras, eventos, etc). Com que frequência?

Aqui em casa, pelo fato de eu não dirigir e a escola ser longe, toda reunião quem vai sempre é o meu marido, só que ele chega e comenta como foi, sempre teve esse hábito. Eu ia nas festinhas, quando era festinha das mães, mas em reuniões sempre foi meu marido, falar a verdade pra você, se eu participei de uma ou duas foi muito. Mas nunca deixou de ir, o meu marido sempre foi, nunca deixou de participar dessas coisas.

11. Acha importante a participação dos pais nas decisões tomadas na escola? Esclareça.

Eu acho importante, tanto é que o meu marido participava do Conselho, ele sempre ajudou muito, trazia coisas da escola pra fazer, e as crianças vendo isso, eu acho que era bom, tanto pra ele quanto para as crianças, vendo que o pai estava ligado à alguma coisa da escola, sabendo do que estava acontecendo...eu acho que é muito bom... Pena que os pais...às vezes tem trinta alunos e na reunião vai meia dúzia.

12. Como você acha que deve ser a relação entre a escola e a família?

Eu acho que é muito importante, eu acho que é uma boa, só que existem aqueles pais que mandam o filho pra escola...e não vê a hora do filho ir pra escola porque acha que só lá que ele vai...e em casa vai do jeito que vai... mas a escola e a família tem que se unir pelo bem dos alunos, é difícil porque nem sempre isso acontece, eu sei disso.

(Filha) Nome: Eloísa

Idade: 14 anos

Série em que estuda: 8ª Série

Escola atual: Escola Municipal Adelino Bordignon

EMEI em que estudou: EMEI Prof Mário Gandini

Quantidade de anos na EMEI: Jardim II e Pré-escola

Professora do pré: Márcia

1. O que você mais gostava de fazer quando estudava na EMEI? Sente saudades de algo ou alguém? Por quê?

De brincar de boneca. Ah eu lembro que a gente desenhava, brincava de massinha, essas coisas... Eu sinto saudades da professora, porque os alunos eu nem lembro quem estava na minha sala.

2. Você gosta de ouvir histórias? Por quê?

Sim... Ah sei lá... porque você vê as coisas que se passam, o que acontece...

3. Você se lembra de sua professora da EMEI lhe contando histórias? Quando isso acontecia, como era esse momento para você?

Lembro. Eu gostava, eu prestava atenção... Eu não lembro agora de nenhum personagem, mas eu gostava bastante... As histórias de princesa eu gostava bastante, A Bela Adormecida, essas coisas.

4. Lembra-se da atividade do conto-reconto? Chegou a participar?

Lembro, eu participei.

5. Gostava de recontar as histórias ouvidas aos seus colegas? Como você se sentia?

Não gostava muito porque eu tinha vergonha de contar. Eu gostava de ler a história, mas não gostava muito de falar pra sala, eu não gostava... Eu ficava nervosa, eu tinha vergonha de falar... Eu recontava, mas eu tinha vergonha... Aí eu fui me acostumando e fui perdendo a vergonha. [...] Eu tentava ler em casa... eu contava as histórias pra minha mãe, inventava umas partes, acrescentava outras coisas... pelas imagens eu ia inventando. [...] Na época, eu via isso (recontar para os colegas) como uma coisa ruim porque eu não gostava... agora não, mas quando eu era menor sim. Agora se tem que apresentar algum trabalho, alguma coisa, eu não tenho mais vergonha, mas antes eu não gostava. [...] Mas aí quanto mais eu fui fazendo (o reconto), mais eu fui melhorando, eu acho que isso me ajudou.

6. Alguma história foi marcante para você? Se sim, qual história? Por quê?

Eu acho que uma vez eu contei Chapeuzinho Vermelho, pelo que eu me lembro... E foi fácil, mesmo com vergonha... A professora sempre dava uma ajuda... se você esquecia uma parte, alguma coisa.

7. Qual matéria/disciplina você mais gosta? Por quê?

História... ah porque eu gosto de ver as coisas que já aconteceram, mas cálculo, essas coisas eu não gosto muito, por isso que eu gosto mais de História.

8. Gosta de ler? Se sim, diga o que você gosta de ler?

Sim, eu gosto de romance... Eu pego livro na biblioteca, não muito, mas pego... Eu leio outros também... de terror eu gosto, de gibi quando eu era menor eu gostava bastante também.

9. Gosta de escrever? Se sim, tem preferência por escrever qual tipo de texto? (Histórias, poesias, textos informativos, piadas, quadrinhos, músicas, etc).

Gosto. Eu gosto de inventar... histórias... fábulas, crônicas, essas coisas... Eu gosto, não tenho dificuldade não.

10. Você acha que a leitura é importante? Para quê? Por quê?

É sim... eu acho que se você lê, você vai escrever melhor, você vai entender melhor, por isso que eu acho importante. Se você vai fazer alguma prova, alguma coisa que tem que interpretar, eu acho que a leitura é muito boa pra isso... Eu acho que fica mais difícil pra pessoa fazer essas coisas se ela não lê... nada.

(Mãe) Nome: Érica

Idade: 44 anos

Escolarização: Ensino Superior

Profissão: Professora

Número de filhos: 3

1. Você gostava de estudar? Justifique.

Eu sempre gostei de estudar. Eu tinha muita curiosidade em cada vez saber mais, eu sempre gostei de ler, pra mim o estudo nunca foi uma dificuldade e sim um prazer.

2. Em sua opinião, “ter estudo” nos dias de hoje é importante? Por quê?

É importantíssimo. Se a pessoa não tiver estudo, em primeiro lugar ela não terá oportunidade de realização financeira, eu acho que nem realização pessoal ela vai conseguir. Na minha opinião, uma pessoa sem estudo não tem visão de mundo, ela não tem nada, então como ela pode se realizar? Não só a parte financeira, mas eu acho que o estudo pra uma pessoa é o complemento da vida, não tem como não ter estudo.

3. Você incentiva sua filha a estudar? O que você fala para ela a esse respeito?

Ah demais! Eu sempre falo: “Vocês têm que estudar, tem que cada vez querer mais no estudo...”. Mas eu nunca tive dificuldades com nenhuma das três (filhas) em relação a isso. Nunca fiquei assim: “Olha vai ter prova, você tem que estudar!” ou “Você tá aí sem fazer nada, vai pegar um livro, vai ler!”, elas mesmas estudam sozinhas, eu não tenho que ficar cobrando nenhuma das três. Elas caminham sozinhas.

4. Gosta de ler? O que você costuma ler em seu dia-a-dia ou em suas horas de lazer?

Gosto. Então, no meu dia-a-dia, nesse momento, como eu estou fazendo minha pós-graduação, eu tenho lido textos que envolvem após, que é sobre alfabetização, então tudo ligado à alfabetização eu tô lendo. [...] Como eu sou evangélica, então a Bíblia é uma leitura que a gente faz diária... e qualquer outro livro que eu tenho oportunidade, um tempo pra ler, eu tô lendo. Eu gosto muito de ler.

5. Você se lembra de ter contado alguma história para sua filha durante o tempo em que ela estudou na EMEI?

6. Se sim, como era esse momento?

Ah sim, lembro. A Eloísa gostava muito de histórias, então era um momento gostoso de ler pra ela... tudo quanto era história, então você lia uma vez, lia duas, três, quatro vezes a mesma história... Quando era pequena, ela gostava de gibi, ela sempre perguntava: “O que tá escrito aqui?”, aí eu lia os quadrinhos e ela ia vendo as imagens...

7. Você acha que ouvir histórias é importante para uma criança? Por quê? Pra quê?

Eu acho... porque você vai aguçar a imaginação da criança [...] quando ela pede pra você contar várias vezes, alguma coisa naquela história ela quer entender ou que ela quer vivenciar, então por isso de você ficar contando várias vezes, várias vezes [...] até que chega um momento que passa, aí já muda para uma outra história, então eu acredito que seja uma identificação com aquele momento que a criança esteja vivendo ou alguma coisa que ela esteja passando e que ela quer entender... Eu acho muito importante... a fantasia, o que ela vai vivenciar, imaginar, porque quando você está lendo uma história pra criança, muitas vezes você olha no olhinho dela e parece que ela não está ali naquele momento, ela já está em outro lugar, já está imaginando... parece que ela se desprende naquele momento... imaginando a casinha da Chapeuzinho Vermelho, a floresta, o lobo mau... eu acho fascinante esse momento da história!

8. Em sua opinião, a quem pertence o papel de contar histórias para a criança?

Eu acho que é dos dois (família e escola), na minha opinião. Eu acho que da família porque é impossível uma mãe que nunca contou uma história para um filho, mesmo que seja o livrinho mais pobre que exista, ela não ter passado esse momento de ler ou de contar uma história pra criança... e do professor também, porque o professor que não pratica isso, que não conta histórias para uma criança... é impossível, então eu acho que é dos dois, tanto da mãe como do professor.

9. Como você vê o trabalho com contação de histórias realizado nas EMEIs de Matão? Conhece esse trabalho?

Claro que sim! (Risos) Eu vejo que é um momento fascinante na sala de aula e esse momento tem que acontecer, porque quando vai criando esse hábito na classe, as próprias crianças já esperam aquele momento, então eles já conhecem... Agora falando como professora... todo dia você chega, faz a roda e conta história, aí um dia acontece alguma coisa e não dá pra fazer naquele momento e eles ficam assim: “Professora, você esqueceu da história?”, “E a história?”, “Não, hoje vai ser um pouco diferente, mas até o final da aula eu conto”, então eles esperam aquele momento, é uma coisa assim tão natural, e tem que acontecer e acontece... Você falou do Conto-Reconto, eu acho isso uma coisa muito importante, as crianças da minha sala já sabem, então eles falam: “Quem vai levar o livrinho essa semana?”, “Ah, mas não vai chegar a minha vez logo?”, eles esperam com ansiedade e por enquanto, na minha sala, não teve esse problema da criança eu acho que é muito importante! Agora eu nem sei mais se eu tô falando como mãe ou como professora... (risos).

10. Você participa da vida escolar de sua filha? (Reuniões, palestras, eventos, etc). Com que frequência?

A única coisa que eu sinto é isso, porque se tem reunião e eu estou em horário de aula, eu não tenho como sair, eu até explico pra elas... normalmente...elas estudam de manhã e eu dou aula de manhã também, então não dá...mas é assim, quando eu posso, eu vou até as professoras e pergunto se está tudo bem ou se elas estão com alguma dificuldade, então mesmo que não seja o dia da reunião, eu vou, eu nunca deixei passar.

11. Acha importante a participação dos pais nas decisões tomadas na escola? Esclareça.

Ai demais, sem a participação dos pais eu acho que não funciona, tem que ter a participação dos pais... Eu acho que se a família não tiver um vínculo com a escola, não participar, a criança não vai render... a família tem que estar interagindo ali com a escola, senão, na minha opinião, não funciona.

12. Como você acha que deve ser a relação entre a escola e a família?

Eu acho que tem que ser assim, a família tem que participar na escola em tudo e não simplesmente em reunião de pais, ela tem que participar da vida do filho na fase da escola, ela tem que ir na escola... E quando o filho chega e conta alguma coisa que aconteceu na escola, eu acho que a mãe tem que ouvir o que o filho fala sim e também ir na escola pra saber realmente o que aconteceu... e estar nesse diálogo pra saber os dois lados. Eu acho que de outra forma não funciona... Tem que caminhar juntos.

(Filha) Nome: Carla

Idade: 16 anos

Série em que estuda: 1º Ano do Ensino Médio

Escola atual: Escola Municipal Adelino Bordignon

EMEI em que estudou: EMEI Profª Verônica Dropello

Quantidade de anos na EMEI: Jardim II e Pré-escola

Professora do pré: Helena

1. O que você mais gostava de fazer quando estudava na EMEI? Sente saudades de algo ou alguém? Por quê?

Na época... brincar com os meus amigos, tinha aqueles joguinhos da escola, perna de pau... A gente tinha aquelas aulas de pintura que criança gosta, juntavam aquelas mesonas que tinham na EMEI, de cinco alunos em cada uma, aí todo mundo pegava lápis e virava aquela festa toda... eu gostava.

2. Você gosta de ouvir histórias? Por quê?

Eu gosto. Desde que seja uma história interessante, isso é o que me faz gostar, senão eu não quero mais ouvir, quero sair dali... porque tem isso, tem que ter o interesse naquilo que tá falando.

3. Você se lembra de sua professora da EMEI lhe contando histórias? Quando isso acontecia, como era esse momento para você?

Da professora do pré não. Era a professora do Jardim. Eu prestava atenção por ser o primeiro ano na escola, tudo era muito novo, eu ficava ligada, qualquer coisinha eu tinha que saber, eu ficava no meio... acho que era isso... que eu lembro.

4. Lembra-se da atividade do conto-reconto? Chegou a participar?

Não, eu nunca fiz. Se eu tivesse participado, eu lembraria.

5. Gostava de recontar as histórias ouvidas aos seus colegas? Como você se sentia?

Eu não fiz essa atividade.

6. Alguma história foi marcante para você? Se sim, qual história? Por quê?

Eu não me lembro de nenhum, pra falar a verdade, de nenhuma história e nenhum personagem... que marcou assim, não. [...] Quando tinha algum professor contando história, que não era sempre, eu prestava atenção, mas não teve nada de: “Nossa, eu nunca mais vou esquecer daquela história!”, entende?

7. Qual matéria/disciplina você mais gosta? Por quê?

Eu gosto de Português, de Literatura e, apesar de não me dar muito bem, eu gosto de Geometria, eu acho interessante... Literatura eu gosto porque a professora sempre dá dicas de livros, ultimamente eu tenho gostado de ler livros que ela comentou na sala e português, já é mais gramática, interpretação, eu gosto disso.

8. Gosta de ler? Se sim, diga o que você gosta de ler?

Gosto. Eu acho que é uma coisa que vai me ajudar... são palavras que tem no livro que você acaba aprendendo... pra se comunicar, interessante mesmo porque às vezes acalma um pouco, você sai da frente do computador, vai ler um pouco, mais tranquilo... eu acho bacana. [...] Eu li Os Lusíadas, aí a professora comentou que era interessante pra quem tivesse vontade. A menina que roubava livros, o autor é um alemão... eu tô lendo ainda... depois que eu acabar esse, eu vou ver o que eu tô a fim de ler...

9. Gosta de escrever? Se sim, tem preferência por escrever qual tipo de texto? (Histórias, poesias, textos informativos, piadas, quadrinhos, músicas, etc).

Depende, por exemplo, se você pedir pra eu escrever uma poesia não vai dar muito certo, entendeu? Mas, eu gosto, já tentei escrever alguma coisa no computador, às vezes de madrugada, quando você não tem nada pra fazer, mas falar que saiu grandes coisas, que eu sempre tô a fim de escrever, não... Eu comecei, há um tempo atrás, a inventar uma história, aí foi, tava uma história legal, de uma menininha, aí depois eu parei... Mas já aconteceu de escrever poesia em casa, escrever textinhos... de sentimentos, de amor, essas coisas assim, que eu acho legal pra escrever, que tem bastante opção, mas não é nada de muito exuberante.

10. Você acha que a leitura é importante? Para quê? Por quê?

Eu acho. Depois que você lê um livro, você sempre lembra de uma frase, algum trecho do livro, uma palavra diferente que é sempre bom, quando você tá falando com alguém, falar aquela palavra bonita... ah é muito chique isso! Você se abre pra novas coisas. É legal quando alguém pergunta: “Você já leu determinado livro?”, e você fala: “Eu já li” e aí poder discutir sobre ele, isso é que é legal do livro... Eu me sinto mal quando duas amigas estão falando sobre um livro e eu não li, eu me sinto meio que sobrando... é chato isso, eu não gosto.

(Mãe) Nome: Cíntia

Idade: 41 anos

Escolarização: Ensino Médio

Profissão: Auxiliar Administrativo

Número de filhos: 2

1. Você gostava de estudar? Justifique.

Eu gostava, adorava ir pra escola, sempre gostei. Eu ainda sou apaixonada por aprender, até hoje. Eu só dei trabalho na primeira série por causa de conversa, até um dia a minha mãe foi chamada por conversa, mas foi só.

2. Em sua opinião, “ter estudo” nos dias de hoje é importante? Por quê?

É tudo, é o começo de tudo. Pra realização de sonhos, pra ser uma pessoa respeitada, pra ter a sua posição, a sua opinião respeitada, senão quem... hoje em dia... imagina... não existe... é inadmissível imaginar que uma pessoa hoje não tenha nem o Ensino Médio, até um tempo atrás se falava que o mínimo, o básico era o Ensino Fundamental, hoje não mais... Pra você ter uma noção das coisas, noção de espaço, noção política, dos seus direitos, cair a ficha de todos os seus deveres, como pessoa, como cidadão, como pai de família... é fundamental... tudo.

3. Você incentiva sua filha a estudar? O que você fala para ela a esse respeito?

Totalmente. O mundo hoje é muito consumista... todo mundo quer sempre o melhor, existe uma oferta muito grande de tudo o que é bom, então se quer, vai ter que ralar, que trabalhar, vai ter que estudar muito pra ter uma profissão e ser bem remunerado, senão você vai trabalhar vinte e cinco dias por mês no sol e não vai ter nada, então... estudar muito, ter uma boa profissão, procurar ser feliz naquilo que você faz e tirar desse trabalho a tua realização, buscar os seus sonhos... tem que trabalhar pra ganhar bem e, hoje em dia, ganhar bem significa formação profissional.

4. Gosta de ler? O que você costuma ler em seu dia-a-dia ou em suas horas de lazer?

Gosto... já tive mais tempo pra isso, mas gosto. Eu gosto de ler manchete, porque é uma forma de eu estar ligeiramente atenta com as coisas, sem ter que me dedicar muito tempo lendo sobre um assunto só, então folhear um jornal, eu já dei uma pincelada em tudo o que tá ali, não me aprofundi, não li tudo, mas pra ser sincera é isso, eu só leio manchete, não tenho tempo pra muito mais.

5. Você se lembra de ter contado alguma história para sua filha durante o tempo em que ela estudou na EMEI?

6. Se sim, como era esse momento?

Esse livro da escola, que ia pro pai ler, eu não lembro. Se alguma vez tivessem mandado, eu provavelmente me lembraria. Mas eu sempre inventei histórias pra ela. Eu tenho até hoje um bonequinho de mão, um fantoche, que eu usava pra brincar com a Carla, pra contar algumas histórias que eu inventava... Ela via que era a minha mão, mas ela acreditava tanto naquele bonequinho, que eu fazia perguntas de como vai, tudo bem... e ela respondia, parece que aquilo deixava ela encantada... Aquele momento era de uma interação muito grande, ela olhava para aquele bonequinho com ternura, porque ela acreditava naquilo.

7. Você acha que ouvir histórias é importante para uma criança? Por quê? Pra quê?

É importante no sentido de instigar a imaginação da criança, porque o que você contar, ela vai estar imaginando, é como se ela estivesse montando na cabeça dela aquela cena, então você vai relatando, descrevendo ambientes, roupas e ela vai imaginando como é aquilo. E a criança entende que naquele momento, seja quem for que estiver contando uma história pra ela, a criança sabe que aquele tempo está sendo dedicado a ela e isso é importante, porque: “Eu parei o que eu estava fazendo e eu tô aqui com você!”, então ela se sente importante, ela vê a importância que ela tem... não só pelo desenvolvimento da imaginação, mas naquele momento ela se sente amada, se sente importante, é uma troca muito boa.

8. Em sua opinião, a quem pertence o papel de contar histórias para a criança?

É daquele que estiver mais próximo da criança, para aquele que for mais fácil. É lógico que hoje em dia, como a vida anda muito corrida, principalmente pra mulher que trabalha fora, que é dona de casa, muitas delas sustentam a casa com o seu trabalho, não no meu caso, então nem sempre isso é possível, às vezes numa conversa, na escola, um vizinho, o avô, a mãe, de onde vier, sempre vai ser bom, desde que seja uma história do interesse daquela criança. A responsabilidade não é de um só, mas é importante que aconteça, seja dentro de casa, na escola, sempre vai ser bom porque a mente está em formação, a criança está pedindo pra alguém cuidar dela, ela precisa ser guiada, então de qualquer lado que venha, sempre vai ser bem vindo.

9. Como você vê o trabalho com contação de histórias realizado nas EMEIs de Matão? Conhece esse trabalho?

É muito bom, eu acho que esse trabalho é perfeito. Eu sei que foram comprados muitos livros para as escolas, então a ideia de levar a criança até a biblioteca pra que ela escolha o livro que quer ler, ela vai aprender a ter cuidado com aquilo que não é dela, mas sim de todos, vai ter responsabilidade, além da questão do trabalho com a leitura, então isso tá sendo muito importante.

10. Você participa da vida escolar de sua filha? (Reuniões, palestras, eventos, etc). Com que frequência?

Agora como funcionária de escola é lógico que é diferente, mas antes de trabalhar, eu sempre fui em toda reunião de pais, sempre ajudei a organizar as festinhas, na EMEI nossa, não sei em que festinha que foi, acho que era do final do ano, eu e o meu marido ficamos o sábado inteiro ajudando a montar o palco onde as crianças iam dançar, cantar, eu sempre participei de tudo o que foi possível, agora como mãe e funcionária de escola é diferente porque eu não preciso esperar a reunião bimestral pra ter contato com as professoras, então eu sempre pergunto como ela está, se tem algum problema, além disso, eu digito o boletim dela (risos), eu não preciso vir na reunião de pais porque sou eu que monto a pauta da reunião, mas o fato de eu não vir não significa que eu não estou participando, pelo contrário, eu venho participando desde o início... e eu estou sempre conversando com as professoras, às vezes eu fico sabendo da nota da Andressa antes dela, mas eu deixo que a professora fale pra ela, eu não quero interferir nisso.

11. Acha importante a participação dos pais nas decisões tomadas na escola? Esclareça.

Sim porque isso tudo vai refletir na criança, desde a organização de uma festa ou como vai ser feita determinada coisa, porque é pra criança, tudo que é feito na EMEI é pra criança, eu me lembro que na época da Carla teve uma mudança na merenda, começaram a servir umas coisas bem diferentes, então teve uma reunião sobre isso e pediram pra gente ir consultando a criança em casa, como ela entendia essas mudanças na merendinha dela, então foi importante a nossa participação como pais porque aquilo refletia diretamente pra ela...

12. Como você acha que deve ser a relação entre a escola e a família?

É uma questão cultural... e tem a tendência de melhorar, eu acho que lentamente, mas vai melhorar... muitos pais vem a escola como aquele incômodo, que tá sempre ligando, sempre mandando bilhetinho: “Ai de novo bilhete da escola!”, “Ai de novo tem que ir lá!”... mas acho que é uma questão cultural, eles não dão o valor devido por uma questão cultural... Eles não sabem a importância da escola... acho que a médio e longo prazo isso deve melhorar bastante porque da minha época de escola pra época da minha filha, por exemplo, já tem muita diferença...pelo lado cultural sim..., mas a correria da vida também aumentou e isso faz com que, por uma questão de comodismo, muitas vezes, o pai vê a escola como um empecilho, aquela que tá ali pra incomodar...a escola acaba sendo um peso pro pai, quando na verdade é o inverso, a escola tem que remar contra a maré, você como professora deve saber disso, o que a escola faz em meio período de aula, a mãe e o pai fazem em casa com dez minutos, muitas vezes a criança vem pra escola porque na escola ela é importante, na escola ela se sente respeitada, na escola... a individualidade dela às vezes é mais respeitada do que dentro de casa onde ela é só filha, aqui ela divide a sala com mais vinte e cinco, em casa ela divide com um, dois irmãos, mesmo assim ela não tem espaço, então é mais ou menos por aí que eu vejo... muitos pais acham que a escola tem que educar, mas escola não educa, quem tem que educar é pai e mãe, a escola pega a criança num ponto onde ou ela já está educada ou está totalmente deseducada, os valores já se foram, aí é muito difícil reverter, o que o pai e a mãe fizeram até os cinco, seis anos, a escola dificilmente desfaz, não tem como...por isso, espera-se que os pais façam a parte deles da melhor forma possível.

(Filho) Nome: Danilo

Idade: 15 anos

Série em que estuda: 1º Ano do Ensino Médio

Escola atual: Escola Municipal Adelino Bordignon

EMEI em que estudou: EMEI Profª Maria Amélia Ortiz Gandini

Quantidade de anos na EMEI: Jardim I, Jardim II e Pré-escola

Professora do pré: Aparecida

1. O que você mais gostava de fazer quando estudava na EMEI? Sente saudades de algo ou alguém? Por quê?

Na época da EMEI eu gostava mais de brincar porque eu era mais bagunceiro na sala de aula, é isso. Pelo que eu me lembro eu gostava de ir no parquinho, ficar no balanço, eu gostava mais dessa parte... Eu gostava muito da minha professora do pré, saudades mesmo só dela, os amigos eu não lembro muito quais eram, saudades dela, ela me tratava muito bem.

2. Você gosta de ouvir histórias? Por quê?

Histórias? Não, eu nunca fui muito de ouvir histórias, a minha mãe não contava histórias quando eu ia dormir, nem meu pai, então eu não peguei o hábito... Não gosto, mas se chega alguém pra contar, a gente escuta, mas não é aquela coisa: “Conta uma história, conta uma história!”.

3. Você se lembra de sua professora da EMEI lhe contando histórias? Quando isso acontecia, como era esse momento para você?

Eu lembro que ela lia uns livros sim, ela lia, eu lembro. Eu não lembro se eu ficava conversando ou prestando atenção, eu lembro que ela lia pra classe toda, mas o meu comportamento, se eu gostava, eu não lembro.

4. Lembra-se da atividade do conto-reconto? Chegou a participar?

Eu lembro sim, ela mandava, pegava o livro lá, ia em casa, tinha que ler o livro e chegava na escola tinha que contar pra classe toda ou pelo menos falar um resumo do livro, eu lembro dessa atividade sim. Eu participei.

5. Gostava de recontar as histórias ouvidas aos seus colegas? Como você se sentia?

Ah não, porque eu sempre fui muito tímido, então chegava na hora lá na frente, sei lá, não dava aquele prazer de contar história pra todo mundo, eu sempre fui mais tímido, então, por mim, se deixasse passar era melhor... Mas eu fiz numa boa, apesar da vergonha, eu contava.

6. Alguma história foi marcante para você? Se sim, qual história? Por quê?

Olha eu não lembro nada que tenha marcado assim. O único herói que eu lembro era um Gigante que tinha numa música que a gente cantava muito, agora de contar história assim, algum personagem, eu não lembro.

7. Qual matéria/disciplina você mais gosta? Por quê?

Matemática porque pra mim é aquela matéria que dá menos sono, é diferente, você tá lá em português, história, a professora fica falando, falando, dá vontade de dormir, aí chega matemática, passa aquele desafio, você tem que pensar, não só matemática..., mas física, química, biologia, eu tô gostando, pra mim essas quatro matérias é que me interessam mais.

8. Gosta de ler? Se sim, diga o que você gosta de ler?

Ler? Eu não sou aquele fanático, viu! Se for por conta própria eu leio muito pouco, mas quando é uma obrigação que a professora pede pra ler porque depois tem que fazer uma prova, tem que ler, aí não tem jeito... Esse ano eu li Os Lusíadas, que é de uma relação de livros pra faculdade, li O auto da barca do inferno e tem um outro livro que eu vou começar a ler depois das férias que é Iracema. [...] Eu lembro que, quando eu era pequeno, eu lia bastante gibi, eu gostava, eu tinha bastante, mas agora eu perdi o hábito.

9. Gosta de escrever? Se sim, tem preferência por escrever qual tipo de texto? (Histórias, poesias, textos informativos, piadas, quadrinhos, músicas, etc).

Eu gosto. Mas escrever na escola, em casa não. Mas quando pede pra fazer uma redação, eu gosto, eu faço com carinho, certinho, não vou escrever de qualquer jeito, eu gosto sim.

10. Você acha que a leitura é importante? Para quê? Por quê?

Ah com certeza é muito importante. A leitura desenvolve muito o vocabulário da pessoa, se você comparar uma pessoa que quase não lê livro, com aquela que lê muitos livros, ela tem uma quantidade muito maior de palavras que ela pode usar pra falar, pra escrever alguma coisa, então ela tem um ganho muito grande com isso, no vocabulário... Não sei, se for no caso de uma criança, a imaginação desenvolve muito a mente... Para um adulto mais conhecimento, no caso de leitura de jornal, revista, uma atualização de como o mundo está hoje, uma coisa assim.

(Mãe) Nome: Dulce

Idade: 40 anos

Escolarização: Ensino Médio

Profissão: Auxiliar de Desenvolvimento Infantil (Educadora de Creche)

Número de filhos: 2

1. Você gostava de estudar? Justifique.

Gostava, eu sempre gostei de aprender. Eu nunca fui a primeira da classe, mas nunca fiquei de recuperação, então eu tinha muita vontade. Meu pai viajava, minha mãe não é alfabetizada, então eu me virava sozinha em casa... eu aproveitava bem a escola.

2. Em sua opinião, “ter estudo” nos dias de hoje é importante? Por quê?

Muito, a pessoa sem estudo não é ninguém... Hoje em dia é difícil conseguir emprego sem estudo, a concorrência é muito grande, então não basta só estudar, tem que ser melhor em tudo, porque se tem um concurso você tem que ser o melhor pra conseguir os primeiros lugares, pra passar na faculdade pública você tem que ser o melhor pra conseguir uma vaga, então a gente tem que fazer isso com amor mesmo.

3. Você incentiva seu filho a estudar? O que você fala para ele a esse respeito?

Sim, muito. Eu digo que o estudo é uma coisa que ninguém vai tirar dele. O Danilo sempre estudou em escola pública, mas não é impossível passar numa faculdade, ele tendo vontade... tudo através do estudo, muito esforço... pra conseguir ser alguém na vida.

4. Gosta de ler? O que você costuma ler em seu dia-a-dia ou em suas horas de lazer?

Então... não. A desculpa é que não tem tempo, essa correria da vida, é cuidar de casa, trabalhar fora, ser consultora de uma empresa de cosméticos, acaba não tendo tempo pra ler, fica difícil... Ah revista sim, algum jornal, assim um livro ou outro eu li, um livro... “O Evangelho...”, ah eu esqueci o nome do livro, li um outro do César Romão...também, mas é muito raro, não é uma coisa que eu faço com frequência.

5. Você se lembra de ter contado alguma história para seu filho durante o tempo em que ele estudou na EMEI?

6. Se sim, como era esse momento?

Já contei histórias pra ele, mas foi mais o meu marido. Eu não sei se o Danilo lembra, mas na hora de dormir era o meu marido que contava histórias, que rezava, geralmente era mais ele. Eu chegava em casa, cuidava da janta, ele dava banho, na hora de dormir contava histórias, cantava...

7. Você acha que ouvir histórias é importante para uma criança? Por quê? Pra quê?

Muito importante porque quando é criança... a imaginação, ela sonha e ajuda no vocabulário, desenvolve... tudo. A leitura é importantíssima para o ser humano.

8. Em sua opinião, a quem pertence o papel de contar histórias para a criança?

Quem tem que incentivar, desde bebê é a família, aí a escola dá continuidade. É muito importante, eu achava legal esse negócio de levar a pastinha desde o maternal, a criança ficava toda feliz com a pastinha de historinha, embora ela não conseguia falar muito da história porque era muito pequenininha, mas eles gostavam sim.

9. Como você vê o trabalho com contação de histórias realizado nas EMEIs de Matão? Conhece esse trabalho?

Conheço esse trabalho. Excelente... nossa ótimo. Tem livros maravilhosos, é uma riqueza muito grande, as crianças podem aproveitar até mais.

10. Você participa da vida escolar de seu filho? (Reuniões, palestras, eventos, etc). Com que frequência?

Sempre, ou eu ou o meu marido, é muito importante, eu nunca deixei de ir porque eu acho que primeiramente o interesse é todo nosso, sem contar a importância pra criança, dos pais participarem... O meu marido comenta, ele acha tão importante que ele fala que deveria ter reunião na faculdade...ele acha importante acompanhar de perto, ver o que os professores tem pra falar do aluno, se tem alguma coisa pra corrigir... então é uma maneira da gente estar ali, saber dos nossos filhos...

11. Acha importante a participação dos pais nas decisões tomadas na escola? Esclareça.

É muito importante, embora eu não participo de Conselho, essas coisas, mas eu vou em reunião quando tem, gosto de saber do meu filho, mas eu acho importante os pais estarem bem perto, bem próximos mesmo da escola, eu acho que a escola tem que estar aberta... não tem nada pra esconder... então essa abertura que as escolas daqui deram para os pais é ótimo, até pra aceitar as críticas construtivas, sugestões, isso é uma coisa ótima, eu achei que valeu a pena.

12. Como você acha que deve ser a relação entre a escola e a família?

Como eu disse que aconteceu na creche, é uma coisa aberta mesmo, para os pais estarem acompanhando, pra poder ver o que está acontecendo... ah é isso, a escola aberta pra família. Mas só que tem pais que não tem consciência disso, acha que é muito trabalho, nem na reunião vai... então tem pessoas que não se interessam, agora o que fazer pra motivar os pais, eu não sei o que poderia ser feito.

(Filha) Nome: Gabriela

Idade: 15 anos

Série em que estuda: 1º Ano do Ensino Médio

Escola atual: ETEC – Centro Paula Souza

EMEI em que estudou: EMEI Profª Maria Amélia Ortiz Gandini

Quantidade de anos na EMEI: Jardim I, Jardim II e Pré-escola

Professora do pré: Fátima

- 1. O que você mais gostava de fazer quando estudava na EMEI? Sente saudades de algo ou alguém? Por quê?**

Ir no parquinho, de fazer desenho com giz, com tinta, brincar também lá na grama, era gostoso, nossa... eu amava. Saudades dos amiguinhos, da professora...

- 2. Você gosta de ouvir histórias? Por quê?**

Ah mais ou menos. Depende da história, se for bem interessante pode contar quanto for que eu escuto, agora se for uma história que não tem sentido, aí não prende.

- 3. Você se lembra de sua professora da EMEI lhe contando histórias? Quando isso acontecia, como era esse momento para você?**

Eu não lembro. [...] Ah... da professora... de contar a historinha que ela lia num livro sim.

- 4. Lembra-se da atividade do Conto-Reconto? Chegou a participar?**

Eu não lembro... eu lembro da pastinha que tinha um livrinho de história... mas eu não consigo lembrar dessa atividade, nem de ter participado disso.

- 5. Gostava de recontar as histórias ouvidas aos seus colegas? Como você se sentia?**

Eu não me lembro.

- 6. Alguma história foi marcante para você? Se sim, qual história? Por quê?**

A minha mãe me contava histórias aqui em casa... eu gostava mais da Chapeuzinho Vermelho, eu gosto até hoje da historinha, que ela vai lá no meio do mato levar coisas pra vovó... Eu gostava porque... tinha maldade, mas não era igual das bruxas, aquilo... a história era mais legal.

- 7. Qual matéria/disciplina você mais gosta? Por quê?**

Matemática, ah eu gosto de número. De português eu não gosto e nem vou bem.

8. Gosta de ler? Se sim, diga o que você gosta de ler?

Não gosto muito. Só leio quando tem que ler na escola, quando tem que ler eu leio, mas não gosto. Já tentei pegar o livro, mas não consegui nem terminar, foi até a página cinquenta, não consegui mais ler, a história era legal, mas eu não consigo fixar naquilo. [...] agora no segundo semestre, a professora vai pedir pra ler alguns livros, aí eu vou ter que ler, aí eu vou ler inteiro. [...] Ah eu gosto de ler poesia, eu gosto... eu já li muitos livros de poesia.

9. Gosta de escrever? Se sim, tem preferência por escrever qual tipo de texto? (Histórias, poesias, textos informativos, piadas, quadrinhos, músicas, etc).

Um pouco. Geralmente eu escrevo na escola, mas eu não gosto de redação. [...] Eu faço, quando a professora fala que tem que fazer redação, ela dá o tema e eu fico pensando: “O que eu vou fazer?”, aí até a minha mãe me ajuda, ela é boa em redação. [...] Em casa eu gosto de escrever letra de música, eu escuto no rádio, quando eu tô cantando, aí eu começo a escrever a música, eu gosto.

10. Você acha que a leitura é importante? Para quê? Por quê?

É muito importante, eu acho que a leitura é tudo. Com a leitura você pode ir muito longe, porque sem leitura você não vai em lugar nenhum, não. Eu acho assim... você lê pra tudo, você vai fazer alguma coisa, tem que ler, além de ler, tem que saber escrever também. Então se não saber fazer isso, você não vai conseguir arrumar serviço, não vai poder conversar com as pessoas, como é que você vai falar de uma coisa que você não sabe? Então não tem jeito, eu acho que a leitura é tudo e tem que começar desde pequenininho.

(Mãe) Nome: Gisela

Idade: 38 anos

Escolarização: Ensino Fundamental

Profissão: Auxiliar de Serviços Gerais

Número de filhos: 2

1. Você gostava de estudar? Justifique.

Eu adorava, adorava, se eu pudesse não teria parado. Sabe, foi meio na marra, eu fiz a quinta série, aí minha mãe ficou doente, meu irmão quis que eu saísse da escola pra cuidar da casa, aí fiquei sem estudar. Chorei muito porque não podia estudar, aí quando a minha mãe deu uma melhoradinha, eu fiz a cabeça dela pra fazer a sexta série e eu fiz. Então eu tive que parar de novo porque eu comecei a trabalhar. Aí por minha vontade eu comecei a estudar a noite, fiz a sétima e a oitava série a noite, foi assim que eu terminei, meio na marra. Eu sempre gostei e não era porque a família cobrava, exigia que tinha que ir, naquela época, se bobeasse, você nem ia, porque minha mãe era muito doente e eu tinha que ajudar em casa, eu fui mesmo por minha opinião e só não continuei porque não deu.

2. Em sua opinião, “ter estudo” nos dias de hoje é importante? Por quê?

Nossa é tudo! É o único recurso que você tem pra mudar sua vida. Hoje você tem uma situação financeira mais ou menos, se você quer melhorar, eu acho que é só através do estudo. Você estudando, buscando a profissão que você quer, que te interessa pra melhorar, é só através disso, não tem outro meio.

3. Você incentiva sua filha a estudar? O que você fala para ela a esse respeito?

Incentivo, se fosse por mim, ela seria a aluna dez na sala de aula porque eu cobro, eu exijo, insisto, mas você tem que concordar que vai muito da pessoa, vai muito do aluno, quando não quer, não adianta. Eu falo pra ela todo ano: “Gabriela nós vamos comprar o material, você pode comprar o que você quiser, em matéria de estudo, eu não quero que falte nada, o que precisar pra estudar, você vai ter, só que eu quero retorno. Porque você só faz isso, você só estuda, eu exijo o melhor estudo seu, não pode ser mais ou menos, tem que ser o melhor!”. Porque ela está ali só pra fazer isso, então tem que se empenhar pra aproveitar tudo o que é falado, só que não é sempre que isso acontece.

4. Gosta de ler? O que você costuma ler em seu dia-a-dia ou em suas horas de lazer?

Eu gosto de ler, mas eu tenho um probleminha (risos), eu não enxergo! De uns tempos pra cá, eu estou com um problema de visão, agora que o meu óculos ficou pronto, mas eu estava evitando ler porque era uma tortura, toda vez que eu ia ler, eu ficava nervosa porque não enxergava, mas eu gosto sim. Eu gosto de ler revista em geral, tudo que é fofoca, novela, eu gosto. Livro é muito difícil eu pegar pra ler, porque você lê, aí quando vai ter outro tempo pra ler, às vezes você já esqueceu o que você leu, você tem que voltar algumas páginas pra lembrar, então é difícil eu pegar livro. Eu lia muito livro quando eu estudava, agora assim é difícil, mas eu gosto de ler bastante revista, jornal.

5. Você se lembra de ter contado alguma história para sua filha durante o tempo em que ela estudou na EMEI?

6. Se sim, como era esse momento?

Eu lembro que veio a pastinha com o livrinho de história, só que eu não lembro muito bem a história, mas eu lembro de ter contado sim. Ela trazia a pastinha e no outro dia levava, era tipo uma continuação do trabalho de sala de aula... Era assim, de segunda a sexta aquela correria, era trabalho, casa, trabalho, casa, então eu via que era um tempinho que a gente tinha nosso, no final de semana, porque eu acho que se não fosse essa historinha, talvez ia passar em branco, eu não ia parar pra falar: “Vem cá que eu vou te contar uma historinha.”, então aquela pastinha com aquele livrinho fazia o momento, porque ela tinha que levar na segunda-feira, então, de um jeito ou de outro, eu tinha que ler e quando não tinha pastinha, às vezes passava batido, a gente nem lembrava de historinha. Então é importante, eu acho que é importante.

7. Você acha que ouvir histórias é importante para uma criança? Por quê? Pra quê?

É, é porque eu vejo a minha pequenininha, ela cobra da gente: “Ah eu quero historinha, eu quero historinha.” E ela já conta, o que ela ouve na escola, na creche ela conta, ela põe as bonequinhas dela todas na parede e começa a contar historinhas... Eu acho que desenvolve, até mesmo o ato da comunicação, vai desinibindo, eu acho muito importante.

8. Em sua opinião, a quem pertence o papel de contar histórias para a criança?

Eu acho que são os dois (família e escola), os dois porque é uma continuação. A gente erra muito, eu como mãe, como família, a gente vai deixando passar, deixando passar, só que não é certo, a gente tem que dar continuação e ela (apontando para a filha mais nova) até pede, tem o trabalho da creche, da escola, ela chega em casa e sente falta, ela quer que conta, então tem que ter.

9. Como você vê o trabalho com contação de histórias realizado nas EMEIs de Matão? Conhece esse trabalho?

Eu acho muito importante, eu acho que é o caminho certo, tá certíssimo. Porque a Giulia (filha mais nova) ouviu historinhas desde o berçário, então ela já aprendeu. A partir do momento que a criança do berçário vê pegar aquele tapetinho de contos, ela já sabe, já vão todos para o cantinho, é um tapete de histórias, eles não sentam, é só um símbolo, mas já sabem que é o momento da historinha... Eu acho que é muito importante, é um momento que eles ficam vidrados, sempre tem alguma coisa que chama a atenção deles, um livrinho diferente ou mesmo esse tapetinho que é diferente, eu acho importante sim.

10. Você participa da vida escolar de sua filha? (Reuniões, palestras, eventos, etc). Com que frequência?

Participo de tudo, vou fora de época de reunião conversar com professor, sempre que ela precisa chegar mais tarde na escola, eu acompanho ela na escola, dou satisfação, estou sempre lá, sempre presente.

11. Acha importante a participação dos pais nas decisões tomadas na escola? Esclareça.

Eu acho que é sim porque envolve os dois lados, envolve a escola e envolve a família, então eu acho que é justo a gente opinar, decidir, eu acho.

12. Como você acha que deve ser a relação entre a escola e a família?

Eu acho que da maneira como está a educação, a diretora está agindo, eu acho que tá certo, tem abertura para os pais irem lá terem informações do filho, a creche é aberta para os pais saberem o que o filho faz da hora em que chega até a hora em que vai embora, só que não tem muito interesse da parte dos pais, só que tem que ter alguma coisa pra despertar o interesse deles, porque até então são poucos que se interessam. Eu acho que é importante essa abertura da escola, o diálogo entre professor e pais, mas tem que ter a vontade dos pais.

(Filho) Nome: Fernando

Idade: 14 anos

Série em que estuda: 8ª Série

Escola atual: Escola Estadual Profª Chlorita Oliveira Penteado Martins

EMEI em que estudou: EMEI Profª Vera Gonçalves de Mattos

Quantidade de anos na EMEI: Jardim II e Pré-escola

Professora do pré: Dirce

- 1. O que você mais gostava de fazer quando estudava na EMEI? Sente saudades de algo ou alguém? Por quê?**

De brincar. A gente ia pro recreio e depois ia pro parquinho e ficava lá, isso era legal de fazer. Eu sinto saudades porque lá era mais simples, a gente não fazia nada perto de hoje, que o estudo ficou mais avançado.

- 2. Você gosta de ouvir histórias? Por quê?**

Eu gosto. Tem histórias que nos ensinam algumas coisas, a gente aprende mais sobre os estudos.

- 3. Você se lembra de sua professora da EMEI lhe contando histórias? Quando isso acontecia, como era esse momento para você?**

Lembro, era assim: a gente sentava no chão, ela sentava em uma cadeira e ia contando as histórias pra nós. Eu gostava, prestava atenção, mas não lembro de nenhuma personagem que eu gostava, se teve ou não teve, agora eu não lembro.

- 4. Lembra-se da atividade do Conto-Reconto? Chegou a participar?**

Então eu não lembro se eu fui escolhido, mas essa atividade tinha. Eu não lembro direito se eu participei.

- 5. Gostava de recontar as histórias ouvidas aos seus colegas? Como você se sentia?**

Eu não lembro se eu recontei histórias.

- 6. Alguma história foi marcante para você? Se sim, qual história? Por quê?**

A minha mãe e o meu pai me contavam histórias a noite, eu tinha uma coleção de livrinhos, mas não tem nenhuma que eu gostava mais assim.

- 7. Qual matéria/disciplina você mais gosta? Por quê?**

Matemática. Ah é gostoso fazer as contas.

- 8. Gosta de ler? Se sim, diga o que você gosta de ler?**

Pouco. Eu gosto de ler histórias, gibi, revista. A professora manda ir na biblioteca só se tiver algum trabalho, diariamente não... você vai pegar livro pra ler se você quiser... eu não vou muito não.

9. Gosta de escrever? Se sim, tem preferência por escrever qual tipo de texto? (Histórias, poesias, textos informativos, piadas, quadrinhos, músicas, etc).

Escrever tipo o quê? Ah quando não tem nada pra fazer, às vezes eu escrevo alguma coisa... às vezes eu digito no computador, eu invento histórias de ação, aventura, suspense, mas só pra passar tempo, depois eu apago.

10. Você acha que a leitura é importante? Para quê? Por quê?

Eu acho que é porque quem lê mais aprende mais, é bom até pra conversar, conversa direito, é muito bom... Ela pode ser útil também para o dia-a-dia da pessoa, você tá na faculdade? Então vamos supor, você lê um livro, aí o professor passa um trabalho e esse livro que você leu pode ser útil para o trabalho.

(Mãe) Nome: Fátima

Idade: 50 anos

Escolarização: Ensino Fundamental incompleto

Profissão: Dona de casa

Número de filhos: 2

1. Você gostava de estudar? Justifique.

Não. Não, por isso que hoje eu incentivo muito meus filhos a estudar porque eu sou uma pessoa arrependida. Se eu pudesse voltar atrás, o primeiro lugar que eu voltaria era pra dentro de uma escola, então por eu não gostar de estudar, eu não dei valor para aquilo.

2. Em sua opinião, “ter estudo” nos dias de hoje é importante? Por quê?

Sim e bastante, bastante! Eu falo pra eles, hoje eu poderia ser uma mulher formada e ter alguém que fizesse (o serviço da casa) pra mim, mas por eu não gostar da escola... e o meu pai tinha condições de dar o estudo pra nós, não foi falta do meu pai, ele fez até mais do que podia, mas como a gente não gostava, não teve interesse. Mas eu me arrependo muito, muito, muito e por isso hoje, eu incentivo muito meus filhos a estudar, o que precisar em matéria de estudo que eles pedirem, eu tiro de mim pra comprar porque eu quero estudar meus filhos, inclusive o outro já está no primeiro ano da faculdade em Araraquara, então eu incentivo muito meus filhos a estudar porque eu falo que o estudo é em primeiro lugar na vida da pessoa, se eu pudesse voltar atrás, eu voltaria a estudar.

3. Você incentiva seu filho a estudar? O que você fala para ele a esse respeito?

Eu incentivo os meus filhos a estudar porque o estudo está em primeiro lugar. Eu falo pra eles que tem que estudar, que o serviço mais pesado que eles fazem é levar o caderno, a bolsa da escola, que é pra prestar atenção na aula, não responder pra professor, porque o professor está lá pra ensinar, que ele já é estudado, ele já se formou, então ele está lá pra estudar eles, ensinar pra eles serem alguém na vida. E por isso, eles tem que ter amor ao estudo, tem que estudar com amor, prestar atenção na aula, não ficar com brincadeira e não faltar à toa, aqui eu só deixo mesmo faltar se estiver doente.

4. Gosta de ler? O que você costuma ler em seu dia-a-dia ou em suas horas de lazer?

Ah eu vou ser sincera com você, eu não sou de ler, acho que é por isso que eu não gostava de estudar porque eu não gosto de ler. Eu não tenho esse hábito de ler, não tenho vocação pra isso. Eu acho que é por isso que eu não consegui estudar, eu nunca me interessei por esse tipo de coisa.

5. Você se lembra de ter contado alguma história para seu filho durante o tempo em que ele estudou na EMEI?

6. Se sim, como era esse momento?

Eu lembro porque ele trazia livrinho e eu lia pra ele, eu contava, eu comprava porque até hoje ele tem livrinho de historinha guardado... Eu lia, depois eu perguntava se tinha entendido, aí ele pedia pra contar outra historinha, então eu pegava o livrinho e lia, depois eu explicava o que significava aquilo ali. Ah eu gostava, eu gostava.

7. Você acha que ouvir histórias é importante para uma criança? Por quê? Pra quê?

Eu acho que é importante, é importante os pais acompanhar, eu nunca achei ruim ajudar os meus filhos, eu nunca reclamei de ter que ensinar alguma coisa. É importante sim!

8. Em sua opinião, a quem pertence o papel de contar histórias para a criança?

Eu acho que a escola e a mãe, porque o pai trabalha e não tem tempo pra isso, ele chega cansado do serviço, ele não tem tempo pra isso daí. O meu marido trabalha na parte da carpintaria, que é um serviço meio pesado, então de noite ele quer descansar, por isso eu acho que quem tem que tomar essa frente é a mãe, porque quem acompanha mais os filhos, que fica mais com os filhos é a mãe. Então eu acho que é a professora em primeiro lugar, depois a mãe.

9. Como você vê o trabalho com contação de histórias realizado nas EMEIs de Matão? Conhece esse trabalho?

Ah é bom, muito bom. Eu acho que isso de contar historinha para as crianças é um incentivo pra eles, isso ajuda porque eles vão se interessar mais pelas histórias, depois eles começam a querer ler os livrinhos sozinhos... eu acho isso bom.

10. Você participa da vida escolar de seu filho? (Reuniões, palestras, eventos, etc). Com que frequência?

Reunião... de quando eles entraram no Jardim, eu nunca faltei de uma, nunca! Assinatura minha em reunião tem de quando eles entraram no primeiro dia de aula, eu nunca deixei de ir! Eu acho importante os pais participarem de reunião de escola. Meus filhos... eu vou na escola só pra pegar a nota e assinar boletim, porque graças a Deus eu nunca tive reclamação, muito pelo contrário, os professores sempre elogiaram. Só que tem aquele aluno que, às vezes, precisa do pai presente e o pai nunca está... Se eu vejo que a nota dele abaixa, eu converso com ele e falo: "Fernando você estuda porque no outro bimestre você estava com tanto e agora abaixou, então você procura estudar porque tem que recuperar essa nota que você perdeu", sabe mas eu não bato, essas coisas não, mas eu falo pra ele: "Tenta recuperar filho, quem está perdendo é você, porque eu já perdi, se eu pudesse voltar atrás, eu voltava"...

11. Acha importante a participação dos pais nas decisões tomadas na escola? Esclareça.

Eu acho porque lá na EMEI eu fazia parte da APM, eu fazia parte. Eu sempre incentivei meus filhos a participar... da festa da primavera, festa junina, tudo quanto é festinha que tinha eu sempre incentivei meus filhos a participar; porque eu acho que a participação é importante para o aluno, para a escola, para os pais, porque é gostoso você ver seu filho participando das coisas! Eu ia nas reuniões, nas festividades, em tudo. Inclusive, agora na Chlorita eu faço parte da APM, só que mais pra assinar sobre o que sai e o que entra na escola, a parte financeira... mas eu sempre participo das coisas, eu gosto.

12. Como você acha que deve ser a relação entre a escola e a família?

Eu acho que tem que ser amigável, amigável. Eu vou lá na Chlorita, eu tenho amizade com todos os professores. E eu falo que isso é bom para as crianças porque eu tenho conhecimento das coisas da escola, eu acho que tem que ser bom... Eu vou lá, eu como merenda (risos), converso com todo mundo... eu acho que tem que ser assim, uma relação de amizade com as pessoas da escola.

(Filho) Nome: Hugo

Idade: 14 anos

Série em que estuda: 8ª Série

Escola atual: Escola Estadual Profª Chlorita Oliveira Penteado Martins

EMEI em que estudou: EMEI Profª Vera Gonçalves de Mattos

Quantidade de anos na EMEI: Jardim II e Pré-escola

Professora do pré: Dirce

1. O que você mais gostava de fazer quando estudava na EMEI? Sente saudades de algo ou alguém? Por quê?

Eu gostava de fazer bagunça, ir no escorregador do parquinho, brincava de pega-pega... Saudade? Deixa eu ver... ah tem, tem, tem, eu tenho saudade da hora que a professora começava a ler os livrinhos.

2. Você gosta de ouvir histórias? Por quê?

Adoro! Quando alguma pessoa fala a história, eu procuro interpretar na minha mente como que é a história. Eu sempre gostei de ouvir, de ler, mas eu só leio o que eu gosto... só o que me atrai mesmo.

3. Você se lembra de sua professora da EMEI lhe contando histórias? Quando isso acontecia, como era esse momento para você?

Lembro direitinho. Nossa eu adorava! Era assim, no pré, todo mundo tinha que levar um livrinho, aí eu levei, o meu era o livrinho de um Samurai porque eu sempre gostei de chinês, luta, aí ela lia e eu prestava atenção, até que ela leu o meu e eu sempre ficava interpretando, (mudando a entonação da voz): “Nossa, um Samurai!” Eu me via na história, o personagem era eu...

4. Lembra-se da atividade do Conto-Reconto? Chegou a participar?

Lembro, mas na minha época a gente contava a história pra professora e ela passava pra sala... ela ia chamando na mesa dela... depois eu contava pra sala. Que eu me lembro, eu não fiz isso tantas vezes assim, toda semana, mas eu contava.

5. Gostava de recontar as histórias ouvidas aos seus colegas? Como você se sentia?

Gostava... muitas vezes ficava apavorado, eu gostava, mas ficava bem apavorado! Eu tinha medo de errar, de falar alguma coisa errada, mas saía... perfeito. Às vezes a professora dava uma ajudazinha porque eu esquecia algumas partes... olhava bem nas figuras... lembrava e contava... Eu gostava, eu me sentia muito bem!

6. Alguma história foi marcante para você? Se sim, qual história? Por quê?

Que eu sempre gostei, da minha infância lá atrás, foi o livro do Timão e Pumba, eu gostava do Pumba, me lembro de tudo, foi muito marcante... me trazia muito humor, eu dava muita risada. [...] Tem também o livro do Samurai que eu falei, eu gostava tanto que pedia pra minha mãe ler toda noite pra mim, eu levava o livro pra escola e trazia de volta... todo dia. O Samurai estava aprendendo as técnicas chinesas... de luta... eu adorava.

7. Qual matéria/disciplina você mais gosta? Por quê?

Matemática. Porque eu acho que é a matéria mais fácil que tem. É só fazer conta, tem que pensar bastante, mas não é como ficar montando frases em português.

8. Gosta de ler? Se sim, diga o que você gosta de ler?

Gosto. Eu leio por vontade própria, ninguém precisa me mandar ler nada. Eu gosto de ler romance... eu gosto de ler lendas da mitologia grega, é da hora! Gibi, muito gibi, eu só não leio mais porque já são todos repetidos, eu até decorei um monte de histórias da Mônica. [...] Eu vou na biblioteca vagamente, mas quando vou é pra pegar algum livro de mitologia grega, eu adoro... Calcanhar de Aquiles, Sansão, eu até já peguei um livro desses, mas ainda não consegui terminar de ler. [...] Quando eu era criança, eu gostava quando tinha palavra que eu não entendia, aí eu procurava no dicionário, tentava saber o que era pra conseguir ler a história e pra passar perfeitamente a história para outra pessoa.

9. Gosta de escrever? Se sim, tem preferência por escrever qual tipo de texto? (Histórias, poesias, textos informativos, piadas, quadrinhos, músicas, etc).

Não muito, eu escrevo o necessário... Eu prefiro quando a professora pede redação sobre algum tema, aí eu pesquiso antes, me informo, leio e escrevo da minha cabeça, do que eu entendi... mas entre ler e escrever, eu prefiro ler, dez vezes!

10. Você acha que a leitura é importante? Para quê? Por quê?

Acho, ela serve para o conhecimento e uma pessoa que tem bastante conhecimento, tem um bom emprego... Para um criança serve de conhecimento também, pra falar com os coleguinhas o que ela sabe... ler gibi, conhecer palavra que você nunca viu, procurar no dicionário, aprender... [...] Ajuda na imaginação da criança, deve ser a mesma coisa que acontecia na minha cabeça, você fica viajando, imaginando como deveria ser, pensando na vida dos personagens... ou até de ser algum personagem, muitas vezes eu já fui...o Homem Aranha... já fui o Superman, muitas vezes eu fui também o Homem de Pedra...por muitos motivos... porque a gente lia muito, via muito desenho, então conhecia um monte de personagens e cada hora eu era um deles.

(Mãe) Nome: Helena

Idade: 50 anos

Escolarização: Ensino Fundamental incompleto

Profissão: Manicure

Número de filhos: 2

1. Você gostava de estudar? Justifique.

Eu gostava. Eu queria ser alguém, mas eu não consegui chegar onde eu queria... eu precisei começar a trabalhar muito cedo, acabei ficando doente, isso atrapalhou os meus estudos e eu parei... mas eu gostava de escola sim.

2. Em sua opinião, “ter estudo” nos dias de hoje é importante? Por quê?

Claro, sem dúvida é fundamental! É a base de tudo porque se você não estudar você não consegue mais nada hoje em dia, antes você ainda trabalhava de empregada doméstica, tinha outras opções sem estudo, mas hoje, sem estudo, você não faz mais nada!

3. Você incentiva seu filho a estudar? O que você fala para ele a esse respeito?

Muito, muito, muito, tanto é que ele está aí de prova. Eu falo pra ele estudar, eu e o meu marido, a gente sempre incentiva o Hugo e outras pessoas também. Eu falo: “Hugo se esforça, estuda, porque senão, meu filho, você não vai ter nada no futuro, não vai conseguir nada porque sem estudo, nem cortar cana, daqui uns dias ninguém vai!”, eu falo mais ou menos assim.

4. Gosta de ler? O que você costuma ler em seu dia-a-dia ou em suas horas de lazer?

Não, prefiro ouvir. Não tenho o hábito de ler, eu gosto de ouvir sobre qualquer assunto. Eu não tenho o hábito de ler porque eu tenho uma certa dificuldade, por essa razão, porque eu sou uma pessoa muito curiosa em relação a querer saber das coisas, eu gosto muito, então eu gosto de ouvir, eu gosto de ouvir.

5. Você se lembra de ter contado alguma história para seu filho durante o tempo em que ele estudou na EMEI?

6. Se sim, como era esse momento?

Sim, eu lembro até que eu decorei um livrinho de um cachorrinho... um cachorrinho... que eu li essa história várias vezes, eu li pra Vitória (sobrinha mais nova), eu gosto muito de contar histórias. Eram histórias que eu ouvi na minha infância que eu conto, eu contei para os meus irmãos mais novos e conto para os meus sobrinhos, para os meus filhos eu já contei muitas vezes, canto em forma de histórias... A maioria das vezes, eu lia e contava as histórias porque eu vivia aquilo que eu estava lendo... pra mim era bom, agora pra ele... eu acho que ele também gostava... Se você perguntar para o meu irmão mais novo, ele vai te contar as histórias que eu contei pra ele quando era pequeno, ele até me ajudava com a louça pra acabar mais rápido e eu poder contar histórias... ele fala, O macaco Simão, O menino, o velho e o burro, O Negrinho do pastoreio, todas essas histórias... eu contei para os meus irmãos e passei para os meus filhos.

7. Você acha que ouvir histórias é importante para uma criança? Por quê? Pra quê?

Muito, muito, porque essas histórias que eu conto, eu ouvia da minha avó, mãe da minha mãe, que contava para todas as netas. Eu acho que é bom porque você vive aquilo, eu vivia, eu imaginava o que a minha avó me contava, por isso que gravei e sei até hoje... eu gostei de ouvir e eles também gostam... é uma coisa que marca.

8. Em sua opinião, a quem pertence o papel de contar histórias para a criança?

Eu acho que é dos pais e da escola, dos dois, porque a escola é um complemento e vice versa, a gente tem que ajudar também as professoras, sem dúvida. O começo vem de casa, eu penso assim...

9. Como você vê o trabalho com contação de histórias realizado nas EMEIs de Matão? Conhece esse trabalho?

Eu conheço sim, daquela época, eu acho muito bom isso, sem dúvida.

10. Você participa da vida escolar de seu filho? (Reuniões, palestras, eventos, etc). Com que frequência?

Eu não perco nenhuma reunião, quando eu não posso, vai o pai dele, quando nós não podemos, vai o irmão mais velho, quer dizer, nós nunca deixamos de ir. Quando eu vou na reunião, eu pergunto como vai o Hugo e a professora fala que às vezes ele conversa demais, às vezes falta alguma coisa aqui ou ali, mas eu sempre pergunto. Eu sempre vou, nunca faltei.

11. Acha importante a participação dos pais nas decisões tomadas na escola? Esclareça.

Sim e os pais que podem trabalhar para a escola, é muito bom. Eu nunca fiz parte desse quadro, um pouco pelo meu trabalho e outra porque eu não sou uma pessoa desinibida, eu acho que, diante de muitas pessoas, eu iria me inibir e não ajudaria em nada... mas eu apóio, incentivo quem pode ir, eu falo que deve mesmo trabalhar pra escola, que é muito bom, é para os nossos filhos e para os nossos netos que vem vindo aí... porque depois vem outras crianças, não é nossos filhos, mas é filho de alguém ou dos meus netos, bisnetos, quem sabe, por isso quem pode precisa ajudar.

12. Como você acha que deve ser a relação entre a escola e a família?

Eu acho que tinha que ser uma família, pronto! Porque existe sim aquela mãe que não tem conhecimento nenhum, então ela é uma coitada, pra falar a verdade! Eu falo isso por experiência do passado... mas existem aquelas que sabem muito bem o que é e o que não é e que muitas vezes até as crianças são discriminadas, nessa parte, porque a mãe não participa, não vai em uma reunião, coitadinhos, eles ficam ali, isolados, não pelos professores, mas por eles mesmos, eles falam: “A mamãe não veio, a mamãe não veio!”, esse tipo de coisa, eu já vi muito isso e é muito ruim pra criança. E essas crianças que a mãe não está presente em reunião são as que mais precisam de apoio, é sempre assim... Às vezes a família falha e também a escola falha, por isso eu acho que a gente deveria sempre conversar.

(Filho) Nome: Júlio

Idade: 15 anos

Série em que estuda: 1º Ano do Ensino Médio

Escola atual: Centro Educacional Sesi

EMEI em que estudou: EMEI Profª Clarice Mendonça

Quantidade de anos na EMEI: Jardim I, Jardim II e Pré-escola

Professora do pré: Maria Helena

- 1. O que você mais gostava de fazer quando estudava na EMEI? Sente saudades de algo ou alguém? Por quê?**

Brincar no parquinho. Pintura, aqueles desenhos com palitinhos no papel. A eu sinto saudades da professora Maria Helena.

- 2. Você gosta de ouvir histórias? Por quê?**

Gosto. Determinadas histórias... o enredo delas... o que acontece... é gostoso ficar escutando.

- 3. Você se lembra de sua professora da EMEI lhe contando histórias? Quando isso acontecia, como era esse momento para você?**

Dela contando eu lembro sim. A gente sentava em roda. Eu gostava, mas eu conversava junto... Eu prestava atenção, mas às vezes eu conversava.

- 4. Lembra-se da atividade do Conto-Reconto? Chegou a participar?**

Lembro sim. Eu participei... minha mãe e meu pai que liam pra mim. Era legal, mas dava vergonha.

- 5. Gostava de recontar as histórias ouvidas aos seus colegas? Como você se sentia?**

Eu gostava, mesmo com um pouco de vergonha, eu fazia o reconto sim.

- 6. Alguma história foi marcante para você? Se sim, qual história? Por quê?**

Não, que eu me lembre não tem nenhuma que foi tão marcante assim.

- 7. Qual matéria/disciplina você mais gosta? Por quê?**

Hoje... Biologia porque dentro da sala, o professor vai explicando as cadeias... eu gosto disso.

- 8. Gosta de ler? Se sim, diga o que você gosta de ler?**

Não muito. Eu gosto de história em quadrinhos, gibi... Esse ano a professora pediu pra ler O auto da barca do inferno, eu li inteiro, gostei e depois nós fizemos uma prova. [...] Eu gosto também de livro de mistério, suspense.

9. Gosta de escrever? Se sim, tem preferência por escrever qual tipo de texto? (Histórias, poesias, textos informativos, piadas, quadrinhos, músicas, etc).

Escrever eu gosto. Fazer resumo... eu gosto. De montar histórias em quadrinhos de super heróis, gosto de montar as falas, não que a professora manda, por minha conta. Mas eu sempre escrevo o que ela pede, as produções de texto, eu faço sem dificuldade.

10. Você acha que a leitura é importante? Para quê? Por quê?

Eu acho que sim. A gente fica por dentro do assunto, de tudo o que tá acontecendo. Se for uma criança, ela descobre o que ela quer, o que ela quer ser pela leitura dos livros. O adulto fica bem informado de tudo o que tá acontecendo no mundo.

(Mãe) Nome: Janete

Idade: 38 anos

Escolarização: Ensino Fundamental incompleto

Profissão: Cozinheira

Número de filhos: 2

1. Você gostava de estudar? Justifique.

Eu gostava... parei porque minha mãe separou do meu pai, eu tive que trabalhar pra ajudar ela. Eu tinha feito até a quarta série, aí eu parei, fiquei sete anos parada, então eu voltei, fiz a quinta e a sexta série e parei porque eu casei. Mas eu me arrependo por não ter continuado.

2. Em sua opinião, “ter estudo” nos dias de hoje é importante? Por quê?

Eu acho que é tudo. Pra você ter uma profissão, tem muita coisa que hoje eu não sei. Tem horas em que eu paro pra pensar e me arrependo muito, se eu tivesse estudado, eu não estaria cozinhando, eu teria outra profissão, com certeza. Por isso que eu falo para os meninos estudarem.

3. Você incentiva seu filho a estudar? O que você fala para ele a esse respeito?

Muito. Eu falo pra ele continuar, tentar uma faculdade, eu tô sempre perguntando o que ele quer fazer, mas ele ainda não sabe. Às vezes ele me fala que vai fazer o Colegial e vai parar, eu falo não, porque eu quero que ele continue. Se eu não tivesse que parar com onze anos pra ajudar a minha mãe, eu teria continuado porque eu adorava estudar, eu não era de faltar, eu era a primeira da classe das meninas, a matéria que eu mais gostava era matemática, eu só tirava nota A.

4. Gosta de ler? O que você costuma ler em seu dia-a-dia ou em suas horas de lazer?

Eu gosto. Eu leio mais romance. Jornal eu gosto de ler, revista, só se eu não tiver pra ler, senão eu leio sim, eu gosto. [...] Às vezes as crianças trazem livros da escola, o Juliano (filho mais novo) sabe que eu gosto e me fala: “O mãe, eu peguei um livro de histórias!”, e dá pra eu ler, então eu deito no sofá e fico lendo, eu gosto, eu não ligo muito pra televisão, eu prefiro ler um livro... Eu adoro os gibis da Mônica, aqueles grandões, com várias páginas, eu adoro!

5. Você se lembra de ter contado alguma história para seu filho durante o tempo em que ele estudou na EMEI?

6. Se sim, como era esse momento?

Eu não lembro da história, mas eu lembro que ele trazia o livro e eu contava ou o meu marido, aí no outro dia ele contava na escola. Mas eu contava sempre antes de dormir, ele ia lá, deitava e eu contava as histórias. Eu gostava, eu achava que isso era uma coisa importante porque minha mãe nunca fez isso comigo... quando eu estudava, quem me ensinava a fazer tarefa era o meu pai, aí depois ele foi embora e eu não me lembro da minha mãe ter chegado em mim e me falado: “Eu vou te ajudar a fazer tarefa”, eu tinha que me virar sozinha porque ela trabalhava o dia todo, chegava a noite, o serviço de casa, eu não tinha pai, eu nunca me lembro dela ter contado uma historinha pra mim, então eu adorava contar pra eles, porque eu pensava, o que a minha mãe não fez, eu tô fazendo hoje... O meu pai sabia que eu gostava de histórias, ele me comprava coleções de livros, quando a minha irmã nasceu (do segundo casamento da mãe), eu dei todos os meus livros pra ela, eu tinha todas as historinhas: Os três porquinhos, Chapeuzinho Vermelho...eu lembro que uma vez ele me falou pra eu escolher um presente, eu disse que queria livro, então ele foi na papelaria e comprou uma coleção, cada livro tinha uma historinha, então eu gostava de contar para os meus filhos, porque eu achava falta daquilo, por isso que eu pensava: o que a minha mãe não fez, eu vou fazer... mas eu não culpo ela, coitada, ela não tinha tempo, minha mãe nem estudo tem, meu pai, como tinha mais, então era ele que me ensinava...por isso que eu achava importante.

7. Você acha que ouvir histórias é importante para uma criança? Por quê? Pra quê?

Ah eu acho, porque desde pequeno a criança vai gostando de histórias, vai gostando de ler, eu acho que se você não incentivar, eles nunca vão ter esse hábito, por isso que eu incentivo os meninos a continuar estudando, se não continuarem, não foi por falta de incentivo, então eu acho que você fazendo isso (contar histórias) é um incentivo para eles lerem, gostarem de histórias, porque eu acho que história é importante.

8. Em sua opinião, a quem pertence o papel de contar histórias para a criança?

Eu acho que é de todos, tanto do pai e da mãe quanto da escola, do professor, eu acho que é dos dois lados... eu não acho certo a professora ler lá na escola, aí a criança traz o livro pra casa e a mãe falar: “Ah é a professora que tem que ler!”, eu não acho certo isso, porque os dois tem que fazer esse papel.

9. Como você vê o trabalho com contação de histórias realizado nas EMEIs de Matão? Conhece esse trabalho?

Eu, trabalhando lá na escola tem coisa que eu não sabia e que eu tô aprendendo, outro dia estavam contando a história dos povos indígenas... tem muita coisa que eu não sabia e eu estou aprendendo agora. Eu acho isso uma coisa boa, importante, tem muita coisa que no meu tempo a minha professora não me contou, às vezes só de conversar com as professoras, eu aprendo. Na minha época era muito difícil, eu não me lembro da minha professora me contando histórias, eu não me lembro disso, eu gosto de histórias, então se elas tivessem contado, com certeza eu lembraria... Agora tem todos esses livros pra eles pegarem e na minha época não tinha... só aquela cartilha Caminho Suave, era o que tinha, só isso, mais nada.

10. Você participa da vida escolar de seu filho? (Reuniões, palestras, eventos, etc). Com que frequência?

Ah sempre que tem eu vou. Se não der pra eu ir no horário da reunião, a tarde, quando eu saio do trabalho, eu vou... Só não vou se não puder ir, mas eu procuro ir, se não der naquele dia, eu procuro saber... e desde quando estudava na EMEI, no pré, eu sempre fui.

11. Acha importante a participação dos pais nas decisões tomadas na escola? Esclareça.

Eu acho que é importante, porque se um vai e outro não vai dá problema, porque aconteceu isso no ano passado, não teve formatura da oitava série do Sesi, porque de quarenta e poucos alunos, em duas salas, foram dezesseis pais, e não tinha como decidir pra todo mundo, então eu acho que tem que participar sim, porque um só não vai resolver... Da APM também, muitos não vão, o meu marido sempre foi, mas a maioria dos pais não iam e ficava difícil decidir as coisas.

12. Como você acha que deve ser a relação entre a escola e a família?

Tem que haver mais participação dos pais, ficar por dentro de tudo o que acontece na escola...em reunião, por exemplo, os pais dos piores alunos não vão na reunião... Tem que ser uma relação boa... Eu nunca fui de deixar toda a responsabilidade pra escola, eu não acho porque a responsabilidade é dos dois, achar que a professora e a escola tem que dar conta de tudo tá errado... Eu sempre fui na escola, se precisasse chamar a atenção deles, tudo bem, eu nunca briguei com professora não... os pais sabem o filho que tem...não adianta falar: “Ah tal escola não é boa!”, eu não acho porque vai do aluno também, a escola pode ser a melhor, mas se a criança não tiver vontade, não se esforçar e os pais também não ajudarem, que futuro vai ter? Nenhum. [...] Por isso que eu acho que a escola e a família tem que estar juntas.

(Filha) Nome: Iara

Idade: 13 anos

Série em que estuda: 8ª Série

Escola atual: Escola Municipal Adelino Bordignon

EMEI em que estudou: EMEI Prof Sigmar José Groppa

Quantidade de anos na EMEI: Jardim II

Professora da EMEI: Sandra

1. O que você mais gostava de fazer quando estudava na EMEI? Sente saudades de algo ou alguém? Por quê?

Brincar, de pintar, fazer coisas com massinha. Eu conseguia ler, no Jardim II, eu só queria ler, aí eu lia pra sala... Saudades do meu namoradinho (risos), eu lembro dele até hoje, a gente ficava de mãos dadas embaixo da carteira.

2. Você gosta de ouvir histórias? Por quê?

Depende. História de ficção eu não gosto muito, eu prefiro as verdadeiras, não fictícias. A minha mãe me conta histórias, toda hora (risos), e eu presto atenção, mas ela conta sempre tudo de novo, às vezes enche um pouco, mesmo assim eu presto atenção nela.

3. Você se lembra de sua professora da EMEI lhe contando histórias? Quando isso acontecia, como era esse momento para você?

Lembro, ela contava. Mas eu gostava de ir lá na frente e eu mesma contar, não de ouvir, eu gosto de falar. Eu prestava atenção, não conversava.

4. Lembra-se da atividade do Conto-Reconto? Chegou a participar?

Eu acho que sim. Eu lembro sim, eu já sabia ler, então eu li várias vezes para a classe.

5. Gostava de recontar as histórias ouvidas aos seus colegas? Como você se sentia?

Eu me sentia bem, diferente, porque ninguém conseguia ler, só eu, então eu me achava a professorinha. Eu ajudava a professora. Eu não tinha vergonha, eu não tenho vergonha, só com os estranhos... Eu queria ler pra classe todo dia, toda hora.

6. Alguma história foi marcante para você? Se sim, qual história? Por quê?

Eu gostava da história do Patinho Feio, era triste, eu ficava triste pelo Patinho feio, mas eu gostava porque no final ele se dava bem... eu lembro até hoje.

7. Qual matéria/disciplina você mais gosta? Por quê?

Eu gosto de História e Inglês. Eu gosto de História, de saber do passado, das coisas que aconteceram e Inglês porque eu faço aula desde pequena, então é mais fácil.

8. Gosta de ler? Se sim, diga o que você gosta de ler?

Eu gosto. Gosto do Crepúsculo, os quatro, eu li Crepúsculo, Lua Nova, tô acabando Eclipse e a minha mãe já comprou o último que é Amanhecer. Às vezes eu pego algumas coisas na biblioteca, eu gosto de coisa jovem... eu gosto de ver as coisas da vida dos adolescentes, não muito fora da realidade... Eu gosto também de quadrinhos, revista, qualquer revista, pode ser de pesca que eu tô lendo, menos jornal, jornal só o daqui da cidade... Esse ano eu já li... pode ser da Internet também? Então ao todo, acho que uns quinze livros ou mais... é que eu leio rápido... Dependendo do livro, eu leio em uma semana, eu já cheguei a ler um livro inteiro em um dia...

9. Gosta de escrever? Se sim, tem preferência por escrever qual tipo de texto? (Histórias, poesias, textos informativos, piadas, quadrinhos, músicas, etc).

Gosto. Eu gosto de escrever coisa da minha cabeça, quando eu to chateada eu escrevo... músicas que eu invento, mas depois eu joga fora... diário também, eu tenho... Na escola, eu gosto de escrever em inglês e qualquer texto de português... eu gosto de redação, eu gosto de escrever de caneta.

10. Você acha que a leitura é importante? Para quê? Por quê?

É porque você aprende, qualquer coisa, você pode estar lendo uma historinha que você tá aprendendo... Serve também pra se divertir, como hobby, pra ler nas horas vagas... Não sei se eu tô certa, mas, por exemplo, se estiver fazendo faculdade e tem que ler um monte para as provas, você tem que gostar ler, gostando ou não, vai ter que ler tudo isso, então é melhor ler gostando do que fazer por obrigação, porque aí você não entende nada.

(Mãe) Nome: Irene

Idade: 49 anos

Escolarização: Ensino Fundamental incompleto

Profissão: Dona de casa

Número de filhos: 3

1. Você gostava de estudar? Justifique.

Eu gostava de estudar, mas naquela época as coisas eram bem difíceis... meu pai tinha bastante filhos e ele achava que o importante era estudar os filhos homens e as meninas não tinham assim tanto valor... e a gente ia atrás de fazer uma costura, aprender coisas de casa que a minha mãe fazia... chegava em casa da escola, o meu pai queria ver se a gente escrevia bem, o negócio dele era os filhos escrever bem...ele olhava os cadernos da gente pra ver se estava indo bem... era gostoso, até pelo caminho que a gente fazia a pé, atravessava uma ponte, um rio, passava no meio das vacas, dos bois... era gostoso.

2. Em sua opinião, “ter estudo” nos dias de hoje é importante? Por quê?

Ah é muito importante, todo mundo, tanto homem como mulher, eu sempre falo para os meus filhos irem atrás e não parar, não pode parar não, porque ainda no meu tempo, a gente casava e o marido sustentava a casa... hoje em dia, às vezes eu penso, se eu estivesse trabalhando...além disso a gente distrai também, ficar só em casa não é fácil.

3. Você incentiva sua filha a estudar? O que você fala para ela a esse respeito?

Eu incentivo, apesar de que eu nunca precisei mandar a Iara estudar, ela não me dá trabalho nessa parte, eu nem me intrometo muito nisso, ela mesma levanta cedo, se troca, vai para a escola, vai fazer os cursos dela, ela já sabe o que ela tem que fazer, eu não preciso ficar falando... Eu incentivo ela a estudar sempre porque a gente nunca sabe o dia de amanhã, o que vai acontecer na vida da gente. Eu falo pra ela também que o que ninguém tira da gente é a sabedoria, tudo pode tirar, mas isso ninguém tira.

4. Gosta de ler? O que você costuma ler em seu dia-a-dia ou em suas horas de lazer?

Eu lia bastante, depois eu fiquei com um problema de vista, mas eu gosto de ouvir alguém lendo, eu até tenho um óculos, mas me atrapalha, então uma pessoa lendo pra mim parece que eu presto mais atenção do que eu lendo... às vezes a Iara lê pra mim, eu falo que ela é meu “óculinho” (risos).

5. Você se lembra de ter contado alguma história para sua filha durante o tempo em que ela estudou na EMEI?

6. Se sim, como era esse momento?

Eu contava, eu contava pra ela desde neném, eu conto até hoje, as histórias que me contaram eu conto pra Iara, pra minha neta. Mas ela aprendeu a ler muito cedo, então antes dela aprender, eu sentava perto dela e lia, aí logo ela foi aprendendo... Esse momento era bom, até hoje, mãe e filha estar junto é sempre bom, a gente sempre conversa, porque eu converso bastante, isso é bom, é importante.

7. Você acha que ouvir histórias é importante para uma criança? Por quê? Pra quê?

Eu acho que é... cada idade tem um tipo certo de história, mas é importante... Eu acho que elas vão se acostumando a ouvir, começam a perceber o que elas gostam, é bom sim contar histórias pra elas desde pequeninhas, elas prestam atenção, porque é coisa nova, elas ficam de olho, eu contei pra minha filha, contei pra minha neta...

8. Em sua opinião, a quem pertence o papel de contar histórias para a criança?

Ah eu acho que as duas (a mãe e a professora) porque a professora é uma segunda mãe dos filhos da gente, eu tenho muito respeito pelas professoras porque o que elas podem fazer de bom para um aluno, elas fazem, e a felicidade de uma professora é um dia ver que aquele aluno que ela deu aula está bem na vida, não virou um qualquer lá fora, isso eu acho muito importante e dou muito valor para as professoras, e o que elas ganham é merecidamente e aquelas que ganham pouco merecem mais mesmo...é importante as duas, a criança tem a professora e a mãe contando histórias, então elas vão criando uma amizade, um vínculo.

9. Como você vê o trabalho com contação de histórias realizado nas EMEIs de Matão? Conhece esse trabalho?

Isso é muito importante, porque tem pais que às vezes não tem tempo e a professora fazendo essa parte, vai ajudar bastante a criança. Eu ficava em casa, contava história, chegava na escola, a professora também contava, mas tem criança que a mãe trabalha muito e não tem aquele tempo, então com a professora fazendo essa parte lá na escola, é muito bom sim.

10. Você participa da vida escolar de sua filha? (Reuniões, palestras, eventos, etc). Com que frequência?

Reunião eu vou em todas. Toda vez eu vou, eu estou lá sempre, firme e forte... Palestra nunca teve para as mães, senão eu teria ido sim, mas em reunião eu vou sempre, a Iara não gosta muito não (risos), mas eu sempre vou, não perco uma!

11. Acha importante a participação dos pais nas decisões tomadas na escola? Esclareça.

É importante os pais estarem presentes sim, mesmo que não der pra ir no dia da reunião, vai em outro dia pra ver como estão seus filhos, porque, às vezes, a mãe e o pai indo, dá tempo de socorrer o filho, porque ele, em casa, não tá sabendo de nada, e indo na escola, se seu filho tá no mau caminho, com nota ruim, dá tempo de ajudar... Se puder sempre chamar os pais pra participar, pra decidir as coisas é importante, porque vários pais, todo mundo junto, vai pensar melhor no que é mais importante para escola e para as crianças também.

12. Como você acha que deve ser a relação entre a escola e a família?

Tem que ser uma relação boa, a família e os professores tem que ser amigos mesmo, porque se tiver que falar alguma coisa, não tem receio, tem que falar e pronto, e a gente também, se tiver que perguntar alguma coisa, tem que ter esse direito de perguntar, é importante, tem que ter um conhecimento, tem pai e mãe que nem aparecem na escola, a professora nunca viu, nem sabe que jeito que é... às vezes a criança que mais precisa, os pais não vão na escola... Quando dá uma caída nas notas, se o pai e a mãe vão lá pra saber o que tá acontecendo, chega em casa e conversa com os filhos, já dá uma melhorada nas notas... A escola e a família tem que caminhar juntas... eu falo para as professoras da Iara: "Qualquer coisa, eu tô lá, viu, pode me chamar!".